

A romantic close-up of a man and a woman about to kiss. The man is on the left, with a light beard, and the woman is on the right, smiling. They are in a warm, golden light, possibly from a sunset. The woman's hand is gently touching the man's neck.

HELENA LOPES

UM TOQUE DE
esperança

O CORAÇÃO DE UM HOMEM DESTRUÍDO



Para minha melhor amiga, Ingrid Clara.

Sem você eu não sei quem leria meus livros .

PRÓLOGO

A noite estava fria.

Definitivamente fria lá fora. Mas ali dentro daquele galpão manchado de sangue, o vento cortante do lado de fora havia sido substituído por gritos e pelas brechas feitas no corpo do desgraçado que agora estava na frente dele. Aquele já era o décimo segundo.

Miguel não podia deixar de contar,

ele não queria deixar de contar.

Mais uma vez, de costas para o homem que não demoraria sucumbir à morte, ele preparou a pistola, enghendo calmamente o silenciador na ponta. Há pouco havia feito um toniquete rápido em seu braço, ter capturado aquele russo não havia sido fácil.

Uma vez que viu os olhos de Miguel, sabia que iria morrer, e sua morte não seria rápida. O homem que gemia de dor se chamava Martel e ele seria riscado da mente de Miguel ainda essa noite.

- Você está certo sobre isso? – se virou para o homem, não fazendo cerimônia para o que estava segurando na mão esquerda.

Martel olhou para a mão dele e soltou um riso bizarro, uma mistura de tosse sangrenta com um escárnio de pena. Os dentes dele estavam manchados de sangue. Miguel não sabia dizer se era por causa da carne da face, que ele não tinha mais, ou por causa dos danos que o choque havia causado nos órgãos internos.

A risada continuou, sinistra.

- Me mate logo e acabe com isso!

- É o que eu pretendo – Miguel disse, apontando a arma para o peito dele. – Você está certo sobre o que disse?

- Aquela puta está no norte da Europa, é tudo que sei. – a voz do homem saiu entrecortada. Ele estava

sendo sincero, e Miguel não precisava mais do que isso. – Atire! – tentou gritar, mas não foi capaz, não tinha mais músculos faciais para tal.

- Eu deveria deixá-lo viver.

- Mas não vai...

- A culpa que carregou durante estes sete anos é bem pior do que eu fiz com você esta noite, não é mesmo?

- Atire... – o homem já não tinha mais forças para falar. A morte dele estava próxima, até Miguel podia sentir.

- Não precisarei. – Miguel deu um passo para trás, com os olhos fixados no homem que não demorou muito até abrir a boca novamente, tentando implorar para que Miguel o matasse, mas seu

coração parou antes mesmo de ele ser capaz.

Aquele foi o único qual o coração não foi trespassado por uma das balas de Miguel. Aquele havia sido o único que não havia participado do imperdoável.

Antes de Walker ir para seu estande e limpar tudo, ele deu uma nova olhada lá para fora. O vento ainda castigava o exterior, mas era possível ver estrelas.

Tirou o silenciador bem devagar da pistola, e mais uma vez, nos sete anos de caça, sussurrou seu mantra que encerrava a noite:

- Ela era só uma criança.

CAPÍTULO 1

*A esperança é algo com
penas que pousa na alma, canta canções sem
palavras e nunca para, nem se acalma*

Clarice estava atrasada e, pelos céus, ela sabia muito bem disso. Não que fosse acostumada a atrasar, mas o trânsito estava um inferno. Ela adentrou o enorme estacionamento subterrâneo da Walker Technology House e ainda demorou uns bons minutos para recolher toda a bagunça de papelada no banco do carro.

Ela era a arquiteta mais

desorganizada existente. Talvez a única arquiteta desorganizada. Mas isso era só um detalhe. Clarice era ótima no que fazia, e a prova disso havia sido seu súbito sucesso após sair da universidade. Há dois anos ela havia construído um escritório só seu e hoje era um dos melhores do país.

Costumeiramente ela não ia pessoalmente às empresas que seu escritório remodelaria, mas a conta era tão importante que não poderia deixar que nada saísse dos eixos. Fora aquele seu atraso deselegante.

Seus assistentes já estavam a esperando e não paravam de ligar.

Ela pegou sua pasta e correu os

dedos nos cabelos dourados, dando passos apressados para o elevador do estacionamento. Apertou o botão e esperou, até parecia que quando se estava atrasada tudo demorava séculos e não segundos. A porta de aço abriu e ela deu um passo para dentro, alisando sua saia azul marinho que tinha uma fenda na coxa direita. Assim que a porta começou a fechar, um braço forte bloqueou a entrada, e a porta se abriu completamente de novo.

Clarice fechou os olhos e tentou não xingar mentalmente a pessoa que resolveu entrar tão subitamente. Já bastava estar atrasada!

Seu telefone voltou a zumbir, e ela se

viu obrigada a abrir os olhos para ver o identificador de chamadas, apesar de já saber quem era.

- Tenha paciência, Rose. Estou chegando. – disse à sua assistente nervosa.

- O senhor Walker não chegou, então tem alguns minutos, mas se apresse, os executivos já estão ficando estressados.

Ela bufou.

- Às favas com esses executivos! Por isso que vivo recusando obras corporativas, tudo o que fazem é tirar minha paciência com cores sem graça e prazos apertados. –Rose sorriu do outro lado.

- Venha logo. – Rose pediu mais uma

vez, desligando a chamada.

Clarice guardou seu celular na bolsa e abaixou a cabeça, notando de soslaio o sapato Oxford do homem à seu lado. Era um sapato caro, ela tinha certeza. E pelo tamanho dos pés, o homem deveria ser enorme. Foi seguindo o olhar devagar pelas pernas longas e esguias, até subir pelo quadril e chegar ao peitoral do homem, vestido em um terno de três peças negras. Um arrepio subiu a pele dela quando chegou ao rosto.

Clarice engoliu em seco e fez esforço para ficar ereta.

Aquele era o dono da conta que ela supostamente deveria estar trabalhando. Aquele era Miguel Walker.

Ela já o havia visto em um ou dois eventos sociais, de longe, claro. Walker era um homem extremamente elegante, profissional, distante... E insanamente lindo. Era daqueles tipos de homem que exalava luxúria e mistério, um pacote muito desejado entre as mulheres.

Ela abaixou a cabeça e fechou os olhos rapidamente.

- Merda.

Ela havia acabado de mandar os executivos da empresa dele irem às favas. E isso não soava nada profissional para ela.

Juntando os resquícios de dignidade que tinha, voltou seu olhar para ele novamente.

- Eu sinto muito, senhor Walker. — disse ela, falando com ele diretamente pela primeira vez.

Clarice continuou encarando o rosto austero e firme que ele tinha, analisando cada linha de expressão. Walker tinha os cabelos negros como seu terno imponente, mas havia duas linhas brancas um pouco acima de cada orelha, dando a ele um ar de superioridade e atribuindo alguns anos a mais do que ela sabia que ele tinha.

Os olhos dele eram negros, passivos e profundos. Ela não era capaz de ver mais do que ele impunha. O rosto era anguloso e firme, um nariz acentuado, boca fina que exibía uma linha perfeita e

atraente, era bem barbeado e tinha algo que Clarice nunca tinha percebido: uma cicatriz abaixo do queixo, quase imperceptível, que se despontava levemente e caminhava para trás do pescoço, desaparecendo por entre o cabelo espesso. Parecia ser longa, mas o terno dele e a posição em que ela estava o olhando não favoreceram a visão.

Ela esperou que ele continuasse calado, mas fez justamente o oposto. Ele abriu um sorriso pequeno e fixou bem seus olhos negros nela.

- Eles também me irritam, não se preocupe com isso.

A voz dele era grossa, daquele jeito que era capaz de fazer qualquer pessoa

arrepiar. E o tom que ele usou parecia errado, como se não costumasse ser tão gentil assim.

O corpo dela cedeu ao alívio instantaneamente, e voltou a abaixar a cabeça, dessa vez fingindo ter algo na bolsa que precisava encontrar. Não queria mais ficar olhando para aquele homem, estava se sentindo mais do que intimidada. Ela estava começando a ficar excitada e isso não era bom quando se tratava do homem que iria pagar seu projeto.

Deu um pigarro baixinho e acabou se decidindo por fechar a bolsa e passar a mão novamente na saia. Ela estava nervosa.

- Não precisa ficar constrangida, eu costumo ouvir coisas piores.

- Eu não... – se virou para ele, num ímpeto. Abriu um sorriso e tentou disfarçar que não estava gostando do que estava sentindo ao lado dele naquele espaço confinado. – Eu só estou... Me desculpe, mas...

- Não precisa se desculpar novamente, está tudo bem. – ele falou firme dessa vez.

- Não. – ela apontou para o pescoço dele, começando a ficar assustada. – Você está sangrando.

- Estou? – ele passou a mão grande no pescoço, calmo. Voltou sua mão para olhá-la e viu o sangue.

- Quer que eu ligue para uma ambulância ou algo assim? – O nervosismo dela havia virado temor. Ela não gostava de sangue, em nenhuma hipótese.

Miguel deu um passo à frente, tirando uma chave no bolso da calça e o colocando no painel, fazendo todos, exceto o botão principal, apagarem.

- Se incomoda em subir comigo? – perguntou sem olhar para ela. E como se ela tivesse alguma alternativa além de *subir com ele*, respondeu que sim. A porta se abriu, e ele deu dois passos para fora, seguindo sem parar para a porta no meio do andar, que dava para uma estrutura de vidro embaçado.

Aquele era o escritório pessoal dele.

Meio receosa do que fazer a seguir, ela o seguiu, hesitante. Era para ela estar alguns andares abaixo, com sua equipe, a espera justamente daquele homem. E não no último andar do prédio, o seguindo – sozinha – para o escritório pessoal dele.

Miguel percebeu que ela estava acanhada, por isso ficou segurando a porta do ambiente para ela antes de entrar.

- Me desculpe pelo inconveniente – ele falou, repousando sua pasta em uma bancada próxima ao bar enorme que tinha no final do escritório. Mas Clarice estava realmente focada na decoração e

na claridade que todo aquele recinto continha. Era algo que realmente ela não via nessas corporações bilionárias. — Acho que vou precisar de sua ajuda. — Miguel completou, tirando o terno e o repousando junto com a pasta. E como se a visão dele perfeitamente vestido não fosse o bastante, Miguel Walker só de colete e camisa social era como uma visão perfeita de virilidade.

O colete só acentuava ainda mais o que ela estava tentando deixar de lado. Mas os músculos acentuados que ele tinha pareciam querer pular daquele pedaço caro de pano e, ela não mentiria, estava dando tudo para vê-lo sem camisa. Podia apostar que ele teria um

corpo perfeito, todo cheio de músculos definidos e bem fortalecidos. Ela nem se lembrava da última vez que havia visto um homem tão gostoso daquele jeito.

Clarice não estava gostando daquilo.

- Claro – ela tentou desobstruir sua garganta presa. Miguel foi atrás da bancada e pegou uma maleta de primeiros socorros. – Tem certeza de que não quer que eu ligue para a ambulância?

Ele negou.

- Não é nada sério, confie em mim. Nem ao menos senti até você falar. Devo ter batido ao entrar no carro ou algo assim.

E começou a desabotoar o colete. Por

Cristo!, ele não podia fazer isso com ela.

Clarice caminhou rápido até perto dele, e, dando um sorriso nervoso, pegou a maleta de primeiro socorros, ficando de costas para Miguel, que terminou de tirar o colete, colocando-o junto com as outras peças. De onde ela estava já conseguia ver o corte, era um pouco abaixo da orelha, e era pequeno, nada demais. Mas pelo tanto de sangue que estava escorrendo ela tinha quase certeza de que precisaria de pontos.

Ele puxou uma cadeira e se sentou. Ela agradeceu, porque minha nossa, o homem era enorme. Tinha uns belos dois metros de altura, e mesmo estando com

um salto bem alto, Clarice estava uma cabeça abaixo dele.

- Eu não sou muito boa com sangue...
— ela o avisou, antes mesmo de abrir a caixinha e de lá puxar uma gaze.

- Eu percebi. — disse ele, entoando aquela voz grossa. — Não pense no sangue, só visualize o corte.

- Não ajuda muito — assumiu, borrifando um pouco de álcool e anti-inflamatório na gaze. Ela foi devagar para que não ardesse ou algo similar, mas assim que começou a passar lentamente a gaze no corte para limpá-lo suavemente, não recebeu resposta nenhuma de Miguel. — Dói? — ela perguntou, mas a resposta era bem clara.

Era claro que um homem daquele jeito não iria reclamar por causa de um corte pequeno.

E ele não respondeu, o que a incitou a terminar logo com aquilo para ir fazer seu trabalho. Limpou o corte e como havia parado de sangrar significativamente, ela resolveu pegar um Band-Aid cor de pele e deslizou suavemente nele, tentando não roçar seus dedos ao calor da pele do pescoço dele. Quando terminou, colocou os papeizinhos da embalagem na caixa mesmo e a fechou, dando um passo para trás. Ela havia limpado o sangue, tirando os resquícios que demonstrariam qualquer vestígio de corte, e o curativo

estava bem escondido.

- Este é o melhor que eu posso fazer – disse Clarice.

- Obrigado. – Miguel respondeu, se levantando a cadeira e nem fazendo questão de olhar para ela. E aquela indiferença súbita, não deveria, mas foi como um soco no estômago.

- Posso usar seu banheiro? – pediu, levantando as mãos para cima, mesmo sem que ele estivesse olhando.

- Claro. À direita.

Não precisou mais do que isso para ela seguir até lá rapidamente, seguindo com a cabeça bem reta ao objetivo de lavar as mãos, sair dali – correndo de preferência – e nunca mais ver aquele

homem.

O coração dela parecia querer sair da boca só se senti-lo por perto.

Clarice fechou a porta e não reparou no lugar, percebeu que era enorme, mas nem queria memorizar porque senão iria ficar se lembrando.

Lavou as mãos e secou com uma das toalhas descartáveis com a logo da empresa. Ela jogou a toalha no lixo e saiu do banheiro, apressada. Quando chegou até sua bolsa, não longe dali, notou que ele não estava mais no escritório. Ela deu uma olhada bem generosa no ambiente e nenhum sinal dele. Será que havia partido e a deixado, *sozinha*?

Clarice não estava realmente acreditando nisso. Bufando baixinho e saindo rápida daquele lugar, apertou o botão elevador para baixo, escolhendo o andar que deveria ter estado há minutos.

O elevador desceu rápido dessa vez e ela não se demorou a adentrar na sala de reuniões. E quando entrou lá, levou um susto.

- Cadê os executivos? – Clarice quis saber, olhando para Rose.

Sua assistente parecia cansada, e realmente estava. Rose estava grávida de cinco meses e não via a hora de entrar de licença.

- Foram embora. – ela continuou colocando os papéis do projeto na pasta,

os outros rapazes da equipe também estavam fazendo o mesmo.

- Como assim eles *foram embora*, Rose?

- Um dos executivos recebeu uma ligação do senhor Walker pedindo para cancelar o projeto.

- O quê?! – a voz de Clarice soou estridente e excessivamente alta.

O restante da equipe passou por Clarice murmurando gentilmente um “sinto muito”.

Rose se virou para ela e a entregou a pasta pesada, Clarice agarrou a maleta de couro e ficou esperando Rose terminar.

- Parece que o cara não gostou do

projeto. Vai contratar outra empresa. Disseram que o cheque pelo trabalho que tivemos será enviado por um correspondente, e bem, foi só isso.

- Não estou acreditando!

- Pois é, eu também não. — Rose disse, pondo-se a sair em direção ao elevador. Mas Clarice estava embasbacada. Não acreditava que Walker, que havia sido gentil com ela há minutos atrás, havia cancelado o projeto antes mesmo de ele ser exibido. Como ele iria saber se gostaria ou não se a equipe de Clarice não tivera tempo de apresentá-lo?

E agora ela estava revisando cada minuto que passara com ele para tentar

descobrir qualquer coisa que havia feito que pudesse ser considerada como incapaz de exercer sua função.

- O que está esperando, Clara? Vou precisar de carona, e como temos a manhã toda de folga vai me pagar um coquetel. Eu mereço por ter ficado te esperando.

Clarice expirou fundo e tentou acalmar os nervos. Depois de semanas trabalhando incansavelmente naquele projeto, ele havia sido recusado como se não fosse nada. Ela estava repentinamente cansada e puta da vida.

- Eu acho que vou precisar te pagar dois coquetéis. Preciso te contar algo. — caminhou até Rose, que estava com a

mão delicada em cima da barriga.

- Sabe que adoro fofoca – deu um risinho.

- Então vai adorar essa.

**

Miguel estava sentado à sua mesa olhando para algo em sua mão que não deveria estar ali. Um lenço. O lenço de Clarice. Havia caído da bolsa dela, sabe-se lá como, assim que ela a havia deixado sobre o sofá. E não era só isso. Miguel também havia pegado a toalha que ela usara. Ele levou até próximo o nariz e a cheirou.

O aroma era doce, misturado ao

costumeiro odor de ferrugem de seu sangue.

Não sabia o que tinha acontecido. Em questão de horas sua cabeça havia virado uma omelete bem batida de pensamentos estranhos e sentimentos que há tempos não sentia.

Clarice havia sido doce e discreta com ele, o auxiliou hesitante, mas carinhosamente, quando nem ao menos precisava. Miguel já perdera a conta de quanto tempo fazia que conseguia se limpar do sangue que costumava ter no corpo.

Ele estava assustado. Como uma mulher que nunca vira na vida fora capaz de despertar coisas tão herméticas

dentro de si?

Miguel já a conhecia, de nome e aparência. Mas assim que a viu no elevador não sabia que era tão linda. Os cabelos loiros dela mais pareciam roubar o brilho do sol, sem contar os olhos dourados que ela possuía. Ela era perfeita. Uma mulher que Miguel não demoraria para seduzir e levar para seu quarto de hotel destinado a trepadas sem significado. Porém, ele não sentiu que deveria seduzi-la. Ele sabia que tinha que afastá-la de si, e foi o que fez. Foi algo imprudente e completamente refletivo ao que sentira quando ela o tocou ao fazer o curativo de seu pequeno corte.

Ela foi delicada, e, ele sabia que ela não queria tocar nele. Não sabia se era medo ou desejo, e mesmo assim não importava, pois as batidas aceleradas de seu coração o avisaram bem claramente que aquela não era uma mulher que deveria ficar por perto.

Assim que ela pediu para ir ao banheiro, ele parou um segundo apenas para observá-la uma última vez. Clarice saiu caminhando sensualmente, um passo a frente do outro, exibindo suas curvas voluptuosas e seu charme irresistível. Ele ainda conseguia sentir o rastro do cheiro que o cabelo dela deixou em seu escritório. As ondas loiras meneando enquanto ela caminhava rapidamente

para sair daquele lugar.

Miguel era ciente da apreensão que causava nas pessoas. A verdade era que ele se via consciente de muitas coisas que usualmente não são comuns aos outros. Mas sobre o que estava sentindo na boca do estômago... bem, isso era incompreensivelmente assustador. Pois, para ele era novidade.

- Miguel! – Seu sócio e amigo irrompeu pela porta do escritório, indo até ele com passos largos. Ethan era um homem alto e forte, assim como Miguel, mas tinha bem menos cicatrizes. Tanto por fora quanto por dentro. – Mas porque diabos cancelou o projeto da Hope Architecture? – falou com aquele

sotaque inglês forte.

Miguel não respondeu. Não sabia o que dizer. Largou o lenço e a toalha devagar sobre a mesa e apoiou os cotovelos no carvalho, juntando as mãos sobre o rosto.

- Puta merda! Os executivos estão pirando. Vai demorar uns bons meses para conseguirmos outra empresa que faça projetos bons e em pouco tempo.

- Eu tive. — foi a resposta que saiu da boca dele. E não precisou de mais nada para que Ethan entendesse que Miguel *teve* que cancelar.

- O que houve?

- Aquela mulher. Clarice, acredito.

- O que ela fez? Posso resolver isso

agora.

- Não, Ethan. Ela foi gentil. – Miguel levantou da cadeira e se virou para o amigo, que sabia que tinha que mudar de assunto.

- Os uniformes já encontraram o corpo.

- Bom.

- Está acabando, Miguel. Faltam poucos agora.

A feição de Miguel se tornou uma expressão de dor misturada à dúvida.

- Não acredito que eles acabarão, não enquanto eu viver. Martel me deu a localização dela.

- E o que vai fazer?

- Ainda estou checando precedência.

Após isso irei planejar o próximo passo.

Os dois sabiam que o próximo passo sempre era o pior a ser planejado.

- Irei com você.

- Não. – Miguel virou para ele. – Preciso de você aqui.

- Ok, mas comandar seu império fica bem complicado quando veta minhas escolhas.

- Contrate outra empresa, pague o dobro, não me importo. Como está o aplicativo novo?

- O lançamento está próximo. Vai aparecer, dessa vez?

- Talvez. – Miguel não costumava ir a eventos sociais. Ele ia, quando era de extrema importância, mas não gostava.

Era como adentrar em um ambiente destinado a sorrisos e galanteios elegantes, propostas de jantares futuros e falsidade. Para ele era apenas mais uma noite sem vida.

- Mande a equipe de tecnologia se preparar. Descerei ao departamento daqui uma hora, quero verificar como anda o novo S.O.

- Sua secretária está do outro lado da porta, você sabe... – Ethan ironizou. – Você quer me dizer o que realmente aconteceu entre você e Clarice? Vai me dizer que fodeu com ela e não falou nem um obrigado.

Miguel estava achando que ela era que tinha fodido com a cabeça dele.

- Tá, é mais provável você ter oferecido uma foda por conveniência e ela ter falado umas poucas e boas para você.

- Você a conhece? – Miguel franziu o cenho.

- Não, mas conheço o ex dela. – ele deu um sorriso de deboche. – Todo o mundo conhece o ex dela... quer dizer, todo o mundo, exceto você. Ela namorava o ex-senador Aurélio.

- Não... – Miguel não podia acreditar que ela havia namorado aquele homem deplorável.

- É, meu caro, ela passou um ano com ele. Não vou mentir, o ex-senador estava louco quando resolveu trair Clarice. Ela

não é do tipo de mulheres que ligamos para comer no fim da noite. Pelo o que eu sei, ela batalhou um bocado para chegar onde está.

- Preciso ficar só – disse Miguel, indo até o bar e pegando um copo de cristal, se servindo de uma dose forte de Martini.

Ethan sabia que não adiantava o que dissesse, ele teria que sair. Miguel era inflexível quanto a sua solidão, e aquilo devorava seu amigo. Ethan saiu da sala sem falar uma só palavra, dando uma olhada para um Miguel além de obscuro. Não sabia o que diabos Miguel estava sentindo naquele momento nem mesmo se sentia *alguma coisa*, mas ele estava

diferente.

Quando Ethan se foi, Miguel só bastou dar um comando de voz para que a porta do escritório se selasse. Foi até sua mesa e abriu seu laptop prateado. Deu alguns comandos criptografados e lá estava tudo o que queria.

Para ele, conseguir dados alheios era tão fácil que nem ao menos demorava. Não por menos que ele trabalhou anos para o exército americano, e ainda hoje vendia tecnologia para o a equipe de inteligência americana e inglesa. Seu sucesso empresarial não era à toa. Miguel era muito bom em tudo o que fazia.

Depois de enviar todos os dados que

pegara para seu telefone, ele acionou uma das câmeras de rua que tinha livre acesso — porque também fornecia softwares para a prefeitura, e ficou esperando o momento em que ela sairia. No GPS, Clarice Hope estava na casa de uma amiga, e pelo o que ele acessou, também era sua assistente.

Uma recente mudança de parâmetro anunciou que ela estava prestes a sair da casa, e Miguel estava certo a presumir isso.

Clarice saiu pela porta dando um abraço na amiga e indo para o carro que estava do outro lado da rua. Ela vestia uma roupa diferente da de mais cedo. Estava vestida de jeans e camiseta, com

os cabelos loiros presos em um coque frouxo. Linda, ele pensou. E não era só isso que ele estava pensando. Havia tantos cenários dele e aquela mulher em sua cabeça que Miguel sinceramente achava que iria enlouquecer.

Miguel queria chamá-la para jantar, mas não faria isso. Queria ir até ela, olhar bem para aqueles olhos dourados e tentar descobrir o que diabos havia feito com seus sentidos. Até conseguia sentir o toque delicado dela limpando seu pescoço, tirando o sangue de sua pele e deixando ali um cheiro novo, doce e suave.

Clarice Hope havia deixado em Miguel um rastro de esperança.

CAPÍTULO 2

*Sobrevive-se ao amor como outras coisas,
e depois guarda-o na gaveta.*

Clarice estava ofegante. Ela desacelerou o passo e pegou sua garrafa d'água. Dando um gole bem generoso. Puxou a chave de casa do bolsinho portátil de seu iPod e entrou, dando por fim mais uma corrida matinal.

Ela adorava correr de manhã cedo, era refrescante e revigorador. Nada parecido com aquele confinamento e cheiro de suor das academias. Até tinha alguns aparelhos em casa; uma esteira e pesos, mas não trocava o ar livre por nada no mundo.

Deixou a chave na bancada da cozinha e correu para a geladeira, pegando alguns ovos e leite. Seu computador – que ela já deixava por ali, apitou em uma chamada nova, era Rose. Batendo o ovo e o leite em uma tigela, apertou o aceitar e deu de cara com sua assistente.

- Bom dia, Rose. O que tem para mim?

- Nada demais. Só que sua secretária recebeu várias ligações da Walker House e o cheque chegou.

- Ótimo, coloque na minha mesa. Quanto às ligações, fale que não irei trabalhar hoje.

- Pode deixar. Ah... Tem algo mais.

- Não me diga que Aurélio me ligou novamente... – Clarice bufou, largando a tigela e alcançando a correspondência que ela havia pegado antes de entrar.

- Ele mesmo. Disse que precisa falar urgente com você... novamente.

- É, o mesmo de sempre. Se ele continuar a insistir, não atenda. Aquele projeto novo, já decidiram os detalhes finais? Precisamos entregá-lo até o fim do mês.

- Quase finalizado. Vou te mandar uma cópia para revisão.

- Chego aí em uma hora.

- Tá bom – Rose sorriu, desligando a chamada.

Tomando seu café da manhã

rapidamente, tomou um banho demorado e se vestiu, dando uma boa olhada em seu rosto para ver se demonstraria algum tipo de vulnerabilidade. Não, seu rosto exibia o de sempre. Uma mulher firme e forte, e isso ela era, sem dúvidas.

Ela estacionou sua Mercedes no estacionamento privado de seu escritório e subiu andar por andar, algo que fazia sempre ao chegar. Ela era uma boa chefe, e isso todos concordavam. Trabalhar com ela era algo que muitos esmeravam e poucos conseguiam. Entrou na sua sala, jogando no lixo do canto da porta o buquê de flores vermelhas que seu ex lhe mandara, não estava com saco

para o ex-senador hoje.

Foi até a mesa e começou a abrir a correspondência, deixando por último o cheque da Walker House. Sentou-se à mesa e deu uma boa olhada para o envelope branco. O abriu, quebrando o selo e tirou o cheque de lá devagar, arregalando os olhos para o que viu escrito. Aquele cheque havia sido feito pelo próprio Miguel Walker, e tinha um valor muito acima do que fora especificado no projeto. Ela estava esperando o valor do projeto apenas no papel, mas aquilo ali era do projeto *pronto...* e, multiplicado por dois.

- Rose! – ela chamou pelo interfone.
– Me coloca em contato com o diretor

financeiro da Walker House agora!

Mas o que diabos era aquilo? Depois de passar alguns minutos com o todo poderoso da empresa, e de ele cancelar o projeto repentinamente, sem dizer nada mais do que um “acabou para vocês”, agora ele mandava quase três milhões de dólares para ela?

Será que ele estava tentando ofendê-la ou comprá-la? Clarice queria entender, porque ela estava furiosa e confusa.

Não ia mentir que ele havia mexido com ela. Ah, sim, aquele homem misterioso e de poucas palavras a estava deixando de um jeito que só poderia ser abastado de uma forma. Mas pelo o que

havia acontecido, Clarice tinha quase certeza que ele não queria o mesmo.

Por Deus que ela queria aquele homem, mas dos dois dias em que ela o conhecia, os dois foram o suficiente para que percebesse que ele era um babaca.

- Bom dia, senhorita Hope. – um rapaz do outro lado da linha atendeu. – O senhor Walker está em reunião no momento, mas tenho ordens de passar sua ligação a qualquer instante. Se puder esperar...

- Espere um momento! Eu quero falar com o diretor financeiro, não com Walker.

- Entendo sua confusão, mas o senhor

Walker pessoalmente insistiu para que qualquer dúvida quanto ao cheque que enviou hoje fosse tirada com ele mesmo.

- Tudo bem – Clarice disse, tentando controlar sua raiva. Não estava entendendo nada daquilo ali. – Faça o seguinte. Diga a Walker que o cheque que enviou está sendo devolvido.

- Sim, senhorita. Irei informá-lo. Obrigada por nos contatar.

Aquele homem parecia um robô falando! Clarice tentou ficar calma, mas não estava dando certo. Primeiro o cancelamento do projeto enorme que haviam passado semanas criando, depois a insistência de Aurélio, o cheque e agora aquilo.

Por que ele havia dado ordens para que passassem a ligação dela imediatamente? Era um absurdo!

Ela enviou o cheque de volta e se enfiou no trabalho, tirando da cabeça ao menos temporariamente de Walker. No fim do dia estava exausta e recusou vários convites para ir tomar uma cerveja ou cair na balada.

Tudo o que ela queria agora era um bom banho de banheira, um episódio daquela série antiga de drama e uma taça de vinho... não, duas.

A semana passou rápida, e ela até conseguiu tirar o episódio de Walker da cabeça e se livrar daquele calor que a assolava sempre que se lembrava do

corpo musculoso dele sob aquelas peças do terno sobre medida.

Era só desejo, disse a si mesma durante um ou dois dias. Mas depois, colocou-o naquele canto de maravilhas do cérebro, que só era despertado em sonhos. E mesmo não pensando nele de manhã, quando dormia, era o rosto dele que ela via.

E mais. Muito mais.

- Walker, você anda muito distraído. Acho melhor encerrarmos por hoje. — seu treinador disse, fazendo cara feia para ele.

Miguel tirou as luvas e o protetor de

boca, colocando na maleta.

- Eu sei o que vai falar. – ele se virou para o treinador, que estava abrindo a boca.

- Se for uma mulher, resolva logo.

- Não é – Miguel mentiu.

- Então é sua velhice que está lhe acometendo rápido demais. Essa semana você não rendeu nada. Estou começando a ficar preocupado.

- Estou legal. – Miguel mentiu novamente. Ele pegou uma toalha e passou no rosto suado, jogando dentro da maleta e a fechando, saindo com passos largos em direção à porta enorme do salão privado da academia.

Aquela tensão dentro dele estava se

tornando uma bola de neve, e Miguel estava para explodir, não importava o que fizesse. E, olha que havia tentado de tudo.

Ele chegou a seu carro e jogou a maleta para o banco de trás. Não gostava de motoristas, não gostava de ter alguém conduzindo o que ele deveria ter em poder. Miguel não gostava deixar de conduzir nada.

Acelerou e saiu pela avenida movimentada, costurando o trânsito e não dando atenção para quem ficava para trás. Ele não foi para seu apartamento, um enorme complexo com vista privilegiada para o Rio Hudson. Não, ele foi para o outro lado da cidade,

seguindo as coordenadas que estavam bem memorizadas em sua cabeça.

Miguel não precisou nem de dois segundos para guardar o endereço dela na mente.

Ele estacionou no fim da rua, desceu do carro e colocou o capuz do seu moletom. A rua estava clara, era manhã cedo. O sol despontava a leste com aquela luz pálida e fria. Miguel começou a trotar, ficando de cabeça baixa e mirando seu objetivo. Clarice estava saindo de casa, e ele tinha pretensão de fazer o que havia feito a semana inteira. Segui-la pelo percurso completo que fazia.

Era insano, Miguel tinha consciência.

Mas era o que o acalmava, não sabia exatamente por quê. Esperou um instante, para dar espaço entre eles, e depois começou a correr atrás dela. Ela não o via, mas ele tinha uma visão privilegiada do corpinho curvilíneo.

Tudo estava calmo, a rua tinha algumas pessoas, mas não o suficiente. Porque foi de repente o que se seguiu. Um carro negro entrou na rua loucamente, cantando pneu e assustando as pessoas que corriam para a calçada para se proteger.

Miguel olhou para o carro e depois para Clarice. Ela estava em linha direta com o trajeto que o carro fazia, cambaleante na rua estreita de subúrbio.

Ele esperou, ela tinha que sair daquela linha. Mas então recordou que ela, sempre após trancar a casa, colocava os fones de ouvido.

- Puta merda! — ele sussurrou, enchendo os pulmões de ar e correndo a todo vapor para onde ela estava. Não demorou, foi rápido. O carro estava quase para subir na calçada e pegar Clarice em cheio quando Miguel entrou na frente, atravessando a rua, puxando o corpo dela contra o seu, fazendo os dois caírem no quintal de uma casa enorme que tinha um pequeno anexo feito para crianças, com aquelas cercas pequenas, que se estilhaçam ao impacto do corpo massivo dos dois.

Ele estava com as mãos bem apertadas na cintura dela, e ela, avoada. Não sabia o que havia acabado de acontecer.

- O que... Meu Deus! – ela olhou para o lado, vendo o carro em disparada colidir com uma árvore e o som da colisão reverberar por toda a vizinhança.

- Você está bem? – ele questionou, apressado. Clarice olhou para ele e franziu o cenho.

Balançou a cabeça e fechou os olhos, tentando clarear a visão, tentando *tirar* a visão dele de sua mente. Não poderia ser Walker ali. Ela estava bem convencida que havia criado aquela

imagem em base de seus sonhos tórridos.

- Estou... – balbuciou, tentando ficar em pé. Mas o impulso que deu foi trêmulo e acabou caindo de bunda no chão. – Walker, o que está fazendo...

- Eu tenho uma casa aqui. – Ele estava começando a perceber que tinha belos dons para mentira. E agora iria ter que comprar uma casa suburbana.

Respirou fundo e se levantou da grama, estendendo a mão para ela, que confusa, aceitou e se pôs de pé.

- Deveria tomar mais cuidado por onde anda. – disse ele, tentando não tirar sarro do acontecido. O rosto de Clarice estava pálido e ele resolveu que aquela

não era uma boa hora para piadas. – Tem certeza de que está bem? – repetiu, dando um passo até ela.

- Sim. Estou bem.

Ela passou a mão no rosto e tirou uma mecha dourada da face. Miguel gostaria de ter feito aquilo para ela.

- Só estou um pouco assustada. Como você...?

- Não se preocupe com isso. Quer ir para casa e se sentar? Acho que precisa tomar um pouco de água.

- Também acho – respondeu Clarice, percebendo lentamente que estava com sua mão na dele. E tremia, muito.

- Sua casa é muito longe daqui?

- Não, é próxima. – disse ela,

respondendo o que ele já sabia. Ela olhou ao redor e viu o estrago que haviam feito com a cerca da casa alheia. Ele percebeu o olhar dela.

- Eu resolvo isso depois. Vem comigo.

Clarice balançou a cabeça e apertou ainda mais a mão na dele, encontrando suporte naquele calorzinho que emanava e que era confortável.

Os dois caminharam em silêncio até a casa dela, notando as pessoas eufóricas por causa do acidente e correndo até lá. Um carro de polícia apareceu no fim da rua assim que ela abria a casa e adentrava. Miguel seguiu com ela, tentando não ficar incomodado com o

aroma que começara a sentir.

Ela ficou apoiada nele enquanto caminhava até a cozinha. Ele puxou um banquinho alto e, não fazendo esforço algum, levantou-a pela cintura para sentá-la.

- Eu acho que você torceu o tornozelo.

- Não sinto dor – ela disse.

Miguel se agachou e passou os dedos pela panturrilha dela – enviando sinais de alerta para Clarice, quais preferiu recusar – chegando até o tornozelo, tocando-o ligeiramente com as pontas dos dedos, tentando encontrar algum ponto distorcido. Clarice não sentiu dor alguma, mas a imagem dele agachado à

sua frente, tocando em sua pele era algo que ela não estava querendo guardar.

- Não machucou, está tudo bem. – Miguel se levantou, ficando ereto. Dessa vez ela notou o que ele estava usando. Ele vestia um moletom cinza daqueles folgados e que mesmo assim dava para transparecer o que tinha por baixo, vestia uma calça do mesmo tecido que não estava disfarçando nadinha do que era para disfarçar. – Água?

- Na geladeira. Eu pego – disse Clarice, dando um pulo da cadeira e indo para de trás do balcão de mármore negro. Ela puxou uma das portas da geladeira e pegou duas garrafas d'água.

- Obrigado. – Miguel agradeceu,

pegando a garrafa da mão dela.

- Eu que tenho que agradecer...

- Foi um acidente, qualquer um faria o que fiz.

Miguel abriu sua garrafa e deu um gole longo. Clarice fez uma pausa e se escorou na bancada. Era estranho tê-lo ali na sua cozinha. Ficou olhando para o rosto dele enquanto ele bebia a água e viu um filete solitário de suor escorrer por sua têmpora.

- Não tenho tanta certeza sobre isso. Eu ainda não estou entendendo o que aconteceu, mas tenho certeza de que tive muita sorte de que você estava lá.

Ele abaixou a garrafa e encostou a tampinha no gargalo, lançando aquele

olhar negro para ela. Ela balançou a cabeça, tentando concentrar suas ideias.

- Você mora aqui, em Hillside? Pensei que morava próximo ao Hudson. Digo, não é muito comum um empresário viver em um bairro pacato.

- Não moro aqui. Só gosto do silêncio. – Walker respondeu. – E é muito bonito pelo fim da tarde.

- Ah... – Clarice estava tentada a perguntar dele se o pôr do sol sobre o rio Hudson também não era uma visão bonita. – Eu nunca o vi por aqui...

Ele soltou um pigarro e repousou a garrafa pela metade na bancada.

- Eu tenho que ir.

- Mas, antes, poderia me responder

algo? – ela franziu o cenho.

- É sobre o cheque? Eu enviei a quantia que achei que o projeto merecia. E o valor já foi transferido para sua conta, não aceitarei devolução novamente.

Clarice piscou duas vezes.

- Não pode fazer isso. Você nem viu o projeto para poder avaliá-lo.

- Eu tenho uma cópia do projeto comigo, Clarice. Não me faça parecer estúpido. Eu tenho o projeto comigo antes mesmo de vocês o terminarem.

- Então se gostou tanto, por que cancelou tudo? Não faz sentido algum.

Ele bufou e passou a mão nos cabelos negros. O olhar de Clarice sobrecaiu nas

mechas brancas dele. Aquele detalhe incomum o deixava ainda mais atraente.

- Eu só não quero irritá-la com minha impaciência e a falta de cores. – repetiu o que ela disse no elevador.

- Eu não queria dizer aquilo...

- Queria sim – ele abriu um sorriso. – Esqueça isso, tudo bem?

- Então me convença do porquê cancelou o projeto.

Miguel não podia fazer aquilo.

- Está livre amanhã? – ele se viu dizendo, querendo mudar de assunto.

- Talvez...

- Venha jantar comigo.

Ela parou e ficou o observando atentamente.

- Não acredito que seja apropriado.

- O quê, um jantar? Será apenas isso, Clarice. Pense como uma forma de agradecer por hoje.

- Mas você disse que eu não precisava agradecer.

- Bom, eu menti. – Clarice olhou bem para ele e sorriu. Se aquilo tudo era a forma dele de flertar, ele estava fazendo tudo muito errado, mas ela estava adorando.

- Tudo bem. Eu acho que posso jantar com você.

Miguel olhou para o rosto corado dela, os lábios rosados sinuaram um sorriso lindo. Por mais que sua consciência o alarmasse das

consequências que o jantar com ela poderia ter, ele não estava realmente ligando. Ele queria, sentia que precisava ficar próximo. E o aroma, a beleza e a teimosia dela o tragavam como um fumante viciado traga a nicotina depois de muito tempo em abstinência.

Miguel queria tocá-la, e estava longe demais dela para isso.

- Walker? – ela o chamou.

- Miguel. Pode me chamar de Miguel.

- Seu corte... – Clarice apontou para o pescoço dele. – Melhorou?

- Sim – Miguel concordou com a cabeça, dando um passo mínimo para trás, para se distanciar um pouco. Aquela proximidade só o fazia querer se

aproximar mais. – Que horas acha melhor?

- Oito está bom para você?

- Perfeito.

- Está muito apressado? Posso servir uma xícara de café, se quiser.

Ele ergueu o pulso e viu as horas. Não tinha que estar em lugar algum, realmente. Olhou-a novamente e viu que ela já estava do outro lado da bancada. Abriu a geladeira e pegou um pote com grãos.

- Não vai trabalhar hoje? – Miguel questionou, se sentando no banco alto que ela estava sentada há pouco.

- Hoje é sábado. Costumo trabalhar em casa no fim de semana. Essa é a

coisa boa em ser chefe. E você?

- Também não. O sábado destino para salvar damas do perigo.

- Um piadista. Não achei que você era um. — ela sorriu, colocando os grãos no moedor.

- Eu sou muitas coisas. — falou Miguel, tentando não soar tão obscuro. Clarice ouviu, mas tentou não interpretar de uma maneira diferente; de uma maneira na qual ela não iria se assustar.

- Acha que as pessoas do carro desgovernado estão bem? — ela pôs a mão na bancada, esperando a máquina de café fazer o restante.

- Se sim, irão passar umas boas semanas presos. — Ele se asseguraria

disso.

- Não consigo nem imaginar a cara da senhora Blair ao ver o estrago da cerca de sua filha. – Clarice foi até o armário e pegou duas xícaras. – Creme?

- Não. Sem açúcar também, por favor. Pode deixar que converso com os proprietários. Aliás, fui *eu* que danifiquei.

- É, mais por minha causa. Não deveria se incomodar.

- Não é incômodo. – ele respondeu, pegando da mão dela a xícara fumegante de café fresco.

- Eu insisto. Deixe isso comigo. Já fez muito.

O celular dela tocou, mas ela

ignorou.

- Pode atender. Sem problemas.

- Se for quem penso, melhor deixar tocar. – Miguel nem precisava perguntar para saber que era o ex-senador.

- Você está bem?

- Sobre o quê? A queda ou a ligação?
– ela levou a caneca até a boca.

- O rompimento.

Clarice não deixou de soltar uma risada.

- Não é um rompimento. Eu o deixei. E isso tem uns bons meses, só que ele não consegue colocar na cabeça que eu mereço mais.

- Diga a ele. – sugeriu Miguel, sinceramente.

- Acredite em mim, eu já disse. Mas acho que isso é normal. Em algum momento da sua vida você vai ter alguém que não consegue largar do *seu* osso; não consegue aceitar que já deu.

- Quantos anos você tem? – saiu da boca dele, sem querer. Não é como se tivesse intimidade para perguntá-la esse tipo de coisa. Ela só havia sido educada para oferecê-lo um café. – Me desculpa... É que você parece bem mais velha do que aparenta.

- Oras, obrigada pelo elogio. – Clarice soltou uma risada. Miguel franziu o cenho.

- Não gostou? Fiz a minha melhor jogada.

- Estou começando a perceber. – ela abaixou a xícara e cruzou os braços, olhando bem para ele. – Sabe de uma coisa, assim que o vi nunca imaginaria que você é bem humorado. Até não parece o cara estranho que conheci no elevador.

- Posso ser estranho, se quiser.

- Não – Clarice abriu ainda mais o sorriso. – Eu gostei desse seu eu. É bonito.

Miguel não deixou de notar o olhar que ela lançava, e isso o fez ceder. O que não poderia. Os olhos dourados dela estavam lançando um tipo de fagulha que o ascendeu. Ele se sentia feliz ali, vendo-a de perto. Era uma

emoção nova, estranha, assim como ele deveria ser.

- Preciso ir. – falou definitivo, desviando o olhar dela.

- Achei que teria. Eu o acompanho.

Clarice deu a volta na bancada, mas ele não a esperou e se pôs a caminho da porta. Não podia ficar mais nem um segundo ali dentro.

Chegaram à porta devagar e ele a abriu, dando um passo para o outro lado da soleira.

- Posso agradecer novamente? – Clarice abriu um sorriso torto. Ela estava flertando.

- Obrigada pelo café, Clarice. – a voz dele saiu mais firme do que

pretendia. Ela tentou não ficar apreensiva com aquela indisposição de repente dele.

- Sempre que quiser. Afinal, somos vizinhos.

Dessa vez foi o celular dele que começou a tocar. Um zumbido suave saindo do bolso esquerdo da calça moletom.

- Nos vemos amanhã. — ela completou, dando um passo para trás.

Ele balançou a cabeça e se virou, se afastando para que atendesse ao telefone sem que ela pudesse ouvir. Conseguia sentir o olhar dela o acompanhando.

Tirou o aparelho do bolso e colocou ao ouvido.

- Ela está na Dinamarca, já estou preparando o jato. – disse Ethan.

O sangue dele ferveu. Chegou até o carro rapidamente, deu partida e saiu em disparada pela rua estreita.

Naquela noite, Miguel veria sangue.

**

- Ele fez o quê?! – Rose gritou.

- Eu sei. Minha cabeça começou a rodar quando me convidou para jantar.

- Clara! Ele é o Miguel Walker!

- É, eu acho que notei. – riu da amiga, que estava com a mão na cabeça e com a boca em um “o” perfeito.

- Ei, eu ouvi isso aí! – Lucas, marido

de Rose, falou da cozinha.

- Docinho, eu te amo, mas tem que admitir que até você tem tara por aquele homem. Ele é o dono de todos esses vídeos games que joga escondido de mim.

- Eles são para o bebê, já disse. – Lucas levantou o dedo melado de massa de panqueca acima da cabeça, fazendo uma careta.

- Vai ser uma menina.

- Ah, não! – Clarice riu, levantando os braços sobre o corpo. – De novo não. Não aguento mais essa discussão.

- Calma aí que ainda não terminei com você, mocinha. – Rose se virou para ela, séria. – E disse o quê?

Recusou, não é?

- Como eu recusaria uma proposta de jantar com aquele homem, Roseline? Você já o viu. Ele é lindo, inteligente e irresistível.

- Não foi ele que a largou sozinha no meio do escritório supremo da empresa?

- Não foi nada. Além do mais, faz um bom tempo que não saio com ninguém.

- Isso porque recusa todos os convites que aceita. Mas quando um bilionário gostoso a salva de um carro desgovernado parece até que você acendeu duas setinhas brilhantes em cima da testa. – Rose falou baixinho, chegando próxima a ela, para que Lucas não escutasse.

Clarice soltou uma risada.

- Acho melhor não continuar dizendo essas coisas sobre Walker, cedo ou tarde Lucas vai aparecer com aquela espátula torta e não vai ser bonito.

- As panquecas estão prontas! – Lucas apareceu, passando a mão no avental que estava usando na cintura e dando um sorriso para as duas. – Hora de alimentar meu garotão! – ele sentou no chão e levou a mão livre para a barriga de Rose. Clarice deu um suspiro, aqueles dois eram uns amores.

Ela se levantou e foi até a geladeira, buscando uma garrafa de cristal e uma jarra de suco. Serviu três pratos de panqueca, sendo bem generosa na calda

quente de chocolate, e jogando amêndoas picadas por cima. Deu uma olhadinha para os dois, na sala. A lua estava alta, a luz trespassava as cortinas da casa e descia sobre eles. Lucas passou a mão no cabelo espetado e depois deu um beijinho na cabeleira ruiva, que mais parecia laranja, de Rose.

Sua outra mão continuava na barriga dela, acariciando. Clarice nem percebeu que estava dando um sorrisinho.

- Vai visitar seu pai amanhã? – Rose olhou por cima do ombro, vendo-a vir em direção a eles com a bandeja pesada.

- Vou – ela repousou a bandeja na mesinha de centro, pegou uma taça e se

serviu com cristal. Só dois dedos, ela era fraca para álcool. – Matt disse que meu pai está sentindo minha falta.

- Mas também, aquele projeto gigantesco da Walker House deixou a equipe inteira cansada e atarefada. Me diz, como ele está?

- Como sempre – Clarice lamentou. – Ele tem alguns dias bons, outros não tão bons assim...

- Poderia trazê-lo para um almoço qualquer dia desses, acho que poderia ser bom para ele. – disse Lucas.

- Também acho. Vou ver o que ele pensa sobre e falo para vocês.

- Ainda não consegui entender porque Walker cancelou o projeto. – Rose se

meteu.

- Walker não te disse nada, Clarice?

— Lucas perguntou, ajudando Rose a sentar no carpete e chegar mais perto da mesinha. A barriga dela não estava muito grande, mas Rose já começara a sentir várias dores comuns de gravidez.

- Ele mudou de assunto. — Clarice cortou um pedaço da panqueca, levando-o a boca. - Decidi não insistir.

- Clara, meu bem, você nunca insiste. É muito pacífica, tem que começar a gritar com as pessoas. Não comigo, claro. Sou uma ótima funcionária.

- Muito humilde minha mulher! — Lucas deu uma garfada na sua panqueca e passou um copo de suco para Rose,

que fez careta.

O telefone de Clarice zumbiu. Ela tirou do bolso e olhou para tela. Era um número que não tinha na agenda, colocou ao seu lado e deixou que tocasse.

- Ainda fugindo do Aurélio? Aquele homem é um pé no saco.

- Se bem que não, ele parou de ligar enlouquecidamente, o que é bom. – O celular parou de tocar e deu sinal de uma mensagem.

- Ele está mandando mensagem agora? – Rose caiu na risada. – Não sabia que ele conhecia essa função.

Clarice pegou o telefone e abriu a mensagem.

Desconhecido – 21h22: Massa ou peixe? W.

C. Hope – 21h22: Massa. Como diabos conseguiu meu número de telefone?

Ela digitou, franzindo o cenho. Não se lembrava de Walker ter pedido seu número.

M. Walker – 21h24: Eu o pedi, você me deu. Fiz reserva para o Le' Petit. Te pego as 7.

C. Hope – 21h25: Não e não, nos encontramos lá.

M. Walker – 21h26: Isso foi uma rejeição dupla ou um espasmo nos dedos? Meu carro é bem confortável,

acho que vai gostar.

C. Hope – 21h28: Você disse que seria só um jantar.

M. Walker – 21h28: É, eu disse. Mas você acreditou?

C. Hope – 21h29: Vou dizer que sim.

M. Walker – 21h30: Então não. Tem certeza sobre a carona? Se mudar de ideia é só dizer.

C. Hope – 21h30: Se eu aceitar vai contar como conseguiu meu número?

M. Walker – 21h32: Não vai gostar de saber.

C. Hope – 21h32: Walker, pare de hackear meu sistema interno.

M. Walker – 21h33: Eu não fiz nada disso. Pesquisei seu nome no Google e

apareceu.

C. Hope – 21h33: Como se no Google tivesse meu telefone pessoal...

M. Walker– 21h34: Você não sabe o que pode encontrar por lá. Posso lhe mostrar uma variedade de coisas que nunca imaginaria.

C. Hope – 21h35: Acho que vou ter que começar a imaginar agora.

M. Walker – 21h36: A imaginação nunca chega perto da experiência. Me permita...

C. Hope – 21h37: Permitir-lhe explorar minha imaginação ou experiências?

M. Walker – 21h38: Clarice, eu quero explorar tudo de você.

E com o coração trotando no peito, ela quase não soube o que responder. Seus dedos ainda estavam tremendo quando clicou em enviar na mensagem.

C. Hope – 21h42: **Nos vemos amanhã, Walker.**

M. Walker – 21h42: **Miguel.**

Ela colocou o telefone no bolso da calça jeans e abriu um sorrisinho canto de boca, aquele homem era diferente de qualquer um com quem já havia saído. Ela sabia que não haveria mais nada do que uma noite entre eles, mas mesmo assim Miguel conseguia envolvê-la tão facilmente que ela se derretia. Mas como não? Educado, lindo, inteligente e

rico. Não que dinheiro fosse um adjetivo para ela, Clarice era rica. Quer dizer, não tanto quanto Miguel, claro. O cara era dono de quase tudo que se via de tecnologia, e pelo o que ela sabia, ele investia em entretenimento noturno. Ele era um magnata, mas não parecia. E isso era fascinante.

- Tem alguém que está vermelha. – Rose cutucou o Lucas. Clarice pigarreou e passou a mão nos cabelos loiros. – Era ele, não era? O bilionário bonitão?

- Walker estava só confirmando. – ela disse para Rose.

- Tomara que ele não seja como o ex-senador. – apontou Lucas.

- Não acredito que Walker esteja

querendo que eu seja sua acompanhante de eventos de gala. E eu também não estou querendo isso. Vai ser só um jantar.

- E quem sabe algo mais... – completou Rose, lendo os pensamentos da amiga. – Nada melhor do que um jantar seguido de uma desculpa para parar no hotel mais próximo. Perdi as contas das vezes em que eu e Lucas fizemos isso.

- Ah! Por favor! – Clarice levantou a cabeça, fazendo careta. – Não preciso ter isso em mente.

- O quê? Acha que a isso aqui foi feito por conjuração ou propagação de boas ideias? – ela apontou para a

barriga.

- Sabe que como madrinha vou contar todas essas histórias para ele ou ela, não sabe?

- É ela. – Rose retrucou, jogando o guardanapo nela pelo o outro lado da mesa.

- Docinho, vai ser um menino. Eu sinto. – Lucas falou para Rose.

- Quem deveria sentir sou eu. Eu que estou grávida!

- Só acho que vocês deveriam acabar com esse suspense logo. – Clarice levantou, pegando os pratos da mesinha. – Alguém quer mais panqueca?

Os dois balançaram a cabeça.

- E a emoção da descoberta? Não,

não. Queremos que seja surpresa.

- Vocês estão acabando comigo! Como vou desenhar o quarto da criança se não souber o sexo? – ela colocou os pratos dentro da lava-louça, voltando devagar para onde eles estavam e dando um pequeno gole na sua taça de cristal. Ela mal havia bebido.

- Como se já não tivesse desenhado vários outros quartos maravilhosos sem nem mesmo saber para quem.

- Esse será especial, sabe disso.

Rose abriu um sorriso.

- Nós sabemos. Mas vai ter que esperar com a gente.

- Isso é tão frustrante!

Lucas soltou uma risada. E Rose

explicitou o que ele estava pensando:

- Acredite, nós sabemos!

**

Clarice não sabia muito bem se estava pronta, havia passado uma hora tentando acabar com o nervosismo de se reencontrar com Miguel. Não que ela estivesse temerosa pelo o que aconteceria após, pois ambos estavam esperando por uma noite juntos, mas pelo contrário. Ela mal podia se segurar, estava louca para que finalmente pudesse chegar ao restaurante, pular para a sobremesa e ir direto para um quarto de hotel para degustá-la no corpo

maravilhoso dele.

Já era o terceiro vestido que ela provava e dessa vez decidiu que era aquele e pronto. Mas não estava tão certa assim.

Ela olhou para o espelho novamente, não se resolvendo por seu cabelo solto ou preso. O vestido era lindo, ia até a metade da panturrilha em um tecido fino e suave, que agarrava suas curvas com paixão, incorporando um decote reto pelo busto que fazia o colo ficar nu. Era azul claro e fazia a pele dela ficar ainda mais branca. Seu rosto esboçava uma maquiagem tão simples e cativante que era possível se ver o brilho do olhar dourado dela de longe.

Decidiu pelo cabelo preso. Não fez nada elaborado, não queria soar preparada demais só para um jantar... Mas, se bem que, ele valia elaboração. Clarice deu um sorriso ao pensar nisso.

Calçou seus Choo negros e tentou não ficar ainda mais indecisa do que estava. Sabia que estava linda, Clarice não tinha problemas com sua autoestima. Ela sabia muito bem o efeito que suas curvas generosas, seus seios bem redondos, seu quadril voluptuoso, seus olhos inquisitivos e sua pele como leite causava nos homens.

Agarrou a bolsa na bancada da cozinha e as chaves do carro.

Sua Mercedes não demorou a chegar

até o restaurante, apesar de ser do outro lado da cidade. A fachada do restaurante era clássica de locais três estrelas, com uma luz elegante iluminando o letreiro *Le' Petit*.

O manobrista veio educado até ela, abrindo a porta e assumindo o volante do carro para estacionar. Clarice olhou ao redor e notou algo estranho, não havia ninguém entrando do local. E mesmo que fosse cedo, ela realmente não achava que este era o motivo de tão pouco movimento. Só bastou que ela colocasse o pé no tapete vermelho da entrada do local que o maître chegou para acompanhá-la, respondendo a pergunta mental dela com um simples

gesto.

Entrando no salão, ela bufou. Miguel não havia feito reserva, ele havia alugado o restaurante inteiro. E, sinceramente, aquilo não a fazia feliz. Clarice queria algo simples, fora daquela alçada de inalcançável e inexplicavelmente rico. Ela já havia passado o mesmo com o ex-senador e não estava pronta para um excesso de demonstração de poder e dinheiro.

- Por aqui senhorita. – O maître a mostrou o caminho, levando-a para a única mesa com flores ao centro.

- Obrigada – agradeceu a ele, que saiu concordando levemente com a cabeça.

Clarice se sentou a mesa, levemente confusa. Miguel deveria estar ali, não?

Ela olhou de um lado para o outro, notando garçons e o próprio maître evitando olhar para ela, todos em postura como se estivessem prestes a servi-la. Mas não estavam.

Ela voltou seu olhar para cima da mesa, e de repente a chama do elegante candelabro começou a perturbá-la. Tirou o celular da bolsa e conferiu a hora, se espantou ao perceber que já havia passado meia hora esperando e ele não chegara.

E nem ao menos havia mandado uma mensagem. Ela quis ligar para aquele número que tinha guardado na memória

do aparelho, mas achou melhor não. Clarice não era assim.

Olhou em volta novamente, começando a ficar envergonhada pela situação. Um aperto subiu pela garganta, e começou a queimar.

Ela estava começando a perceber que Miguel não viria.

Mas por que diabos havia feito aquilo?

Respirando fundo, e recolhendo o restinho de seu orgulho, ela pegou sua bolsa e levantou da mesa, obstinada a sair dali o mais rápido possível. Mas algo a interrompeu.

Um homem negro, de tez limpa e bonita, olhos castanhos da cor de mel

sorriu para ela. Ele tinha um longo chapéu branco na cabeça, ele era o chef.

- Você foi a mais rápida a perceber que Walker não viria. – disse com voz rouca.

- A mais rápida? – ela perguntou, esboçando um sorriso que apareceu pela necessidade de esconder a vergonha e a humilhação que sentia.

- Ele não vem.

- Surpreendentemente, não estou surpresa. – Clarice respondeu, dando um passo para trás, dando a volta na mesa.

- Leonardo Conquesto, chef da casa. – ele fez uma mesura elegante, abrindo ainda mais seu sorriso branco.

- Eu notei. E foi um prazer, mas acho

melhor ir. – apontou para a porta, sem jeito.

- Tenho que confessar que quando entrou aqui quase nem acreditei que Walker iria fazer esse joguinho repugnante com você. É simplesmente a mulher mais linda que já vi. Que tal... – Leonardo levantou o dedo sobre o rosto. – Uma visita à cozinha com o chefe?

Clarice passou a mão nos cabelos loiros e expirou baixo.

- Eu realmente agradeço, mas tenho que ir.

Leonardo sacou um cartão do bolso e estendeu a ela. Fez uma expressão séria e disse:

- Eu entendo. E da próxima vez que

um bacaca te der o bolo, me ligue.

Clarice pegou o cartão meio hesitante.

- Vou te acompanhar, venha comigo. – ele fez um movimento com o braço e um rapaz saiu do restaurante. Quando chegaram na saída a Mercedes dela já estava à espera.

- Obrigada, Leonardo. – ela disse, dando um sorriso de gratidão.

- *Prego, preciosa.* – ele respondeu, abrindo ainda mais aquele sorriso branco, enviando sinais calorosos pelo olhar.

Ela pegou a chave da mão do rapaz que havia trazido o carro e olhou para ele.

- Você poderia mandar um recado para Walker por mim.

- Como o quê? – ela riu. – Mandar ele se ferrar?

- Algo assim. – respondeu Leonardo, animado com a perspectiva dela fazer aquilo.

- Não hoje. – sentenciou Clarice, louca para chegar em casa. Balançou o cartão dele na mão. – Eu lembrarei sua gentileza, Leonardo.

E entrou no carro, dando partida e lançando um olhar para ele antes de sair pela avenida vazia, voltando para casa com a cabeça cheia e a garganta apertada. Havia acabado de ganhar um bolo de Walker, e não de um jeito

qualquer, mas de um modo na qual a havia envergonhado-a até as raízes do cabelo.

Leonardo insinuara sobre outras e só de pensar nisso ela se sentia ainda mais suja por toda aquela situação. Mas que homem era aquele? Que aparecia do nada em sua vida, em momentos inoportunos, para simplesmente sumir e não dizer uma só palavra.

Ao chegar em casa, Clarice respirou fundo à frente do espelho, xingando baixinho o nome dele por ele ter feito aquilo com ela. Não poderia ao menos ter mandado uma mensagem de cortesia?

Tirou a maquiagem do rosto e ligou a água da banheira, ajustando o

termômetro para o mais quente possível. Ela pretendia passar um bom tempo ali dentro, colocando em ordem seus pensamentos e apagar de uma vez a imagem de Miguel Walker da cabeça.

Livrou-se das roupas e mergulhou na água quente com bolhas cheio de amora.

A água foi esfriando devagar, mas ela não percebeu, havia pegado no sono levemente e quando acordou não se lembrava se havia sonhado, e achou melhor assim.

Levantou-se da banheira triangular e pegou uma toalha, enrolando-a sobre o corpo enquanto ia para o quarto. As janelas francesas que davam para o

jardim estavam abertas, e um vento frio lufou para dentro, balanceando as cortinas brancas. Clarice foi devagar até as portas, fechando-as devagar, notando que a lua estava cheia e bem alta no céu. Abriu as cortinas e deixou-as assim, jogando a toalha do chão e deitando-se nua aos lençóis brancos, a luz da lua envolvendo cada uma de suas curvas, seu cabelo loiro brilhando.

Não muito longe dali, Miguel assistiu-a ficar nua a frente das janelas de vidro, se deitando só, ao invés de ter sua companhia, como deveria ter sido aquela noite.

O coração dele só conseguia bater ainda mais rápido, tanto pela visão

gloriosa dela quanto pelo o que gostaria de fazer. Mas não podia.

Miguel tinha que se manter longe de Clarice o máximo possível, e o que havia feito a respeito do encontro que havia proposto impensavelmente resolveria aquilo. Clarice não iria querer ver a cara dele por muito, e ele não esperava menos, pois o que estava sentindo tomar posse de si a respeito daquela mulher não era o que ele procurava no momento... nem nunca.

Ele não sabia se a havia magoado, mas esperava que não. Assustou-se a conceber esse pensamento, e ao tê-lo em sua mente soube que o instinto animal que o perseguia por onde fosse estava

sendo apoderado pelo instinto de proteção que o guiou até ela, que o fez ter os olhos nela em cada minuto de seu dia, sem a consciência de consequências, as que no caso dele eram tão obscuras quanto o que ele continha dentro de seu coração.

Os olhos dele correram novamente pela imagem, agora distante, dela adormecida. Os cabelos sob o rosto, a pele nua delineada pelo luar. Ah sim, ele queria entrar naquele quarto e abdicá-la como sua, somente sua. Foder Clarice até ela aclamar seu nome e depois voltar a dormir, só para que a tivesse nos braços, para depois fodê-la novamente, exclamado o quanto precisava daquilo.

Porque necessitava, ele ansiava.

Clarice despertou incompreensões dentro dele que fez com que seus sentidos se aforassem, ficassem turbulentos.

Mas ao olhá-la, tudo se acalmava e o pedia para se aproximar, para fazê-la sorrir, tocá-la...

Ele abaixou a tela fina do computador prateado com um baque, a imagem sumindo bruscamente de seu olhar. Olhou para a fotografia ao lado da mesa.

Sua filha sorria para ele com a felicidade contagiante de uma criança, os olhinhos em frestas e o sorriso branco quase chegando à orelha, um

dente de leite havia caído uma semana antes daquela foto e ela estava com o sorriso banguela mais lindo que ele já havia visto na vida.

Os cabelos negros esvoaçavam ao redor dos ombros dela, uma fitinha vermelha grudada aos fios, embelezando o que um dia iria ser uma linda mulher. Mas sua pequena Lily nunca teria a chance, ela estava morta e ele iria tirar o prazer de respirar dos homens que fizeram isso a ela, e assim iria pagar a dívida da única pessoa que um dia amou.

Pequena Lily.

Era por ela que ele se negava sentir o que florescia dentro do peito por

Clarice, não só um desejo incompatível com sua sede de vingança, mas uma força que tentava iluminar a escuridão que a dor da morte de sua filha deixou, e que tomava conta de tudo, apoderando-se devagar, mas profundamente, tomando tudo de uma só vez.

Miguel passou os dedos sobre a fotografia, dando-se um tempo antes de levantar da cadeira, andando pelo seu escritório e indo até quarto, jogando sobre a cama várias malas que teria que organizar por ali. Dentro delas havia algumas armas e vários aparelhos tecnológicos.

Sua corrida até exterminar os bastardos que mataram Lily ainda não

terminara.

E agora ele morava na rua de Clarice.

CAPÍTULO 3

*O tempo é o teste da dor, mas não é
seu remédio*

- Que tal kiwis, hã? – Clarice levantou a fruta ao rosto, pegando duas com as mãos e colocando-as sobre os olhos. Matt riu.

- Não sou mais criança, Clara. – ele respondeu, pegando alguns kiwis e os colocando dentro da sacola.

- Mas ainda tem a mesma graça, irmãozinho chato. – Clara bagunçou o

cabelo dele e o beijou na testa. Um pouquinho de batom ficou sobre o cenho e ela passou a manga da jaqueta para limpar. – Então, como estão as *gatinhas*?

- Gatinhas? – Matt parou e franziu o cenho que ainda tinha um resquício de batom do beijo dela. – O quê papai andou te dizendo novamente?

- Nada. – ela desconversou, pegando uma maçã que brilhava de tão vermelha, colocando-a na sacola com os kiwis. Matt fez careta, pegou outra sacola e colocou a maçã dela.

- Papai tem que parar de fofocar para você. E você começar a ser mais organizada - ele disse, levando o

carrinho para dentro de um corredor abarrotado de cereais do supermercado.

- Não faz assim, eu tenho você para isso.

- Tá bom, vou acreditar...

- Só porque não estou indo com frequência te visitar não significa que esqueci vocês dois.

- Eu sei que não. – Matt abaixou a voz. – Mas às vezes papai fica chateado porque você não está lá.

Clarice bufou.

- Ele está melhor. E é melhor para nós três. Papai sabe que daqui alguns meses você está indo para faculdade e vai ter que ficar só.

Matt tinha dezesseis anos e era pura

graça em um só garoto. Era lindo, como adolescentes raramente eram, tinha uma pele limpa e clara, a cor do cabelo era um pouco mais escura do que a de Clarice, mas tinha o mesmo tom de loiro. Costumava se vestir como um lorde inglês, com pulôver e casacas, às vezes era tão engraçado que Clarice se punha a rir e ele ficava uma fera. Mas ela o amava. Amava como ele se vestia e como assumia uma maturidade muito além do que era para ter, até parecia que ele era o irmão mais velho, não ela.

Mesmo novo, já havia sido aceito na universidade e tudo o que mais queria estudar era administração de empresas. O orgulho dela por ele era imenso.

Ele se virou e apontou aqueles olhos verdes com um brilho dourado para ela:

- Acha mesmo que ele vai ficar bem naquela clínica?

- Foi ele que quis, meu bem. – Clarice passou a mão no ombro dele, confortando-o. – Se quisesse, ficaria em minha casa, mas a ideia partiu dele mesmo.

- Eu sei. Mas tenho medo de que ele fique sozinho.

- Não vai. – Clarice sorriu, passando a pouca confiança que tinha ao irmão. Era sempre bom contar com aquele pedacinho de gente que agora estava ficando mais alto do que ela.

Ele pegou duas caixas enormes de

cereal e jogou no carrinho.

- Que tal vir comigo para o escritório essa semana? Está de férias de verão e uma ajudinha na organização seria bom.

Matt deu risada e seguiu para o outro corredor, pegando alguns congelados.

- Eu sei que está morrendo de saudade de mim, mas não precisa exagerar.

- Minha nossa, quanta presunção Matthew. – Clarice resmungou, sabendo a próxima reação dele. Matt virou o rosto e a fuzilou com o olhar.

- Não me chame assim.

Clarice bagunçou o cabelo dele novamente.

- Eu te amo engomadinho, agora

vamos logo com isso que estou morrendo de vontade de comer sua macarronada.

- “Macarronada” soa aos meus ouvidos como macarrão e salsicha, e não um Fettuccine com salmão.

Clarice não conseguiu segurar e caiu na risada, atraindo os olhares das duas pessoas do corredor.

- Daqui a pouco vai começar a falar com sotaque inglês. – ela sussurrou para si mesma, mas ele ouviu. – Tudo bem, desisto. Vamos voltar às *gatinhas*.

- Ah não, Clara. – ele gracejou, apressando o passo para longe e levando o carrinho consigo, propiciando a ela mais uma chance de tornar aquela

situação uma piada.

- Não sei porque a resistência em me confidenciar seus romances, Matt! – falou a ele, antes dele dobrar e sumir dentro de outro corredor, a deixando para trás.

Clarice ajeitou a postura e soltou um ar animado, ainda embalada pelas risadas. Ela adorava ficar com os dois, mas o escritório tomava muito do seu tempo para isso, por isso seus domingos eram todos deles.

Seu pai e Matt viviam em uma linda casa próxima do rio, que ela mesma havia projetado, e do jeito que sabia que o pai gostaria.

Seu pai tinha um problema mental

leve, acometido há anos, e que hoje estava bem melhor com toda medicação e cuidado que os dois tinham com ele. Na maioria das vezes ele agia normal, um pai protetor e afetivo, Clarice o amava muito também, e seu orgulho por ele era ainda maior quando olhava em seus olhos e via o quanto ele passara para que chegassem ali.

Era um sentimento tão intenso que parecia fluir dentro dela como as batidas de seu coração, intensas e rítmicas, fortes e constantes.

Clarice era muito feliz por ter eles, e sabia que eles também eram por tê-la.

- Ele tem uma namorada. – a voz grossa de Miguel a pegou de surpresa. E

de surpresa mesmo, pois Clarice levou um susto a ponto de tirar seus dois pés a uns bons três centímetros do chão.

- Mas o que... – sussurrou, se virando para ele.

- Seu irmão está com vergonha de te dizer. – Miguel olhou nos olhos dela, exibindo seu misterioso olhar negro que agora estava com uma pitada de divertimento.

Ela balançou a cabeça, confusa.

- O que diabos está fazendo aqui?

- Compras. – falou rapidamente, balançando um saco de açúcar entre as mãos. – Este é um supermercado, seria estranho se eu estivesse fazendo qualquer outra coisa.

Clarice estava com as sobrancelhas franzidas, não acreditando no que estava vendo. Miguel Walker, um gênio da tecnologia e bilionário, estava no supermercado no bairro da casa de seu pai comprando açúcar.

Aquela ela não estava caindo.

Ela engoliu saliva e quebrou o silêncio, querendo se distanciar dele. A memória do dia anterior estava mais fresca do que nunca em sua mente e ela não pretendia esquecer aquela rejeição memorável.

Mas o que falou em seguida não era muito bem o que pretendia dizer.

- Açúcar? Para quê precisa de açúcar?

Miguel franziu o cenho, abrindo um sorriso amistoso, como se nada estivesse em pendência entre eles, e não respondeu, deixou a pergunta pairando no ar.

- Eu tenho que ir... – Clarice falou apressada, tentando dar passadas largas para qualquer lugar que ficasse numa distância aceitável dele. Sua bota de couro bateu firme no piso plano do supermercado, mas não foi muito longe, a mão dele em seu antebraço a parou.

- Sinto muito. – falou ele, esperando que ela voltasse o olhar para o seu. Soltando o antebraço dela e dando um passo para trás, como se dessa vez ele é quem precisasse se afastar. Passou a

mão livre pelos cabelos negros espessos e esperou.

Clarice se virou para ele e deixou os braços penderem ao corpo, esfregando a mão direita subitamente suada na calça jeans.

- Sobre ontem? Esqueça.

- Não. Eu precisava ao menos ter avisado que iria viajar às pressas.

Ela olhou para ele e respirou fundo, e por mais que acreditasse no que ele havia acabado de dizer, um sininho começou a tocar lá dentro dela. Clarice estava se arriscando demais só em sentir seu peito trotar ao chegar perto de Walker.

- Desculpas aceitas. – disse a ele,

dando um passo para trás e olhando sobre o ombro, a procura de Matt.

- Seu irmão?

Ela concordou com a cabeça, voltando à atenção para ele, que deu um passo pequeno e hesitante a frente.

- Eu quero te convidar para outro jantar, Clarice.

- Eu... — Aquela pequena proximidade fez com que os olhos negros dele brilhassem ainda mais, e ela percebesse. Não sabia se era por causa das luzes difusas do ambiente ou porque achava que aquele brilho escondia mais do que deveria.

- Mas eu não posso.

Clarice ficou estática com o que ele

falou, mal conseguindo respirar por causa do olhar que ele lançava. Ela se obrigou a abaixar a cabeça e olhar para os pés dele, pois apesar de estar tudo muito intenso, iria acabar com um torcicolo. Ele era alto e ela tinha que arquear o pescoço para alcançar a visão completa.

Mas fazer essa pequena manobra com o olhar não foi tão benéfica quanto ela queria. Miguel estava vestido informalmente, com uma jaqueta de couro por cima de uma camisa preta e um jeans que até parecia surrado, calçava uma bota pesada que dava a impressão que ele era um daqueles homens despojados, mas muito bem

resolvidos consigo mesmos. Seus cabelos negros estavam bem penteados para trás e as mechas brancas sob as têmporas perfeitamente alinhadas.

Ela tentou ficar paradinha e não alertá-lo o quanto sua aparência a afetava.

- Sem problemas. Sei que você é um homem ocupado, e deve ter...

A mão dele veio sem aviso até o queixo dela, puxando o rosto de Clarice para que ele pudesse a ver. Pudessem ver aqueles olhos castanho-dourados.

O coração dela parecia que queria sair pela boca e nem percebeu que começou a tremer.

- Eu não quis deixá-la sozinha

naquele restaurante. Eu nunca vou querer que fique só.

E por causa daquele toque, ele havia se aproximado mais, e ela podia sentir o peito firme e grande dele a poucos centímetros. Clarice até tentou recuperar sua postura e encará-lo do jeito que ele estava fazendo, mas não conseguia.

- Está tudo...

- Você é tão linda, tão doce. — sussurrou Miguel, trilhando a mão do queixo dela e indo devagar para o pescoço, um toque suave que reverberou por cada cantinho dela. E dele também.

O peito dele estava retumbante, e ele queria avançar mais, queria tê-la. Tocá-la em cada centímetro possível. Abraçá-

la e pousar o nariz naqueles cabelos loiros, e experimentar o aroma que sabia que só ela teria, mas que para si era proibido.

Clarice, de tão inebriada com o calor repentino daquele toque, levantou ainda mais o rosto para ele e fechou os olhos, apaixonada pela sensação da pele dele na sua.

- Experimente minha doçura, então. — falou tão baixo que se ele não estivesse tão próximo não seria capaz de escutá-la.

Ela queria aquilo.

Queria aquele homem tão ensandecidamente que não foi capaz de apagá-lo de seus sonhos nem mesmo

após aquela noite humilhante.

Miguel ouviu as palavras saírem da boca dela como uma maldição. Tudo o que ele mais ansiava estava a centímetros. Os lábios rosados e cheios chamando seu olhar e desejo, que estava se afluando tão rápido que por um segundo ele achou ser impossível recuar.

Mesmo assim, conseguiu.

Deu um passo para trás, tirando a mão do rosto dela e colocando-a no bolso da calça. Miguel estava sem palavras, não sabia se seria possível dizer algo plausível a ela sem que a machucasse ou a fizesse se sentir mal por aquela recusa. Sua sorte foi quando

Matt apareceu pelo corredor, com o dobro de conteúdo que tinha no carrinho quando saiu, abrindo um sorriso e se aproximando de Clarice.

- Clara, já terminei. Podemos passar no caixa e irmos.

Ela ainda ficou parada, olhando para Miguel os segundos nos quais durou até Matt alcançá-la. A dor da rejeição que ele não queria que ela sentisse sendo substituída por um sentimento diferente. Ansiedade.

- Claro. – ela virou o rosto para Matt, abrindo um sorriso incerto e colocando os braços pelos ombros dele.

- Nossa, você é bem mais alto do que parece nos jornais. – Matt exaltou,

abrindo uma expressão de surpresa em direção a Miguel.

Clarice riu.

- Acho que já conhece Walker. Walker, esse é meu irmão Matt.

Matt logo foi levantando a mão para cumprimentá-lo, que retribuiu o aperto de mão e abriu um sorriso amigável.

- Então, gosta de videogames? – Era praxe alguém conhecê-lo por suas marcas de games e aparelhos eletrônicos, mas o irmão de Clarice era diferente.

- Não gosto muito. – Matt admitiu para o homem. – Mas vi que sua nova parceria com a Gate Company foi genial.

- Sophie Gate é ótima para se fazer fusões. – ele riu, voltando seu olhar para Clarice, que estava sem ter em quem fixar seu olhar.

- E é linda.

- Matt! – Clarice sussurrou.

- O quê? Há pouco estava me perguntando sobre namoradas.

Miguel riu dos dois.

- Ela é mesmo, mas o marido é insuportavelmente ciumento. Gosta de ler a coluna financeira?

- Sim. Uma vez até me apliquei para seu sistema interno de jovens administradores de finanças, mas era muito novo e não consegui a vaga.

- Posso ver isso para você, caso

ainda estiver interessado...

- Não precisa se incomodar, Walker.
- Clarice o interrompeu, lançando um olhar significativo para o irmão.

- Eu estou interessado. – Matt abriu um sorriso de orelha a orelha.

- Matt, querido, o Sr. Walker é o CEO e não chefe da sessão de pessoal da empresa. Posso ir com você amanhã e entregar o formulário para a aplicação.
- se virou para ele, começando a ficar nervosa.

- Tudo bem. – Matt respondeu, passando a mão no suporte do carrinho de compras.

- Eu insisto. – Walker falou, dando um passo até eles. – Você me parece um

rapaz bastante inteligente, e gosto de ter gente assim trabalhando para mim. Venha à empresa pela manhã e posso até mesmo te dar um tour pelas salas de operações. Clarice, venha com ele.

- Nós não...

- Eu *insisto*. – ele repetiu. - Vou adorar ter sua companhia.

Matt trocou o olhar entre os dois e apesar de não ser capaz, quis abrir ainda mais o sorriso. Ela olhou para Miguel, que retribuiu o olhar com satisfação.

- Eu adoraria. – respondeu sincera. – Mas...

- Ah não, Clara. Por favor. – pediu Matt, pegando na mão dela e apertando-a.

Miguel quis poder fazer o mesmo.

- Eu tenho uma reunião importante amanhã pela manhã. Sinto muito. – e ela sentia mesmo. Sabia muito bem que Matt adoraria passar alguns minutos que seja com um dos homens mais bem sucedidos na área empresarial do mundo.

- Eu posso deixá-lo amanhã lá. – O rosto de Matt se animou.

- Perfeito. – Walker disse, lançando um olhar cúmplice para ela, que abriu um sorriso, fustigada a fazer isso porque, minha nossa, aquele homem era muito lindo!

O celular de Clarice começou a zumbir em seu bolso da calça.

- Deve ser papai. – Matt falou. – Eu

vou passar as compras logo. Muito obrigado senhor Walker, nos vemos amanhã.

E saiu com passos rápidos até o caixa rápido do supermercado, deixando Clarice atordoada ao lado de Walker novamente, e com o celular tocando no bolso.

- Não precisava fazer isso. – Clarice desatou a falar, colocando-se a andar pelo corredor. Miguel começou a segui-la.

- Quando eu tinha a idade dele tudo o que queria era uma oportunidade. Não estou fazendo nada demais.

- E eu realmente aprecio que não esteja. Olhe, eu... – ela parou, próxima a

saída do corredor e se virando para ele. Passou a mão no cabelo, vendo que a cada olhar que dava para ele seu cérebro começava a rodar uma nova sequência de cenas bem imaginativas. E em consequência disso, as palavras voavam em direção ao desconhecido, e ela ficou ali, parada, sem saber o que dizer. – Obrigada.

Ela não sabia se era pelo toque que havia estimulado-a tanto que ainda a fazia se sentir trêmula ou por causa de Matt.

- Não agradeça.

- Eu espero que não tenha feito isso por Matt por causa do bolo que me deu ontem à noite. Não foi muito bom, mas

não precisa se incomodar em perder sua manhã com...

- Não vou, acredite em mim. Eu quero que me ligue amanhã assim que deixá-lo na corporação.

Ela balançou a cabeça, concordando dubiamente. Miguel olhou para Matt que estava terminando de passar as compras.

- Ele é um bom garoto.

Clarice sorriu.

- Eu sei.

- Espero vê-la amanhã, Clarice. Seria um prazer para mim.

Confusa, ela continuou encarando-o, achando um modo de penetrar aquela cabeça e tirar de lá todos os pensamentos que ele estava tendo dela

neste exato momento, pois sua expressão era mais do que sugestiva.

- Eu te ligo. – falou, dando um passo para frente. Matt havia terminado de passar as compras e estava a espera dela para pagar. – Eu tenho que ir.

Ele fez que sim bem levemente com a cabeça e olhou-a ir até o irmão e quitar as compras, mas não esperou que ela terminasse e voltasse para seu lado para que a conversa continuasse.

Miguel não sabia o que estava fazendo, estava agindo por impulso e estava se prendendo cada vez mais naquela mulher. Ela o atraía, e o fazia consentir e dizer coisas que normalmente não diria, e muito menos

propria.

Quando Clarice procurou Miguel, passeando seu olhar por onde estava há pouco, não o viu mais lá. Ele havia ido embora.

Guardou o cartão de crédito na bolsa e pegou algumas sacolas da bancada, mal sentindo o peso das frutas frescas nas mãos. Saindo do mercado, Matt perguntou de Miguel, e ela apenas respondera que ele havia ido. Seu irmão estava animado demais para notar que aquela saída repentina de Walker deixara uma impressão ainda mais obscura nela.

Ele não era um homem normal, disso Clarice tinha certeza. Mas ele era

misterioso, tanto que ela sentia que seria incapaz de perfurar aquele casco e conseguir que algo pudesse sair dele.

- Estamos saindo do estacionamento, pai. – Matt explicou ao telefone. Clarice entrou no carro e esperou que ele entrasse.

Virou seu rosto para o lado e viu que uma moto negra e alta estava ligada, parada um pouco a distância de seu carro e com os faróis baixos, como se não quisesse chamar atenção. Não estava tão escuro, mas a chuva e as nuvens lá fora deram um aspecto bem obstruído de iluminação.

A pessoa que estava em cima olhava para eles discretamente pelo capacete

também negro e com a viseira bem abaixada. Quando Clarice deu partida na sua Mercedes, dando ré para poder sair do estacionamento, a moto avançou com toda velocidade em direção à saída, o motor urrando potência, como se estivesse esperando um sinal dela. Um sinal de que ela estava *saindo*.

Clarice franziu o cenho, alarmada pela aquela visão a princípio, mas se conteve, não parecia ter sido nada. E preferiu manter isso dentro dela.

Após o jantar na casa de seu pai, ainda ficou por lá um bom tempo, relaxando e aproveitando a sensação de lar que sempre sentia ao estar junto dos dois. Ela ficou deitada em uma

espreguiçadeira à grama baixa, olhando Matt e seu pai lançarem iscas para peixes inexistentes no pequeno lago que rodeava a extensa propriedade. Quando as nuvens se dispersaram o suficiente para que ela notasse a lua bem lá em cima, resolveu ir para casa.

Foi um domingo como outros, e, ela adorava a sensação rotineira de felicidade permanente. Era este mesmo sentimento que a incumbia de tentar avisar a si mesma do perigo que corria ao se ter perto de Miguel, mesmo que daqueles modos efusivos e inesperados dele.

Clarice o havia visto três vezes, e elas foram o suficiente para despertar

não só desejo, mas curiosidade.

**

Ela clicou no número tentando fazer com que seu coração batesse um pouquinho mais devagar.

- Walker. — ele atendeu no segundo toque, e apesar da voz grossa e firme ao dizer seu nome, sabia muito bem que era Clarice.

- Estamos aqui em baixo. — tentou soar o mais tranquila possível.

- Por que não vieram pelo saguão principal?

- Estou um pouquinho atrasada e já pedi para que Matt subisse. Ele deve

estar chegando ao seu andar agora, espero que não se importe de eu tê-lo mandado até aí.

Ela ouviu um som não muito claro de teclas ao computador e depois de uma cadeira sendo arrastada pelo piso de mármore.

- Não quer subir? – ele perguntou com uma voz mais suave do que há pouco, e mais baixa.

- Eu realmente preciso ir e não...

- Se estivesse tão atrasada assim já teria saído do meu estacionamento – Miguel disse a ela, com certo tom de divertimento. Tanto por saber disso quanto por ter certeza que ela estava se esquivando... dele. E ela estava.

Havia decidido que não poderia mais vê-lo, pois não queria que nada saísse além do que já havia saído. Clarice começou a imaginar o que a interação entre os dois poderia resultar e concluiu que poderia vir a ser bem pior do que a noite humilhante do jantar não acontecido.

E se ela não queria passar por uma experiência daquelas novamente, imaginar pior estava começando a realmente deixá-la temerosa.

- Eu não poderia falar ao telefone se estivesse no trânsito – falou baixinho, pois aquela era a pior desculpa que já dera. – Sinto por não poder subir, Walker. E obrigada por ter dado essa

manhã a Matt.

Ela falou, mas ele não respondeu. A linha ficou muda por alguns segundos e ela chegou a pensar que ele havia desligado.

- Clarice – o nome dela soou quase que definitivo. Ela fechou os olhos em reação. – Está me evitando ou é impressão minha?

- Eu só preciso ir... – respondeu a ele em um reflexo rápido, e por isso sua voz se mostrou meio ansiosa. Era assim que ele a deixava.

- Você sempre quer ir a algum lugar quando estou com você.

- Mas você não está comigo...

- Está tudo bem. – disse Miguel, sua

voz voltando à firmeza inicial. Pareceu até gélida por um instante. – Eu vou cuidar de seu irmão.

Por causa do tom de voz dele, ela pareceu não saber muito bem o que dizer e acabou hesitando além da conta, ficando sem ter o que falar.

- Me ligue se Matt precisar de... – E a ligação caiu.

Clarice franziu o cenho em reflexo e olhou para a tela do aparelho.

- Ele não pode ter desligado... – ponderou seriamente. Bufou e acabou largando o celular na bolsa, saindo do estacionamento e indo para o escritório. Ela sabia que estava atrasada e que a reunião só começaria com ela, o que

nesse caso a deixaria bem desconfortável ao chegar.

Clarice nem estava pensando nisso.

**

Os aplausos do grupo de reunião daquela manhã a alertou de que o projeto estava estupendo. As luzes se acenderam em seguida e os dois contratantes representantes correram para parabenizá-la.

- Está muito melhor do que esperávamos, senhorita Hope. A implantação inteligente da acessibilidade na empresa, e de uma forma tão prática e estética ficou ainda

mais acurado que achávamos que ficaria.

Rose chegou bem na hora, auxiliando o outro parceiro com algumas dúvidas básicas.

- O que acha de irmos almoçar e terminarmos isso pelo almoço? – perguntou Lourde, uma das representantes, animada.

- Acharia ótimo. – ela concordou, pedindo para que Rose assumisse com os dois e, foi verificar seu celular para ver se Matt havia dado notícias, mas nada. Já passava do meio dia e ele não mandara nem ao menos uma mensagem.

Prevendo que esse almoço aconteceria, Rose havia feito reserva em

um restaurante ótimo bem perto do escritório e que, particularmente, Clarice tinha muito apreço, pois a comida era maravilhosa assim como o serviço.

O almoço correu tranquilamente, como era normal em negócios assim: Grandes, mas de fato, simples. Aquela conta não era a maior que fechara no mês, mas iria dar um bocado de trabalho para ela e sua equipe.

Os dois representantes acabaram tendo que sair às pressas antes da sobremesa, o que para ela não foi tão ruim, pois gostava de comer sozinha. Mas não foi o que aconteceu naquele dia.

Seu celular tocou cinco minutos após os dois representantes terem saído do restaurante.

- Matt? – ela perguntou, já sabendo que era ele. – Onde você está?

- Estou no seu escritório, mas Rose disse que saiu em um almoço de negócios. Está no Clarity? – Ele sabia muito bem onde ela gostava de ir.

- Sim.

- Estou chegando. – ele falou, e não demorou muito até que um Maybach Landaulet parasse em frente ao estabelecimento em que ela estava e Matt saísse de lá de dentro, com um sorriso enorme no rosto, cumprimentando o motorista que deveria

ser da empresa de Miguel.

Matt parecia que estava chegando de um dia em um parque de diversão e não em uma empresa multinacional. Clarice pôde vê-lo muito bem de onde estava sentada, pois o restaurante tinha uma extensa parede de vidro que dava para a calçada e uma linda área exterior, que ela costumeiramente preferia ficar. Mas o dia ainda estava meio nublado, e seus companheiros preferiam o ambiente seguro e seco de dentro.

- Clara. — Matt disse, chegando até ela alegre e dando-a um abraço apertado quando ela se levantou para cumprimentá-lo.

- Nem preciso perguntar para saber

que foi incrível. – ela destacou, observando-o se sentar.

- E foi mesmo!

- Conseguiu a vaga que queria?

Ele balançou a cabeça negativamente, mas sem tirar o sorriso do rosto.

- O senhor Walker me deu uma vaga de estagiário no departamento de finanças.

Clarice começou a ficar agitada, e nervosa.

- Matt, você estuda, não pode estagiar agora. As férias de verão logo acabarão.

- Não, espera. – Matt falou, cortando a repreensão dela. – Vai ser só meio período. Walker me disse que como

minhas notas são excelentes e já que estou matriculado na universidade, gostaria que eu pudesse fazer parte da empresa dele mesmo que por pouco tempo.

- E como ele soube que já foi aceito?
Disse a ele?

Matt soltou uma risada meio sem graça.

- Essa foi a parte mais legal, Clara. O cara é um gênio. Ele me mostrou a sistematização tecnológica pessoal dele. E minha nossa! Era enorme. Toda cheia daqueles numerozinhos verdes que nem em *Matrix*.

- Meu bem, eu sei que você adorou, mas não acho que o papai...

- Já falei com papai e ele concordou, e, além do mais, eu já aceitei.

- Poderia ter falado comigo sobre isso primeiro. – Clarice reclamou, olhando bem para os olhos dele. – Não estou gostando dessa história, Matthew.

Ele fez uma careta e retribuiu o olhar para ela.

- Não é nada demais, não precisa ficar tão suspeita assim. Era o que eu queria e mais ainda. Ah... E ganhei vários vídeos games.

Clarice bufou e levantou a mão para pedir a conta, não sabia realmente como se sentia sobre toda aquela situação. Seu irmão trabalhando para Walker, que era um homem estranho e perturbador, havia

recusado seu projeto e a dera um bolo em um encontro. E ainda aparecia do nada em um supermercado dizendo que queria, mas não podia convidá-la para jantar novamente.

Raios, os neurônios dela poderiam estar muito bem fritados naquele instante!

- Diz que aprova, por favor. Sabe que é importante para mim.

- Eu não tenho que aprovar nada, Matt. Papai concordou então por mim tudo bem. Só não quero que fique esnobe por causa desse passeio com Walker.

- Ele saiu de uma reunião para me levar pela empresa, sabia? – Matt riu,

vaidoso por aquele fato.

Clarice assinou a nota do cartão de crédito e olhou para o irmão, ciente que aquilo havia significado o mundo para ele. Tomou um lufo de ar e olhou para os olhos grandes de Matt, mal percebendo as sobrancelhas loiras todas desarrumadas.

- Eu aprovo tudo o que lhe fizer feliz, irmãozinho chato! E é por isso que vou lhe dar um carro para que não precise ir e voltar de táxi.

Ele arregalou os olhos.

- Eu já havia lhe dito que precisava de um. Que tal irmos à loja amanhã? Tenho um tempinho pela tarde e podemos...

Matt se pôs de pé e foi para o lado dela dar beijinhos em sua bochecha, o que para idade dele não pareceu muito apropriado, mas ela não ligou, pois estava muito divertida pela situação.

- Você é a melhor irmã do mundo.

- Sua única, também. — ela riu. — Estamos fazendo uma baita de uma cena aqui dentro. E eu preciso trabalhar!

Matt tentou se sentar de volta, mas acabou muito agitado de excitação para ficar quieto. Clarice decidiu deixá-lo em casa e no caminho planejaram tudo para o dia seguinte, o coração dela se aquecia quando o via daquele jeito.

A semana fluiu calma e rotineira como sempre. Seu ex-noivo até tentou

entrar em contato, mas ela o despachou educadamente pela ligação. A relação dos dois já estava acabada e encerrada, ele precisava entender isso.

Clarice planejou aquele almoço com seu pai, Rose, Lucas e Matt, que acabou acontecendo no domingo seguinte e foi uma maravilha.

Não que ela realmente esperasse por algum contato com Miguel, mas ele não apareceu e ela nem ao menos o viu. O que não era incomum, já que eles não passavam de desconhecidos um para o outro.

Na semana seguinte, viu uma manchete que dizia que ele estava na Rússia, em uma grande abertura

empresarial de alguma coisa que ela não realmente prestou atenção. Estava mais focada na foto dele com uma linda russa loira, dos cabelos quase brancos, que estava bem abraçada a ele, com o corpo de modelo, alto e magro – diferente de como ela era.

Clarice era toda curvilínea, tinha seios generosos e um quadril bem estilo violão. E apesar de ter um pouquinho mais de bunda do que gostaria, era magra. Sua barriga era lisa como uma placa uniforme e ela corria bastante justamente para mantê-la.

Ela fechou o laptop e voltou para sua televisão, entediada com o seriado de drama que estava passando na TV e

realmente começando achar sua solteirice bem triste. Era linda e atraente, mas estava jogada no sofá como se esperasse que o homem de suas fantasias noturnas batesse a porta em sua procura.

Isso não aconteceria, ela pensou, se repreendendo.

Mal sabia ela que não aconteceria mesmo, mas a força de vontade por trás disso era tanta que havia obrigado Walker a procurar refúgio de alguns dias em sua cabana de inverno, no norte da Europa.

Ainda assim, o olhar dele nela estava tão atento quanto ele estivesse dentro da casa dela.

Miguel não conseguia parar de vigiá-la, de ter cada minuto do tempo dela a seu olhar e de saber tudo o que ela fazia.

Clarice não estava virando uma obsessão para ele. Já havia virado.

E só ele sabia o quanto isso poderia ser perigoso.

CAPÍTULO 4

*Ele remexe em tua alma como pianista nas
teclas*

- Rose, eu preciso de um encontro. — Clarice assumiu, puxando a amiga e assistente para dentro de seu escritório pessoal. A noite havia chegado novamente, e Clarice precisava de uma

distração.

- Como se eu pudesse te ajudar... – ela riu, passando a mão na barriga.

- Ah! Por que foi casar logo tão cedo?

- Você está na seca, não é? – Rose riu da cara da amiga.

- Completamente. – Clarice assentiu, sem vergonha. Depois de Aurélio, não teve nenhum homem no qual ela se interessasse, além de Walker. – Com a noite humilhante daquele jantar com Walker não quero mais encontros assim, estou me negando eles. Quero algo casual, um homem por uma noite, só isso.

- Já faz o quê? Uns cinco meses?

Clarice bufou.

- Seis.

Rose caiu na gargalhada.

- Daqui a pouco minha menina vai nascer e você ainda vai estar aí...

- Rose! Apenas pense em alguém. Um cara bacana que você conhece e que não gosta de jogar papo fora.

- Minha nossa, você está bem necessitada mesmo! Por que não vai a alguma boate? Dance um pouco, ache um cara bonito e...

- Pode até ser uma boa ideia. — resmungou para si mesma. Ela não costumava ir a boates porque geralmente estava cansada depois do dia cheio de trabalho, mas hoje a ideia não soou tão

odiosa, e ela até tinha com quem ir.

Glenda, uma engenheira que trabalhava para ela havia sugerido e Clarice acabou ficando para responder depois.

O que sempre resultava em um *não*.

Saindo do escritório ligou para ela e confirmou.

**

Era sexta e a noite estava quente. Clarice saiu do táxi acompanhada por Glenda para entrar no ambiente abafado e ainda mais quente da boate.

Ela estava vestindo um vestido vermelho não tão chamativo, uma cor

mais creme e fechada, o decote era generoso, mas não deixava muito a mostra. Havia uma fenda enorme entre as pernas dela que favorecia muito bem o elemento mistério e era para lá de sensual quando ela se arriscava a dançar no meio da passarela.

- Estou começando a ficar cansada. — ela disse à Glenda, que estava animada e já no terceiro Cosmo.

- Ah não, Clara, você só dançou duas vezes e porque eu insisti. Olha, aquele cara bonitinho olhando para você novamente.

Clarice riu, ele não estava olhando para ela.

- Acho que ele está interessado em

você. – E não era por menos, Glenda tinha os cabelos castanhos com luzes mais lindo que havia visto, e o corpo dela lindíssimo. Dentro daquele vestido apertado preto qualquer homem ficaria de boca aberta.

- Vai lá. E *se* voltar, me traz uma água sem gás, por favor. – ela lançou um sorrisinho com segundas intenções.

A noite era para ser sua, mas não ligava se sua amiga se desse bem primeiro. A vida era assim. Ela riu ao pensar nisso. Glenda foi toda risonha, já meio tonta pelo álcool, e Clarice a viu sair para um canto inacessível ao olhar com o cara.

- Eu acho que você dançou o

suficiente.

A voz de Walker a assustou, mas dessa vez ela não saiu do chão, só do ar. Puta merda, por que aquele homem gostava de fazer isso?

- Sua água sem gás. — ele esticou o braço para ela com uma garrafa de água na mão.

Clarice piscou e olhou para ele fixamente.

- Eu deveria me preocupar sobre você estar ouvindo minhas conversas?

- Sim. — respondeu simplesmente, desistindo de entregar a ela a água e puxando um copo limpo que estava à mesa redonda do sofá despojado onde estavam. Abriu a garrafa e despejou lá,

deslizando com o indicador o copo para o lado dela.

O olhar dela esteve todo e completamente naquele pedacinho do braço que estava por fora do terno dele. Sim, ele estava de terno, e só de perceber aquilo ela ficou bamba.

Miguel estava usando um terno azul marinho, e a camisa também era da mesma cor. Estava sem colete e sem gravata, pois ele os havia tirado antes de chegar à boate.

Ele estava delicioso. E Clarice, pronta para mordê-lo, se não fosse por aquela pequena inconveniência de se ater a realidade.

- Não vai me perguntar o que estou

fazendo aqui? – ele indagou, cruzando uma perna sob a outra e mantendo o olhar negro bem fixo nela. Clarice desviou o rosto e pegou o copo com a água, sorvendo um longo gole.

- Deveria? – quis saber, sinceramente.

- A resposta não a satisfaria, de fato.

Clarice apertou os olhos e levantou uma sobrancelha loira.

- E qual resposta me satisfaria?

- Que estou aqui para fodê-la. Mas não chegaremos a isso.

A água de repente se tornou um espinho para lá de grande que ela não estava conseguindo engolir, por isso começou a tossir. Sentiu Miguel se

aproximar, o corpo dele avançou o espaço entre eles e do nada ele estava a um palmo dela.

- Clarice, o que está fazendo aqui? – perguntou ele, sério, sua voz grossa e tensa ressoando a seus ouvidos mais como uma ameaça velada do que uma pergunta. – Você não veio para dançar. Está aqui pelos homens, não é mesmo?

Ela virou o rosto para o outro lado, incomodada com a subida invasão pessoal e íntima do espaço dela e de suas necessidades. Clarice estava quase para se levantar e sair de perto dele, assim mesmo, do nada. Se ele podia chegar sem aviso, o que a impedia de fazer o mesmo, só que ao oposto?

- Não. – Ele agarrou o braço dela, impedindo-a que se levantasse. – Chega de ir a lugares que realmente não precisa. Eu quero te ver. – A mão livre dele contornou a face dela e a puxou pela lateral do rosto, quase como havia feito no supermercado, só que essa foi bem mais dura.

Mas ela foi rápida. Puxou o rosto da mão dele e seu braço também, qual ele manteve do jeitinho que queria, impedindo-a de se mover.

- O que é isso, Walker? Me solte.

Ainda sério, ele foi afrouxando o aperto até ela estar completamente livre.

- Que maldição acha que está fazendo? – ela o perguntou, exasperada.

– Não pode simplesmente aparecer do nada, falar que quer me comer e começar a me tocar.

- Não falei isso, apenas que seria satisfatório para você.

Ela levantou as duas sobrancelhas, completamente surpresa.

- Está brincando, não? O que aconteceu com você? – ela se levantou, começando a ficar irritada, o que era bem difícil de acontecer.

Walker não pareceu de modo algum afetado. Se reencostou no sofá e olhou para ela, com a cabeça bem inclinada para ter uma visão completa do corpo de Clarice. Ela estava magnífica e ele enlouquecendo por dentro por ela estar

naquele lugar, com aquele vestido minúsculo. Não é como se ele já não a houvesse visto nua, porque já havia visto e guardara muito bem as imagens dela na mente.

Miguel estava começando a ficar insano, e sabia que estava, mas não conseguia se segurar a respeito daquela mulher. Era intenso, incompreensível. E ele queria tê-la como sua mais do que nunca, mas todos os “mas” e “se” de sua vida o impedia disso.

Ele olhou de cima para baixo, contemplando o corte vertical da fenda no vestido vermelho creme dela, vendo as coxas na proporção certa de deixar o quadril voluptuoso e em uma cor tão

suave quanto a cor de um céu limpo. Clarice era branca, mas com aquele aspecto morno de quem gosta de pegar sol, quando este aparecia.

Subiu mais a visão, a cintura bem delineada, fina, dando espaço para os seios generosos e perfeitos para o corpinho pequeno dela. Clarice era linda, e parecia saber muito bem disso, pois usava a seu favor.

O rosto era a parte que ele mais costumava se demorar, não porque era deslumbrante, mas porque os olhos dela o enfeitiçavam. Um tom de dourado brilhante, com se mel estivesse sendo misturado a um turbilhão de estrelas, e ainda sim o brilho seria pouco para tanta

beleza que ostentava. Os cabelos loiros caíam pelos ombros agora meio bagunçados, a boca dela estava livre de batons, e ele até preferia assim, pois o tom natural rosado era lindo.

- O quê? Estava passando pela boate e resolveu parar para me insultar?

- Sabe que não pretendi isso. – ele disse firme, puxando a manga do terno para se ajustar ao pulso. – É o que você e eu queremos. Por favor, sente-se, Clarice. Não vou tocá-la, se deseja assim.

Ela respirou fundo e passou a mão nos cabelos, ele notou que ela tremia suavemente. Era belíssima aquela hesitação que ela tinha. Clarice voltou a

se sentar ao lado dele e puxou a garrafa d'água, enchendo metade de seu copo, desviando olhá-lo nesse meio tempo.

- O que quer? – perguntou distraidamente, olhando para a pista a alguns metros.

- Ver você. Olhe para mim. – pediu Miguel, com a voz baixa. E como se ela tivesse que fazê-lo, olhou para ele quase que instantaneamente. Não pôde evitar. – Eu sei que está temerosa sobre mim, e tem razão em ficar. – Ele foi se arqueando para perto dela, bem suave, só a ponto de fazer com que as pupilas dela se dilatassem ao vê-lo mais perto naquele ambiente semi-iluminado.

- Nós mal nos conhecemos e você

fica falando essas coisas, Walker. Não pode fazer isso. – Clarice falou baixo, querendo poder se aproximar do jeito que ele fazia.

- Eu conheço você, Clarice Hope. Mais do que gostaria.

- Mas não é recíproco.

- Não pode dizer que sou um desconhecido. – ele retrucou, com os olhos exalando divertimento, mas seus lábios continuavam em uma linha firme e sedutora, como se a chamando para experimentar.

Quando percebeu que estava com seu olhar parado tempo demais nos lábios dele, balançou a cabeça e recuou um pouco mais, fechando os olhos.

- Eu não o conheço, mas gostaria. –
ela assumiu.

Miguel abriu um sorriso pela primeira vez na noite, e provavelmente na semana. Sua mente se rebelando contra aquele toque mínimo de animação para com ela.

Ele se aproximou ainda mais, seu ombro tocando o dela levemente.

- Por que veio para essa boate?

Ela deu de ombros, repirando mais devagar.

- Eu queria dançar. É fim de semana e...

- Errado. – a interrompeu. – Essa não é sua resposta completamente sincera. Sabia que essa boate é minha, veio atrás

de mim ou de algum modo de dizer que já superou o jantar qual não pude ir?

Clarice engoliu saliva e parou um instante, percebendo que ele estava realmente falando sério.

- Está fazendo novamente. — ela reprovou, se movendo apenas um centímetro para que o toque dos ombros se quebrasse. — Eu realmente não sabia que essa era sua boate. Glenda quis vir aqui. E eu não lhe devo satisfações.

- Claro que não.

- Então por que a insinuação de que deveria?

- Quer ir conversar em algum lugar mais privado? Meu escritório acima...

- Não. — ela concluiu, encerrando por

imediatamente a conversa. – Eu já estou indo embora.

- Eu a ofendi novamente? – disse ele, franzindo o cenho e levando seu tom de voz a uma nota abaixo.

- Não, eu não me ofendo tão facilmente, mas você é tão obscuro, tão inteligível e ilegível que me deixa nervosa. – Clarice soltou o ar, prendendo metade dele na garganta e prevenindo que falasse mais do que gostaria. – Eu gostaria realmente que esse seu flerte pudesse ter efeito imediato em mim, *se é que isso é um flerte*. Mas, não. E sim, eu ainda estou engolindo o fato de você ter reservado um restaurante inteiro e ter me deixado à

marina dentro dele. – Ela se levantou, pegando sua bolsa na mesinha redonda à frente do sofá e ajeitando a postura, sua voz se manteve leve como sempre ao terminar: - E no processo de humilhação ao te esperar lá dentro, descobri que não havia sido a primeira vez que deixava uma mulher esperando naquela mesma situação.

Clarice abriu um sorriso forçado.

- Não finja que me conhece, porque não é a verdade. Eu não sou o seu tipo de mulher, Walker. E não aja como se não soubesse claramente disso. Obrigada pelo o que fez por meu irmão. Eu te devo uma.

Ela tirou uma nota da bolsa e colocou

na mesa, o olhar voltado para ele mais uma vez antes de sair.

- Para a água.

E se foi, a mente começando analisar o que havia dito a ele e se sentindo arrependida por ter saído daquele jeito e ter deixado Glenda sozinha.

Chamou um táxi e foi para casa.

Miguel a olhou sair, e analisou cada palavra que ela disse em sua mente.

E pela primeira vez, não soube muito bem como processar.

**

- O que tem de errado com você? —
Ethan questionou a Miguel assim que ele

apareceu pela portinhola do quarto privado do jato. – Ainda incomodado com Hope?

- Não estou incomodado, Ethan. Estou mais para perturbado. – Ele foi até o balcão do bar e um servente do outro lado preparou uma dose dupla de uísque para ele.

- Eu te falei que levá-la para cama ia dar trabalho.

Miguel tomou o assento do outro lado do corredor e olhou para a janela, o sol estava brilhante lá fora.

Ele não queria falar para o parceiro que esse era exatamente o problema. Não se tratava apenas em uma noite com ela.

- Esqueça-a. – falou firme, sem olhar para Ethan, que fez um movimento circular com o dedo para o rapaz que estava no bar, pedindo para que saísse.

- Aquelas duas semanas em Kiev não deram em nada. É melhor que seus contatos estejam certos sobre essa informação, Ethan.

- Ela estava lá, Miguel. Sabe muito bem disso, pois viu o que ela lhe deixou. Só chegamos fora do tempo.

Miguel entornou o uísque de uma vez e tentou se controlar para não quebrar o cristal do copo nas mãos. Colocou o copo na bancada à sua frente e fez um esforço para virar e encarar Ethan.

- Eu preciso encontrá-la. Acabar com

isso.

- Sabe melhor que eu que mesmo que mate todos os capangas e sua ex-mulher isso nunca vai acabar.

- Eu posso tomar conta da minha culpa eu mesmo, não preciso de você para isso. – Miguel rosnou. – Eu vou matá-la, Ethan, e quando eu a ver morta em minhas mãos irei poder respirar novamente.

- Ela sabe que você está caçando todos envolvidos, e sabe ainda melhor se esconder. Vou encontrá-la, Miguel, jurei para você, e jurei por Lily.

- Também jurei por ela, e é por isso que preciso terminar como isso logo. Minha filha precisa descansar em paz.

Ao menos isso. – falou Miguel, seu peito se retorcendo em uma dor colossal. Ainda depois de sete anos a dor da perda de sua filha era a mesma, o mesmo gosto amargo que subia a bile e o fazia querer enlouquecer. Mas louco ele já estava, e há muito.

- Clarice Hope o faz lembrar Lily? – Ethan quis saber, com a voz baixa. Sabia que estava entrando em um terreno explosivo. Um passo errado e não haveria volta. Ethan conhecia Miguel demais pra saber disso.

- Não. – Miguel voltou seu olhar para as nuvens dispersas. – O contrário.

O amigo ficou parado, esperando Miguel terminar, havia mais.

- Ela é a única mulher que me faz esquecer.

**

Clarice soltou um suspiro longo.

- Uau! Essa tarde foi difícil.

- Não poderia concordar mais. Me desculpe querida, mas vou para casa. — Rose explicou, levantando da cadeira do bar e tirando da carteira uma nota para pagar seu suco de morango. Clarice estava tomando um coquetel que fez questão de pedir com o dobro do álcool.

- Lucas está me esperando. Não quer vir? Podemos fazer um jantarzinho leve.

- Obrigada, mas também vou para

casa. Visitar o campo de obras hoje foi bem cansativo, e você nem precisava ter ido.

- E me negar um exercício extra? – Rose balançou a cabeça, rindo. - Vai para casa mesmo ou vai aproveitar a noite abafada e ligar para aquele chef com quem tomou um drink final de semana passado?

- É, Leonardo... – Clarice cerrou os dentes, soltando um silvo baixo. – Ele é simplesmente adorável, mas...

- Acho que pelo “simplesmente adorável” podemos acabar a conversa por aqui, não? – Rose riu gostosamente. – Não rolou atração?

- Eu tentei, juro. E olha que estou

precisando de uma noite assim, mas não deu. Acho que ele concorda comigo.

Rose não conseguiu parar de rir.

- Sabe muito bem que o cara está caidinho por você, não vem com essa de que ele só quer ser seu amigo. Pelo menos sei que não é do tipo que fica dando esperanças. – Ela colocou o dinheiro na bancada e Clarice pediu para o garçom um segundo coquetel.

- Ah, Rose. Acho que vou acabar efetivando esse meu recesso de atividade sexual. – O segundo coquetel chegou. – E sabe do que mais? Está tudo bem, não preciso de ninguém. Sou uma mulher forte, independente e...

- Que está ficando bêbada e

deprimente. – completou Rose. – Isso é papo de quem está solteira por falta de opção, o que não é seu caso. Eu sei que dispensou vários caras nestes últimos dias. E sei exatamente do que precisa.

- O que seria isso? – Clarice pousou a taça colorida na boca e sorveu um gole da bebida, que estava mais amarga do que doce. Ela fez uma careta, não era tão chegada em álcool.

- Miguel Walker.

Clarice balançou a cabeça, negando.

- Não, é verdade. Você está caidinha por ele, mas não admite. E está dando para trás porque ele é um ricaço importante e você não gostou da experiência que teve com o ex-senador.

Ela queria poder negar dessa vez, mas ficou bem quietinha com a boca no coquetel.

- Da próxima vez que o ver, agarre-o pelas lapelas e divirta-se. Se não gostar há sempre a chance de arrependimento.

— Rose chegou mais perto dela e sussurrou, só para completar a tortura de Clarice. — Você está parecendo até uma velha, e não uma mulher linda e bem sucedida de vinte e seis anos.

Após Rose ter ido, Clarice foi para casa considerando o que ela havia dito. Até concordava. É claro que não iria sair agarrando a lapela de Walker e outras coisas a mais, mas havia estado com a cabeça mais do que o suficiente

nele.

Ela queria poder se desgarrar de toda a intensidade que aquele homem causava, mas não conseguia.

Clarice estava culpando o coquetel que tomara pelos seus pensamentos estranhos. Ela queria mandar uma mensagem para ele. Mas se decidiu por um definitivo não. Não teria cabimento ela mandar mensagens de texto para um homem quem dissera que não conhecia.

Iria ter que se contentar com suas fantasias, e era só. Até porque sabia que ele não estava na cidade. A última notícia que escutara dele, ele estava planejando uma nova corporação em parceria com alguns países da América

do Sul.

Ela sabia disso porque Matt teve a gentileza de comentar no domingo passado, durante o almoço na casa de seu pai. Clarice havia se forçado a parar de pesquisar sobre ele na internet, até porque geralmente só encontrava o que não gostava de ver.

Miguel era para ela não só um homem obtuso e inalcançável. Assim como provavelmente era para todas as outras, mas essas tinham o benefício de gostar de se envolver com esse tipo de homem.

Ela só queria paixão, e encontraria isso nele, tinha certeza.

A questão era o tipo de paixão que

ela procurava e que residia tipicamente e costumeiramente no depois, sempre no depois.

Se ela já estava apegada agora, o que a impedia de começar a ter sentimentos depois de uma noite com ele?

- Chá gelado, Martin. – Com sua respiração resfolegante e o coração disparado, abriu um sorriso e olhou para o senhor grisalho à frente. Era sexta feira novamente, o sol da manhã estava mais do que quente. O verão estava chegando e parecia que iria tomar seu lugar de direito no céu de Nova Iorque.

A corrida de hoje havia sido em dobro, tudo por causa dos almoços que havia tendo com os representantes

daquela conta que fechara há alguns dias. Ela se sentou na mesinha modesta à frente do trailer de bebidas quentes e frias do Martin e o observou vir animadamente servir o chá.

Ela gostava de parar ali. Sempre que estendia sua corrida e chegava até a barreira do bairro parava no Martin's e bebia algo quente se estivesse frio. O que não era o caso hoje.

- Por conta do senhor da mesa ao lado, Clara. – Martin a serviu e saiu.

- Obrigada. – respondeu baixo para as costas dele. Olhou para a mesa e viu Walker sentado lá, com um boné que cobria metade de seu rosto, sua testa e os olhos negros, lançando uma sombra

leve no restante.

- Está me seguindo? – A voz dela não parecia tão convincente e ela não trabalhava para ser. Ao menos ele não a assustou dessa vez.

Miguel levantou o rosto e suas pedras negras brilharam em direção a ela.

- Eu estava aqui antes.

- Oh! Eu tinha esquecido que mora por aqui. – Clarice bebeu um gole do chá, que estava maravilhoso e bem gelado. – Estranho eu nunca tê-lo visto por ai, não é? Digo, aparentemente eu o vejo quando *lhe* é conveniente.

Miguel esboçou um sorriso pequeno e se levantou da mesa. Ela parou de respirar.

Como as pernas de um homem de quase dois metros cabiam debaixo daquela frágil mesa de plástico?

Ele estava vestido com roupa de correr, sua camisa tinha um U molhado ao peito.

A mão dele tocou na cadeira de frente a ela e ele perguntou:

- Posso sentar aqui? – Clarice meneou a cabeça que sim. O que ela iria fazer? Dizer não em um lugar público?

Depois de ele se acomodar, e ela virar os olhos para dentro de seu copo de chá para não ficar observando o movimento das coxas e dos braços musculosos dele, ele completou: - Eu não sou muito de desculpas, mas acho

que lhe devo uma pela sexta passada.

- Eu achei que você estava na América do Sul – Clarice desconversou, necessitando cortar de vez aquele assunto.

- E estava. Mas não consegui o que queria lá.

- O que acontece quando não consegue o que quer?

Miguel levantou seu braço para a mesa e o repousou lá, ficando confortável na cadeira.

- Tais situações são bem raras. – admitiu ele, chamando sutilmente Martin e lhe pedindo uma garrafa d'água. Os dois ficaram em silêncio por esse breve instante.

- Como você está?

Clarice franziu o cenho e demorou a responder.

- Bem, acredito.

- Você acredita ou está?

- Estou.

- Ótimo, porque gostaria de convidá-la para um almoço. – Ele levou a garrafa aos lábios e bebeu metade dela, esperando por uma resposta e não tirando o olhar de Clarice.

- Você espera que eu aceite? – Clarice ainda mantinha suas sobrelanceiras franzidas.

- Honestamente? Não. Mas um homem tem que ter fé.

- Então não irei desapontá-lo se

disser não.

- Prometo que vou aparecer dessa vez, até porque será na minha casa, a trezentos metros da sua.

Ela largou o copo na mesa como ele fez com a garrafa de água e olhou para o lado, incomodada.

- Não acho que eu ficaria confortável, Walker. Não depois do que falei para você naquela boate.

- Você está certa. Eu não a conheço. Mas pode me julgar por tentar? – ele disse, querendo que ela voltasse o olhar para o seu.

Clarice trambaleou os dedos na haste do copo de chá.

- Você está tentando? – quis saber.

- E falhando, aparentemente. – Miguel pegou o boné o tirou da cabeça, passando os dedos levemente pelo cabelo negro úmido para que ficassem no lugar. Os fios brancos nas têmporas clamaram por atenção até ficarem alinhados. – Almoce comigo, converse um pouco, prometo deixar a porta da casa aberta.

- Não seria mais fácil ter aparecido no jantar e acabávamos com isso de uma vez?

- Fácil, sim, mas acredita que teria sido melhor?

Clarice decidiu ir ao ponto.

- Walker, se quer me levar para cama é só dizer.

Ele soltou uma risada baixa e rouca.

- Não posso culpá-la pela sinceridade. É o que ambos queremos. Mas não acha que antes deveríamos nos dar o luxo de um acerto de contas?

- Seu bolo me rendeu um encontro com o chef. – Ela abriu um sorriso. E o dele se fechou.

- E é por isso que vamos comer na minha casa.

- Eu não disse sim.

Só foi preciso que ele levantasse uma sobancelha. E olhando para o rosto dele, ela notou que estava com barba por fazer.

- Venha a hora que achar melhor, estarei esperando-a.

- Como vou saber qual é sua casa?

Ele se levantou da mesa e recolocou o boné, seu cenho ficando escondido e seu rosto obscuro.

- Clarice – recitou o nome dela devagar, entoando sílaba por sílaba. – Ela vai ser a única com a porta aberta.

CAPÍTULO 5

Querido, me deixaste dois legados: Um legado de amor e os domínios de dor, longos como o mar, entre a eternidade e o tempo, entre o teu e meu pensar.

Clarice quase contou seus passos. Ele morava perto, muito perto. Assim que ela notou a porta aberta da quinta

casa após a sua, quase não conseguiu dar o restante dos passos em direção a ela.

Chegou à calçada e subiu os degraus até a varanda enorme. Ela olhou de um lado para o outro, mas ele não estava ali fora. Precisou bater na porta aberta para poder não ficar muito deslocada nem invadir de uma vez.

Antes de Miguel aparecer, ela deu uma olhada no hall de espera e no pedaço da sala que conseguia ver dali de fora – quase dentro. A casa estava muito bem mobilhada e decorada. Como arquiteta ela aprovava o espaço amplo e aberto da sala que dava para a piscina pela janela francesa de quatro folhas.

- Chegou mais cedo do que eu esperava. – Miguel entrou no campo de visão dela.

- Eu me dei umas horas de folga do escritório.

Ele se aproximou, fazendo-a perceber que seu cabelo preto estava úmido como se ele estivesse acabado de tomar banho. Vestia uma camiseta do Knicks, que esboçava e dava a ela pela primeira vez a visão de *como* ele tinha músculos.

Não era apenas um peito definido e um abdômen sarado, eram músculos verdadeiros que chegavam a ponto de ser salientes e provenientes, saltando pela camisa e tencionando o tecido.

Clarice engoliu em seco e desceu o olhar, o que não melhorou muito a situação, mas ela resolveu-se por tentar evitar dar muitos sinônimos às pernas largas e grossas que vestiam uma calça jeans despojada. E ele estava descalço e muito bem acomodado, Clarice gostou daquilo.

- Eu também. – ele se resumiu, para não dar a ela a versão completa de como era difícil se dar um tempo quando se era CEO de uma empresa bilionária e que precisava de ações e decisões rápidas. Ethan estava cobrindo por ele, e nem imaginava o que Miguel estava fazendo. – O que é isso?

- Torta de morango. – Clarice sorriu

sem jeito, e olhou para o que trazia nas mãos. – Eu não sabia exatamente o que trazer, se é que era para trazer algo.

O brilho no olhar perigoso dele piscou, era quase um sorriso sem o movimento dos lábios.

- Vai ser ótimo. Gostaria de entrar? Ou podemos continuar o almoço aqui na entrada mesmo.

Ela lançou um olhar desaprovador para ele, mas acabou rindo. Ele a conduziu para dentro da casa e ela ficou ainda mais surpresa pelo tamanho e como era iluminado e amplo ali. A parede que dava para um acesso em arco e que ia até a piscina era feita de vidro e estava aberta, deixando o ar

quente e ao mesmo tempo refrescante do dia adentrar.

- É muito bonito aqui.

- Concordo. – ele falou, parando perto da cozinha, que também era um ambiente bem ventilado e aberto, se virando para ela. – Deixe-me guardar a torta na geladeira.

Clarice olhou no rosto dele e entregou-lhe o pacote, seus dedos roçando os dele levemente ao deslizar a torta. Miguel virou e abriu uma das portas da geladeira, colocando a sobremesa lá dentro.

- Eu marinei uma costela e estou assando alguns legumes lá fora. Espero que não se incomode de meu cardápio

simples.

- Eu gosto de simplicidade. – falou. – Eu não o imagino cozinhando, tem certeza de que não comprou a comida e está me enganando?

- Sou um cozinheiro excelente. E ótimo em massas. Não precisa mais sair com o chef Conquesto, é só me chamar.

Clarice levantou as duas mãos a frente do corpo.

- Você me empurrou para ele, apenas aproveitei a oportunidade. – ela disse com certo divertimento. Mas a cara dele se fechou e o assunto teve de ser encerrado ali.

- Vem – pediu ele, tentando não tocá-la enquanto ia para fora ver os assados

na churrasqueira a gás. – Faz algum tempo que não cozinho ao ar livre.

- Você costuma cozinhar em geral, então?

- Sou um lobo solitário, Clarice. Acredite quando digo que na minha cobertura não há mais do que a equipe responsável pela limpeza e uma governanta que ainda não sei porque a mantenho. Quando não cozinho, peço alguma coisa.

- E por que veio morar por aqui? Hillside é bonito, mas não tanto quanto seu bairro de bilionários.

Miguel foi até a churrasqueira e passou o pincel co manteiga no milho e nos legumes frescos. Eles chiaram

baixo.

- Confesso que gosto daqui. Mas e você? Deveria morar por lá também. Seu pai e irmão moram bem perto.

- Como sabe disso? – Ela colocou a mão na cintura, esperando que ele se virasse para olhá-la.

- Sabe meu processo de conhecê-la e falhar? Essa informação está inclusa.

Ela bufou e foi até ele, puxando um banco alto da bancada de mármore próxima e se sentando.

- E onde consegue essas informações? Sabia até que Matt já foi aceito na universidade. Walker, isso não é saudável.

- Isso é verdade. – ele concordou,

levantando o rosto para vê-la. Saiu de perto da churrasqueira e foi até onde ela estava, passando perto dela e indo a uma pequena adega portátil que ele provavelmente havia colocado ali não há muito. Pegou uma garrafa e duas taças nos suportes acima e levou até a bancada.

- Eu sei que você hackeou o sistema interno no meu escritório.

Mesmo de cabeça baixa, concentrado em abrir o vinho, ela conseguiu notar um sorriso pequeno.

- Não posso falar que fiz isso. É crime. — ele brincou, servindo as duas taças de cristal com o vinho branco.

- Exatamente. — Clarice bufou,

pegando a taça que ele entregou a ela.

- Eu não invadi seu sistema, ele estava praticamente me pedindo para entrar.

- Me dê um motivo para não denunciá-lo.

- Posso lhe dar vários. Mas o principal é que você gostou de eu ter feito isso para conseguir seu número de telefone. — ele se sentou a frente dela, falando firme. — E, é normal como futuro contratante de Matt querer informações precedentes.

- Como ele está indo? — perguntou Clarice, querendo de mudar de assunto.

- Seu irmão é um rapaz muito inteligente. Se ele quiser, posso garantir

para ele uma vaga de estágio universitário assim que iniciar a nova temporada.

Clarice meneou a cabeça, em concordância.

Ele se levantou e foi até a churrasqueira, colocando alguns legumes e a costela marinada em pratos e trouxe até ela, que olhou bem para a comida, que pelo cheiro e aparência parecia estar muito bom.

- Onde aprendeu a cozinhar? Isso está muito bom. – disse, espetando uma vagem cozida e levando a boca.

- No exército, talvez.

Ela parou de mastigar e olhou espantada para ele, com o garfo a meio

caminho do prato. Tomou um gole do vinho para que a comida descesse. O rosto dele estava inexpressivo.

- Esteve no exército?

- Inteligência. E por muito pouco tempo. – Aquilo era informação pública, e ele até estranhou que ela não soubesse. O que ninguém sabia era que havia saído de combate por causa de sua filha que havia nascido.

- Você é uma caixinha de surpresas – Clarice riu, terminando seu vinho. Miguel fez menção de servi-la novamente. Ela negou. – Esse é meu limite. Sou péssima com álcool.

Ele repousou o vinho na bancada.

- Percebi que não bebeu na boate,

apesar de ter ido de táxi.

Clarice cerrou os lábios, contorcendo a boca levemente. Ele esboçou aquele sorriso quase imperceptível. Qual era o problema daquele homem com abrir um sorriso decente?

Mas ela não negaria, mesmo assim ele ficava ainda mais lindo.

- Você ficou me vigiando?

- Não. – ele disse devagar. – Meus funcionários me relataram.

- Isso soa até pior. – Ela cruzou os braços, consternada. – Tem costume de fazer esse tipo de coisa com toda mulher?

Ele passou o guardanapo aos lábios e colocou um pouco mais de vinho na sua

taça que ainda estava pela metade.

- Prefiro não responder essa pergunta.

- Então sim. — presumiu ela, erroneamente.

Clarice fora a única mulher na qual essa necessidade de saber tudo sobre havia crescido nele, e por mais que não apreciasse isso dentro de si, Walker admitia que *saber* dela chegava a ser reconfortante. — Eu deveria me assustar? Porque admito estar receosa quanto a isso.

- Sou um homem temível, Clarice. Percebeu isso desde quando nos vimos pela primeira vez. Mas não precisa recear minhas tentativas de

aproximação.

- Sinto muito, mas eu deveria sim. Por que simplesmente não pediu meu número de telefone? Assim não precisaria ter que conseguir ilegalmente.

- E você me daria? – Ele a olhou, querendo notar cada traço de hesitação no rosto dela, mas não foi isso o que encontrou. Os olhos cor de mel, abarrotados de brilho, reluziram e ela nem mesmo precisou responder que sim. Ambos sabiam muito bem o que um causava no outro, admitir que era a parte inexistente.

E não um ao outro, mas a si mesmos.

- Hora da sobremesa? – A voz dela o achou enfiado no meio de

pensamentos que Miguel só poderia considerar autodestrutivos, porque aquela mulher significava isso a ele.

Ele jogou o guardanapo de linho no mármore e se levantou, ela fez o mesmo, com um pouco mais de delicadeza.

- Está um pouco quente aqui fora, se incomoda de comermos lá dentro?

Ele concordou, seguindo a passarela de madeira envernizada próxima a piscina. Estava mesmo quente ali, apesar de a piscina amenizar bastante o clima nada afável, só que Miguel não sentia, só conseguia sentir o turbilhão de calor dentro de si mesmo, e diante disso o exterior passava despercebido.

Os dois entraram na casa e lá dentro

um vento fresco os recebeu. Clarice notou um sistema de ventilação muito bem instalado e deu graças.

Antes mesmo de chegar até a cozinha interior o celular dela zumbiu e ela parou um segundo só para ver quem era. Era Rose. Ela esperou cair na caixa postal e guardou o telefone, na esperança de que não fosse nada importante.

- Sua assistente? – Miguel perguntou, indo em direção à geladeira e pegando a torta que tinha creme em excesso de cobertura.

- Sim. Posso ajudar? – E foi dando a volta na enorme mesa retangular de granito, para bem perto dele.

- Aqui. – falou ele a entregando uma faca de doces pelo cabo. – Vou pegar os receptáculos.

Ela pegou a faca, sussurrando obrigada e erguendo a cabeça pelo ombro para vê-lo pegar os pequenos pratos. Clarice se virou para a torta e a encarou, respirando bem devagar ao cortar dois pedaços grandes. O coração dela estava batendo rápido, e ela não sabia raios do por quê.

E foi quando sentiu um aroma masculino e viril atrás dela que soube o motivo. Miguel estava a um passo de distância às suas costas, e saber disso fê-la perder o controle da respiração.

Obrigando seu corpo a virar em

direção ao dele, ela o encontrou parado com duas colheres de sobremesa e os pratinhos, os olhos se ajustando ao olhar dela assim que ela ficou finalmente de frente.

Ele avançou, mas não do jeito que ambos gostariam. Evitando tocá-la, ele colocou o que tinha na mão à mesa e tomou dela a faca que Clarice ainda segurava e que estava prestes a cair.

- Não quero que se machuque. — explicou baixo, se virando e levando a faca para o suporte ao lado da geladeira tripla. A conexão de aromas e expectativa se quebrou como uma onda suave à costa.

Engolindo em seco, Clarice serviu os

pratos com o pedaço de torta e acabou não se segurando, dando uma colherada por cima do creme e puxando metade de um morango e levando a boca. De costas para ele novamente, ela pegou sua torta nas mãos e deu passos indiferentes para fora da cozinha, chegando à sala e se sentando ao sofá branco e largo que dava em direção a onde almoçaram. Ela podia ver a garrafa de vinho dali.

Clarice percebeu Miguel se movendo por trás do estofado, e vir pelo lado oposto e se sentar não muito longe dela.

- Por que você é um lobo solitário? – Ela virou o rosto para ele, finalmente deixando a pergunta sair. – Você não é tão novo assim, nunca pensou em uma

família?

Miguel retribuiu o olhar dela e não sorriu ou respondeu, ele se aproximou.

- Está dizendo que sou velho?

Clarice abaixou a cabeça e esboçou um sorriso, colocando o doce no braço do sofá e se voltando completamente para ele.

- Eu só estou tentando entender você. Não parece o tipo de homem que troca de mulher a cada noite, mas não é o que os tabloides esboçam.

- Os jornais mentem.

- Eu sei disso. E é exatamente por isso que estou lhe perguntando. Mas não é como se precisasse alimentar minha curiosidade, ou ser sincero...

- A solidão pode ser poética, Clarice.

- Eu não preciso de poesia. – sussurrou ela em reação à proximidade dele.

- E do que precisa?

- Um modo de ver por que está fazendo isso comigo.

- O que estou fazendo com você? – ele pediu a ela, seu pedaço de torta sendo jogado ao chão bruscamente quando ele decidiu que gostaria de sua mão em outro lugar.

- Eu não sei, mas sempre acaba com você se escondendo de mim.

Miguel parou. E recuou os centímetros que avançara. Estava a menos de um palmo dela e de tocá-la, e

mesmo assim aquelas palavras surgiram efeito. Clarice o assistiu hesitar, se afastar e depois retomar os centímetros que se afastara.

- O que está *você* está fazendo comigo? – Miguel perguntou, ciente de que era uma pergunta sem resposta. Suas mãos apertando o estofado, pois queria avançar ainda mais e atacá-la.

- Me toque. – Clarice pediu, parecendo ciente da perturbação que ele sentia. Miguel havia dito que não a tocaria se ela não quisesse, e parecia estar levando a ponta da letra.

Ele piscou e aproximou o rosto ainda mais do dela, a antecipação começando a ferver dentro de seu corpo para fora.

Clarice não o esperou, e deslizou sua mão suavemente para a dele, acima do encosto do sofá. Ele não recuou, parecia precisar daquilo.

Clarice fez mais, um toque não era o suficiente.

Ela se arqueou sobre ele e abriu as pernas, subindo o quadril dele e ficando sentada bem onde queria. Ela fechou os olhos ao fazer isso, ficando mais colada nele e naqueles músculos do que achava que poderia. Clarice era capaz de sentir os músculos tesos das coxas firmes enquanto descia sua mão pelo braço dele, pelos bíceps fortes e rijos, tencionados contra a manga da camiseta.

Tentando se controlar e não ir além

daquilo, abriu os olhos e o olhou pela primeira vez naquela posição privilegiada. Ele era ainda mais lindo do que ela achava. Aquele nariz bem feito e anguloso, assim como seu rosto bem barbeado, seus olhos intensos e sua boca sedutora que ainda estava presa naquela linha firme e atraente.

A outra mão dela encontrou o lado do rosto dele, e os dedos estavam tão inquietos que rapidamente acharam o filete de cabelo branco acima da orelha, e deslizaram por entre eles, os dedos se entrelaçando, roçando o coro cabeludo de Miguel e sentindo a maciez dos cabelos negros e espessos.

O olhar dela estava fixo no dele, mas

Miguel não esboçava respostas àquelas iniciativas.

Clarice queria que ele a ajudasse sentir que poderia ir mais além, pois *precisava* ir mais além.

E foi.

Ela fechou os olhos novamente, respirando baixo e sentindo o aroma másculo invadir suas terminações nervosas. Ela abaixou o rosto, tentando evitar que seu coração saísse pela boca.

Os lábios dela tocaram suavemente os lábios dele, os dedos de Clarice diminuindo o aperto ao cabelo negro.

Miguel correspondeu, sua boca entreabrindo e recebendo a doçura dela.

O beijo foi suave, os lábios se

encostando levemente, os gostos de misturando e a vontade de beijá-la ainda mais crescendo no peito de Miguel.

E de Clarice também, mas ela se afastou, os lábios fazendo um som de beijo finalizado, um gemido baixo irrompendo pela garganta dela porque queria mais, mas não podia.

A respiração dela parou e os dois segundos em que ficou de olhos fechados a milímetros da boca dele, o arrependimento cresceu como um soco em suas entranhas.

Miguel não dissera que queria, e nem ao menos se deu o trabalho de incentivar mais. Ele correspondeu, o que deveria ser um motivo para que a rejeição não

fosse completa, mas ela não sentiu assim.

Clarice se afastou rapidamente, seus pés tocando o chão e seus olhos se abrindo para visualizar Miguel sentado no sofá, as mãos pendidas ao estofado e os olhos negros bem abertos para ela.

- Eu... – Clarice tentou falar, sem sucesso. Engoliu em seco e tentou completar. – Eu não quis...

A bile subiu e sua saliva começou a amargar. O olhar que ele lançava a ela deveria ser reconfortante, mas não era. E ele não tentou interrompê-la quando estava falando em se desculpar por um beijo que os dois pareciam querer.

Ela olhou para a porta que continuava

aberta de decidiu rumar para lá, o vazio do olhar negro de Miguel só fê-la se sentir ainda mais desolada.

Era a segunda vez que ela se sentia rejeitada por ele. E a dor só aumentava.

- Obrigada pelo almoço. – murmurou, desviando o olhar e dando passos em direção à porta.

Clarice estava esperando que ele a dissesse para esperar. Explicasse, ou ao menos tentasse remediar um pouquinho do que ela estava sentindo. Mas isso não aconteceu.

Quando ela chegou ao portal da porta, olhou para rua e depois virou seu olhar para trás. Ele estava em pé, olhando para ela tão intensamente que se

Clarice fosse outra mulher desfaleceria.

Miguel não falou nada. E ela se foi.

Ele ficou um bom tempo encarando o vazio do vão da porta e se sentindo desconstruído, confuso. Uma pontadinha no peito dele o alertou que o que quer que houvesse acontecido ali não fora o certo.

Ele não sabia se havia sido o beijo, a rejeição ou a incapacidade dele de mantê-la perto de si, porque era isso que queria e exatamente por isso que a deixou ir com um aperto no peito.

Seu celular tocou, o visor anunciava que nada poderia ser bom. Era Ethan.

- Interceptamos uma mensagem do time de proteção dela. Ela não está

longe, Miguel. Essa pode ser a chance que teremos de pegar a vadia da sua ex-mulher.

- Onde?

- America Central. O jato já está sendo preparado, podemos ir assim que estiver pronto.

Miguel foi até a guarnição da porta de entrada e a fechou com um rangido surdo.

- Me mande tudo o que conseguiu para meu servidor. Estou chegando à empresa em meia hora. Iremos antes de a noite cair.

- Precisa de alguma coisa? – Ethan perguntou, estranhando porque só iriam no fim de tarde.

- Sim. Eu preciso resolver algo antes de ir. Espere por mim.

- Entendido.

Miguel deslizou a porta do seu escritório e não demorou muito até as seis telas interligadas umas as outras ganharem vida. Afastando a cadeira para o lado, ele só deu alguns comandos e analisou o conteúdo.

Depois da Rússia, que ele só havia conseguido interceptar alguns capangas, aquela informação parecia a mais proeminente. E ele tinha esperanças que ao menos dessa vez pudesse ver a cara da mulher que deu e tirou a coisa mais importante de sua vida.

A foto de Lily apareceu no

background e ele fechou os olhos, tentando se lembrar da última vez a ouvira sorrir.

Mas não conseguiu. Não dessa vez.

O que ele viu foi o sorriso tímido de Clarice quando a perguntou se o achava velho. E depois, o rosto dela, corado e reprimido antes de beijá-lo.

O sabor da boca doce invadiu a mente dele.

Miguel era um homem preso à realidade, talvez por tanto tempo passado em um limbo de incompreensão do destino.

Após ver o corpo de sua filha mutilado e flácido, a morte tendo-a sugado e o mundo ter levado a inocência

que via no olhar dela, ele simplesmente percebeu que o tique-taque do relógio era contínuo, não poderia ir para trás.

Depois de Lily, a esperança se esvaíra de Miguel. Assim como a chance de poder sentir o tempo parar, como ela costumava fazer com que ele se sentisse.

Ele soube que não poderia voltar e corresponder com todo calor o beijo de Clarice, mas teve consciência de que ela seria a única a poder fazê-lo sentir além de o relógio correr avante.

Clarice fizera os segundos de Miguel ficarem suspensos no ar.

E este foi o motivo porque ele também ficou.

- Isso foi tudo, pessoal. O projeto está quase no fim, e nosso prazo está bem folgado. Tirem o restante do dia de folga. – Clarice disse, olhando para sua equipe supereficiente. – Vocês merecem!

Os funcionários soltaram uns silvos de animação e começaram a se dispersar da sala de arte. Ao fundo de Clarice, o projeto animado da construção que estavam projetando vinha e ia com imagens aleatórias de detalhes importantes.

Rose veio se aproximando, e Clarice sabia o que ela ia falar. Deu um passo

em direção ao seu computador sobre a mesa e o fechou com mais delicadeza que precisava. Solto um suspiro e passou a mão no cabelo loiro preso em um coque simples.

- O que aconteceu? – Rose exigiu, colocando uma mão na barriga enorme de sete meses de gravidez.

- Quando vai resolver entrar de licença, Rose?

- Eu estou ótima para trabalhar, o oposto de você. Chegou no escritório toda quieta, resumiu a reunião de arte e cores do projeto e ainda adiou. Nosso prazo é longo, mas você nunca faz isso. Fez isso uma vez apenas e...

- Não. – Clarice pediu baixinho para

a amiga. Ela só queria um tempinho para pensar. Toda aquela situação do almoço de Walker a estava perturbando, e ela se obrigou a voltar para o escritório e trabalhar.

- Precisa ficar sozinha, não é? – Rose parecia conhecer Clarice até melhor do que ela mesma.

- Vou ficar um pouco por aqui terminando alguns relatórios. Peça para minha secretária não deixar ninguém entrar. Se alguém aparecer, estou ocupada.

- Pode deixar. – a amiga respondeu, dando um passinho até Clarice. – Se precisar de alguma coisa me deixe saber, está bem?

Clarice abriu um sorriso.

- Vou deixar sim, barrigudinha. Agora vai para casa porque seu marido deve estar enlouquecendo.

Rose bufou, saindo em direção à porta, seu rabo de cavalo ruivo balançando com suas passadas.

- Não enche!

Clarice sorriu, e a porta a selou lá dentro.

Ela passou a mão em sua saia vermelha, sentindo a fenda na parte de trás abrir quando deu um passo em direção ao telão com o projeto. A sala estava quase escura para que a projeção ficasse iluminada. Ela pegou um controle e começou a passar imagem por

imagem, cada parede, bloco e cômodo criado por ela tomando um pouquinho de sua atenção e conseguindo tirar Walker da cabeça um instante.

O projeto estava lindo, mas ela queria deixá-lo perfeito. Clarice era uma ótima profissional, e rara eram às vezes em que algo conseguia infiltrar naquela carapuça de ética. Fora assim que construía seu escritório do nada e ele não parava de crescer.

Houve batidas na porta. Clarice olhou pelo canto de olho Rose colocar a cabeça para dentro e abrir um sorriso enorme.

- É Matt? Se for, peça para que ele vá para casa, ligo mais tarde para me

desculpar. – Clarice falou, voltando a olhar para o projeto.

- Clara, não é seu irmão.

- Peça para que marque um horário, estou ocupada.

- Eu tentei. – Miguel falou para ela.

Clarice quis praguejar baixo, mas a acústica daquela sala era ótima. Tão boa que ouviu a porta ser fechada lentamente.

O que ele queria dessa vez? Ela não conseguia entender.

Clarice colocou a mão na nuca, seus olhos fechando porque não estava a fim de conversar com ele agora.

- Eu estou realmente ocupada, Walker. Pode ligar para minha secretária

e marcar um horário conveniente.

Ela ouviu os passos firmes dele pela sala. Clarice abriu os olhos e guardou o controle da tela, virando seu corpo e o encontrando caminhando em sua direção. Ele não estava com o jeans e a camiseta do time de basquete nova-iorquino agora, ele estava em um daqueles ternos imponentes de presidente de corporação bilionária. Um terno de três peças sob medida, e que por cima de todos aqueles músculos que ele tinha ficava tão perfeito e sensual que era impossível parar de olhar. Era de um tom de azul escuro e a gravata listrada sobressaía perto do colarinho branco.

Ele desabotoou o botão do paletó que estava fechado enquanto chegava perto dela. Seus olhos negros predadores estavam fixos no rosto e na expressão de surpresa por ele não estar recuando o passo, nem mesmo quando chegou tão perto que um podia sentir o hálito quente do outro.

A mão direita dele subiu possessivamente a lateral do rosto dela, buscando-a pela nuca e trazendo-a para mais perto, sugando o restante de ar que ainda restava nela e ocasionando um gemido baixo.

Clarice subiu suas mãos para o peitoral dele e tentou afastá-lo inutilmente.

- Por que está fazendo isso? – sussurrou.

- Porque eu fui um idiota em não demonstrar o quanto eu te quero.

- Walker...

- Eu te quero, Clarice. Cada centímetro da sua boca, do seu corpo... de você. – Ele roçou os lábios nos dela. Ela fechou os olhos. – E isso me assusta, a proporção desse desejo. – ele admitiu. – Me deixe beijá-la. Me deixe, desta vez, mostrar o que causou em mim.

A mão livre dele desceu pela coluna dela, o corpo dela se encostando ao dele, suas curvas se alinhando a seus músculos.

Ele a queria bem apoiada em seu

corpo, queria envolvê-la por seus braços e tê-la contra si. Miguel esperou as mãos dela cederem à tentativa de afastá-lo, os braços entrando timidamente por dentro de seu terno, abrangendo o abdômen e passando até ficarem grudadas à parte dorsal do colete, absorvendo o calor e a rigidez de seu tronco.

Essa foi a resposta que ele esperava.

Miguel, que estava com a cabeça arqueada para alcançá-la, desceu os centímetros restantes e capturou a boca dela com sofreguidão. Foi um beijo instintivo, e bem encaixado. As bocas se moveram uma sob a outra deliciosamente e ele ainda fez questão

de puxá-la mais para si quando sua língua adentrou o vale de sabor dos lábios dela para explorar cada caminho de prazer.

A língua dela também compareceu, animada e surpresa pela invasão calorosa.

E essa animosidade fez Miguel se exaltar.

Ele a trouxe mais para si e com aquela única mão no inferior das costas dela conseguiu conduzi-la à mesa próxima. As bocas não se largando por um segundo apenas.

Ela se deliciou com o sabor dele, era o gosto de uma fruta cítrica como uma ameixa. Doce, suave, mas agridoce com

um toque de desconhecimento. E essa mistura fazia com que o gosto fosse incansável, ela só queria saborear e nada mais.

Clarice sentiu a superfície do vidro fino da mesa encontrar a parte inferior de suas coxas.

Ele se afastou levemente, dando espaço para que ela respirasse um pouco. Mas sua boca desceu novamente a dela, exalando a mesma necessidade anterior, fome, desejo e vontade de mais.

A mão dele que estava na nuca afrouxou o aperto e ele fez um carinho suave na bochecha dela com o polegar, seus lábios se roçando.

As palavras queriam sair, Miguel queria dizer alguma coisa para ela, mas os dois ficaram em silêncio por um longo minuto. De olhos fechados, apenas sentindo o calor da respiração do outro e esperando que os corações se acalmassem.

- Eu queria você mais cedo – ele falou rente a boca dela, mexendo bem suavemente o rosto para poder roçar seu lábio inferior no superior dela. – E quero você agora.

- Rose está assistindo. – Clarice respondeu, entreabrindo a boca para um beijo suave.

- Eu sei. Reparei nas câmeras ao entrar.

- Podemos ir para outro lugar... – sugeriu ela, subindo suas mãos pelas costas dele para sentir a firmeza.

- Não posso. – Ele levantou a cabeça para poder olhar nos olhos dela, que ela abriu devagar. – Estou atrasado para uma viagem repentina. Eu gostaria que pudesse vir comigo.

- Não. – ela respondeu baixo, fechando os olhos novamente e tentando se desvencilhar daquele abraço apertado, mas só para que pudesse repousar suas mãos no peito dele. Ela abaixou o olhar para suas mãos sob o colete bem preenchido.

- Eu fico. – Miguel sentenciou, surpreso por suas palavras. Clarice

negou com a cabeça veementemente.

- Você precisa trabalhar e eu entendo perfeitamente.

- Gostaria que fosse apenas trabalho.

A mão dele no rosto dela subiu para os cabelos loiros e logo deu um jeito de soltá-los, seus dedos adentrando os fios longos e dourados.

- Por que veio aqui? – Ela levantou o olhar.

- Não podia deixar que continuasse se sentindo do jeito como saiu de minha casa.

- Eu não quis surpreendê-lo com aquele beijo...

- E eu não fiquei. – Miguel roubou um beijinho suave, se demorando no

lábio inferior. – Eu sinto ter agido indiferente. Acho que estava processando a ideia do quão bom é ter sua boca na minha.

- Não precisa explicar...

- Eu preciso fazer mais do que isso, só que não posso agora. – Miguel cerrou os olhos, o músculo de sua mandíbula retesando. – Pode me esperar? Eu prometo fazer valer a pena.

Clarice soltou um ar aliviado, e surpreendido pela proposta.

- Eu estou te esperando há algum tempo. – ela abriu um sorriso, que ele sabia que iria ficar muito bem memorizado em sua mente.

- Clarice... – ele soltou entre os

dentes, atacando a boca dela novamente.
– Eu vou voltar o mais rápido possível.

Miguel afastou o rosto e subiu o polegar até o lábio inferior dela, redesenhando com um movimento a curva do lábio. Os olhos de Clarice se fecharam pelo turbilhão de lassidão que percorreu por seus nervos.

- Você é tão deliciosa... Seu sabor é tão bom. Eu quero experimentar cada pedaço de você, Clarice. Vai me permitir isso?

- Walker... – ela arquejou, deixando o dedo dele entrar bem devagar em sua boca enquanto aquele olhar negro pestanejava e ficava completamente perdido na reação deliciosa que ela

exalava.

As bochechas de Clarice estavam levemente avermelhadas, a pele branca acentuada pela cor e as pálpebras de cílios longos e loiros, fechados. Aquilo era uma pintura para ele. Uma pintura na qual ele não iria se cansar de observar e contemplar.

- Minha boca em toda você. Eu quero isso...

- Sim. — A língua dela fez um movimento convidativo para o polegar dele, roçando a umidade para depois os lábios de fecharem ao redor do dedo, em uma chupada mais sensual do que Miguel gostaria.

Sua virilha estava tesa, e se os dois

continuassem daquele jeito, agarradinhos na beirada daquela mesa, ele sabia muito bem que não duraria muito tempo a dar um show para Rose, que agora mal conseguia respirar por detrás do monitor de vigilância.

Ela realmente tinha que parar de ser tão curiosa.

A mão de Miguel na parte inferior das costas dela desceu um pouco mais, provando daquela curva deliciosa da bunda de Clarice, indo mais avante para tentar tocar o máximo possível mediante o decente.

Miguel estava quase mandando o decente ir às favas.

- Me dê isso... — ela sussurrou,

abrindo os olhos devagar quando ele retirou o dedo de sua boca e escorregou para a sua própria, levando o gosto da língua dela para a sua.

Clarice ficou na ponta dos sapatos e deslizou sua boca novamente para ele, a mão dele em suas nádegas puxando-a mais para cima e mais profundamente para aquele beijo que ambos não queriam que terminasse.

Mas o celular dele começou a tocar dentro do paletó. Ela se afastou e olhou para ele.

- Você precisa ir. — disse a contragosto, mas sem demonstrar.

Miguel deixou o telefone tocar e roçou a boca novamente na dela.

- Vai esperar por mim?

Clarice abriu os lábios em um sorriso satisfeito. Ela já havia dito que sim, mas ele queria que ela repetisse.

- Sim. – Suas mãos deslizaram pelo torso dele. – Vou esperar você.

Os olhos negros dele brilharam. Para Clarice, aquilo significava um sorriso.

- Eu gostaria que hoje tivesse sido diferente. – Miguel assumiu.

- Eu não. – respondeu Clarice. – Você veio, e estou feliz por isso.

- Eu a fiz feliz? – ele franziu o cenho, confuso. Clarice subiu o braço e tocou no rosto dele bem levemente, só para que ele notasse que ela estava tremendo e sua pele estava quente – mas isso ele

já percebera.

- Vá. Não quero atrapalhar.

Miguel pegou a mão dela pelo pulso e encostou a boca em um beijo carinhoso.

- Eu não sei quando estarei de volta, mas o mais breve possível. Eu te ligo, está bem?

Ela meneou a cabeça, concordando. Miguel deu um passo para trás e puxou o telefone do bolso interno do terno. Ele sabia que era Ethan sem nem mesmo olhar para a tela. Levou o aparelho ao ouvido sem tirar os olhos de Clarice, que parecia meio envergonhada ao passar as mãos no cabelo recém solto. Ela continuava deslumbrante, nada seria

capaz de desfazer toda a beleza daquela mulher.

- Eu estou a caminho.

- Estou colocando o que preparou dentro do jato.

- Ótimo.

- Você está com Clarice Hope?

- Falaremos sobre isso mais tarde. —

Ethan grasnou do outro lado da linha e demorou um pouco para responder.

- Tome cuidado com isso, Miguel. Você sabe o que pode causar.

- Eu sei. — Miguel tentou manter a voz firme, se lembrando do que Ethan passara anos atrás. Depois do que aconteceu com sua mulher, ele mais nunca havia sido o mesmo.

Os dois não eram mais os mesmos desde que se conheceram.

Miguel enfiou o celular no bolso, e Clarice passou as mãos levemente na saia vermelha que usava, dando um passo hesitante para ele.

- Eu gostaria de acompanhá-lo até lá fora, mas não vou. – ela falou, assumindo uma expressão amena. – Não quero passar uma expressão errada sobre nós dois, Walker.

Miguel levantou uma sobrancelha.

- Pode me dizer por quê?

Clarice soltou um suspiro baixo.

- Olha, eu adorei que você veio aqui. Eu realmente gostei, mas...

Miguel estava começando a entender.

- Não quer que sejamos vistos juntos? – perguntou.

- Eu estava querendo colocar em outras palavras, mas sim. Você foi o homem no qual rejeitou um projeto em que eu e minha equipe passamos semanas focados. Acho que meus funcionários não irão ver *isto* com bons olhos. – Ela balançou a mão suavemente entre eles. – Eu sei que não será um problema para você.

- Não é, Clarice. Mas assumo que pela primeira vez estou desconfortável em ouvir uma mulher me pedir distância.

- É a primeira vez que está desconfortável ou que uma mulher o pediu isso? – ela abriu um sorrisinho

travesso, seus lábios rosados levemente inchados pelos beijos. O cérebro dele estava trabalhando duro para não olhar para a boca dela.

- Ambos. – ele fez uma pausa. – Eu presumo que não seja apenas esse o motivo da descrição.

Clarice passou a língua nos lábios rapidamente, sentindo-se com a garganta seca. A verdade é que aquela era a segunda razão. A primeira era um pouco mais difícil de dizer em voz alta.

- Eu... – ela virou a cabeça para o lado, subitamente com vergonha. Miguel encerrou a distância de um passo entre eles, segurando-a pelo rosto e a fazendo olhar para si.

- Você não quer ser vista como uma de minhas mulheres, é isso?

- Exatamente. — Clarice levantou mais a cabeça, para que pudesse responder de modo que não soasse tão insegura. Ela não era, mas o olhar dele a deixava perdida como um carneirinho prestes a ser abatido.

- Não se preocupe com isso, Clarice.

- Então vai ficar em segredo entre nós?

- Este não é o porquê do motivo que não deve se preocupar... *E sabe disso.* Mas se é assim que quer, não posso dizer o contrário.

- Obrigada. — falou baixo, se controlando para não levar a mão até o

ombro dele.

Miguel levou sua boca até o cenho dela e a repousou um beijo suave.

- Eu te vejo em alguns dias, então.

Ele recuou, tirando as mãos da pele dela e a vendo piscar duas vezes mais rápido para conseguir engolir o desejo.

Clarice olhou por cima do ombro quando ele começou a caminhar em direção à porta, firme e austero. Ele não se virou para vê-la uma última vez antes de ir.

A porta se fechou, e Clarice se viu sozinha na sala novamente. Fechou os olhos, conseguindo ouvir apenas sua respiração pesada e seu coração que estava batendo como louco.

O porquê que ele não havia virado para vê-la era que estava se segurando, e deixá-la novamente estava sendo mais difícil do que aparentava.

E o motivo pelo qual Clarice não deveria se preocupar em ser vista como uma das mulheres esporádicas dele era que, para Miguel, ela não era uma.

Clarice soube disso no instante em que ele saiu porta afora.

**

- O que agora sou ninguém se importa ou quer saber. Amigos me abandonam como uma memória perdida. Sou o consumidor de minhas próprias mágoas.

Elas ascendem e desaparecem em acolhimento alheio, como sombras em dores delirantes de um amor sufocado ...

Clarice abriu seus olhos castanho-dourados e completou:

- E mesmo assim eu sou, e vivo.

- E *vivo*. – Seu pai repetiu, do outro lado da sala.

A lareira estava ligada e a chuva rangia lá fora, a água tocava as portas de vidro cerradas e escorriam por ela, deixando-as embaçadas.

Vivaldi tocava Inverno ao fundo, uma mistura de chuva e violinos sendo entoados ao mesmo tempo. A sala estava tão aquecida quanto o coração de Clarice ao saber o quão feliz eles eram

por ter um ao outro, e a si mesmos.

Ela olhou para seu pai. Os óculos perigosamente à beirada do nariz anguloso, com uma só mão ele segurava um livro antigo e, na outra, uma taça de vinho tinto. Seus cabelos completamente brancos estavam aparados rente ao couro cabeludo e ele exibia sua postura aristocrata de sempre: ereto, uma perna sob a outra e com um lençinho cor de pêssego bem arrumado no bolso esquerdo do paletó quadriculado.

- Já faz dez anos. É isso o que quer dizer, não é Clara? – ele recitou com sua voz chamativa e rouca, sem desviar o olhar da página do livro.

- Eu só estava ajudando-o a recitar

John Clare, pai. Mas você está certo, já se passaram dez anos, e preciso perguntar: Você está bem?

- Mesmo se eu passasse o resto dos meus dias lhe dizendo que o tempo é relativo e que minhas emoções me impedem de sentir algo mais do que contentamento... Nunca seria capaz de parar de me perguntar isso. — ele concluiu, parando um instante e completando: - Eu estou ótimo, querida.

- Estou feliz que se sinta assim.

Ele abaixou o livro devagar sobre a coxa e tirou os óculos antes de lançar um olhar para ela.

- Nunca me senti diferente disso. E eu gostaria que você sentisse o mesmo,

minha filha. Tem que parar de se culpar pelo o que aconteceu naquela noite.

- Não diga isso... – ela murmurou, engolindo saliva amarga.

- Eu lhe ensinei sempre dizer a verdade. Que tipo de pai eu seria se não dissesse o que sinto de você neste instante? E nos dez anos nos quais você passava o dia inteiro dentro dessa casa olhando para mim e tentando visualizar o que poderia ter sido diferente se aquilo não tivesse acontecido.

- Mas aconteceu. – Clarice sentenciou, tentando evitar que lágrimas surgissem.

- E eu não fiz nada mais do que um pai deveria fazer. Clara, eu nunca

visualizei algo diferente para aquela noite fatídica. E, nunca serei capaz de me arrepender. Pare de culpar a si mesma, você não teve culpa.

- Não posso evitar em ter em mente que os problemas que você tem foram por minha causa. — respondeu a ele, baixo, olhando para o corredor ao lado para ver se Matt ainda estava dentro de seu quarto.

Seu pai se moveu na poltrona e colocou o livro na mesinha ao lado.

- Que problemas eu tenho? Eu não vejo porque um nódulo no meu cérebro é um problema. Nunca foi para você nem para Matt. Isso é o que preciso que entenda.

- Nunca teria que precisar tomar remédios controlados se não fosse por...

Ele balançou a cabeça, interrompendo-a.

- Dez anos, Clara. E neles nunca fui mais contente. Eu criei os melhores filhos que poderia pedir, e, a cada dia que passa, sinto mais orgulho dos dois. Não quero que infrinja a si mesma essa dor que está aí dentro. Trate de despistá-la. Você é minha única filha, e se eu deixasse que aqueles homens te tocassem naquela noite nunca seria o mesmo, e nunca seria capaz de me perdoar.

Clarice respirou fundo e fungou baixo.

- Agora... – ele pegou a taça de vinho e levou à narina, expirando devagar para depois pôr a boca. – Eu quero falar com você sobre esse estágio de Matt na Walker House.

Ela ajustou a postura.

- Não sei o que poderia dizer sobre.

Ele soltou uma risada baixa e elegante.

- Claro que sabe. Você está saindo com o presidente daquela empresa, querida?

- Pai... – ela suplicou baixo. – Eu não preciso dizer isso para você.

- Eu sei, e compreendo se não quiser compartilhar. Mas depois do fiasco daquele ex-senador não acha que

deveria abaixar o nível? Ambos sabemos que não é sobre dinheiro, pois você tem muito mais do que precisa.

- Não tive culpa se não deu certo com Aurélio.

- Ele é um esnobe e eu dei graças no dia que soube que não estavam mais juntos. Posso ao menos dizer que o brilho em seus olhos estão bem mais intensos hoje, e presumir que isso tem muito a ver com o senhor Walker?

Ela riu. Seu pai estava mais do que certo. Havia cinco dias que Walker fora até seu escritório e, apesar de não se falarem desde então, Clarice não conseguia evitar em se sentir a mulher mais sortuda do mundo.

- Eu não vou negar e isso é tudo o que vai conseguir de mim.

Ele voltou a rir novamente.

- Imperfurável como sempre, essa é minha garota!

Clarice cruzou os braços e se encostou ao corpo do sofá. Matt finalmente resolveu aparecer no corredor. Seus cabelos loiros queimados estavam bagunçados, Clarice riu mais alto ainda quando o viu desalinhado, o que era muito raro de se ver.

Matt fez o mesmo que Clarice e cruzou os braços, bufando. Desceu os dois degraus do corredor para a sala e cerrou os olhos para o pai e depois para ela.

- Está cada vez mais difícil dormir nessa casa. – ele sentenciou, passando por detrás do sofá e indo para a cozinha bem mais a frente.

Ele voltou com um copo de água e foi passando de volta, mas Clarice não se segurou e acabou levantando do sofá em um pulo e lançando um olhar significativo para ele.

- O quê? – ele balbuciou, sabendo o que aquilo significava. – Nem pensar! Eu não tenho mais dez anos para me fazer cócegas. – deu um passinho apressado em direção ao corredor.

Clarice o seguiu com um sorriso no rosto.

- Ah não, Clara! – ele correu,

agoniado, a água de seu copo balançando de um lado para outro. Clarice foi atrás dele e conseguiu entrar no quarto antes mesmo dele bater a porta.

O pai deles gargalhou e voltou a sua postura anterior, colocando ao rosto os óculos de leitura e puxando o livro na posição perfeita para terminar de ler os versos de “Eu Sou”, lidos mais de centenas de vezes por ele.

Baixo, ele recitou o verso final da primeira estrofe, repetindo Clarice.

- E ainda assim eu sou, e vivo.

A lareira continuou a lamber-se em chamas até o amanhecer, e nem mesmo quando o sol se ergueu as risadas

daquela casa à beira do rio se extinguiram.

O destino sabia quais pessoas onde abençoar com a felicidade distinta, e a família Hope havia sido uma delas.

CAPÍTULO 6

*E eu, na maravilha da aflição
esquecer-me-ei da gota de angústia
que queima agora, que me queima
agora!*

- Não, obrigada. – Clarice disse ao garçom elegante com a bandeja de taças de champanhe na mão.

- Eu aceito – Glenda respondeu, com um sorriso charmoso para o homem. Pegou a taça e murmurou obrigada

enquanto encostava o cristal nos lábios.

- Nem sei porque estou aqui. Sabe que detesto esses tipos de festas, Glenda.

- Não está tão ruim assim. Além do mais, é um leilão de mansões e já sabe que metade das vendas vai parar lá no escritório para reforma. É bom comparecer.

- É, sei. — Clarice murmurou, tentando não olhar pelo ombro mais uma vez e constatar que Aurélio ainda a encarava. Era capaz de sentir o olhar rapino de seu ex-noivo à distância.

- Ah, vamos lá! Bebe alguma coisa, paquere esses garçons lindos. Deixa o traste do ex-senador para lá.

Era tanto *ex* que Clarice até tremia.

- Já estamos aqui há duas horas e tudo o que ele faz é cumprimentar políticos e olhar para você... Mas também, esse seu vestido azul é maravilhoso.

Ela soltou o ar entre os dentes e tomou coragem para olhar para Aurélio, talvez se firmasse o olhar nele faria com que ele parasse de olhá-la. Ou talvez não.

Glenda tinha razão, aquele vestido azul era lindo e bem revelador também, algo que ela não costumava usar com frequência. Tinha as mangas longas e soltas, indo até o pulso, o decote era aberto em um corte reto e suave sobre

seu colo, os ombros ficavam descobertos e o tecido leve descia firmando cada curva dela até o chão. Dos seios fartos à cintura fina e lisinha. Os quadris ficavam bem evidentes e era quase impossível tirar o olhar da fenda dorsal que descia até o meio das costas, e ainda se completava subindo da barra até a parte inferior dos joelhos.

Ele era simples e a daria liberdade ao dançar, o que muitos já faziam na pista de dança ao centro do salão de leilão. Mas com quem ela dançaria?

Miguel ainda não voltara e nem ao menos entrara em contato. E isso já fazia duas semanas.

Duas semanas desde os beijos

quentes que trocaram em seu escritório e ele nem ao menos lhe mandou uma mensagem de texto.

E por mais que quisesse ficar chateada, Clarice não estava. Por que ficaria?

- O leilão já devia ter começado... — ela indagou, quebrando o fluxo de pensamentos próprios e resolvendo fixar seu olhar em Glenda, que era bem menos perigosa de se olhar.

- Estão esperando o patrono. — Glenda respondeu, olhando a diante do tapete que levava até a porta enorme de entrada de convidados ilustres.

- E quem seria este?

- Miguel Walker. — ela suspirou.

- Quem?! – Clarice falou um tom acima. – O dono de todas as casas a serem leiloadas é ele?

Glenda só acenou positivamente com a cabeça, ainda com o olhar focado à porta. E não era só ela, Clarice passou seu olhar pelo salão e as pessoas estavam fixadas a quem chegava.

Só bastou ela levantar o olhar e quase deu um pulo de susto.

Mas dessa vez, o susto que Miguel deu a ela fez com que o coração de Clarice se apertasse e não o contrário.

Miguel estava há poucos metros dela, cumprimentando algumas pessoas próximas a entrada com aquele seu olhar feroz e sua feição de poucos amigos.

Vestia um smoking perfeitamente alinhado a todos aqueles músculos e aos quase dois metros de altura que tinha. Mesmo de onde estava ela pôde ver a ranhura dourada do sapato que ele calçava e o brilho das abotoadoras ao pulso.

E ela pôde ver isso com clareza, pois o pulso dele estava muito bem acompanhado pela cintura quase nua de uma morena deslumbrante.

Ele não estava só, e o sorriso daquela mulher deixou Clarice saber que estava muito bem acompanhado... e *servido*.

Clarice deveria estar decepcionada, não completamente arrasada por aquela

visão.

A mão da mulher estava nas costas dele, de vez em quando se movimentava para cima e para baixo, em um carinho silencioso e ao que parecia um segredinho sujo entre ambos, pois quando ela fazia isso ele a olhava, e seus olhos negros relanceavam aquilo que Clarice queria que fosse para ela.

Ela fechou os olhos e, por reflexo, virou o corpo, virar o rosto não seria suficiente.

- Clara? – Glenda olhou para ela. – Você ficou pálida de repente. Está tudo bem? Comeu hoje?

Clarice balançou a cabeça e esboçou um sorriso que fora o suficiente o

bastante para que Glenda não ficasse tão preocupada com ela.

- Vou ao toalete, volto em um instante. — disse, saindo em passos largos para sabe-se lá onde, pois ela não tinha um local exato para onde ir, ela só queria ir para o mais longe possível dali.

Clarice estava rodando a cena de quando o viu pela última vez e não conseguia compreender o porquê que Miguel pedira para ela esperar quando ele mesmo claramente não faria isso.

Por que *ela* deveria esperar?

Por um segundo naquele dia, Clarice viu Miguel fazer algo que pareceu o deixar satisfeito. Não feliz, pois ele não

parecia conhecer a felicidade. E se conhecia, escondia bem lá no centro das entranhas.

Uma vontade súbita de chorar acometeu a ela enquanto Clarice passava pelo salão enfurnado de gente e tentava encontrar um local silencioso. Mas ela não faria isso, era forte demais para se deixar levar por aquela sementinha germinada dentro do seu coração.

Clarice olhou de um lado para outro e viu uma escada à frente, que parecia dar para um andar vazio. Possivelmente uma festa para os compradores aconteceria ali depois do leilão.

Ela foi quase correndo para lá,

levantando o vestido com a mão esquerda e subindo os degraus furiosamente. Estava com a esperança de ali ter uma saída por onde ela pudesse descer e achar um táxi para ir para casa.

- Clara? – ela ouviu uma voz muito mais do que conhecida chamá-la, assim que terminou de subir os degraus. Ela parou e soltou seu vestido, soltando um suspiro baixo.

Ela ouviu Aurélio fazer o mesmo trajeto e chegar perto.

- Clara, meu bem? – Ele deu um passo em direção a ela, Clarice estava se negando olhar para ele agora. – Aconteceu alguma coisa? Correu pelo

salão como se tivesse fugindo de alguém.

- Não me chame de “meu bem” novamente, Aurélio. Não é apropriado.
– Ela virou o rosto para ele. – Eu só estou querendo encontrar uma saída. Preciso ir para casa.

Ele deu um passo até ela e tomou suas mãos.

- Eu te levo. Justin está lá embaixo a minha espera, também estou de saída.

Clarice olhou nos olhos azuis dele e tirou a mão gentilmente das suas.

- Eu pego um táxi. – ela respondeu.

- Taxis não são seguros.

Assim como ele muito perto dela. Não era como se Clarice ainda não

sentisse nada por ele. O relacionamento havia sido ótimo entre os dois, até o momento em que ele pediu mais do que Clarice podia dar e depois a traiu.

Alguns diziam que havia sido culpa da não reeleição dele para senador, mas havia sido muito longe disso.

Ela deu mais uma olhada nele e viu como ele era lindo. Tinha um metro de oitenta, um belo par de olhos azuis envolventes – fora por causa deles que havia ganhado duas eleições como senador, ele estava na casa dos quarenta e ostentava alguns fios brancos em sua cabeleira castanho-escuro. Estava muito bem barbeado e asseado, seu smoking também era sobre medida e havia um

broche com a bandeira dos Estados Unidos sobre o peito direito. A feição de austeridade dele era completada com uma pitada de carisma.

Ele era completamente o oposto de Miguel. Sempre fora aberto e adorava sorrir para desconhecidos, mas pensando de outra forma, qual político não sorria?

Ele costumava ser esnobe, mas era uma característica sua de homem possessivo e controlador.

Clarice até sentia uma pena por não poder continuar com ele.

No fim do noivado as coisas estavam tão pesadas e os dois tão sobrecarregados que a impressão do fim

havia sido obscura e nublara todas as coisas boas que passaram.

Ela não havia o amado, mas gostara bastante dele.

- Venha comigo, Clara. Prometo não fazer nada além do que te deixar em casa com segurança. – Ele passou a mão no ombro nu dela, e o toque ressoou de um jeito diferente do que costumava.

Clarice até podia conseguir ouvir seu interior se esgoelar pelo toque do homem que estava do outro lado da sala com as mãos na cintura fina de uma morena desconhecia.

- Obrigada, mas eu vou recusar.

- Nós podemos tentar novamente – ele falou de uma vez. – Eu prometo...

- Não. – ela levantou a mão entre eles e se afastou, seus olhos começando a marejar tanto por aquele contato quanto o que ela estava sentindo ao peito. – Pode parar por aí.

Ela abaixou a cabeça e recuou, descendo as escadas bem mais rápido do que subira e desaparecendo da vista dele.

Clarice foi recuperando suas forças no caminho até o banheiro feminino, que não era muito longe. Mas alguém acabou entrando no seu caminho até lá.

Era um homem bonito, de cabelos cor de chocolate que caíam sobre a testa. Ele olhou para ela com um sorriso e levantou a mão.

- Ethan McLoone. Você deve ser Clarice Hope.

- Sim. – ela respondeu, olhando bem para ele.

- Eu só queria dizer que acho seus projetos deslumbrantes.

- É, eu sei. – Clarice apertou os olhos. – Tanto que cancelou a proposta de reforma da Walker House.

Ele abriu um sorriso sem graça. Não estava contando com aquela.

- Exatamente por isso que gostaria de falar com você... Meu sócio está disposto a continuar com o projeto e queria uma palavra com você.

Clarice abriu a boca para falar algo, mas nada saiu. Ela deixou seus olhos

bem abertos e continuou a encará-lo.

- Eu não estou interessada em prestar meus serviços para ele.

- Miguel disse que provavelmente recusaria, por isso terei que insistir. – Ethan reforçou o sorriso. Mas a amistosidade que ele queria passar não estava convencendo Clarice.

- Você pode... sair do meu caminho? – Clarice tentou soar calma, mas sua voz já estava a beira do nervosismo.

- Senhorita Hope, eu...

- Ethan, certo? – ela passou a mão nos cabelos loiros, nervosa. - Diga a ele que eu não posso oferecer qualquer serviço que seja que ele queira. Eu me comprometi, mas não foi recíproco. E

não posso me ater a pessoas assim.

No final ela não tinha mais certeza se estava falando do negócio ou *deles*.

Ela deu a volta no corpo massivo de Ethan e entrou no banheiro, ele ainda tentou chamá-la, mas ela já estava lá dentro.

Assim que entrou, fechou a porta e encostou as costas na parede de uma saleta de espera. A luz estava tão difusa que ela quis correr dali com medo da luminosidade.

Não demorou a ouvir a voz suave de uma mulher falando.

- Então, é só isso que quer saber? — ela ronronou para quem quer que estivesse com ela. — Só isso em troca

daqueles milhares de dólares que deixou no meu hotel? Que tal passar por lá? Não vai se arrepender.

- Eu sei que não vou. — Miguel respondeu. Sua voz grossa fez a respiração de Clarice parar.

Ah Deus! Ela fugiu tanto que acabou onde não gostaria.

- Você é tão apetitoso... — a voz da mulher soltou no meio de uma risada.

O coração de Clarice estava subindo pela goela, mas sua curiosidade foi vencedora, pois ela desencostou da parede e deu dois passos até a parede que dividia aquela saleta para o campo aberto do banheiro. Respirando baixo ela deu uma espiadela para os dois, se

reprovando até os últimos fios de cabelo por estar fazendo isso.

- Você sabe que o dinheiro que me deu inclui tudo que quiser, não sabe? – A morena falou, soltando um gemido baixo quando Miguel se aproximou e segurou a coxa dela. Clarice quis fechar os olhos e vomitar. Ele estava muito perto, perto até demais daquela mulher. Perto do jeito que esteve com ela há duas semanas.

Só de lembrar seu coração partiu. Ele perguntando a ela se o esperaria, e ela respondendo inevitavelmente que sim.

- Eu quero saber sobre a noiva do ex-senador Aurélio Fort.

A mulher soltou uma risada e se

encostou mais nele, querendo que ele a beijasse.

- Patética. — respondeu. — Não sei muito sobre ela, o ex-senador sempre foi discreto das vezes que estive com ele. Mas alguns assessores dele me informaram que ela tem um pai retardado. William Hope. Parece que nos bons dias ele era corretor de ações, tinham bastante dinheiro, até que de um dia para outro perderam tudo e acabaram em uma casinha nos confins do país, em uma cidade para lá de duvidosa. Não sei como eles voltaram para a grande cidade, mas quando voltaram, Hope tinha problemas cerebrais e sua filha era uma arquiteta

formada e futuramente de renome... Alguns dizem que o renome veio logo em seguida das trepadas dela com o Fort, que na época era senador.

- Interessante. – ele falou baixo, sua mão subindo pela coxa morena da mulher e adentrando a fenda do vestido vermelho brilhante. Os cabelos cacheados dela foram para trás quando ela arqueou o pescoço, esperando o toque da boca dele.

A boca que havia beijado tão apaixonadamente Clarice, que agora estava com lágrimas nos olhos e a respiração enlouquecida. Os olhos castanhos dela se fecharam e uma lágrima fina e quente escorreu pelo rosto

suave.

Engolindo saliva, ela decidiu que continuar ali seria ainda mais doente do que o que os dois faziam. Clarice estava em dúvida do que aquela mulher era, uma prostituta ou uma informante muito animada.

E sobre Walker... Clarice não tinha certeza se valia a pena saber.

- Essa informação vou contar como a mais no pacote que me pediu. – Ela foi descendo suas duas mãos pelas costas dele indo de encontro nas nádegas. – Posso pensar em um modo para você me pagar.

Clarice não podia continuar mais ali, e foi isso que fez. Engoliu a saliva

amarga da garganta e recuou, procurando a maçaneta da porta para que pudesse sair e ouvindo de longe a mulher falar mais alguma coisa, e Miguel responder, mas não conseguiu saber o que era. Ele havia abaixado o tom, e Clarice já estava lá fora antes mesmo dele terminar a frase.

O leiloeiro estava em cima do palco, começando a apresentar a longa lista de residências, as pessoas elegantes excitadas e distraídas que mal notaram que Clarice andava tão rápido em direção a saída que estava quase tropeçando ao vestido.

Ela havia deixado Glenda mais uma vez sem dizer nada. Mas nem ao menos

pensou nisso dessa vez. Notou o olhar de Ethan à distância, agora longe do banheiro, com o celular no ouvido falando algo rápido e inescusável.

Só percebeu que estava lá fora quando um lufo de ar frio tomou seus ombros nus. Desceu a enorme escadaria no teatro iluminado e não deu bola para os fotógrafos de folga perto dos corrimãos, esperando que alguém realmente importante aparecesse.

Quando chegou ao final olhou de um lado para outro, sem saber exatamente o que fazer. Sua bolsa estava lá dentro, ela havia esquecido completamente. Sua carteira e chaves também estavam lá. Não sabia para onde ir, para onde se

subterfugir de tudo aquilo.

Clarice viu Justin sair de dentro do Bentley um pouco ao lado de onde ela estava, e a chamou.

- Senhorita Clara? – Ele era motorista de Aurélio. Justin era um senhor calmo e educado, e diferentemente da maioria dos motoristas que compunha a equipe de segurança de pessoas ricas, ele apenas dirigia e de vez em quando contava piadas.

- Oi, Justin. – ela se virou para ele como se fosse sua salvação. – Pode me levar para casa?

- Claro, senhorita. Por favor, entre. – Ele abriu a porta traseira e ela entrou

sem questionar, esperando que ele se acomodasse no banco do motorista e partisse em direção à Hillside.

**

- Por que ela estava lá? – Miguel questionou, lançando um olhar firme para Ethan.

- Negócios, provavelmente. O mesmo que você.

- Não o mesmo que eu. – ele retrucou, digitando ferozmente no laptop e conseguindo o que queria. Ele selecionou uma cena específica da memória gravada da câmera do banheiro e deixou rodar, no mudo.

- Aquela vagabunda tem mais do que você pagou para dar. Quer que eu vá ao apartamento dela hoje e consiga tudo o que ela tiver? – Ethan questionou, dando uma olhada de soslaio para o vídeo onde a morena dava informações sobre o paradeiro de um dos capangas da ex-mulher de Miguel.

- Faça o que achar melhor. – Miguel disse, olhando pela janela do carro para tentar ver algo dentre a rua iluminada.

- Clarice realmente mexe com você, e ainda acha que pode mantê-la perto? Não lembra o que aconteceu com minha mulher, Miguel? Dois tiros na espinha e uma vida de merda em uma cadeira de rodas.

Miguel voltou o olhar para ele.

- Nós não podemos nos apegar. Eu sei disso agora e estou dizendo para você.

- Ethan, você fez tudo o que podia por Amanda.

- Não. O que eu realmente tinha que ter feito era deixá-la ir. E é isso que tem que fazer com Clarice Hope.

Miguel respirou fundo e voltou seu olhar para o computador. Ele trocou a câmera de visão e lá estava Clarice, encostada na parede da saleta ao lado em que ele esteve. Ela era tão linda que Miguel não queria fazer outra coisa a não ser olhá-la. Assim que entrou no salão e a viu, mal conseguiu acreditar.

Tão deslumbrante e maravilhosa. Ele quase largou aquela máscara que vestia e foi atrás dela. E esse instinto só piorou quando a viu com Fort.

- Eu sei que não queria que ela te visse, mas fiz o melhor deixando-a entrar.

Clarice se moveu na tela e encostou o corpo de encontro na parede oposta, olhando os dois do outro lado.

Ele olhou o carro no fim da rua parar na frente da casa dela e Clarice sair antes mesmo do motorista descer.

- Miguel, o que você perguntou para a informante?

- Eu a perguntei sobre Clarice. — respondeu com os olhos focados

enquanto ela agradecia ao motorista e este entrava no carro e saía. Ela se agachou e pegou algo por debaixo do tapete da soleira.

- E o que ela lhe falou? – Ethan questionou, subitamente incomodado.

- Por quê? – Miguel não iria falar o que a mulher lhe disse, não queria compartilhar.

Ele viu Clarice, do outro lado da rua, se aproximar e enfiar a chave na fechadura, abaixar a cabeça e ficar parada naquela posição por alguns segundos que correram devagar.

- Ela está chorando. – seu amigo o confidenciou.

O rosto de Miguel se virou em uma

resposta instantânea ao que ouvira.

- Ela está o quê?! – Ethan entregou o computador para ele e Miguel viu a lágrima cair ao rosto dela; os olhos fechados, a dor estampada. – Merda!

Ele largou o computador e abriu a porta do carro, saltando lá de dentro e correndo em direção a ela, que ainda estava parada na porta.

Dessa vez, Ethan não só entendia como esperava que ele pudesse alcançá-la o mais rápido possível.

Lily havia morrido chorando e pedindo pelo pai. Ethan sabia que Miguel ainda sonhava com isso. Ele era atormentado não só pela imagem da filha morrendo, mas pela culpa do sofrimento

que havia causado-a.

Miguel não podia deixar que Clarice derramasse uma só lágrima por ele.

Outro carro parou em frente à casa dela e Clarice se virou em um susto, passando as mãos no rosto para tentar esconder as lágrimas derramadas.

Miguel parou de correr assim que viu quem descia.

Era Aurélio.

- Clara? – ele foi até ela, carregando uma bolsa feminina nas mãos, a bolsa que Clarice havia deixado no leilão. – O que está acontecendo? Você estava chorando, meu bem? – Aurélio chegou bem perto e passou os dedos no rosto dela.

O peito de Miguel se inflamou, mas seus pés ainda estavam bem fincados no solo.

Clarice apertou os lábios e pareceu pender para o corpo de seu ex, fungando e levantando a cabeça para poder olhar nos olhos dele.

Ele passou os braços ao redor no corpo dela, mas foi ela quem o beijou.

O solo onde os pés de Miguel estavam fincados pareceu desaparecer, e ele não soube mais como respirar. A garganta queimou e sua mão foi para o cinto atrás das costas.

- Não. – Ethan o puxou. Fazendo-o tirar a mão da pistola. – Ela não é sua para matar o próximo alfa e reivindicá-

la como um animal selvagem.

- É minha culpa.

- E vai ter que engolir que não pode tê-la.

Ele pendeu os braços pelo corpo e a viu entrar na casa seguida pelo ex-senador.

Naquele momento percebeu que não havia nada que podia fazer, pois ele sentia algo por Clarice que não lhe era permitido.

Miguel olhou mais uma vez para porta fechada da casa dela e virou o corpo, voltando para o carro e indo embora.

CAPÍTULO 7

Meu rio corre até você. Mar azul, irás me receber?

- Ela é tão linda. – Clarice sussurrou, olhando para Lucas com cara de babão ao lado de Rose. – Tão pequenininha que dá vontade de apertar.

Rose soltou uma risada cansada.

- Isso é o que dá nascer de oito meses e meio. – ela falou para a filha, que estava no colo, mamando ao seio.

Clarice tentou evitar que as lágrimas de felicidade caíssem.

- Eu estou tão feliz por vocês. – Ela chegou mais perto, dando um beijinho no cenho de sua amiga. Lucas abriu um sorriso.

- Já sei que vai ser teimosa que nem a

mãe. – ele sussurrou.

- Pelo menos eu ganhei a aposta. – Rose disse. – Cadê meus dez dólares? – pediu, sorridente.

- Nós ainda vamos ter vários menininhos, espere só. – ele puxou a carteira e de lá pegou uma nota de dez.

- Vocês dois vão ser os pais mais chatos do mundo. – Clarice fez um esforço para não gargalhar. A bebê estava dormindo, ou pelo menos eram o que eles achavam. Uma enfermeira chegou com o berço e a colocou lá dentro.

- Ela vai voltar para a incubadora?

- Sim. – Rose disse, com uma dor no peito. – Só por alguns dias. Querem ver

se está tudo bem com ela e ter certeza disso.

Clarice balançou a cabeça e pegou a mão da amiga.

- Vou dar uma volta e tomar um café. Dorme um pouquinho. Quando acordar, vou estar aqui.

- Obrigada, Clara. – ela murmurou, com um sorriso. – Mas espera um pouco.

O telefone de Lucas tocou e ele se desculpou rapidamente, saindo do quarto privado.

- Como você está? Já faz um mês desde que me falou sobre aquela situação no leilão. Sempre a vejo meio perdida e não gosto disso. Precisa por

um ponto final em tudo isso.

- Não tem nada o quê por ponto final, Rose.

- Claro que tem. Você estava começando a gostar de Walker e isso, para você, é muita coisa.

- Foi só desejo.

- Não foi não, Clara. Larga de tentar esconder. Eu vi vocês dois juntos na sala de reunião naquele dia e sei quando a coisa é *algo mais*. Além disso, sei que ainda pensa nele.

- Esqueça isso. Hoje é o seu dia, ok?

— Clarice respirou fundo e disse baixinho: — Eu só quero esquecer.

- Então se permita. — Rose sussurrou, olhando para a porta e vendo Lucas

entrar. – Converse com ele.

Lucas olhou para Rose e depois para Clarice.

- Ele está te esperando, Clara.

Ela lançou um olhar dúbio para Rose, que explicou:

- Walker ligou e eu concordei que ele viesse até aqui. Na verdade, nós saímos para almoçar algumas vezes.

- Ele não podia ter feito isso...

- Está tudo bem. – Rose falou. – Fale com ele. Se preciso só diga que não o quer mais perto de você, se isso for o que seu coração dita.

- Meu coração não tem nada a ver com essa merda. – Clarice olhou para ela furiosa.

- Querida, não minta para si mesma. É pior. Vá lá e depois volte aqui para gritar comigo.

Lucas, que estava tentando não prestar muita atenção na conversa das duas, se apressou e voltou a abrir a porta.

Clarice sentiu seu corpo estremecer, e lançou um olhar para Rose antes de sair. Ela conseguia, antes mesmo de ultrapassar a porta, sentir o aroma dele.

E depois de um mês, a visão das costas de Miguel era como beladona para ela.

Belo e, quando tragado, fatal.

A jaqueta de couro marrom que ele usava era larga e preenchia muito bem

os ombros fartos, a calça jeans, as pernas longas. O corredor dos quartos privativos pós-parto estava silencioso, apenas uma enfermeira passava distraidamente.

Miguel pareceu sentir a presença dela, e se virou. Clarice engoliu em seco quando o viu. Era Miguel Walker e ela estava louca por ele, atraída e talvez apaixonada. O coração apertou e acelerou.

As cenas dele com a morena dentro do banheiro desapareceram e as lembranças da boca firme e deliciosa sob a sua preencheu a mente de Clarice como uma enxurrada sem controle.

Ela queria desabar ao olhar para os

olhos misteriosos e negros dele. O brilho desaparecera, e no lugar, uma explosão supernova tomara conta, e um buraco negro parecia estar tomando toda a força dela, elevando-a para o estágio magnetismo.

Clarice respirou fundo.

- Walker. — ela cumprimentou. Sua voz eclodindo ao ar mais baixo do que planejou.

Miguel ficou parado onde estava. Calado e firme com seu olhar no rosto dela. Ele parecia enfeitiçado, e estava. Depois de um mês sem vê-la pessoalmente, Miguel estava agraciando cada curva do rosto lindo dela. Das maçãs do rosto, que agora estavam

rubras, dos lábios rosados aos olhos cor de mel, brilhantes.

Ela era a visão da beleza e pureza. Sabia disso só em ter seu olhar fixo nela.

E ele parecia o oposto. O rosto liso e barbeado havia sido substituído por uma barba espessa que ele deixara crescer, sua face estava ainda mais selvagem do que costumava ser. A linha fina da cicatriz discreta próxima ao pescoço não podia ser vista por causa dos pelos faciais. Eles cobriam quase completamente o inferior de sua face. O cabelo dele havia crescido e agora caía sob a testa despojadamente. Os filetes de cabelo branco às têmporas pareciam

subitamente mais espessos.

- Clarice... – recitou Miguel, querendo se aproximar. – Podemos conversar?

Ela estufou o peito e estava prestes a dizer não.

- Vai ser breve. – ele falou baixo, sua voz grossa perdendo o tom de credibilidade e passando a ser passivo. Ele estava em defensiva, Clarice percebeu naquele instante. Mas não entendia.

- Claro. – respondeu entre os dentes, colocando as mãos nos bolsos da calça jeans e jogando seu cabelo loiro para trás do ombro.

Este único movimento fez os olhos de

Miguel ir e voltar pelo corpo dela.

Ela vestia uma camiseta vermelha viva e um jeans apertado com dois pequenos rasgos no joelho. Seu cabelo loiro descia liso pelos ombros, esboçando o pequeno decote em V no centro dos seios cheios.

Clarice parecia tão jovem, e ela era jovem. Miguel, que estava quase muito próximo dos quarenta reconhecia isso quando lembrava que ela tinha apenas vinte e seis anos.

Ela se pôs a caminhar para leste do corredor e ele foi ao lado, tentando manter suas passadas mais curtas para acompanhá-la.

- Como Rose está? – ele quis saber,

olhando para ela pelo canto do olho. Clarice continuou seu olhar fixado no elevador.

- O parto foi tranquilo apesar de antes do tempo.

Ele meneou a cabeça, seguindo em silêncio.

- Posso vê-la? – pediu Miguel, quando pararam a frente do elevador. Clarice voltou o olhar para ele.

- Quem? Rose?

- Ana.

Ela não conseguiu evitar sorrir. Foi mais um sorriso irônico do que satisfeito.

- Você sabe o nome da bebê? Estranho, não?

- Rose me disse.

- Entendo. — Clarice respondeu rápido, apertando o botão para descer. — Ela está no berçário agora. Na verdade, acabou de ir para lá.

- Se importa de descermos? Depois podemos tomar um café.

Clarice não respondeu dessa vez. Entrou no elevador e apertou o andar do berçário. Já havia ido e voltado de lá umas boas *várias* vezes. Havia perdido a conta.

Ele entrou devagar no elevador com paredes de mármore. Ela evitou olhar para os espelhos ao lado, e rezou para que a descida fosse rápida. O ar ao redor deles já estava tão palpável que

era possível pegar com as mãos.

Quando a porta se abriu Clarice deu um passo apressado para frente, tentando se libertar dele. Miguel observou a ânsia dela e respirou fundo, não queria que as coisas tivessem se desenrolado assim.

- Por aqui. – Clarice falou baixo, seguindo até a abertura de vidro transparente onde ficava o berçário. Havia duas pessoas à frente, apontando discretamente para os bebês lá dentro.

Clarice chegou lá e olhou para onde Ana ficava.

- Ali. – ela colocou o indicador sobre o vidro, apontando para a criança que estava dentro de uma incubadora,

mas que era bem visível. A bebê estava dormindo, seu rostinho de recém-nascida estava levemente vermelho e sob a cabeça, o quase nenhum cabelo ruivo estava arrumado em um lacinho francês branco.

Clarice parou e seu dedo escorregou lentamente. Ela nunca se cansava dessa beleza quieta.

Tomou coragem e se virou para Miguel. De perfil não pôde ver direito, mas no fundo podia até dizer que ele estava emocionado. Ele franzia o cenho e seus olhos tinham umas dobrinhas lindas que o deixava com a aparência do que ele realmente era: um homem maduro e sobrecarregado. Lindo.

- Você está bem? – perguntou Clarice, virada para ele.

- Essa cena me faz lembrar quando minha filha nasceu.

Clarice arregalou os olhos.

- Você é pai? – sussurrou.

Miguel virou os olhos negros turbulentos para ela e ela quase se tragou ali dentro, mas o que ele falou a trouxe imediatamente de volta:

- Eu *fui*.

Clarice ficou estática, seu corpo não respondia aos comandos do cérebro.

- Sinto muito... – foi o que saiu, entrecortado pela garganta que estava puro fogo.

- Está tudo bem. – disse a ela. –

Vamos?

Ainda sem palavras, balançou a cabeça e o seguiu de volta para o elevador.

Eram apenas quatro andares, mas as perguntas queriam irromper Clarice e ela estava se segurando por muito pouco.

Por fim a porta se abriu, meio ao silêncio estranho dos dois, e dessa vez foi Miguel quem saiu primeiro.

A praça de alimentação do hospital era enorme, e ao ar livre. O que era bom naquele ambiente de maternidade e tudo o mais.

- Não vai me perguntar o que vim fazer aqui? Depois de tantas semanas eu

lhe devo mais do que isso. – Miguel falou, escolhendo uma mesa bem discreta e longe no centro da praça. Era um cantinho decorado com algumas samambaias e uma minifonte que expelia água e refrescava o ambiente. Estava bem gostoso, mas com o ar tangível entre eles tudo ficava desconfortável.

- Você não me deve nada, Walker. – Clarice pegou uma cadeira e puxou, se sentando. Ele fez o mesmo, concordando com ela naquele ponto.

- Eu sei que deve ser inconveniente para você eu estar sempre tomando seu tempo. Eu vim para me desculpar.

Clarice levantou o rosto para ele e cruzou as pernas.

- Pelo o quê exatamente? Por não ligar?

- Por fazê-la esperar. – ele disse baixo.

Ela balançou a cabeça.

- Não precisava ter incomodado Rose por isso. Uma ligação bastava, até um e-mail.

- Eu precisava ver você. Falar com você, Clarice.

- Sabe de uma coisa, Walker? – ela levantou uma sobrancelha. – Eu não consigo te entender. Nossa relação era para ser baseada em uma noite, naquele jantar qual você não foi. E era isso.

- Eu sei. Por isso que estou aqui hoje. Ela riu.

- Vê? É disso que estou falando. Você é tão cheio de incompreensões que me confunde. Só me diga o que quer; apenas deixe claro o que quer de mim e podemos nos dar o que você chamou outro dia de acerto de contas.

Miguel colocou a mão sobre a mesa e suspirou.

- Se te dissesse o que quero você correria.

- Você já faz isso muito bem, Walker. — ela passou a mão no rosto e soltou o ar preso dos pulmões. — Se fosse só sexo eu poderia muito bem entender. Mas não aconteceu nada entre nós e mesmo assim você continua atrás de mim, como se precisasse de algo que eu tenho e que

necessita.

Ela encolheu os ombros.

- E não sei o que possivelmente poderia lhe oferecer. Você tem tudo.

- Eu não tenho você. – respondeu Miguel.

- Você deu várias provas de que não é bem assim. Apenas me diga e vamos acabar com isso.

O garçom chegou e perguntou se eles estavam preparados para o pedido. Clarice olhou para ele e pediu uma água. O garçom foi embora sem a resposta de Miguel.

- Eu sei que você estava no meu leilão de mansões. Sei que estava no banheiro e ouviu o que perguntei para a

mulher que trouxe comigo.

- Gostou do que ela disse? – Clarice perguntou, apertando os olhos. – Sabe o que é o mais engraçado? Eu diria a você qualquer coisa que quisesse saber, se realmente importasse.

Ele abriu a boca para falar algo.

- A melhor parte foi a do “pai retardado”. – ela soltou uma risada. – Se meu pai soubesse disso iria passar vários minutos gargalhando enquanto degusta uma bela taça de Merlot.

- Eu não deveria ter falado sobre você.

- Não. – Clarice fechou os punhos. – Você não deveria. Mas eu até achei melhor que estive lá para enxergar toda

essa merda compulsiva de controle que carrega, e sabe lá o que mais que esconde aí dentro. — Ela sentiu a pulsação acelerar. — Ainda bem que vi o que era antes de me entregar para você. Nunca me senti tão suja depois do que vi entre você e aquela mulher. Você me disse para esperar, Walker. Você me beijou e perguntou novamente, e eu disse sim com o coração na boca. Era assim que esperava me deixar? Você o fez. Era isso o que queria? Você pode riscar da listinha. Agora me deixe. Eu não posso mais suportar ver sua cara. Desde que entrou na minha vida só me fez esperar e me escantear como um brinquedo velho que de repente perde a graça.

O rosto de Clarice ficou severo e ela se levantou da mesa com os punhos armados e uma dor no peito.

- Eu não quero vê-lo novamente, e não incomode minhas amigas com esse seu jogo doente de poder. Vá cuidar de seus bilhões e me deixe em paz.

O olhar dele se tornou, de repente, perigoso.

- Vou fazer isso. — disse ainda sentado. — Só me deixe explicar algo, sente-se, por favor.

Clarice se sentou, relutante. Miguel pareceu soltar um suspiro baixo antes de falar, mas ela não teve tanta certeza.

- Eu não posso tê-la, mas eu a quero tanto que às vezes não consigo pensar

em nada além de você. O que senti por você quando me tocou no dia em que nos conhecemos foi algo ainda mais obscuro do que acha que tenho no peito. Eu sou mais do que um lobo solitário, Clarice. Eu sou destruído por dentro, e agora por fora. Quando a beijei consegui sentir a xícara que despedacei anos atrás voltando e suas peças se juntando. Você me deu o que perdi há tanto tempo que até esqueci o que era. — Miguel escorregou sua mão pela mesa de madeira entalhada e encostou seus dedos nos dela. Apenas os dedos, nada mais.

- Eu sinto muito por tudo o que a fiz passar, pelo o que aconteceu naquele leilão e por estar falando isso hoje para

você. – A voz grossa dele ficou sombria. – Eu a vi com seu ex naquela noite, eu fui atrás de você mesmo sabendo que não poderia remediar o que houve. E, eu espero que ele te dê o que nunca serei capaz.

Se levantou da cadeira, seus dedos indo para longe dos dela.

O peito de Clarice sangrou.

- Eu vendi a casa de Hillside. Você tem razão, eu não pertenço lá. Aquela era apenas uma desculpa para te ter mais perto, e não posso mantê-la mais.

Miguel enfiou a mão no bolso da calça jeans e tirou de lá um pequeno sapatinho de cristal. Era pequenino e Clarice sabia que caberia na palma da

mão. Havia algumas pedras azuis no centro do sapatinho, desenhando uma flor delicada. Mais tarde ela começou a desconfiar de que eram diamantes.

- Isto pertenceu à Lily. Eu quero que Ana fique com ele. Seria muito importante para mim que ela o tivesse. Obrigada por tudo, Clarice.

Ele colocou o sapatinho de cristal na mesa e virou as costas, dando passadas longas até a porta de saída.

Quando estava longe de seu olhar, Clarice engoliu em seco e olhou para a peça a sua frente. Os olhos estavam tão molhados quanto naquela noite em que o viu com outra mulher. Mas dessa vez, o sentimento de que tudo fosse diferente se

apoderou dela com força, e ela se viu caindo nessa ideia como se estivesse em queda livre ao ar.

**

Chovia lá fora.

Não era uma chuva calma e ressoante. Trovões e raios que se seguiam ao horizonte pareciam saber o que se passava dentro da cabeça de Miguel.

A tempestade estava dentro dele, mas assolava lá fora.

Respirando fundo ele deu uma volta sobre o corpo, indo para seu escritório. Ele estava em sua cobertura, e por mais

que quisesse se sentir em casa, sabia que aquele lugar não era mais isso. Passou pela porta fechada do quarto de Lily e seguiu sem nem mesmo olhar, não conseguia.

Ao fim do corredor a porta de seu escritório estava aberta, dando para quase a mesma visão da sala. Nos painéis de vidro escorriam gotículas furiosas de água e mal se dava para ver a cidade lá em baixo, congestionada pelo trânsito e o rigor da chuva.

Miguel sentou na cadeira de couro e acionou as nove telas de computador. Elas se acenderam de uma vez para ele quase como no ritmo de música. Os prontos de trabalho já estavam efetuando

várias tarefas e ele só precisava terminar aqui e ali para finalizar um programa de segurança máxima que o governo havia pedido para ser instalado em presídios. O contrato era secreto, só a equipe de criptografia de Miguel sabia e estava empenhada em entregar o pedido até o fim do mês.

Do jeito que estava se sentindo, e como estava descontando no trabalho, era muito provável estar pronto até o fim da semana.

Ele fez mais algumas alterações e esperou o sistema fazer sua parte. Se reencostou na cadeira e ouviu o telefone tocar. Deixou que tocasse até cair. Naquela noite, Miguel estava

indisponível.

Mas sua campainha logo o fez perceber que não teria como se dar algumas horas em penitência consigo mesmo. Aquela tarde com Clarice não havia sido fácil. Ele ainda estava engolindo algumas coisas que ela dissera, e até mesmo algumas que falou.

Miguel tentou ignorar, o que agora eram, batidas na porta.

Só uma pessoa era permitida subir para a cobertura, e essa era Ethan. Miguel rosnou baixo e levantou da cadeira, seguindo em passos decididos até a porta para mandar seu sócio e amigo ir se foder.

Ele chegou à porta e digitou no painel

da maçaneta o código de abertura.

Ele abriu a porta e se assustou ao ver Clarice do outro lado, molhada dos cabelos aos pés e resfolegante.

- Eu...

- O que está fazendo aqui, Clarice? – Miguel quis saber.

- Eu precisava falar com você, responder ao que me disse... – ela cruzou os braços e começou a esfregar a mão em sua pele. Miguel percebeu que ela estava tremendo.

- Como chegou aqui? Como subiu?

- Eu tenho meus contatos. – ela tentou abrir um sorriso, mas seus lábios se retraíram.

- Você está congelando. Entre.

Ela lançou um olhar receoso para ele, depois acabou entrando. Miguel fechou a porta atrás dela e digitou a sequência para trancar a fechadura.

- Eu vou pegar algumas toalhas. – disse, seguindo por um corredor logo a frente da sala principal em que estavam. O lugar era enorme, e muito impessoal para alguém que morava há anos ali. Havia dois sofás sobre o carpete que envolvia toda a sala, uma lareira e acima dela uma tela enorme de televisão. Na mesa de centro havia uma cesta com diversos tipos de bebida alcoólica e um laptop prateado fechado.

Ela olhou mais a frente e notou um barzinho circular, mas que parecia sem

vida e todo o álcool que parecia ter na casa era apenas a que estava em cima da mesa de centro.

Uma porta no lado oposto do corredor sugeria ser a cozinha, mas Clarice não duvidava de nada.

- Aqui. – Ele voltou, trazendo três toalhas brancas nas mãos, chegando perto dela.

Clarice buscou uma e a abriu, passando nos cabelos molhados para tentar se sentir menos úmida. Suas botas não estavam ajudando neste quesito.

- Por que está toda molhada? – disse Miguel, colocando as outras duas toalhas em um dos sofás, pegando uma tacinha de conhaque e enchendo-a com o

líquido marrom-claro.

- Digamos que considereei demasiadamente minha vinda até você.

Miguel se virou para ela com a pequena taça na mão.

- E?

- Fiquei na calçada do prédio. Estava tomando coragem. — ela sussurrou, envergonhada.

Ele reprovou o que ela falou com a cabeça, apertando os lábios em uma linha fina. Caminhou até Clarice com passadas longas e a entregou a bebida.

- Não deveria ter vindo.

Clarice tomou a taça da mão dele, ainda tremendo.

- Quer que eu vá, eu...

- Veio para me falar algo. Vai me dizer o que é e depois a levarei para casa. Não é seguro dirigir em meio a uma tempestade. Tome o conhaque. Vai te aquecer. – disse ele, se virando para o sofá e se sentando. – Sente-se.

Ela olhou para ele meio perdida, mas acabou aceitando a sugestão nada delicada.

Previendo o estrago que faria no estofado, puxou uma das toalhas secas e ia abrindo-a para poder sentar em cima.

- Não. Deixe isso. – Miguel puxou a toalha da mão dela, jogando para trás do braço do sofá.

Clarice deu um gole longo na bebida marrom, sentindo sua garganta queimar e

seu estômago revirar. Colocou o cristal na mesa e a pegou a toalha que estava sobre os ombros entre as mãos, sentando-se sem jeito perto dele.

- Eu pensei que tínhamos terminado nossa conversa hoje mais cedo.

- Eu também. — respondeu sinceramente. — Mas eu queria te dizer que...

Ela suspirou alto.

- O que houve?

Clarice abaixou a toalha pra o colo e olhou para baixo, começando a achar que não deveria ter se aventurado até ali.

- Foi estupidez ter vindo aqui. — ela falou para si mesma.

- Não. – Miguel respondeu, indo cautelosamente até o queixo dela e fazendo-a olhar em seus olhos. – Você veio aqui porque precisava, não precisa ficar insegura.

- Você me deixa assim, Walker. – Clarice levantou bem o queixo para olhar para ele. – Eu vim aqui porque senti que precisava te dizer algo, mas agora não estou tão certa assim. Não sei se significa esse tanto para vo... – parou no meio da frase, incerta.

- Para mim? – Miguel tirou sua mão no queixo dela e pousou-a na coxa.

Clarice contou até dois e disse de uma vez:

- Eu não dormi com ele. – falou. –

Não consegui dormir com meu ex. Eu... Eu só pensava em você. Eu queria você, não ele.

- Você o beijou, Clarice. – Miguel falou entre os dentes.

- Mas eu queria você.

Ela estava tão nervosa que seus dedos retorciam a toalha. Ela voltou a tremer.

- Eu estava machucada. Nem ao menos sei se deveria me sentir assim por te ver com outra mulher, mas não consegui evitar. Ele chegou e... Gostaria que tivesse sido você.

- Por que está me dizendo isso? – ele perguntou, irado. Se levantou do sofá e olhou bem firme para ela.

Os ombros de Clarice desabaram. A garganta dela fechou, e sua próxima frase não saiu mais do que um murmuro inteligível.

- Eu gosto de você... Gostaria que soubesse.

- Não pode gostar de mim, Clarice. Eu disse que não posso tê-la, e depois de tudo o que já a fiz passar ainda *gosta* de mim? – ele grunhiu.

Clarice largou a toalha no sofá e se pôs de pé em um pulo.

- O que queria que eu fizesse? Você me trouxe a bordo. Se não tivesse ido até meu escritório e me beijado, talvez eu tivesse esquecido você no dia seguinte. Tudo isso é culpa sua!

Miguel deu um passo para trás, tão furioso quanto surpreso pelas palavras dela.

- Você quer que eu vá embora? – Clarice perguntou com voz embargada, começando a tomar coragem para correr dali. – Pode deixar que sairei pelos fundos, só para completar mais uma humilhação nível você.

Ela virou o corpo e começou a andar rápido em direção à porta, mas Miguel a fez parar com sua mão em um aperto forte no antebraço.

- Espere. – ele disse baixo. – Não vá assim. Eu vou te deixar em casa...

Clarice se virou para ele com os olhos marejados. Respirou fundo e se

aproximou. Ela colocou uma mecha do cabelo molhado atrás da orelha e deu um passo a frente, subindo sua mão para o peito dele do jeito que fizera há algumas semanas. Ele estava vestindo só uma camiseta de algodão cinza, e ela pôde sentir o peitoral massivo dele com só aquele leve toque.

- Walker... – ela o chamou, sua voz saindo misturada à respiração. Ele olhou nos olhos dela, ela não queria só a atenção dele. Miguel desceu seu olhar até os lábios rosados, mas voltou rapidamente até os olhos castanhos.

- Me beije. – Clarice pediu, respirando rápido e ficando na ponta das botas para poder alcançar a boca dele.

E ele não a decepcionou dessa vez.

Miguel desceu com fome até os lábios de Clarice e foi logo enfiando a língua, passando seus braços pelo corpo dela e a puxando mais para si. Clarice se apoiou no peito firme dele e ficou sem fôlego pelo beijo quente que estavam trocando. Os lábios suaves e doces dele se moviam com pressa, com vontade de aplacar aquele desejo enlouquecedor que acendera dentro de seu corpo.

Miguel puxou-a mais contra si, sentindo a umidade das roupas e o calor da pele dela. Clarice fervia, mesmo quando ele sentia seu corpo tremer. Mas naquele momento ele estava quase certo

que era de desejo, não de frio.

Clarice se afastou brevemente, abaixando os calcanhares ao chão e tentando se instabilizar física e emocionalmente. Os beijos dele fazia com que ela se sentisse atropelada por um caminhão de tamanha intensidade, e, mesmo assim, era a melhor sensação do mundo.

Ele fechou os olhos e respirou fundo, seu peito subiu e desceu com força. Parecia estar tentando se controlar, ou pedindo aos céus para que dessa vez nada os impedisse.

- Vou te levar para casa... – falou, sua voz tomando um aspecto diferente do sombrio anterior.

Clarice levantou a cabeça para olhá-lo nos olhos e apertou ainda mais a mão que segurava a camiseta dele. Ela estava querendo tirar qualquer pensamento da cabeça de que aquela era uma dispensa sutil. Ele dissera que a queria, e ela estava ali, entregue.

A mão dela subiu pela camiseta e alcançou a nuca, acariciando os cabelos negros e se reencostando ainda mais nele.

- Eu quero ficar. – disse baixo, temerosa pelo o que ele responderia.

Miguel ficou estático e impassível. Demorou alguns segundos para processar a informação, e Clarice notou quando ele se decidiu, deixando ombros

desabar na tensão e se aproximando mais da boca dela.

Sua mão firme na cintura fina a apertou contra si e ele abaixou a cabeça para retomar a distância que ela impunha ao abaixar os pés.

- Graças a Deus... – ele murmurou, tomando os lábios dela com voracidade, subindo sua mão até os cabelos loiros. Com a outra mão, ele a impulsionou para cima, segurando-a bem pela coluna e subindo-a para que pudesse passar suas pernas por seu quadril. Clarice arfou quando ele fez isso, se sentindo mais do que desejada.

Ele começou a andar com ela no colo, segurando-a pela cintura e com sua

mão pousada na nuca, deixando-a bem encaixada no beijo audível e intenso que trocavam. Clarice mal podia respirar, e estava pouco se lixando para seus pulmões em brasa.

Percebendo que ela precisava de ar, Miguel se afastou, mas sua boca encontrou a pele dela, beijando o queixo e as maçãs do rosto, que estavam levemente rubras. A mão na coluna dela desceu e encontrou a parte inferior das costas. Ele podia sentir o cós da calça jeans.

- Onde estamos indo? – Clarice perguntou quase inaudivelmente, incapaz de abrir seus olhos ou falar mais alto. A boca dele ia e voltava em seu rosto, até

que repousou suavemente em sua orelha. A respiração quente dele a fez se arrepiar instantaneamente.

- Para minha perdição.

Clarice sentiu seu peito trotar. Ela emaranhou ainda mais seus dedos no cabelo espesso dele e percebeu que estavam parados em frente a uma porta de duas folhas.

- Você disse que queria — ela conseguiu dizer. — Ainda quer?

Miguel soltou um grunhido baixo e atacou a boca dela, abrindo a porta de uma vez e entrando no ambiente aquecido. O cheiro dele estava no ar.

Ele caminhou rápido até a cama e flexionou os joelhos, repousando-a no

colchão grande. Ficou de joelho no chão e se afastou, esperando-a abrir os olhos.

A ansiedade estava lá. A lassidão também.

- O que houve? – Clarice perguntou com a voz entrecortada.

- Eu preciso que diga sim mais uma vez.

- Vou te dizer o que for preciso para te ter dentro de mim, Walker. – ela suspirou contra os lábios dele. – Eu preciso... Nós precisamos.

Miguel passou a mão nos cabelos loiros e molhados dela, encostando devagar sua testa na dela, sentindo o calor do hálito quente que ela exalava, assumindo uma derrota que crescia no

peito, avassaladora.

- Está com medo de alguma coisa? – Clarice perguntou inocentemente, franzindo o cenho sob o dele.

- De você tirar de mim o que não possuo.

Clarice esperou um pouco e depois balançou a cabeça suavemente, sem perder o contato.

- Prometo não tirar, só dar.

- É tarde demais. – ele entoeou firme, olhando bem nos olhos dourados dela.

- Mas não para isso... – Clarice disse, passando a mão pelo peito dele e subindo, roçando os lábios e querendo que ele se aproximasse mais.

- Clarice... – Ele foi levantando

devagar, trazendo-a nos braços e apoiando o joelho no colchão. Ela abriu as pernas em reflexo e ele ficou bem no meio, um joelho entre elas e o outro fora, hesitante. Quando a cabeça dela estava confortavelmente descansada nos travesseiros brancos de pena, a boca dele começou a vagar pelo rosto novamente, dessa vez indo para baixo.

Clarice vestia uma camiseta de botões que estava encharcada pela chuva, mas Miguel não teve dificuldade nenhuma em desabotoar cada um deles e deslizar as duas bandas uma para cada lado lentamente. Ela não desviou o olhar do rosto dele nem por um minuto. Ele parecia perigoso, um tipo de perigo que

só o prazer poderia aplacar.

A boca dele repousou sobre o colo morno dela, e sua língua sinuou até a parte superior do seio que sobressaía o sutiã de renda branco. Clarice gemeu baixinho e puxou o cabelo dele.

- Eu vou te dar o que você quer. — Miguel prometeu, levantando suas mãos até o centro da lingerie e rasgando o laçinho frágil, puxando a peça para o lado e finalmente colocando os olhos nos seios duros e redondos dela pela primeira vez tão perto.

- Me coloca na boca. — ela pediu apressada. Seus mamilos rosados estavam tesos e apontando para cima, a coloração que geralmente era de um

rosa ao leite, agora estava levemente avermelhada pela excitação.

Miguel colocou a língua para fora e lambeu um dos mamilos, que pularam à sua boca. Ele abriu mais a boca e colocou o mamilo durinho dentro, circulando a língua nele e sentindo o doce sabor de finalmente tê-la para si. Clarice arqueou as costas e moveu suas mãos, descendo para o pescoço dele.

- Sim... Ah, sua língua é tão gostosa.

Miguel parou a sucção, deixando o peito levemente molhado por sua saliva e seguiu para o outro.

- Você que é gostosa. – As mãos dele subiram para os seios dela e fecharam um aperto em concha, o polegar fazendo

um movimento delicioso de pressão. O clitóris dela imediatamente sentiu inveja e começou a palpitar. Clarice começou a ofegar e se esfregar na coxa dele, querendo aplacar aquela dorzinha no meio das pernas. Ele subiu a boca para a dela e pairou lá, fazendo uma massagem forte e deliciosa nos mamilos.

- Eu estou tentando ser carinhoso, Clarice, mas não vou conseguir me segurar por muito tempo.

- Tome tudo de mim, Walker. – ela sussurrou de volta, envolvida pela voz sensual e grossa dele.

- Então vire para mim. Agora. – pediu sério. – Não sabe quanto tempo estou esperando para ter sua boceta ao

redor do meu pau, me apertando. Seu clitóris está chamando por mim, eu consigo sentir.

Ela gemeu e abriu os lábios para que ele pudesse enfiar a língua lá dentro.

- Sua boca é uma delícia, mal posso experimentar sua bocetinha rosada. Ela é rosadinha, não é, Clarice?

Miguel não precisava perguntar, ele já sabia. Tanto pela sua experiência com mulheres, quanto pelas imagens secretas que guardava das câmeras que mantinha na casa dela. Era pura insanidade, mas quem estava ligando para isso quando ele a tinha em seus braços... em sua boca?

As mãos dela desceram pelo corpo

dele, encontrando a barra da camiseta cinza de algodão e introduzindo suas mãos para cima, querendo sentir o calor dele. Do jeitinho que ele estava sentindo-a.

- Não. – sentenciou Miguel, rouco. Seus olhos voltaram para os seios dela e abandonaram o olhar cúmplice que trocavam. Ele tirou suas mãos dos mamilos dela e as usou para manter os dedos inquietos de Clarice longe de sua pele dorsal. – Vire-se.

Ofegante e confusa, ela o obedeceu. Ficando de ladinho na cama enquanto ele se ajeitava ao lado dela, soltando seus braços para que pudesse ajudar a retirar de uma vez a camisa e o sutiã

rasgado.

Miguel passou uma de suas mãos para frente do corpo dela, capturando o mamilo com os dedos e o estimulando, colocando sua boca nas costas dela e passeando a língua por toda pele exposta até a cintura.

Clarice colocou sua mão para trás para tentar alcançá-lo, virando seu pescoço para ver aonde ele ia. Quando ele chegou até o cóccix, ela gemeu alto.

- Deite de bruços e erga o quadril, Clarice.

- Me deixe tocá-lo. – ela pediu arfante, percebendo que ele estava tirando suas botas e jogando-as longe.

- Deite de bruços. – Miguel repetiu,

voltando sua boca e mão para a pele nua das costas dela, fazendo-a se arrepiar.

- Eu... – Clarice balbuciou. Ele percebeu que ela estava nervosa, e a ajudou, pegando seus quadris com as duas mãos e a jogando de bruços na cama. Ela se assustou, mas acabou cedendo e levantando a bunda para ele, com a cabeça virada para o lado, com os olhos fixados em Miguel que estava de joelhos no colchão.

- Desabotoe sua calça. – Miguel mandou. Clarice, trêmula, passou seus braços pelo corpo arqueado e tirou o botão da casa, abaixando o zíper sem jeito. Suas bochechas se avermelharam por fazer aquilo, e Miguel notou.

Ele soltou uma risada rouca e baixa, passando as mãos pelas coxas dela e subindo.

- Está envergonhada, Clarice? – Ele encostou seu quadril na bunda levantada dela e roçou sua virilha, soltando um gemido baixo e contido. – Você vem atrás de mim e se envergonha quando a peço para tirar a roupa?

Os dedos dele se apertaram e subiram para a cintura, mantendo-a na posição certa de sentir o pau avolumado dele preso dentro da calça jeans que usava.

- Enfie seus dedos dentro da calcinha. Sinta como está molhada para mim.

- Walker, eu...

- Não. – ele rugiu, puxando a calça dela sem cerimônia ou delicadeza. – Sinta como está gostosinha esperando pelo meu pau. Eu quero vê-la se tocar por mim.

Clarice fechou os olhos, um sentimento desconhecido invadindo o peito e a garganta, que queimava. Ela queria chorar? Não, ela queria gritar e deixá-lo saber que faria o que ele quisesse.

Miguel abaixou a calça dela até a parte inferior dos joelhos, e foi passando os dedos bem devagar pelas nádegas, sentindo a firmeza e o calor fulminante da pele.

Ela estava vestindo uma calcinha fio dental de renda branca, que na sua pele cor de creme ficou ainda mais linda.

- Faça, Clarice. – ele murmurou firme, abaixando a cabeça para beijar uma nádega de cada vez. – Se toque para mim.

Suspirando baixo, ela subiu o indicador para seu monte de Vênus e foi adentrando a renda branca devagar, achando seu clitóris pulsante e, timidamente, esfregando o dedo lá. Solto um gemido baixo, sentindo o prazer que se dava misturado às mãos e a boca de Miguel descendo por sua bunda, afastando de lado a calcinha e abaixando a cabeça e os dedos.

- É assim que se toca quando pensa em mim? – Os dedos dele encontraram a superfície úmida da boceta fervente dela. A mão de Clarice pendeu ao colchão na hora. Ela quase gritou, mas o grito ficou preso na garganta.

- Está tão molhadinha... encharcada. – Miguel disse, passando os dedos nos lábios excitados dela, prolongando o sabor do prazer, dando a ela a impaciência. – Quer minha boca aqui?

- Sim! – ela quase se esgoelou, os olhos bem cerrados, esperando.

Miguel pegou-a pelo quadril arqueado e a virou de uma vez, jogando-a de costas na cama novamente. Clarice ergueu a cabeça e soltou um gemido

baixo, estridente, e não abriu os olhos.

- Me diga... – ele pediu, puxando a calça dela completamente e jogando longe. – Me responda. – Miguel exigiu, arreganhando as pernas dela e se pondo no meio, suas mãos deslizaram pelas panturrilhas dela e desceram para as coxas. Sua boca foi junto.

- Responder o quê? – Clarice sussurrou, abrindo os olhos para vê-lo aproximar a cabeça de sua boceta rosadinha e lisa. Os olhos negros dele brilharam a divertimento e indecência. Clarice jurou ter visto um sorrisinho travesso canto da boca.

Sentiu os dedos dele continuar a estimular seus lábios vaginais inchados.

- Você se toca pensando em mim?

- Não... – mentiu.

- Não minta para mim, Clarice.

Nunca. – Ele abaixou a cabeça e beijou a barriga lisa dela, que se contraiu, sentindo os pelos negros da barba dele roçar em sua na pele, fazendo cócegas. – Eu sei que pensa no que estou prestes a fazer desde que nos conhecemos.

- Você está completamente vestido. – Clarice analisou, sentindo seu ventre tremer de expectativa. Miguel desceu mais.

- Primeiro eu vou te dar o que veio buscar... Depois, vou me satisfazer.

Ele deixou sua boca retilínea ao clítoris dela e a olhou bem nos olhos.

Ele conseguia sentir a inquietude, e estava louco para deixá-la ainda mais inquieta.

- É isso o que quer, Clarice? – O dedo dele surgiu por entre os lábios rosados, afastando a calcinha fina de renda para o lado. Ele levou o polegar sob a língua e depois repousou no clitóris pulsante, iniciando movimentos circulares, o que fê-la se arquear na cama e soltar um grito seco. – Você é linda e cada pedacinho desse seu corpo maravilhoso é delicioso, e eu quero provar tudo. Você quer que eu prove tudo?

- Quero. – ela suplicou, agarrando os lençóis e subindo a pélvis de encontro

com a boca dele.

- Seu cheiro é viciante. – disse ele pouco antes de abrir a boca e deixar sua língua despontar para fora, dando uma lambida longa e dolorosa no clitóris macio dela.

- Ah! – ela gritou, sentindo a boca dele por toda a extensão de seu sexo molhado e faminto. As pernas dela apertaram ao redor dele e as unhas quase furaram o lençol da cama. Clarice fechou os olhos em prazer, não tinha como não.

Quando Miguel enfiou sua língua dentro de seu canal apertado, Clarice quase chegou ao ápice. E só bastou para que ele enfiasse o polegar lá dentro e

continuasse a lambê-la com a maestria que fazia, que ela se tremeu toda e gozou. Soltando um silvo descontrolado e agudo, desabando de vez na cama.

Mas ele não a libertou de sua boca, muito pelo contrário. As mãos dele agarraram as coxas e a puxou para que ele pudesse encaixar com perfeição a boca no meio das pernas dela, tudo isso sem tirar o olhar de cada expressão acalorada de ela fazia.

- É demais... – ela tentou empurrá-lo pelos ombros com sua pouca força, mas ele não se afastou por um só centímetro. E começou a voltar a explorar cada terminação nervosa daquela bocetinha doce que Clarice tinha. O rosto dela

estava vermelho como um morango depois do orgasmo, e a cor se mostrava também lá embaixo, delicioso como a fruta em si.

- Nunca vai ser demais. Não entre nós. – Miguel falou, passando a ponta da língua entre os lábios vaginais, prendendo o clitóris nos dentes e o sugando com sua boca quente.

Clarice não se segurou e começou a rebolar na boca dele, querendo aplacar de uma vez aquela queimação que estava subindo pelo peito e descendo até onde a boca dele estava. Era o segundo orgasmo da noite, e eles não estavam nem perto de terminar.

- Isso. – Miguel afastou a boca para

dizer. – Fode minha boca assim, sua safada.

- Eu vou gozar novamente...

- Goze para mim. – Ele penetrou um segundo dedo encurvado dentro dela. – Ceda novamente, seja minha.

Miguel passou a língua nos beijos e foi escalando o corpo dela, envolvendo um mamilo e o excitando a ponto de deixar doloroso ao toque. Afundou ainda mais os dedos no canal estreito dela e encontrou sua boca entreaberta, onde depositou um beijo suave e carinhoso. Clarice gozou neste instante, querendo que ele aprofundasse o beijo com o gosto suave de seus líquidos.

- Seja minha – ele repetiu ao se

afastar, afastando uma mecha de cabelo loiro do rosto suado dela.

- Me deixe tocá-lo. – Clarice pediu em resposta, pendendo a cabeça ao lado e controlando sua respiração rápida. As mãos suaves dela subiram pelo dorso dele novamente, hesitante. – Quero sentir seu calor, sua pele.

Ela puxou a camiseta, mas ele parou a mão dela com brusquidão.

- Eu não transo sem roupa, Clarice.

Os olhos dela se abriram no ato.

- Mas... Eu...

Miguel soltou as mãos dela e foi abrindo a braguilha de sua calça.

- Por quê? – ela exigiu, seu corpo começando a despertar. Miguel não

respondeu. Ele abaixou a calça apenas o suficiente para enfiar a mão lá dentro, e ela soube que ele estava prestes a tirar o pau para fora.

Por aquele instante, e apenas por aquele instante, tudo o que estavam fazendo se tornou algo mais do que sujo. O prazer que ela havia acabado de sentir com os dois orgasmos havia sido substituído por algo muito próximo a arrependimento.

Enquanto ela estava completamente nua e entregue à Walker, ele nem ao menos estava se dando o trabalho de fazer com que ela sentisse que também estava a fim. Ela sentiu como se aquela estivesse sendo só mais uma transa

rápida. E não queria isso. O sentimento de ser só mais uma aflorou com força e ela mal conseguiu segurar um soluço que tentou escapar pela garganta.

- Não. — foi a vez dela dizer, se retesando na cama e tentando se levantar sob ele. Miguel levantou o olhar para ela.

- O que está errado? — ele franziu o cenho levemente úmido pelo suor.

- Eu não quero. — Clarice escorreu por debaixo dele e conseguiu sair às presas debaixo daquele corpo forte. Ela se sentou na cama rapidamente e afastou sua bile amarga para longe.

Miguel encostou a mão no braço dela e foi subindo ao longo do ombro.

- O que quer dizer, Clarice?

- Você escutou. — ela se levantou, envergonhada pelo modo como sua calcinha estava presa, de ladinho, como que abandonada. Ela deixou daquele jeito mesmo e com o olhar encontrou sua calça, quase correndo para lá e a pegando com força nas mãos, virada de costas para a cama.

A sensação de abandono que ela sentiu ao se agachar a apanhar aquela calça jeans molhada do chão foi pior do que ela queria sentir. Seu peito se apertou de um jeito que estava quase falhando. Na garganta um tufo de espinhos havia tomado lugar, e na cabeça dela repetia uma sentença

própria de condenação.

Ela havia ido ali e quase implorado para que ele fizesse amor com ela. Como ele poderia recusar a um pedido desse? Fácil, sem compromisso ou sentimentos. Era isso que era para ele, mas não para ela.

Seu corpo, de um instante para outro, pareceu pesar uma tonelada. Ela queria sair dali com o mínimo de dignidade e sem seu orgulho ferido, mas percebeu que havia perdido os dois ao entrar com ele naquele quarto e deixar que Miguel fizesse o que *ela* queria que ele fizesse.

Engolindo em seco, se abaixou para tentar colocar a roupa molhada, o que ela sabia que seria difícil. Não só por

sua pele úmida, mas também porque estava nervosa e trêmula, e o olhar dele em suas costas não estava ajudando de forma alguma.

- Está falando sério? – Miguel perguntou com voz intensa, sombria.

Ela estava esperando que ele chegasse perto dela e jogasse em sua cara que fora ela que havia pedido por aquilo, e que ele só estava dando-a o que quase implorou.

Clarice não respondeu e em reação aos pensamentos que estava tendo lágrimas fugiram de seu olhar e ela não foi capaz de controlar suas mãos que tremiam.

- Merda... – ela disse com voz

embargada. Já estava quase certa de que ele a jogaria para fora do apartamento. Nua e só com aquela maldita calcinha fio dental de ladinho.

Mas o tom de voz dela não era o que Miguel esperava. O coração dele disparou ao perceber que ela estava magoada com o que acontecera entre eles. Ele pulou da cama, tentando controlar sua ereção que pulsava no meio de suas pernas, e foi até ela.

- O que está fazendo? – Miguel puxou da mão dela a calça jeans e a jogou para longe no quarto imenso e semiescuro.

- Só me deixe ir. – ela sussurrou, mortificada pela vergonha.

- Pelo amor de Deus, Clarice. Não

chore. – A mão dele abraçou o rosto dela e foi limpando com o polegar as lágrimas involuntárias que ela derramava. Clarice recuou ao toque dele. Tentou procurar a calça que havia tirado de sua mão, mas acabou sem sucesso.

Miguel se aproximou.

- É isso que quer? – ele pendeu os braços pelo corpo, mas continuou se aproximando.

- Eu preciso...

- Pare. – ele rugiu. – Você não precisa ir a lugar algum. Você vai ficar aqui, comigo.

- Eu não quero... – Clarice balançou a cabeça rapidamente, seu cabelo loiro

emaranhado se movimentando pela força do movimento.

- Sim, você quer. – Miguel deu um passo à frente.

- Eu não quero me sentir usada por você. – ela completou. – Eu te falei que não queria ser uma de suas mulheres. Eu deveria saber...

Clarice levantou a cabeça e o encarou, as lágrimas caindo devagar ao piscar lento dos olhos castanhos decepcionados.

- Eu não vim aqui só por uma transa, Walker. Sabe disso.

- Eu sei. – ele assumiu, dando um passo para frente. Ele queria passear o olhar pelo corpo nu e levemente

avermelhado pelos dois orgasmos, mas o olhar intenso que ela lhe lançava o fazia prisioneiro de sabe-se lá o quê que tinha que impedir que Clarice sentisse novamente.

- Você não sabe – a voz dela sumiu por entre a respiração entrecortada, ela deu um passo para o lado onde ele havia jogado o jeans, mas parou para dizer: – Eu vou embora agora e não vou te procurar mais, prometo. Não deveríamos ter ido tão longe.

- O inferno com isso! – ele puxou-a pelo braço. – Quando eu saí do seu escritório há mais de mês achei que havia deixado bem claro que você não é uma de minhas mulheres... Eu não tenho

mulheres, Clarice. Não depois de você.

- Não há “depois de mim”, Walker. Ao sair do meu escritório naquele dia você me deixou com essa ideia e uma promessa. A promessa foi rasgada ao vento e impulsionada em minha direção como um furacão. Por que a ideia seria diferente? Aliás, acho que as duas foram dissolvidas no mesmo dia. – disse, se lembrando da mão dele por dentre o vestido da morena daquela noite. – Só me deixe ir de uma vez.

- Não. Você veio e vai ficar. – ele demandou.

- Não é assim que tudo funciona... – Clarice disse baixinho. – Eu sinto muito que não vou poder satisfazê-lo com uma

foda rápida por cima das roupas.

- É isso, então?! – Ele apertou seus dedos no braço dela, Clarice soltou um arquejo de dor e tentou se livrar do toque.

- Por favor...

- Você não entende. – Miguel puxou-a pelos dois braços com força, obrigando-a a ficar em sua frente. Clarice gemeu de dor. – Eu não posso te mostrar o que levo no meu corpo, Clarice. Eu não posso permitir que veja o quanto destruído sou.

A dor do aperto das mãos dele pareceu desaparecer, e o olhar negro e profundo que Miguel lançava a ela foi o suficiente para fazê-la respirar fundo.

- Pare de dizer isso. Você não é destruído. E como posso entender algo se você não me permite?

- Não posso trazê-la para essa merda. Eu deveria ter ficado longe de você. — Miguel abaixou o queixo e encostou-o à cabeça dela, subindo os braços para o pescoço.

- Então me deixe ir. — ela fungou baixinho.

- Fique, Clarice. Só por essa noite.

- Eu não vim aqui por um pedacinho de você. Eu vim aqui por...

Clarice se interrompeu, negando-se o direito de terminar a frase. E tentando se afastar dele, mas Miguel puxou-a pela nuca e a beijou forte, sem deixar espaço

para respirar ou protestar. E ela não tinha intenção de fazer aquilo.

Suas mãos voaram para o tronco dele, puxando a camisa para cima e querendo sentir os músculos do abdômen. Ele era alto demais para que ela pudesse puxar a camisa pelo pescoço, e muito menos tinha a força para rasgar o tecido.

- Espere – Miguel pediu baixo, roçando os lábios nos dela. – Eu te ajudo.

Ele tirou uma mão dela e com a outra puxou a camiseta pelas costas, jogando-a de lado e afrouxando o abraço entre eles assim que viu Clarice dar um passo para trás.

- Oh Deus! – ela exclamou, dando outro passo para trás e vendo por completo o peitoril dele. Sua mão foi a boca, e agora a nudez mal a preocupava.

Miguel tinha o peito mais rijo e grande que ela vira na vida. Era malhado e torneado, e o restante do tronco seguia do mesmo jeito, os músculos saltavam da pele e a massa corporal bem definida tomava conta. Ele era imenso. Não havia um só centímetro da pele morena de Miguel em que não havia músculos.

Mas ela só foi perceber isso depois, pois os músculos acompanhavam em proporção de cicatrizes. Ele era cheio delas.

Quando o conheceu percebera a quase imperceptível cicatriz no pescoço, que agora estava coberta pela barba. Só que nada a preparou para aquilo. No meio do peito ele tinha uma cicatriz de um corte em diagonal, grande, que descia até próximo às costelas. No outro canto do corpo uma marca do que parecia ter sido uma queimadura em brasa, a pele estava levemente mais clara e era quase uniforme o suficiente para formar um círculo que com certeza tinha o tamanho da mão dela.

Três outras pequenas e compridas cicatrizes ficavam abaixo no peito, como se ao coração. Pareciam riscos feitos na parede por alguém que conta os

dias em exílio, mas ali estava mais para alguém que marcou a faca que aqueles três riscos nunca poderiam ser esquecidos, um significado mais obscuro circulava *aquelas* marcas.

Um calafrio tomou o corpo dela e Clarice fechou os olhos, não podia ver o restante.

- Eu sinto muito. – Miguel disse parado onde estava. Clarice abriu os olhos e se forçou a olhar novamente, ela foi encontrando cicatrizes menores e outras longas quase imperceptíveis.

Miguel percebeu o nervosismo dela e suspirou alto. Ele abaixou e recolheu sua camiseta cinza, pronto para vestir-se novamente e impedir que ela continuasse

a se punir por seus gílvazes.

- Não. – Clarice correu até Miguel, pegando da mão dele a camiseta, o olhando nos olhos. – O que aconteceu com você? Como conseguiu isso?

Ela escorregou a mão pequena ao peito dele e sussurrou:

- Você está bem?

Ele soltou uma risada baixa, seu rosto distorcido em ironia.

- Não pergunte isso para mim.

- Eu sei que não tenho direito de perguntar. – ela retrucou, largando a camisa no chão e espalmando as duas mãos na pele febril no torso dele.

- E por que está fazendo? – Miguel levantou uma sobrancelha, sentindo os

dedos dela subirem e descerem por seu peito, delineando cada cicatriz que encontrava pelo caminho, contornando-a e sentindo-a.

- Diga para mim que não se olha no espelho todo dia e acha que essas marcas o definem.

- Elas não me definem. Elas fazem parte do que eu sou. – Miguel respondeu, pegando pelo pulso as mãos dela e afastando-as de sua pele.

- Não fazem. – ela levantou o rosto para olhá-lo firmemente. – Eu não sei o que raios aconteceu com você, e sei que não vai me dizer. Assim como não vai me dizer o que é de tão obscuro que impede que o veja o que você realmente

é.

Clarice puxou suas mãos da dele e se soltou, erguendo os braços e tomando rosto dele nas mãos.

- Olhe para mim. Eu deveria temê-lo, não é mesmo? Você já disse isso. Mas eu não sinto nada além de algo que tenho certeza que não poderia sentir, não agora. É profundo e intenso, mas te asseguro que não é medo. E se seu olhar não me repele como deveria, o que tem marcado na pele não vai fazer. Meu corpo ainda o quer, assim como meu coração...

- Puta merda, Clarice... – ele sibilou, puxando o cabelo dela e a inclinando para si. Doeu, porque ela soltou um grito

de dor, mas ele a calou com sua boca apertada na dela. O grito virando um gemido alto e sonoro, a boca dele invadindo as reservas de autopreservação restantes que ambos possuíam.

Clarice só notou que estavam andando quando caiu na cama bruscamente, o corpo massivo de Miguel aprisionando-a no colchão e sob si. A mão dele invadiu seu sexo e puxou de uma vez a calcinha que havia conseguido trilhar seu caminho de volta para onde pertencia.

A braguilha da calça dele que estava aberta foi impulsionada para baixo com força, e os dois ouviram quando o zíper

cedeu e se quebrou. Miguel não se demorou e empurrou a calça jeans pelas pernas longas e fortes, jogando-a ao chão. Seu boxer não estava apenas tencionado, estava completamente preenchido pelas formas do pau exultante e grosso dele.

- Pegue-o, Clarice. – ele falou à boca dela, pegando o pulso dela e o levando até seu membro duro. Clarice não teve timidez ao tomá-lo na mão e sentir todo calor que o pau dele exalava.

E era grande. Ela já pressentia que seria, mas ao tê-lo nas mãos tremeu ao subir e descer por uma extensão que era fora de sua alçada de experiência. Grosso, firme e largo. Clarice gemeu.

- Eu o quero na minha boca. – disse a Miguel, lambendo os lábios.

- E vai ter. – Ele fez carinho no rosto dela. – Não hoje.

- Mas...

Miguel afastou as pernas dela e conduziu seu quadril para o meio delas.

- Eu vou te comer agora. Eu preciso disso. – Subiu sua mão e apertou um dos mamilos entre os dedos, descendo a boca e o sugando docemente.

Ele tomou o pau nas mãos e guiou até a boceta dela, que estava mais do que encharcada.

Clarice foi subindo as mãos pelas costas nuas dele até chegar ao cabelo.

- Me fode com força. – pediu entre

um gemido e outro.

E era isso o que ele pretendia fazer.

Miguel encostou a glândula melada por líquido pré-ejaculatório nos lábios molhados dela, roçando-os e fazendo-a sentir que ele estava prestes a adentrá-la.

Clarice pendeu a cabeça e murmurou:

- Enfia.

- Olhe no meu rosto, Clarice. Você é muito apertada para mim, preciso saber se não estou te machucando.

- Não vai...

A mão dele puxou o queixo dela.

- Abra os olhos.

Clarice abriu os olhos e achou o brilho da escuridão negra dele acessado. Ela sentiu a cabeça larga do pau dele se

ajustar à sua entrada e tentar invadir.

- Relaxe. Vai ser gostoso.

- Posso te tocar? – pediu baixo, alcançando a boca dele e tentando não ficar amedrontada pelo tamanho do pau que estava prestes a penetrá-la.

- Por favor. – ele concordou, beijando-a com carinho e sentindo Clarice deixá-lo entrar. Ela era mais do que apertadinha e melada. E mesmo apesar de muito excitada, ele teve um pouco de dificuldade de adentrar.

As mãos dela subiram pelo peito, e ela engasgou quando o sentiu estocar fundo dentro de si, e mesmo assim só colocando metade, porque ela não havia relaxado o suficiente.

- Você vai ser minha? – Miguel quis saber, tirando o pau para colocar novamente, soltando um silvo rouco e pressionando os dentes.

- Eu já sou sua. – Clarice balbuciou, de olhos bem abertos aos dele. – Toda sua.

Miguel soltou um rosnado selvagem e meteu tudo de uma vez, vendo pelos olhos dela que a dor a assolou de imediato. Clarice arqueou a cabeça para trás e soltou um grito estridente. Ele voltou a tirar e colocou novamente, dessa vez o prazer caminhou pelas partes baixas dela tomando-a das entranhas para fora. O grito dela foi embargado, pois lágrimas ameaçam cair.

Clarice estava gozando pela terceira vez na noite. E aquele fora o orgasmo mais avassalador e intenso de toda a sua vida, recheado por sentimentos indescritíveis que só Miguel causava a dela e deixava-a bamba de incompreensão.

- Você está me engolindo inteiro! Tão apertada!

Ele entrou e saiu, deslizando pelas paredes apertadas e mornas, sentindo a boceta dela tremer duramente com o orgasmo, pele contra pele. A boca de Miguel desceu para os seios dela e só parou quando aumentou a força das investidas, conseguindo se movimentar com mais facilidade e mais força,

metendo com ânimo do jeito que Clarice queria, pois ela estava quase desfalecendo de tanto prazer. Ela havia mordido o lábio inferior inchado, tentando conter os gritos que irrompiam pela garganta.

Miguel agarrou as mãos dela e entrelaçou os dedos uns nos outros, levantando os braços dela acima da cabeça e a fazendo delirar com as estocadas fortes de seu pau grande e pulsante. As bolas de Miguel estavam para explodir de tensão e quando Clarice levantou a cabeça e colou a boca em seu pescoço suado, não deu tempo para pensar em nada. O gozo veio forte e com gosto de quero mais.

Ele grunhiu e trincou os dentes, sem parar de investir dentro dela, que já estava no quarto orgasmo e cada estímulo feito era de uma proporção tripla em seus nervos.

Ela estava completamente suada e seu rosto vermelho, as pernas haviam envolvido o traseiro de Miguel e respirava com dificuldade quando ele gozou pela segunda vez, escorregando na porra de seu orgasmo anterior, continuando duro como pedra.

- Não consigo mais... – Clarice tentou falar.

- Eu sei que consegue. – Ele pegou o pau na mão e esporrou o jato de sêmen quente e grosso na barriga dela.

Clarice viu o pau dele pela primeira vez. Todo meladinho e rijo.

- Você é tão grande... – Ela conseguia ver as veias pulsando, a carne fulminante e os nervos se exaltarem somente pela ideia da visão dela. Miguel ficou de joelhos e o pau despontou para cima, alargado acima do umbigo, onde havia outra pequena cicatriz.

- Ele estava todo dentro de você, Clarice. E, ainda não foi o suficiente.

Miguel largou o pau duro, que ficou estável apontando para o teto e passou a mão esquerda no cabelo, jogando-o para trás e se movendo predatoriamente com o corpo para cima dela.

- O que vai fazer agora? – ela piscou ao sentir as mãos grandes dele puxarem-na pela coxa e levantar o corpo dela até ficar alinhado a seu quadril.

Miguel abriu um sorriso raro, mostrando seus dentes branquíssimos e seu fôlego exultante.

- Eu ainda vou te amar muito hoje a noite. Amanhã vai se lembrar de que estive dentro de você duro e gostoso. E depois de hoje, Clarice, nunca mais vai ser capaz de ser de outro homem. Vou garantir isso.

- Ah! – ela arfou quando o pau dele entrou novamente em sua boceta, dessa vez mais devagar.

- Você é minha. – Miguel olhou nos

olhos dela, movendo os quadris de uma forma encantadoramente deliciosa. – E não vou permitir que ninguém a tome de mim.

- Eu não vou...

Miguel meteu fundo e voltou com o quadril, metendo mais uma vez até as bolas inchadas, vendo os seios dela balançarem.

- Eu sei que vai fugir, mas vou estar aqui para te manter presa nos meus braços.

Clarice tentou fechar os olhos, mas foi incapaz. As palavras entraram em sua mente, e se dispersaram. Miguel saiu e entrou de novo, se arqueando sobre o corpo dela e lambendo um dos seios

intumescidos e doloridos.

No dia seguinte ela se lembraria de que promessas foram feitas, só não saberia quais.

CAPÍTULO 8

*Para cada instante de êxtase em angústia
pagaremos*

O quarto estava escuro quando Clarice acordou. As cortinas das janelas estavam cerradas e nem uma fresta de luz trespassava. O dia havia amanhecido e o sol estava quente lá fora, secando o que a chuva deixou para trás pela noite.

Clarice se espreguiçou como uma

gata, sentindo alguns pontos doloridos e percebendo imediatamente que aquela cama enorme não era a sua. Os lençóis estavam jogados por todo o lado e ela estava nua de bruços... e só.

Piscando rapidamente e se acostumando com a falta de luz, se sentou na cama com as pernas cruzadas e olhou de um lado para outro, tentando finalmente conhecer o quarto de Miguel. No lado oposto à cama havia uma parede que parecia ser feita de painéis de vidro, com cortinas pesadas selando a luz exterior. O quarto era amplo e leve, cores claras desciam pelas paredes, e a cama era enorme como deveria ser para um homem tão grande

como o dono. Havia duas portas de correr em anexo ao quarto, ela presumia que uma delas deveria ser o banheiro. Levantou-se e foi até lá, segurando o lençol de linho branco ao corpo.

Quando entrou no banheiro viu acima das pias compactas sacolas de uma loja de grife feminina. Clarice não se deu por surpresa ao encontrar um jeans novo, camisetas e lingerie dentro delas.

Seu jeans e camisa do dia anterior também estavam lá, secas e limpas. Ele devia ter mandado lavar. Havia também alguns produtos de higiene feminina, incluindo o sabonete líquido que ela tinha em casa e uma escova de dente nova. Como raios ele sabia que tipo de

sabonete ela usava?

Respirando fundo, largou as roupas e se analisou a parede do espelho. Havia pequenas pastilhas de cerâmica à parede ao lado do espelho, dando uma cor mais viva ao ambiente. Ela gostou.

Olhou em seu reflexo e viu que seus lábios estavam cheios e os seios redondos, inchados, os mamilos assumiam uma coloração arroxeadada por tantas sucções do dia anterior, e doíam ao toque. Em seus braços havia marcas dos dedos dele, onde Miguel havia apertado.

Ela afastou sua cabeleira loira revolta e deixou o lençol cair ao chão, entrando no box e regulando a água para

quente. O vapor subiu e o corpo dela reclamou em resposta.

Clarice saiu do banho e escovou os dentes, feliz por estar começando a se sentir revigorada. Ela pegou seu jeans e vestiu por cima e uma calcinha nova, que era ainda mais descarada do que a que usou ontem. Calçou uma sapatilha simples e confortável que estava na caixa e vestiu um sutiã, deixando as camisetas lá onde estavam mesmo.

Saiu do banheiro e foi até o closet dele. Era invasivo, e ela tinha consciência.

Entrou na saleta e caminhou até uma das várias araras abarrotadas de roupas formais bem organizadas. Havia uma

mesa enorme no centro do ambiente só com vários tipos de abotoaduras, gravatas e broches. Clarice passou os dedos em uma camisa branca social e aproximou a manga até o nariz, sentindo o aroma de Miguel ali. Ela puxou a camisa do cabide e passou pelos braços, tentando ajustá-la da melhor forma para que não ficasse extremamente larga, o que era.

Seguiu para fora e abriu as cortinas do quarto, deixando a luz entrar, vendo a bagunça que fizeram à cama.

Ela respirou fundo lembrando-se da noite. Fora intensa e deliciosa. Ela queria mais, mas não tinha certeza se poderia. Ou se era recíproco para

Miguel.

Clarice tentou não ficar visualizando as cicatrizes dele nem ponderando de onde vieram. Era algo extremamente pessoal e não queria pressioná-lo mais do que havia feito.

Não soube quanto tempo ficou em frente às janelas, compenetrada na paisagem do rio abaixo, das barcas, dos navios fumegantes, do outro lado da baía e da correria de dia de semana.

Ela precisava trabalhar, mas estava cansada. Decidiu se dar o dia de folga e mais tarde iria à maternidade ver Rose.

- Essa camisa não é grande para você? – Miguel sussurrou ao ouvido dela, passando os braços por sua cintura

e a apertando contra seu corpo. Clarice soltou um gemido de susto e fechou os olhos. – As roupas não serviram?

Ela passou as mãos pelos braços fortes dele e o segurou firme.

- Elas não têm seu cheiro. Posso ficar com essa?

Miguel deu um beijo suave no pescoço dela.

- É sua. Posso ficar com você? Seu cheiro em uma camisa não é o suficiente.

Clarice riu.

- Estou faminta.

- Presumi que estaria. – ele respondeu ao ouvido dela. - Estou resolvendo um problema que surgiu com meu sistema, mas já irei com você.

- Eu tomo café no caminho para casa, não quero atrapalhar.

- Não vai. Precisamos conversar, não acha? – Miguel movimentou seu braço para que ela virasse o corpo. Ela achou o rosto dele, hoje bem barbeado, e concordou com a cabeça. Sim, eles precisavam conversar, e saber disso deixava-a nervosa.

A noite havia sido ótima, mas deixaram escapar um detalhe bem importante.

- Você é linda dormindo. – Ele encostou os lábios nela, a pele lisa e macia roçando à dela. – Parece um anjo.

- Eu ainda posso senti-lo dentro de mim. – respondeu Clarice, entreabrindo

a boca para ele. O olhar de Miguel se tornou perigoso.

- Eu sei. – disse ele assim que seu celular começou a vibrar no bolso da calça. – Me dê um minuto para ver o que meu sócio quer dessa vez. Te encontro na cozinha.

Ele deu um beijo suave nela e se desvencilhou, buscando o celular no bolso e levando à orelha.

- Conseguiu decodificar? – perguntou, saindo do quarto e indo adiante pelo corredor. Clarice seguiu o olhar nele e o viu adentrar uma sala do lado oposto de onde ela achava que a cozinha estaria. Seguindo o conselho dele seguiu para lá, abrindo a porta

pivotante e encarando a cozinha enorme e bem aparelhada.

Havia uma mesa redonda no canto da janela, que dava uma vista parecida com a do quarto, mas oeste do rio. Era lindo ali em cima, e os aromas de café fresco e pães doces quentes despertaram o estômago dela em uma rapidez recorde.

Clarice se sentou à mesa e se serviu de uma xícara bem generosa do forte café, bebericando com prazer, pois estava maravilhoso. Ela estava passando geleia de amora em metade de um pão doce quando Miguel apareceu.

Estava com o celular na mão e um envelope na outra, vestia uma calça social e uma camisa branca de botões

dourados, com as barras por dentro da calça. Suspensórios subiam aos ombros fortes tencionados, alguns dos botões superiores estavam abertos, dando à vista dela o início do peitoril forte e dos pequenos pelos negros que eram espessos e pelo o que ela se lembrava da noite passada, deliciosos.

- Seu carro está lá embaixo?

Clarice fez que sim com o queixo. O celular e bolsa também estavam lá. Ele deu passadas longas até a mesa circular e puxou a cadeira à frente dela, seus lábios em uma linha fina e firme.

Ela levou a xícara de café aos lábios e esperou que ele iniciasse a conversa. Mas ele só colocou o envelope na mesa

e se serviu uma xícara de café.

- Nós não usamos camisinha ontem. — Clarice falou por cima da xícara, fingindo que estava tranquila com aquilo.

Ele se recostou na cadeira e olhou nos olhos dela.

- Isso pode ser um problema? Você não fez sexo há alguns meses e sei que faz exames mensais.

- E como possivelmente pode saber disso? — Ela abaixou a xícara à mesa, lançando um olhar inquisitivo para ele.

- Eu tenho cerca de umas dez respostas para sua pergunta. Poderia iniciar com o fato de como você estava muito apertadinha e isso me afirma que

passou algum tempo sem sexo.

Clarice ficou vermelha.

- Como sabe que faço exames mensais?

- Eu poderia mentir para você, Clarice. Mas não vou. – Isso chamou a atenção dela. – Eu vi o exame assim que chegou no seu e-mail.

A garganta dela fechou.

- Você tem acesso ao meu e-mail?!

Miguel respirou fundo.

- Eu tenho acesso a várias coisas. Seu e-mail é só *uma* delas. – ele disse calmamente.

Ela foi afastando a cadeira para se levantar.

- Você é doente!

- Já disse isso. E juro para você que até tento me controlar. – Ela se levantou e bateu com a mão na mesa.

- Não pode violar minha privacidade. Quem pensa que é? Isso é demais, Walker. Isso não é uma brincadeira de apertar botões e se ver dentro da vida privada de alguém!

- Gostaria que eu tivesse mentido? – Ele cruzou as pernas e viu o rosto dela ficar ainda mais vermelho.

- Que tal omitido? Você é ótimo em fazer isso.

Ele se levantou de uma vez e fechou o espaço entre eles.

- Eu não quero discutir sobre o que fiz. Foi errado, mas já está feito.

- E vai continuar fazendo?

Miguel levantou uma sobrancelha e parou diante dela.

- Sim.

Os ombros dela desabaram.

- Por quê? Fazer isso é algum fetiche para você?

- Não é um fetiche, Clarice.

- E o que é então? Me explica, porque eu preciso entender.

- Não posso controlar. Você é a única mulher que exerce esse tipo de poder em mim, e nesses meses em que não a vi precisava de uma forma de saber como você estava, o que fazia. Não tenho como explicar, talvez seja como você se sente sobre mim, um sentimento que sei

que não posso ter agora. Mas que eu quero. Por Deus, Clarice. – ele pegou-a pela nuca e se aproximou. – Essa foi à noite mais feliz da minha vida em sete anos. Eu há tanto perdi a capacidade de me sentir assim, e o que você é dentro de mim eu não posso perder.

- Então não faça com que eu me vá.

Ele puxou ar com a boca e se afastou.

- Eu não posso prometer.

- Pode ao menos tentar? Não estou pedindo para ficar longe, só estou pedindo para respeitar minha vida, meu trabalho, minha família...

- Eu entendo. – ele murmurou.

- Isso é um passo adiante. Entender é o princípio da compreensão.

Clarice puxou a cadeira novamente e voltou a se sentar com calma. Miguel fez o mesmo.

- Estes são meus exames mais recentes. Os fiz quinze dias atrás, mas irei fazer um hoje e te envio os resultados. Eu nunca transo sem proteção, Clarice. Eu fiz uma vez apenas, e isso já tem dez anos.

Ela colocou mais café na xícara e o olhou.

- Você não era casado?

- Tem descoberto o que o Google pode fornecer? – ele deu o vislumbre de um sorriso. – Eu vivi com a mãe de Lily por alguns meses, até ela dar a luz. Eu a considerava minha mulher, sim, mas

nunca dei meu nome a ela. Nossa relação foi baseada exclusivamente na gravidez.

Ela abaixou o olhar e se concentrou no líquido marrom, engolindo conjuntamente a todas as perguntas referentes à filha dele. Assim como sobre as cicatrizes, ela não tinha o direito de perguntar o que houve.

- Você toma algum contraceptivo? – Miguel quis saber, percebendo o incômodo dela.

- Não precisa se preocupar com isso. Não vou engravidar de você. – ela subiu o olhar.

Ele balançou a cabeça.

- Vai querer o exame?

- Sim, por favor. – Clarice terminou o café e se pôs de pé novamente. – É melhor eu ir.

- Posso levá-la em casa?

- Não está chovendo mais. Eu posso dirigir até Hillside em segurança. Eu fiz o trajeto de vinda, não é mesmo?

- Vem aqui, Clarice. – Miguel chamou, sentado na cadeira com as pernas abertas. – Senta aqui.

Ele pegou a mão dela e a conduziu até seu colo. Ela sentou hesitantemente.

- Você ter vindo aqui não poderia ter sido melhor para nós dois. Não se arrependa disso, está bem?

- Eu não me arrependo. Estou desapontada por essa sua necessidade

descontrolada de conhecimento.

- Isso pode ser uma coisa boa. – falou passando os braços pela cintura dela, se aconchegando mais e sentindo seu cheiro misturado àquela pele macia.

- Não diga isso.

- Era o modo que eu tinha de te ter perto de mim. O único modo. – sussurrou.

- Não era... não é. – Clarice abaixou a boca para o cenho dele. – Por que não veio falar comigo antes? Senti tanta falta de você aparecer de surpresa em todos os cantos... Às vezes me pegava achando que você estava ali, perto de mim.

- Eu estou agora. – Miguel respirou fundo. Tê-la em seus braços era uma

sensação sem igual.

- Não sente medo? – Clarice beijou o nariz anguloso dele.

- Do quê?

Há tanto Miguel não sentia medo de algo. Seu medo se foi assim que sua filha morreu. A partir daquele instante ele virou um homem incapaz de temer o que quer que fosse. E muitas das cicatrizes que carregava tinham seu lugar nisso.

- Disso. – falou ela, fazendo um carinho suave nas orelhas dele, passando os dedos levemente nos cabelos brancos sob as têmporas. – Pode sentir? É tão intenso. Nunca me senti assim.

Ele gostaria de sentir o contrário, mas também sentia o que Clarice descrevia. E não era medo que o atingia, era incompreensão.

- Acha que poderia me receber na sua casa?

Clarice abriu um sorriso.

- Para passar a noite?

- Isso também. – ele a beijou.

- Hoje não dá. Passarei na Rose e vou acabar ficando por lá.

- No dia que preferir.

Clarice mordeu o lábio inferior e perguntou:

- Posso te ligar, então?

Miguel passou os dedos pelos cabelos úmidos e cheirosos dela.

- Sempre que quiser. – ele fez uma pausa olhando nos olhos dela. E antes de ele falar algo ela o interrompeu:

- Eu quero me desculpar. Por aquela cena que fiz...

Miguel continuou a olhá-la.

- Sinto muito ter pressionado você, eu não...

Ele apertou o abraço que mantinha na cintura.

- Falar sobre minhas cicatrizes não é algo sensível para mim, Clarice. Algumas delas eu carrego com orgulho. Quer saber sobre elas?

- Não. Eu não posso pedir isso de você. – Clarice passou os dedos pela cicatriz imperceptível do pescoço dele.

– Quando quiser compartilhar sabe que eu vou estar aqui.

- Vai? – Miguel arqueou as sobancelhas.

- Se quiser que eu esteja. Mas, caso não, gastarei minha juventude de outra forma além de esperar por você.

- Eu sou apenas doze anos mais velho. – ele ironizou. – Não sou tão velho assim e acho que estou bem inteiro para alguém perto dos quarenta.

Clarice soltou uma gargalhada e recostou a cabeça no peito dele, rindo. Ela pegou o braço esquerdo dele e puxou o relógio para ver as horas.

- Você precisa ir trabalhar, e eu, ir embora.

- Que tal você ficar e irmos para cama?

- Tentador. – ela sorriu. – Mas você provavelmente deve estar cansado...

Ela levou suas mãos até os botões da camisa que vestia e desabotoou alguns, afastando-a para deixar os seios à mostra. - Sabe, sua idade...

Miguel rugiu baixo e desceu a boca para o pescoço dela, as mãos subindo e tomando os dois mamilos por cima do tecido fino do sutiã.

- Não me provoque, Clarice.

Ela soltou um arquejo e se apertou mais nele.

- Se essa for sua resposta para minhas provocações... Ah! – ele colocou

um mamilo na boca, sugando-o devagar.
– Você me chupa tão gostoso!

- Não imagina o quão deliciosa é...
Eu vou chupar sua boceta aqui na cozinha.

- Não! Se você começar não vai parar. – ela murmurou, afastando a cabeça e comprimindo seus lábios nos dele para que pudesse fechar a camisa, mas ele não quis deixar. – Você precisa trabalhar...

- E você está louca para me dar. – Miguel puxou os lábios dela entre os dentes. Seu celular tocou novamente.

- Deve ser o McLoone. Atenda-o.

- Eu sou um homem muito rico, que tal ficar aqui comigo e esquecer

trabalho? Só você e eu, trepando sem parar. Vai ser uma delícia.

Clarice franziu o cenho.

- Insaciável e tarado...

- Não pode me culpar. Você é a mulher mais linda que já vi na vida, tudo que mais quero é te ter em meus braços e na minha boca.

- *Walker*... – Clarice fechou os olhos.

- O que tenho que fazer para me chamar de Miguel? Ainda sou um desconhecido para você?

Ela abriu os olhos e olhou para o peitoral coberto de cicatrizes escondido pela camisa alva. Sim, ela ainda o desconhecia, mas não podia admitir.

- Pode me chamar de Hope, se

preferir. – disse a ele. – Eu não ligo.

- Mas eu, sim.

Clarice suspirou e saiu de cima dele.

- Ainda quer me deixar em casa?

- Eu mando alguém levar seu carro, não se preocupe. – ele pegou a mão dela. – Quer ir agora?

Clarice balançou a cabeça e os ombros levemente:

- Sim.

- Vou pegar minha pasta. Coma algo enquanto isso, está bem?

Soltou-se dela e saiu rápido da cozinha. Clarice pegou o envelope de cima da mesa e o abriu, tirando de lá o exame de sangue. Não precisava daquilo, sabia que ele era limpo, mas a

imagem dele com aquela mulher no leilão ainda a assombrava.

Ele parecia tão sincero com ela, mas quando estava longe parecia ser completamente diferente. Um homem diferente.

E isso alertava dentro dela para ter cuidado. Sempre alertou.

Leu o exame bem rápido, tendo certeza do que sabia e o fechou, largando-o a mesa.

Quando Miguel voltou, com a pasta na mão e vestido impecavelmente com terno e gravata, seus pensamentos se embaralharam.

E o que estava acontecendo dentro dela, ela demoraria a compreender.

- Eu não estou entendendo o que está te preocupando, Clara. Você disse que a noite foi boa, e hoje de manhã os dois se comportaram como adultos. O que está faltando?

Rose pegou o copo de água que Clarice a oferecia e esperou que a amiga se sentasse.

- Não sei, Rose. Comigo ele sempre é o mesmo. Parece ser sincero, é amigável e *carinhoso*. E nossa noite não foi boa... foi única. Sabe quando me falou sobre sua noite com Lucas... Acho que estou me sentindo mais ou menos

como se sentiu.

- Então é algo mais. – Rose explicou, colocando o copo de água gelada no braço do sofá, esticando as pernas e as acomodando na mesinha de centro.

Ela estava ótima. Sentia algumas dores, cansaço, mas nem ao menos parecia que tinha dado a luz há menos de uma semana.

- Não sei sobre isso... – Clarice tentou despistá-la sobre o que estava começando a sentir no peito. – Walker é obscuro... obtuso, até. – ela balançou a cabeça e concluiu: - Acho que ele esconde algo muito doloroso e luta com isso, sabe. Mas parece não saber como lidar.

- Ofereça a ele ajuda, querida. Um homem assim costuma se fechar quando sente que pode ficar muito vulnerável... Você o deixa vulnerável, e isso eu sei porque vi. Os olhos dele pareciam piscar de algo que exalava mais do que felicidade quando seu nome era mencionado em nossos almoços.

Clarice fechou a cara.

- Me conte sobre esses seus almoços. Nem acredito que fez isso sem falar para mim.

- Ele pediu, e foram apenas dois. Ele perguntava como você estava e só. Juro. – Rose fez uma cruz com o indicador no peito, esboçando um sorriso.

- Homens – Clarice bufou, olhando

para Lucas que estava derrubado no sofá depois de colocar Ana para dormir.

- Você gosta dele? Cai de cabeça então. Ele não parece ser esnobe como Aurélio.

- Eu gostaria de cair de cabeça, mas algo me prende no chão. Como se eu precisasse de certeza para me entregar.

- Você já se entregou noite passada, Clara. Só precisa admitir. E pelo jeito como fala de Walker, se não se permitir essa admissão, vai perdê-lo pelos segredos que sente que ele esconde.

- Foi uma transa, Rose. Não uma cerimônia de votos de amor. Foi bom, e quero novamente, mas estou insegura quanto a...

- Só faça. Se ele se for, vai se arrepender. Pode não dar certo, mas tentou.

Clarice fechou os olhos e encostou a cabeça no suporte do sofá, respirando devagar.

- É inútil dizer que você está certa, não é?

- Com certeza – Rose riu, finalmente levando a água à boca. O celular de Clarice vibrou no bolso traseiro de seu short. Era Miguel.

M. Walker – 19h13: Terei que viajar a negócios ainda hoje, não sei quando voltarei. Se eu te pedir para me esperar novamente, você diria sim?

Clarice pensou por um instante, seus dedos tremiam quando respondeu.

C. Hope – 19h16: **Não me peça para esperar. Eu não irei.**

Ele demorou um pouco para responder, e ela já estava enviando outra mensagem quando chegou:

M. Walker – 19h19: **Onde você está? Vamos conversar.**

C. Hope – 19h20: **Eu não quero promessas, Walker.**

M. Walker – 19h22: **Eu estou indo para Rose. Não saia daí.**

- Puta merda – ela sussurrou, fechando a aba da conversa e clicando no nome dele para ligá-lo.

- O que foi? – Rose questionou, olhando para ela esquisitamente.

- Walker. Ele está vindo para cá.

Rose arqueou as sobrancelhas e continuou indiferente.

- Ok. – respondeu.

- Ok nada! Esse maníaco por... – Miguel atendeu ao telefone. Clarice deu um pulo pela voz grossa dele.

- Maníaco por?

Ela respirou fundo e se levantou, indo até a janela para não acordar Lucas e para que Rose não ouvisse a conversa. Ela já havia virado uma partidária dele e Clarice estava tendo dificuldades para manter sua cabeça no lugar.

- Não pode vir aqui no meio da noite.

– instalou Clarice, querendo que ele percebesse o tom de ultraje em sua voz.

- Meio da noite? Ainda são sete horas, Clarice.

- Não pode vir aqui.

- Melhor assim – ele falou com um tom de brincadeira. – Adoro sua sinceridade. Seja sincera comigo agora e diga que essa história de não me esperar é um tipo de piada.

- Não é piada...

Ela o ouviu expirar forte, se controlando.

- Eu sei que não está vendo outro homem. Só estarei fora por dois ou três dias, não custa nada me...

- Custa, sim. – ela o interrompeu. –

Não sou nada sua para ficar te aguardando enquanto faz essas viagens, e sabe quantas mulheres encontra. Eu não vou esperar, Walker.

- Não estou me encontrando com outras mulheres. – Ela pressentiu o tom de voz irado dele.

- Por favor... A sinceridade tem que ser de via dupla aqui. Só passamos uma noite juntos e isso não significa que sou sua.

- Você é minha, Clarice. Disse isso para mim mais vezes do que sou capaz de guardar na memória noite passada, e eu tenho uma memória fotográfica maravilhosa.

- Não significa que...

- Tudo bem. – a voz dele se alterou novamente. – Não vou pedir para que me espere e não irei fazer promessas. Eu só quero que saiba duas coisas: Aquela mulher do leilão era uma informante, e sei que depois do que viu não posso te convencer de que não passei a noite com ela. Mas eu não passei. Depois que te conheci, não fui capaz de tocar em outra mulher, Clarice. Porque a mulher que eu queria tocar era você. Fora a mulher que viu naquele dia, não houve nenhuma outra. E se eu pudesse aquele momento nunca teria existido.

Clarice engoliu saliva e se forçou a fechar a boca que havia se aberto. O coração queria sair por lá, e se fosse

possível, já teria pulado garganta acima.

- E a segunda coisa?

- Eu já estou sentindo o inferno de sua falta...

- Está? – Clarice perguntou, sua voz fraquejou de surpresa.

Miguel soltou uma risada baixa do outro lado do telefone, mas Clarice não conseguiu ouvir claramente.

- Sim. Eu quero você novamente e mal posso esperar por isso. Quando eu chegar, te aviso.

Os pulmões dela relaxaram.

- Quer que eu a avise?

- Quero. – ela respondeu, sua voz recuperando o tom normal.

- Eu gostaria de ter ido até a Rose,

sinto falta da sua boca na minha... Eu sei que também sente falta.

- Você precisa ir.

- E essa é sua frase de fuga, não minha... Até logo, Clarice.

- Tchau.

A ligação caiu e ela abaixou o telefone, lançando um olhar por cima do ombro para Rose que era mais significativo do que imaginava. Rose não precisou falar, pois Clarice já sabia que estava caindo de cabeça por conta da gravidade.

Em uma queda tão profunda e sem fim que ela não tinha alternativa senão enfrentar a obscuridade à frente com a cabeça erguida e o coração aberto.

- Já falei que não há nenhuma namorada, Clara. – Matt virou o rosto para o trânsito e Clarice riu.

- Para com isso, eu sei que tem. O que custa me apresentar? Sou uma irmã legal.

- Talvez seja por isso que eu não quero que saiba. – ele resmungou.

- Ah! Então há uma! – ela tirou a mão no volante para apertar a bochecha dele.

- Dá para dirigir? Minha nossa, para quê tudo isso? Vamos acabar batendo nas fundações do estacionamento.

Clarice ainda estava sorrindo quando estacionou em uma vaga pública lá no

finzinho no estacionamento subterrâneo da Walker House. Ela se ofereceu para dar uma carona para Matt porque estava esperando aproveitar a oportunidade e ver Miguel. Ele havia mandando uma mensagem de madrugada avisando que já estava na cidade e convidando-a para um jantar em seu apartamento a noite. Mas Clarice estava impaciente, e por Deus!, ela sentia falta dele. Passaram-se quatro dias desde que passaram a noite juntos e ela queria sentir o calor dele novamente mais do que tudo.

Adiou seus compromissos no escritório por duas horas, esperando que ele pudesse dar um tempinho para ela.

- Vai vir comigo? Meu departamento

vai ter uma reunião agora, preciso subir.
– Matt explicou, pegando seu crachá e o colocando por cima de seu cashmere bem alinhado.

- Não, tudo bem. Vou fazer uma ligação primeiro.

Ele se aproximou e deu um beijo na bochecha dela antes de sair do carro, passando a mão pelo cabelo bem penteado para trás.

- Obrigado pela carona.

Matt era um galã em pequena escala, com toda aquela desenvoltura, maturidade e elegância que havia herdado do pai deles. Clarice quis sorrir quando o viu entrar no elevador e acenou para ela de lá.

Ela ia pegando o celular para ligar para Miguel, mas nem precisou.

- Está na cidade? – ela perguntou quando atendeu a ligação, ignorando suas boas maneiras.

- Há algumas horas, como sabe. Está no *meu prédio*, Clarice?

- Hum... Sim?

- Isso foi uma pergunta?

- Talvez – ela riu. – Estou aqui no estacionamento subterrâneo, vim deixar Matt.

- Estou te vendo. – Miguel declarou.

- Mas como diabos...

- Estou liberando o acesso para você. Meu assistente já está a sua espera.

Clarice agarrou a bolsa e desceu do

carro.

- Você é muito irritante, sabia?

- Obrigado por me informar. Você está muito linda hoje com esse vestido azul.

Ela passou a mão pela saia folgada do vestido instantaneamente, chegando perto do elevador que já estava aberto, esperando-a.

- Não está ocupado?

- Para você, nunca.

- Isso deveria me fazer ir embora.

Você *está* ocupado.

- Eu estou sempre ocupado, Clarice. Esta é a maldição do que faço. E você me tira dessa redoma. Sou grato a você por isso.

- Não estou me sentindo muito grata comigo mesma agora. – O elevador começou a subir e ela se negou a vontade de se olhar ao espelho para se olhar mais uma vez antes de chegar até o último andar, a câmara no canto daquela espaçosa caixa de metal a fazia sentir que Miguel ainda estava de olho.

- Tomou café? Posso providenciar para tomarmos juntos.

- Seria ótimo, obrigada. – Ela não queria dizer que havia tomado um café da manhã maravilhoso na casa de seu pai, que mesmo depois de dois acessos de irritação nas últimas semanas parecia calmo e tranquilo. Antes, os ataques eram muito comuns, algumas vezes até

duas vezes por dia, mas tudo parecia estar melhorando agora. E Clarice se sentia leve como uma pena por causa disso.

O elevador parou no quinquagésimo andar e as portas abriram. Aquele era o andar que Clarice esteve com Miguel no dia em que se conheceram. Estava tudo muito claro, e o lobby estava recheado de pessoas que conversavam animadamente uns com os outros. Havia flores nos cantos da sala e o sol penetrava as cortinas abertas levando leveza para o local.

Um rapaz moreno e baixo se apresentou como Lambert, e se ofereceu educadamente para conduzi-la, apesar

de Clarice se lembrar do caminho.

Lambert parou em frente à porta firme e austera de madeira e disse:

- Ele a espera, senhorita. – E saiu.

Clarice ia colocando a mão na maçaneta para abrir a porta, mas Miguel fez isso por ela. Ela ainda estava com o celular na orelha e nem percebeu. Rapidamente o abaixou e notou que a ligação havia sido encerrada há pouco.

Hoje Miguel não estava vestido com aquele terno de três peças. Ele só vestia uma camisa negra de botões e o paletó da mesma cor por cima, alguns botões da parte superior da camisa estavam abertos, mas ela mal podia ver o peitoral esculpido... e repleto de

cicatrizes misteriosas.

Ela havia pensado sobre elas algumas vezes nesses dias. Se elas fossem resultado de algum tipo de esporte violento que ele praticava, não hesitaria em dizer, iria? Não tinha porque esconder. A questão era: Por que ele escondia o motivo, apesar de oferecer para ela uma explicação?

Clarice não tinha certeza se gostaria de saber.

- Vem cá. – ele a puxou pela cintura, trancando a porta e a encostando lá. Sua cabeça pairou há mais de vinte centímetros da dela – e era porque ela usava saltos bem altos – e seu corpo a envolveu completamente.

Clarice se derreteu. As mãos dele desceram por sua coluna enquanto ele aproximava os rostos. Sua pele estava completamente barbeada, lisa e macia, os cabelos impecavelmente penteados para trás. Ela notou de soslaio a cicatriz longa no pescoço dele, mas quando os lábios chegaram mais perto e o aroma cítrico, puramente masculino e viril dele, entrou em seu sistema, a visão dela estava apenas e somente nos lábios bem feitos e firmes.

Ele a apertou mais contra si.

- Eu quase me esqueci de como você é cheirosa... e deliciosa, Clarice.

As mãos dela subiram para a nuca dele.

- Eu não seria capaz. – sussurrou para ele, embriagando-se em tudo o que ele expirava. O hálito dele era tão quente e convidativo que Clarice quase se impulsionou para cima.

Miguel abaixou os lábios para os dela e a beijou com doçura. Uma paixão desconhecida abraçou o beijo. Foi calmo, devagar, com uma picada de lassidão. O pau dele estava duro, ela sentiu perto de suas coxas, mas eles pareciam estar com mais saudade de carinho do que de fervor.

- Eu amo seus lábios. – ele passou o polegar bem devagar entre eles. – Quentes, doces e apaixonantes... Eles são meus, não são?

- Sim. – Clarice arfou, recebendo-o para mais um beijo. Só que esse introduziu mais calor, mais necessidade. A língua dele entrou em cena, roubando a sanidade dela de vez. Clarice desceu uma de suas mãos da nuca e foi escorregando pelo peito até a virilha dele, onde a apertou e esfregou o pico enorme entre as pernas. Miguel gemeu em seus lábios e a pressionou ainda mais na porta e contra seu corpo, roubando o restante do fôlego que ela tinha.

- Não me atormente, Clarice. Estou por um fio de te comer aqui mesmo nessa porta. – disse ele roçando os lábios nos dela.

Ela soltou um riso baixo, mas não podia esconder que suas bochechas ficaram vermelhas.

- Senti sua falta — ela suspirou, apertando-o na nuca e levemente lá embaixo, para que ele voltasse a beijá-la e sentisse o quanto ela também o queria.

Miguel puxou-a para seu colo com força, e foi caminhando de costas até esbarrar em sua mesa. Ele virou o corpo e a colocou sentada sobre a beirada.

Sem largar os lábios dela, e subindo as mãos para os cabelos loiros que estavam soltos, ele se aprofundou mais, arrancando-a um gemido alto de prazer e contentamento.

Ele se colocou no meio das pernas dela e, pelos joelhos, foi abrindo espaço para que pudesse encaixar seu quadril, enquanto deslizava a saia solta do vestidinho azul pelas coxas dela até ficar bem demonstrativo, mas não o suficiente. Miguel agarrou-a pela nuca e puxou a mão que estava em sua virilha, prendendo-a em seu peito enquanto aproximava sua virilha tesa na dela.

- Sentiu falta disso?

- De todo você – ela murmurou, de olhos bem abertos para os dele.

Miguel rodopiou o quadril e se esfregou nela, sentindo o clitóris palpitante roçar contra a braguilha tencionada de sua calça.

Clarice arqueou o pescoço e gemeu alto, sentindo aquela fricção maravilhosa contra sua umidade. Mordeu o lábio e tentou respirar pelo nariz, abrindo os olhos bem devagar.

- Estou tão molhada. Eu quero que você sinta...

- Eu estou sentindo, acredite em mim.
— Ele levou a mão dela que estava em seu peito à boca e deu um beijo suave e molhado. — Vamos sair daqui. Quero você só para mim hoje.

- Hoje? — ela piscou devagar.

- O dia inteiro.

Ele soltou um grunhido baixo quando ela remexeu os quadris, incitando ainda mais seu pau. Ela queria que ele a

tocasse ali e agora. O depois que se danasse. - Minhas bolas estão quase para explodir, Clarice. Não faça isso, ou vou gozar como um adolescente.

Miguel soltou a nuca e a mão dela, agarrando-a pelos quadris e aproximando sua boca do cenho dela, que estava franzido.

- Estou falando sério.

- Ok... – ela sussurrou, passando suas mãos por entre os braços dele e o acariciando nas costas. Miguel beijou-a na testa, sentindo o calor e o aroma de lavanda do cabelo dourado. – Posso te abraçar?

O coração dele bateu mais forte e ele tentou esconder como se assustou com

esse pedido. Mas ela sentiu as batidas fortes contra sua pele e abriu um sorriso. Clarice encostou sua face no peito dele e entrelaçou os dedos atrás de suas costas, apertando-o.

Miguel conseguia sentir mais do que o aroma dela agora. E isso o assustou ainda mais, porém algo dentro de si o obrigou a fechar os olhos e se deixar ir...

Seu coração acalmou e ela levantou a cabeça para ele.

- Você está bem? – A voz baixa e doce, com os olhos cor de mel intensos dela o fizeram abrir um sorriso. Ele não soube o porquê, mas de repente se viu rindo.

- O quê? Tem batom no meu rosto? –

Clarice passou a mão nos lábios e depois no queixo.

- Não. – Miguel pegou a mão dela. – Você está linda como sempre.

- Você não ri, Walker. – ela levantou uma sobrancelha.

Ele passou a mão nos cabelos soltos dela.

- Isso não é verdade.

Clarice revirou os olhos e bateu no peito dele. Miguel soltou uma risada mais alta. Clarice balançou a cabeça surpresa e acabou rindo dele, acompanhando-o.

- Vê? Eu gargalho, até. – Miguel beijou-a levemente.

- Eu gostei de tê-lo feito rir. Espero

conseguir fazer novamente.

- Só continue abraçadinha comigo que lhe garanto sorrisos para o resto do dia. Mas agora, temos que correr... – Ele se afastou, ajeitando o vestido dela nas coxas.

- Correr?

- Ethan já deve estar chegando e eu preciso ir para uma reunião em... – ele levantou o pulso e viu o relógio. – cinco minutos. Melhor irmos rapidinho.

Pegou a mão dela e Clarice firmou os pés no chão.

- Não quero atrapalhar.

Ele apertou os olhos.

- Acha mesmo que vai me atrapalhar em um negócio que já está fechado? Eu

sempre sei o que acontece nessas reuniões antes de elas se quer existirem. – ele apertou a mão dela, reforçando.

- Sabia que seu ego é insuportavelmente grande?

- Claro. – ele disse firme. – Assim como também sei que está louca pra correr daqui comigo.

- Eu até poderia repreendê-lo, mas não vou porque é verdade. – ela deu um passo a frente e tomou o caminho, Miguel puxou-a pela cintura e encaixou seu nariz no pescoço dela. Os dois não pararam de caminhar. Clarice teve que murmurar porque estavam perigosamente perto da porta. – Eu entendo não querer transar no seu

escritório, mas se não parar de me tocar assim vou acabar não o deixando sair.

Miguel levantou a cabeça e sorriu novamente. Ela abriu a porta e se desvencilhou dele, erguendo a cabeça e passando discretamente a mão no cabelo para ajeitar qualquer bagunça que ele poderia ter feito.

Ela começou a caminhar em direção ao elevador, sorrindo de volta para Lambert, que enviou um olhar nada sutil para ela e Miguel, mas parou ali, pois a feição séria e impenetrável dele estava de volta.

- Clarice. – ele a chamou, fazendo-a parar. – Seu irmão está aqui no andar.

Ele deu uma volta no corpo dela para

ficar de frente. Clarice olhou de um lado para outro, até que finalmente o viu. Ele conversava calmamente com uma garota de cabelos ruivos no canto do lobby, a garota parecia animada, e ele, charmoso.

- A namorada. – Miguel sussurrou, mas nem precisava.

- Eu preciso perguntar como ficou sabendo? – ela questionou sem olhar para ele.

- Não.

Clarice deixou escapar um gemido irritado, notando que seu irmão estava começando a virar a cabeça. Quando ele a viu, primeiro abriu um sorriso, depois seus olhos voaram em direção da garota.

Ela pareceu ter ouvido “droga” da

boca dele, mas estava longe demais. Matt logo começou a vir até ela, depois de dispensar a garota.

- Não fale! – ele pediu apressado.

- O quê, Matt? – Clarice soltou uma risadinha baixa. – Que você está namorando e que isso é muito fofo?

- Não sou mais uma criança, Clara. – E depois olhou para Miguel que estava adorando aquela cena, mas fazia cara de quem estava indiferente. – Me desculpe, senhor Walker. Eu não queria... Clara anda bem inquisitiva esses dias. – fez uma careta para ela.

Mas o que Miguel fez não só o assustou, como fez Clarice quase pular. Ela sentiu a mão dele na parte inferior

de suas costas levemente, e o corpo dele se aproximar.

- Clarice só está feliz por seu namoro. E não há problema algum em ficar aqui no lobby, afinal, a culpa é minha. Sua reunião está atrasada porque *eu* não estou lá.

- Você disse que sua reunião era daqui a cinco minutos.

Miguel encostou a boca na têmpora de Clarice e sussurrou:

- Esta é outra reunião.

- Vocês estão juntos? – Matt foi logo ao ponto, cruzando os braços em defensiva.

- Não. – Clarice disse.

- Ela é minha namorada. – Miguel

disse para Matt, surpreendendo os dois.

- Não sou a namorada dele, Matt. Seu patrão está ficando meio senil. – falou, lançando um olhar furioso para ele.

- Ótimo! – Matt juntou as palmas, suavizando sua expressão. – Vamos fazer um jantar de família neste domingo. Se não estiver ocupado, gostaríamos que viesse.

- Matthew!

Por pouco ela se esqueceu de que estavam em um local público.

- Quem raios é “nós”?!

- Eu e papai, oras.

- Não precisa ir, Walker. Matt só está...

- Mas eu vou. Vai ser um prazer,

Matt. – ele ignorou o olhar de Clarice e a puxou mais para si. Precisavam sair dali. – Agora se nos dá licença...

Matt concordou e eles saíram, o elevador começou a descer e Miguel a acariciá-la nas costas.

- Só é um almoço. Não é como se já não almoçamos juntos.

- Uma vez. E só não quero que meu pai tenha uma impressão errada de nós dois.

- Eu vou esboçar a impressão que quer que eu esboce, Clarice. E se não quer que eu vá, tudo bem.

Ela balançou a cabeça.

- Não é que...

- Conversamos sobre isso depois. –

ele disse rouco, baixo. A porta do elevador abriu. – Onde está seu carro?

Ela caminhou mais um pouco ao lado dele e pararam à frente da Mercedes. Clarice soltou um suspiro fundo. Miguel passou a mão no peito direito percebendo que seu celular não estava no bolso interno.

- Acho que deixei o celular na mesa do meu escritório. Só vou demorar um segundo. – ele falou, abotoando um dos botões do terno depois de tirar a mão das costas dela bem devagar, indo em direção ao elevador com passos largos.

Aquela tensão deveria se dissipar com a ausência do toque dele, mas não dissipou, era como se algo estivesse

espreitando em uma daquelas longas colunas e fizesse com que o ar pesasse e tivesse cheiro de sangue e lágrimas.

A porta do elevador se fechou com Miguel lá dentro, a seta indicando para cima começou a piscar.

Clarice balançou a cabeça e entrou no seu carro, sentando no lugar no passageiro, ela esperava que ele dirigisse.

Parecia que uma batalha épica estava sendo travada dentro de si. Não haveria ganhadores ou perdedores, só mais indecisão quanto a Miguel.

Fechou os olhos por um instante, repirando fundo, sentindo seu celular vibrar. Ela atendeu por instinto, nem

vira quem era.

- Clarice, abaixe-se. – Miguel pediu apressado.

- Me abaixar? – Ela abriu os olhos, olhando para o lado e vendo que o elevador descia e estava quase ali.

- Agora! – ele rugiu.

E quando ela ia contestar, algo passou raspando por seu ombro, rasgando a manga do vestido azul e fazendo um corte rápido e raso, ecoando um silvo surdo e depois um baque quando atingiu o banco traseiro.

O coração dela parou de bater e seus olhos arregalaram ao perceber que o vidro da frente do carro estava quebrado, uma forma arredondada e

pequena, com estrias de rachaduras ao redor. Era o buraco de uma bala.

- Merda! – a garganta dela irrompeu, ignorando o pedido de Miguel e pulando para o banco de motorista às pressas. Esse movimento fez o ferimento do ombro queimar. Outra bala surda atravessou a viseira e bateu no estofado de couro da Mercedes.

O instinto de sobrevivência de Clarice não queria saber que diabos estava acontecendo, só a pedia para correr dali. Ela ligou o carro e acelerou, indo rápido para a saída. Ela ouviu Miguel gritar atrás dela, mas não conseguiu identificar o que ele falava. Olhou para trás por um segundo, só para

ver o vulto dele passar como um flash, mas não houve tempo de virar o rosto para a direção, pois a dianteira do carro bateu em uma pilastra e fez um estouro. O airbag foi acionado e ela só sentiu o ar fugindo dos pulmões e a vista ficar negra.

Clarice levantou a cabeça e gemeu de dor, apesar de não saber onde doía.

Mas que merda estava acontecendo?

Ela abriu e empurrou a porta do carro com a força restante que tinha, firmando os pés no chão e cambaleando pela falta de equilíbrio. Sua cabeça rodava, ela sentia o sangue escorrer ao longo de seu braço. O ar estava entrando devagar, e sua visão ainda estava anuviada, mas

melhorando. Deu dois passos firmes para longe do carro, mas o que viu a frente fê-la parar instantaneamente, como o comando desesperado que a mandou dirigir o carro para longe dali.

Um homem de capuz negro tirava o silenciador de uma arma bem devagar, enquanto caminhava em direção a ela, com os olhos ocultos fixos em seu rosto. Ele era como um pedaço de negrume daquele estacionamento escuro, e só o brilho do metal da arma ofuscava. Ele chegou mais perto, mas Clarice não podia se mover, estava em estado de choque.

Ela o ouviu sorrir. Um riso estridente e falho. Os dentes dele apareceram por

sob do capuz, amarelos e violentos.

- *Ela* vai gostar de saber que agora tem alguém para sangrar por ele. – O homem disse, jogando o silenciador da arma ao chão e apontando-a para o peito dela.

Ele estava muito próximo.

- Não vou matá-la, querida. Só brincar um pouco antes de entregá-la. – Clarice sentiu a boca da arma fria encostando contra seu peito resfolegante. Uma lágrima grossa escorreu por seus olhos, o medo havia se apoderado completamente dela, e agora ela era refém dele.

- Por favor... – ela murmurou, não sabendo se deveria falar alguma outra

coisa.

- Uma pena... – O homem passou a língua nos dentes amarelos. – Uma pena que Walker nunca vai ser capaz de seguir em fren...

Um estrondo alto o interrompeu. Miguel estava ao lado dele agora, com uma pistola contra cabeça do homem de dentes amarelos, que caiu rígido ao chão com os olhos sem vida e o sangue começando a escorrer à meio dos miolos.

Clarice fechara os olhos e não vira o que havia acontecido, mas podia sentir que a arma contra seu peito não estava mais lá e seu atacante caíra no chão.

Sentiu o peito forte de Miguel

abraçá-la, impulsionando-a para si.

- Walker? – ela sussurrou.

- Você está bem? – Miguel perguntou com voz firme e intensa.

- Onde está o... O que aconteceu? – Abriu os olhos, conseguindo ver apenas o vislumbre do homem ao chão e o sangue. – Meu Deus! Ele está morto? – ela gritou, puxando a camisa de Miguel que a estava empurrando para longe.

- Sim.

- O que está acontecendo?! – ela exigiu para ele, tentando parar suas pernas que o acompanhavam dubiamente. Ela tremia.

Ele ficou em silêncio e continuou a conduzi-la para um McLaren negro em

uma vaga privada, abrindo a porta e a fazendo deslizar para o banco do ao lado do motorista. Clarice apanhou o pulso dele antes que ele desse a volta no carro.

- Espere... Me explique o que aconteceu!

- Não posso. — a voz dele estava calma e firme, mas seus olhos haviam extinguido o brilho de muito pouco atrás. Clarice viu que no rosto dele tinham algumas gotas de sangue. Ele tirou a mão dela de seu pulso e bateu a porta, entrando no espaço do motorista em silêncio, arrancando para fora do estacionamento em alta velocidade.

Os nervos dela estavam bem mais

calmos assim que viu que chegavam à Hillside. Ele estacionou na frente da casa dela e desceu, abrindo a porta do passageiro e a puxando pela cintura para que pudesse se apoiar. Clarice até insistiria em caminhar só, caso não estivesse sentindo que a dormência de suas pernas a impediria disso.

Ele sacou uma chave do bolso e abriu a casa dela, levando-a para o sofá da sala de estar. Clarice continuou quieta pelo breve instante em que o viu ir até a pia da cozinha e molhar um pano limpo com água morna.

Ele se ajoelhou em frente a ela, evitando seus olhos questionadores, e puxou a manga do vestido mais para

baixo. Clarice soltou um gemido baixo. Ele passou levemente o pano morno sobre o corte, limpando o ferimento e o sangue que escorrera.

- Tem um kit de primeiros socorros?
- Miguel perguntou baixo, largando o pano sujo de sangue no chão. Ele encostou seus dedos levemente na palma da mão dela, ficando de cabeça baixa.

Clarice balançou a cabeça positivamente e ele se levantou, voltando para a cozinha e começando a abrir alguns armários, logo tendo sucesso em encontrar o kit. Voltou até ela e ficou na mesma posição. Tirou um curativo de lá e o colocou no ombro dela com gentileza.

- Não vai precisar de pontos, Clarice. Só precisa descansar um pouco.

Ela se obrigou a balançar a cabeça novamente. Miguel tomou a mão dela e tornou a olhar em seus olhos.

- Não deveria ter passado por isso. Eu sinto muitíssimo.

- Por que? Não foi sua culpa. – ela murmurou. Seus olhos começaram a marejar.

- Vem, vou te levar para cama. – ele passou seus braços pela parte inferior das coxas dela e pelas costas, pegando-a no colo e levando-a até o quarto. Clarice apertou seu rosto contra o pescoço dele.

Miguel tinha cheiro de sangue e

pólvora. Aquilo fê-la querer chorar, mas acabou adormecendo em vez disso, antes mesmo de ele repousá-la no colchão macio.

Ele respirou fundo e acarinhou o rosto dela com devoção assim que percebeu que já dormira, um sentimento profundo e hermético sendo encravado ao peito pela ideia de vê-la sofrer por sua causa.

Clarice não merecia o que ele tinha para dar.

Miguel era um homem destruído por suas dores e sua vingança não cumprida.

Fez uma ligação rápida para Ethan o avisando do que acontecera e pedindo para que fizesse a limpeza daquela

bagunça. Assim que terminou, olhou novamente para Clarice adormecida e conteve a vontade de correr para ela e se aninhar em seus braços.

Sabia que ela o receberia avidamente.

Quando saiu da casa dela, fez questão de não bater a porta.

CAPÍTULO 9

O êxtase, pela dor; A paz, pela luta que se teve; Pelas memórias, o amor.

- Clara? Você está bem? – William Hope perguntou, tocando o ombro da filha levemente. Clarice estava remexendo a calda de chocolate para o

bolo já tinha uns bons vinte minutos, e encarava a parede como se a parede tivesse feito algo horrível.

- Sim, sim – ela deu um pulo, largando a colher e virando para o pai, abrindo um sorriso forçado. – Estou ótima. – Balançou a cabeça e olhou para Matt retirando os pratos da mesa.

- Eu acho que o bolo não vai demorar muito.

William balançou a cabeça.

- Estou me sentindo indisposto. Me chame quando estiver pronto, está bem?

- Pai, você está meio para baixo desde ontem. O que houve?

Ele havia tido um acesso no dia anterior, e desde então Clarice não saíra

de perto dele, mesmo quando sua cabeça e as fracas lembranças que tinha do que aconteceu no estacionamento no início da semana a estivesse deixando insana.

- É a idade, querida.

- Até parece... – Matt falou baixinho, se aproximando deles. – O senhor é mais forte do que eu, se duvidar.

William sorriu e passou os braços pelos ombros do filho.

- Tem razão. Quando a sobremesa estiver pronta iremos jogar uma partida de Blackjack, faz tempo que não perde algum dinheiro para esse velho aqui.

Matthew soltou uma risada irônica, se afastando com o pai para o corredor que dava acesso aos quartos.

- Veremos.

Clarice riu e se apoiou na bancada, respirando fundo e agradecendo por aqueles dois existirem. Sua mente estava muito confusa, e a manhã seguinte daquele dia fatídico não havia sido melhor para ajudá-la entender o que acontecera.

Seu carro estava na garagem, intacto. Mas como ele fora parar lá? Só havia uma resposta.

Ela ligou várias vezes para Walker, mas ou caía direto na caixa postal ou secretário dele atendia e dizia que ele estava ocupado. Ela não entendia porque ele estava se escondendo. Principalmente agora quando precisava

de algumas respostas.

Havia ficado na casa da Rose pelos dias seguintes, até Matt ligar para ela e contar que seu pai não estava bem. Desde então ocupara seu antigo quarto e estava por ali, evitando ficar só na sua casa. Mas estava decidida em voltar hoje, ao menos para buscar algumas roupas e essenciais. Era estranho estar fugindo de sua própria solidão por medo...

Clarice raramente se deixava levar por ele depois da noite que seu pai quase morreu por sua causa.

O forno apitou, anunciando o bolo assado, e a campainha também. Ela desligou o forno e caminhou até a porta

dupla de vidro embaçado. Conseguia ver, pela silhueta, quem estava atrás e não conseguiu esconder o nervosismo de ele finalmente ter aparecido.

Ela deixou a porta entreaberta e o olhou de pé a cabeça.

- Eu achei que não viria. – Clarice falou a Miguel.

- Eu também não – disse ele, sério. – Posso entrar?

Clarice abriu a porta por completo e deu um passo para trás, convidando-o a entrar. Ele parecia diferente da última vez que o vira. Estava mais circunspecto, austero. Os músculos de sua face estavam saltados e sua mandíbula tesa. Como se estivesse se

segurando para não fazer algo proibido ou estúpido. Ele vestia uma calça jeans escura, uma camiseta de algodão negro, e a jaqueta de couro que cobria os braços fortes.

E como Clarice era uma mulher muito sagaz com a visão – especialmente curiosa por detalhes, afinal ela era uma arquiteta – notou que os nós dos dedos dele estavam em carne viva. Ele parecia ter esmurrado uma parede repetidamente, com fúria e escárnio.

Mas rapidamente pressentiu, como uma carga elétrica em seu sistema, que não havia sido uma parede que ele socara, e sim algo bem mais *macio*...

- Chegou tarde. – Clarice disse

baixo, dando passos lentos e descalços até a cozinha.

- Eu vim conversar com você, na verdade. Fui na sua casa, mas não estava lá.

- Passei a semana na Rose, e vim para cá sexta. Eu tentei te ligar.

Ela virou as costas para ele e agarrou as luvas térmicas, se agachando e puxando a forma quente do bolo de laranja e menta.

- Tive que viajar.

- Claro... – ela resmungou, colocando a forma no balcão e puxando uma bandeja para por sobre.

- Se lembra de muita coisa do que aconteceu no estacionamento?

- Um pouco. Alguns flashes. – falou, emborcando a forma para que o bolo deslizesse levemente para a bandeja. Ela se afastou e colocou a forma suja na pia de inox, tirando as luvas, levantando a cabeça. – Veio para falar sobre isso?

Definitivamente ele estava mais sério.

- Se você quiser. Não vou mentir para você.

- Bom – ela irrompeu, jogando as luvas no balcão de mármore. – Aquele homem morreu?

Miguel demorou um pouco para responder, mas não evitou.

- Sim.

A saliva que Clarice engoliu em

seguida estava um pouco mais amarga do que costume.

- O que aconteceu lá? Ainda estou tentando assimilar, mas não acredito que tenha sido uma tentativa de roubo ou algo parecido... Não sou estúpida desse jeito. Aquele homem apontou a arma para meu peito e falou de você, Walker. Ele estava tentando me matar. – a voz dela soou menos do que um sussurro, por mais que não quisesse que parecesse assim.

Miguel tirou a jaqueta devagar e deu a volta na bancada, sem expressar ou dizer nada. Ela franziu o cenho.

- E então – ela continuou -, você sumiu por cinco dias, como costuma

fazer mais frequentemente do que eu gostaria, e simplesmente me deixou a deriva. — Clarice deu um passo, apontando o indicador para o peito dele. — Eu sei que a Mercedes que está na minha casa agora não é a minha. Está tentando encobrir alguma coisa?

Ele era tão lindo e tão sedutor, mesmo não tentando ser, que o corpo dela trabalhou rapidamente em reação àquela visão do peito largo sob a camiseta e das pernas longas e fortes que preenchiam a calça jeans com perfeição. O olhar dela correu pelo rosto dele, parando na boca firme e subindo para os olhos, que eram intensos demais para que ela ficasse

encarando.

- Não estou tentando nada, Clarice. Só não queria deixá-la sem carro durante a semana. O seu está sendo concertado.

Ela estancou e abaixou o dedo, pendendo os braços. Tentando se desfazer daquela prisão de desejo que despertou toda a libido de seu corpo.

- Por que faz essas coisas? Por que não deixa tudo correr como deveria? — passou a mão no rosto e suspirou. — Você me enlouquece! E não no bom sentido!

Clarice se virou e pegou a panela da calda de chocolate.

- Não quis causar estresse para você,

por isso fiz o que fiz.

- Ah sim! – ela se recusou a virar para ele e olhá-lo. Ele era lindo demais e estava com medo de que acabasse ficando inerte e esquecendo tudo o que estava entalado na garganta. – E assim me ignora por cinco dias depois de eu quase ter sido baleada por um maníaco doente. – A fúria dela estava engolindo a lassidão. – Por que não me diz que merda aconteceu?! É tão difícil assim?

Ela largou a panela na bancada, e essa fez um barulhão quando bateu no mármore.

- Só me diga, Walker!

Miguel rosnou baixo e puxou o pulso dela, sem controle.

- Quer saber o que aconteceu?! Eu vou te dizer, porra! Aquele homem ia te matar porque queria que eu percebesse que não posso amar ninguém, Clarice. Eu não posso! Então eu enfiei uma bala na cabeça dele. Era isso que queria ouvir, não era? Já desconfiava de que eu o havia matado, só queria ouvir de mim. Eu o matei, Clarice. E não foi o primeiro.

O peito de Clarice subia e descia com força, seus olhos estavam arregalados e o medo estampado em seu rosto. Miguel parecia ameaçador, perigoso.

Ele soltou o braço dela com força e ela cambaleou para trás, abaixando a

cabeça para esconder que estava prestes a irromper em lágrimas. Sua garganta estava presa e ela não conseguia falar nada. Por instinto, voltou para a bancada devagar, e agarrou a panela de calda quente, entornando-a sobre o bolo e vendo o chocolate descer para a superfície alaranjada da massa doce.

Um soluço saiu da garganta dela e ela deixou a panela cair, fazendo espirrar o chocolate quente em seus dedos.

- Merda! – ela gritou, se virando para ir para a pia.

- Não... – Miguel a puxou, pegando o pulso dela e levando os dedos melados de calda até sua boca e os lambendo um por um, aliviando a dor física, mas não a

angústia que ela sentia no peito.

Miguel puxou o queixo dela com os dedos e a olhou nos olhos. Duas lágrimas desciam silenciosamente pelas íris cor de mel dourada. – Me perdoa... – ele pediu com carinho, tirando os dedos de sua boca e abaixando os lábios para beijar as lágrimas ao rosto dela. – Me perdoa. – pediu novamente, subindo às pálpebras e beijando-as com afeto, demoradamente.

Clarice abriu os olhos.

- Você o matou?

Miguel balançou a cabeça que sim, passando os polegares pelas sobrancelhas baixas dela.

- Seria estranho se eu dissesse que

não me importo?

- Sim, Clarice. – ele colocou uma mecha do cabelo dourado dela para a orelha e aproximou o rosto. – Não sou um homem bom para você. Nós nunca deveríamos ter acontecido, e eu não poderia ter me permitido começar a aflorar sentimentos pelo o que temos. Você é doce e pura demais para mim.

- Não diga isso... – ela implorou, colocando sua mão por cima da dele em seu rosto.

- Sou um homem sombrio, e minhas sombras não podem te tomar. Seria doloroso demais para mim.

Ela apertou a mão dele.

- Mas eu quero fazer parte do que

você é, Walker. Você disse que não iria me deixar escapar de seus braços, eu sei que disse isso. — Clarice puxou a mão dele e repousou-a sobre o peito esquerdo. — Sinta como ele bate por você. O que tenho aqui dentro é tão enorme e intenso que não tem explicação. Eu não sei o porquê me sinto assim, ou porque dói tanto quando você não está ao meu lado. Eu acho que deveria dizer que te amo, mas isso não é nada comparado ao verdadeiro sentimento do meu coração. E posso senti-lo irradiar de você para mim... Eu não preciso de explicações, eu só preciso de você.

- Não posso te dar isso... — ele

sussurrou.

- Sim, você pode. Eu posso sentir que um pedacinho de você morreu, mas tem que continuar a viver e estou aqui para te ajudar. Não vou substituir nada, nem fazê-lo tentar esquecer. Só quero te ajudar a sorrir.

Miguel encostou a testa na dela, cerrando os olhos com força.

- Eu preciso de você, Clarice... E dessa vontade de me livrar do ódio que me consume, das nuvens negras que me cercam e me cegam. Preciso da esperança que você me dá... mais do que tudo.

Ela o beijou nos lábios suavemente.

- Estou aqui.

Ele se afastou, dando-a um beijo antes de desgrudar os rostos.

- Passe a noite comigo, preciso te dizer algumas coisas.

- Tudo bem. Me espere na minha casa. Vou tentar conseguir um pouco de ar e me despedir dos meninos. O.k?

Miguel abaixou os lábios para os dela novamente. Clarice abriu a boca e o deixou aprofundar, mas o afastou logo em seguida. Ele não precisou de outro incentivo. Agarrou a jaqueta de couro e se foi, lançando um olhar para ela antes de sair.

Clarice lavou suas mãos e terminou de cobrir o bolo com a calda, tentando parar de tremer e inspirando pelo nariz,

expirando pela boca.

Quando chamou Matt e seu pai, já estava bem mais calma.

**

Ela destrancou a porta de casa e entrou, largando sua bolsa no sofá e olhando para os lados procurando Miguel. Foi até seu quarto e ouviu o som de água correr no banheiro.

Clarice evitou quaisquer comentários sobre como ele tinha a chave de sua casa, porque os dois precisavam de um tempo sem esses dramas. Tudo bem que era um pouco mais sério do que um drama, mas ela estava disposta a deixar

para lá se fossem sentar e conversar.

A água do chuveiro cessou, e ela notou uma maleta pequena no canto da sua cama. Miguel saiu do banheiro com uma toalha branca enrolada na cintura, a água escorria em filetes mornos pelas inúmeras cicatrizes que ele tinha no torso, e mais... Havia um ferimento ainda com pontos na costela direta, ao lado do corpo. Não era longo, mas parecia profundo e tinha uma cor amarela apagada. Parecia quase sarado.

- Eu saí direto do avião para casa do seu pai. Espero que não se incomode.

Ela se aproximou com rapidez e espalmou a mão no peito dele, correndo os dedos pelo ferimento, levantando a

cabeça e perguntando:

- Dói?

- Não.

- Ótimo. – Clarice abaixou a mão e puxou a toalha dele com força, jogando-a longe. – Porque eu preciso de você agora.

Miguel abriu a boca para falar algo, mas o que saiu de lá foi um gemido rouco. Clarice agarrou o pau dele na mão e começou a masturbá-lo devagar, ele já estava duro e pronto, e o estímulo só o fez levantar ainda mais e apontar para o teto.

Clarice abaixou a cabeça e o viu. As veias do pau grande pulsantes, e a cabeça grossa melada pela porra que já

queria sair.

- Não goze – Clarice sussurrou, se agachando elegantemente e ficando de joelhos, com os olhos fixados no rosto de Miguel. – Não goze ainda.

- Clarice, você não...

- Cala boca, Walker.

E o colocou na boca. Primeiro bem devagar, só para sentir a pele dele em sua língua e o gosto salgado que deixava rastro. Ela o tirou da boca brevemente e passou a língua da base até a ponta, Miguel rosnou e agarrou os cabelos dela.

- Porra!

Ela o enfiou na boca novamente e começou a chupá-lo, masturbando-o com

as duas mãos e indo e vindo com a boca, deixando sua saliva quente por onde passava só para engoli-lo ainda mais profundamente. Ele era muito grande, e o máximo que conseguiu colocar para dentro da boca foi à metade.

Clarice recuou, o pau dele escorrendo de sua boca e fazendo um estalo alto quando saiu. Ela abaixou o rosto e capturou as bolas dele com os lábios, chupando forte aquela pele macia.

- Puta merda! – ele rugiu, puxando com mais força os cabelos dela. Clarice levantou o olhar e viu que Miguel não fechara os olhos, porque estava adorando vê-la naquela posição. – Me

coloca de volta, Clarice. Eu vou foder essa sua boquinha deliciosa agora.

Ela soltou um gemido e voltou com sua boca à glândula dele. Miguel avançou o quadril e ela o recebeu, engolindo as estocadas suaves. Ele começou a gemer forte e Clarice a cantarolar de prazer. Miguel era uma delícia. Salgadinho, morno e macio.

Ele arqueou a cabeça e soltou um som animal, investindo ainda mais forte na boca dela e fazendo-a lacrimejar. Quando o gozo dele veio violento, ela quase engasgou com a porra grossa, mas engoliu tudo, lambendo os beiços e o pau dele, que ainda estava duro como pedra.

- Chega. – ele a puxou para cima pelos cabelos. – Agora vou gozar dentro de você. Tira a roupa.

Soltando um risinho nervoso, ela começou a se desfazer de sua camiseta e sapatilha. Estava começando a abrir o zíper da saia curta jeans que usava quando ele pegou sua mão, esboçando um sorriso canto de boca.

- Tira a calcinha, deixa a saia. – Ela concordou, sem tirar os olhos dos dele, e abaixou a calcinha fio dental, jogando-a junto com a toalha – bem para longe. – Você é mais safada do que eu pensava...

Ele pegou a cintura dela e com os dedos puxou o mamilo rosado e inchado do sutiã meia-taça de renda que ela

usava.

- Essa cor lilás combina com você – ele sussurrou, abaixando a boca para o ouvido dela. – Você tem outro sutiã dessa cor?

Clarice gemeu e tentou murmurar que sim, mas ele a impediu, enfiando a língua em sua boca. Ela o sentiu rasgar a renda do sutiã, e prender os dois mamilos nos dedos.

- Eu compro outros – disse quando se afastou, passando os dentes no lábio inferior dela.

Miguel agarrou-a e a deitou na cama com suavidade.

- Abre as pernas para mim, Clarice.

Ele afastou os joelhos dela e subiu a

saia que ela usava para que pudesse ver melhor a bocetinha rosada que ela tinha. Ele chupou o dedo indicador e passou por entre os lábios do sexo dela, sentindo como estava úmido e pronto para que ele metesse com força.

- Abre mais. – ele pediu, vendo que o rosto dela ficara vermelho. Deu um beijo suave no joelho dela, incentivando-a. – Eu quero te ver toda. Se abra pra mim.

Ela mordeu o lábio inferior e continuou de olhos abertos para ele, arreganhando as pernas e abrindo sua boceta como uma flor ao desabrochar. Miguel suspirou rouco e continuou passando seu dedo indicador por sobre

aquela rosa deliciosa. Ficou de joelhos e agarrou os quadris dela, a impulsionando para cima. Clarice entendeu o recado e flexionou os joelhos, se apoiando nos calcanhares.

- Tão linda – Miguel viu-a acompanhá-lo com o olhar enquanto descia sua cabeça e beijava o clitóris dela. – Perfeita... – ele abriu a boca e a chupou forte. Clarice se arqueou na cama e gritou. – E só minha.

Ele a lambeu com calma, apreciando cada lábio vaginal e dando atenção especial para o clitóris, que estava palpitante, e tocá-lo apenas fazia Clarice se remexer toda, louca para gozar. Miguel enfiou a língua na entrada

dela, chupando os líquidos expelidos pela excitação, testando a profundidade do desejo que os envolvia, e não se decepcionou. Ela parecia estar pronta para receber o pau enorme e pesado dele antes mesmo de ele sair do banheiro.

- Se tocou enquanto eu estava longe?

– Desceu os quadris dela ao colchão, ouvindo um arquejo profundo dela.

- Não...

- Sim. Você fez isso. – As pernas bambas dela caíram, mas ele as segurou, afastando-as e mantendo o joelho esquerdo levantado.

- Senti sua falta...

Miguel voltou com o polegar, fazendo

semicírculos rápidos no clitóris dela.

- Se tocou assim, Clarice?

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, pendendo o rosto para um dos lados, fechando os olhos.

- Como foi então? – Miguel pegou a mão dela e a conduziu para o meio das pernas. – Me mostre.

Continuando de olhos fechados, e o rosto vermelho – agora de tanto prazer acumulado, ela ocupou o lugar do polegar dele e começou a se masturbar, abrindo a boca em prazer enquanto sentia Miguel se ajeitar de lado na cama.

- Abra os olhos. Quero que veja como meu pau é perfeito para sua bocetinha apertada.

Ela os abriu, sem parar de mover seu dedo indicador entre as pernas. Miguel estava com o quadril ao lado do seu, segurando sua coxa para cima e com o pau quase encostado a sua entrada.

Na posição que ele estava, de ladinho, o peitoril tensionado fazia com que todos os músculos se exaltassem, pulando em suas formas e criando na pele coberta de cicatrizes uma obra de arte viril masculina que nunca seria capaz de ser capturada.

Miguel levou seu rosto até o dela e a beijou, encaminhando a cabeça inchada de seu pau para dentro dela. Clarice o sentiu invadir, e entrar devagar, apertando seu canal apertado e enviando

uma onda de prazer e mais lassidão por seu corpo, parando em seu coração, que por causa daquele beijo que trocavam, parecia ter aquietado.

Ele moveu o quadril, tirando e colocando novamente, segurando a mão dela que ainda massageava o clitóris.

Clarice gemeu na boca dele, se afastando para respirar, abrindo os olhos e notando o brilho desaparecido presente nas pedras negras daqueles olhos envolventes.

- Ah! – a voz dela saiu estridente quando ele meteu com mais força. Clarice agarrou a nuca dele e o trouxe para mais perto, não o deixando escapar. – Diz para mim que eu sou sua.

Ele abriu um sorriso meio distorcido, o cabelo branco às ténporas ficando molhados pelo suor do esforço.

- Você é minha...

Clarice puxou a mão dele e colocou-a sobre o coração. Ele abaixou a cabeça e chupou um dos mamilos com força e maestria.

- Minha deliciosa rosa. — sussurrou ele, chupando o outro mamilo, sentindo as costas dela se arquearem com um orgasmo silencioso. Miguel tornou sua boca pra ela e a beijou sofregamente, remexendo os quadris e enfiando seu pau todo de uma vez nela, voltando e extraindo gemidos, e estocando novamente, incansavelmente, até ela

gozar mais uma vez e fechar os olhos de exaustividade.

Ele largou a coxa dela e subiu em cima do corpo cansado, subindo os braços dela em seu peito e abaixando sua boca mais uma vez, entalando seu pau grande e grosso outra e outra vez.

- Diga que você é meu... – Clarice pediu com voz embargada. – Diga! – gritou quando o pau entrou até mais profundamente em si.

- Eu sou. Eu sou seu! - Miguel rugiu, entrando mais profundamente, até suas bolas baterem no contorno da bunda dela e sua porra a preencher por completo.

- Você é meu... – Clarice balbuciou,

encravando suas unhas na bunda firme dele, pedindo-o para continuar.

Miguel encostou seu rosto suado no dela, e fez o que ela pediu.

**

O vapor da água embaçou o box de vidro e o painel de espelhos do banheiro.

Miguel passou a mão calejada e ferida ao longo do braço de Clarice, pegando a mão dela e entrelaçando os dedos.

- Está bem? – questionou baixo. Ela estava quietinha e carente, com a bochecha apoiada no peito dele,

respirando devagar.

- Estou pensando no meu pai.

Miguel engoliu uma risada e apenas abriu um sorriso, ele apertou seus dedos aos dela.

- Depois do que fizemos está pensando no seu pai?

- Não... — ela riu, desvencilhando uma das mãos para acariciar os bíceps dele, distraidamente. — Estou preocupada, na verdade. Meu pai anda muito triste.

Ele passou a mão solta nas costas nuas dela.

- Quando liguei para Rose ela disse que havia acontecido algo. O que ele tem?

Clarice bufou ao ouvir isso e ignorou.

- Meu pai teve um traumatismo craniano grave dez anos atrás. Desde então, mesmo medicado, sofre alguns tipos de transtornos de humor e algumas vezes têm acessos de raiva.

- Você e seu irmão ficam bem com isso? – ele levantou a sobrancelha, sua voz pareceu preocupada.

- Sim. Mesmo quando têm esses acessos, meu pai é muito centrado. Matt já está acostumado e ajuda demais. Mas meu pai anda insistindo em ir para uma clínica de repouso. Eu não quero que ele vá.

- Sabe que não pode impedi-lo.

- Eu sei, mas ele quer que apoiemos essa escolha... E sempre que ele pergunta, eu me sinto tão desconfortável!

— Clarice respirou fundo, tentando guardar a angústia. — Sinto muito, não quero estragar nosso momento...

- Não está. — Miguel passou a mão nos cabelos dela, fazendo um cafuné gostoso. — Como ele sofreu esse traumatismo?

Ele não sabia sobre aquilo. Clarice nunca permitiu que nada fosse a público, muito menos William. Havia sido uma noite lamentável, e, apesar dos médicos ao atenderem ele perguntarem sobre, ela se recusava a dizer, ou simplesmente negava conhecimento.

Não era algo secreto ou de natureza tão feia que não pudesse ser mencionado, mas Clarice se culpava imensamente... E Matt até hoje não sabia. Ela queria manter desse jeito.

- Se não quiser dizer, está tudo bem.
Mas Clarice diria a ele.

- Aconteceu há dez anos. Eu tinha dezesseis anos na época e havia acabado de receber uma bolsa integral na universidade. Nós ainda tínhamos dinheiro, mas eu escolhi meu esforço à gastar o que meu pai guardava. Ele desistiu de ser corretor da bolsa para escrever e nós nos mudamos para uma cidade bem pequena. Nossa casa também era pequena, mas confortável;

tinha vista para o mar e o aroma da água salgada invadia o deque todo dia de manhã. Nesse dia em que recebi a carta de admissão e a bolsa, ele saiu tarde da noite para comprar um presente para mim, um par de brincos de prata e turmalina, quais nunca cheguei usar. Quando ele saiu, dois homens entraram em casa e me renderam. Aquilo me assustou como um inferno, mas a única coisa que eu pensava no momento era em Matt que dormia, ele tinha apenas seis anos...

Ela respirou profundamente, engolindo as lágrimas. Miguel permaneceu em silêncio, sentindo a fúria de ouvi-la contar aquilo subir e se

concentrar em seu âmago, juntando-se a todos os escárnios assassinos que possuía. Ele não havia ouvido o resto da história, mas já sabia quem seriam os próximos que encontraria e mataria a sangue frio.

- Eles começaram a roubar tudo, mas não fiz nada, apenas permiti. O que eu podia fazer? Mas assim que terminaram de pegar as coisas de valor, olharam para mim... E, então, eu soube que não estavam ali só para roubar.

Os músculos de Miguel ficaram rijos, ele parou de respirar.

Clarice sentiu a alteração dele e completou:

- Meu pai chegou assim que eles

começaram a rasgar minhas roupas. Eu acho que ele deveria ter ouvido algum de meus gritos do lado de fora, porque entrou na sala de casa e quase nocauteou um deles na nuca com um pedaço enorme de madeira. O outro foi mais rápido e arrancou a arma da mão de meu pai e revidou. Meu pai recebeu cinco pauladas na cabeça. Os homens acharam que ele estava morto e fugiram, com medo.

Ela engoliu em seco e suspirou.

- Ele ainda estava vivo, claro, mas sofreu muito para sobreviver e até hoje sofre.

- Você se culpa por isso?

- Sim. Todo dia em que o vejo

cabisbaixo. Às vezes sinto que a culpa está se esvaindo e me libertando, mas basta olhar naqueles olhos aristocratas dele que vejo que não é bem assim. Depois do que aconteceu, meu pai parou de escrever e desistiu de seu sonho. Eu cresci e aprendi a ser forte me espelhando no que ele me ensinava dia após dia, superando suas dificuldades. Matt também cresceu e eu cuidei dele, sempre tendo certeza de que nada aconteceria aos dois.

- Nada vai acontecer a eles e a você, Clarice. Eu vou me certificar disso.

Ela apoiou o queixo no peito dele e o observou.

- Obrigada por se importar.

Miguel acariciou o lado do rosto dela e a beijou na bochecha.

- Importar é mínimo quando amo alguém.

Clarice abriu um sorriso.

- Você me ama?

- Importa-se de eu te amar? Porque, na verdade, não consigo evitar.

Ela fechou o sorriso e se arqueou em cima do corpo dele. Envolveu seu rosto em ambas as mãos e o beijou com força.

- Não me importo – ela passou os polegares pelas sobrancelhas negras dele.

- Podemos conversar sobre mim agora? Esse parece ser o momento certo.

Clarice meneou a cabeça.

- Estou faminta. Podemos pedir algo e assim conversamos com calma.

- E que tal eu cozinhar? Adoro passar o tempo com você, queria ficar mais um pouquinho assim, juntinho e conectado, deixando os dramas de lado por um instante.

- Eu gosto disso. – ela sorriu.

- Frango e batatas recheadas com beterraba e ervilhas soa bom para você?

Clarice franziu o cenho.

- Detesto ervilha. – ela confessou, causando um sorriso instantâneo nele.

- Cenouras, então. Se tiver frango pré-cozido vai ser rápido.

- Vai ser uma delícia... – ela fechou os olhos e grudou seu nariz no dele.

- Eu sei, Clarice. – Miguel falou, subindo a mão para a nuca dela. - Já *está* sendo.

- Por que nunca usou o brinco que seu pai lhe comprou? – Miguel questionou, temperando o frango para ir ao forno.

Clarice parou de picotar a beterraba um instante, ouvindo a chuva ecoar lá fora com fúria. Depois que saíram da banheira, trovões rapidamente anunciaram uma tempestade.

Aquele climinha quente e gostoso da cozinha, com o gotejo da chuva preenchendo o ambiente como trilha sonora enquanto cozinhavam juntos era

maravilhoso.

- Eu o joguei no mar no dia seguinte. Não queria me lembrar de nada daquele dia, mas aparentemente, não pude evitar.

Ela pegou as batatas cortadas ao meio e começou a rechear com a cenoura que já havia cortado e com a beterraba. Miguel aproximou, aninhando seus braços na cintura dela por cima do robe de seda, olhando o que ela fazia.

- Eu odeio que você tenha passado por isso.

Clarice riu e finalizou as batatas, pegando o azeite e passando em zigue-zague por cima. O corpo quente e o aroma da pele de Miguel estavam tão aconchegantes que ela quis que ele

ficasse ali para sempre.

- É meu passado. E com o passado, seja bom ou ruim, tem que se lidar com a cabeça erguida e sempre lembrando de que ele não te define. Ele te molda e te prepara para o melhor do que o pior pode oferecer... – ela abaixou o vidro de azeite grego e roçou o antebraço dele. – *Eu* odeio que tenha passado por algo tão doloroso que ainda te prende em memórias. Estou com medo de perguntar, Walker. E se eu estou com dificuldade de saber, imagina como deve ser árduo compartilhar. Pode me ajudar com isso?

- Claro. – ele sussurrou, beijando-a atrás da orelha. – Me passe essas

batatas.

Miguel se afastou do corpo dela e ela virou, entregando-o uma bandeja de metal com as quatro batatas recheadas com os legumes frescos, regadas ao azeite. Ele pegou o recipiente com o frango preparado e colocou as batatas ao redor, levando-o ao forno pré-aquecido.

- Minha filha morreu sete anos atrás. – disse ele, olhando para o forno fechado. Levantou-se e procurou a mão e os olhos dela. – Minha pequena Lily.

- Igualmente à flor... – Pureza, inocência... Chamada também como A Flor do Amor.

- Isso. – disse, fazendo uma pausa

prolongada. Mas Clarice foi paciente e esperou. Sabia que deveria ser difícil. – Ela foi assassinada. E como você, sei que carrego uma culpa que não me pertence, mas não consigo impedir de sentir. Alguns dias acordo a noite com o último vislumbre que tive dela, e sei que não tinha como impedir que Lily morresse, mas outras lembranças são tão pavorosas que me obrigo à sentir o peito comprimir não só de saudade, mas de uma culpa tão carregada que me fustiga a procurar os culpados e...

- Matá-los? – Clarice perguntou em um sussurro. Miguel concordou. Devagar, ela tentou buscar mais dele. – Como ela morreu?

- A mãe dela pagou homens para sequestrá-la. Eu tinha tirado Lily dela porque ela era louca... ainda é. Mas eles a usaram como um peão para conseguir mais dinheiro. Esses homens mandavam vídeos para mim de Lily sendo torturada, Clarice. – O rosto dele se tornou sombrio. – Eles a machucaram mesmo sabendo que eu pagaria o que quisessem. E antes de eu conseguir fazer a transação do dinheiro, o pequeno coração de minha filha parou e eu nunca mais consegui dormir sem pensar nela, no que ela passou. Ela tinha apenas três anos e eu nunca vou esquecer.

Clarice piscou e duas lágrimas caíram.

A chuva que ruía lá fora era como uma força que tentava lavar a terra e ajudar florescer novas vidas na primavera. Clarice chorava por ele, tentando fazer o mesmo naquele coração que se tornara negro e infértil.

- Eu matei quase todos eles. Um por um, torturando-os e depois enfiando uma bala em seus corações. No dia anterior em que te conheci eu havia matado o décimo segundo. Eles eram em quinze. Só falta *uma*.

Clarice não queria perguntar, porque continha impressão de que sabia quem era.

- A mãe dela. — Miguel declarou, sombras ocultando a beleza tão rara do

olhar negro dele.

- Você esteve guardando-a para o final?

- Não. Eu ainda não enfiei uma bala nela porque ela tem dinheiro e sabe se esconder.

- Que tipo de pessoa faz isso com a própria filha?!

- Uma ex-assassina do exército. — Miguel respondeu rápido. — Eu a conheci lá, e tivemos um caso breve, mas quando engravidou começou a enlouquecer gradativamente. Assim que Lily nasceu ela sufocou uma enfermeira para tentar pegá-la e fugir da maternidade. Depois disso, impedi que chegasse perto da criança

terminantemente, e ela sumiu, até três anos depois. Ela me ligou e riu do que minha filha estava passando, jogando a culpa em mim por tê-la deixado viver o suficiente para sofrer.

- Não é sua culpa... E você vai pegá-la, sei que vai. – Clarice o abraçou, passando a costas da mão nas lágrimas.

- Foi ela que mandou te matar, Clarice.

- Mas eu estou viva.

- Ela não desistirá.

- Você também não. – Clarice disse. – Todas as cicatrizes... Foram para sua filha? Foram para Lily?

- Cada uma delas. – ele passou a mão na cabeça dela. – E não me arrependo.

- Não deveria. Se eu tivesse força para lutar, lutaria ao seu lado e seria a missão mais honrada da minha vida.

Miguel suspirou de alívio.

- Você me surpreende. Parece tão maleável por fora, mas por dentro tem coração e pulso de ferro.

- E eles são seus.

Ele a afastou pelos ombros, olhando-a fixamente no rosto. Os olhos dela brilhavam pelas lágrimas recém derramadas, e um raio lá fora enviou uma rachadura de luz celestial sobre eles, intensificando a beleza dos cabelos dourados e das pequenas estrelas aprisionadas que ela tinha naquele caldeirão de olhar.

- Não quero tirar os sorrisos que abre para mim de minuto em minuto, Clarice; Não quero te assustar ou sobrecarregar com essa minha verdade oculta e com as sombras obscuras que carrego no peito.

As sombras que Clarice, sem perceber, estava extinguindo uma por uma.

- Não me importa quantos homens matou, eu não te pedirei para parar. Se estiver comigo e tudo o que fizer for por aquilo que acha certo, estarei bem. E quando tudo estiver acabado te ajudarei a conciliar os buracos que guarda aqui.

— Ela apoiou sua mão sobre o peito dele.

— Eu não quero muito... Lembra-se quando eu falei que gostava de

simplicidade? Tem sido maravilhoso ter você aqui comigo, curtindo um pouco o que cada um tem para dar, mesmo que seja tão difícil de dizer ou superar. E talvez possamos, devagar, indo suprimindo a necessidade de ir além dos sentimentos dolorosos. Mas por agora não posso pedir mais nada, além de um beijo.

Miguel apertou o ombro dela, puxando-a para sua boca. Ela se descansou nele, apoiando seu peso naquela parede de músculos e sentindo um fervor correr espinha acima, de depois abaixo. Era mais do que deleitável, era como se ela pertencesse ali e os braços dele fosse seu lugar. Os

dois se afastaram, finalizando o beijo com um pequeno som delicioso de lábios se desgrudando a procura de ar.

Um trovão retumbou lá fora e o fogão apitou.

- Está pronto. — ela sussurrou. — Pode pegar um vinho na adega? Eu vou arrumar a mesa.

- Ao lado da geladeira, à direita?

Clarice riu baixo, passando os dedos no rosto dele.

- Sim.

Miguel foi até lá enquanto ela colocava o frango em um refratário, levando até a mesa montada próxima a janela, que dava vista para o jardim ressecado. Essa temporada de chuva

havia acabado com todas as flores e as poucas rosas que insistiam em não nascer ali, deixando apenas folhas secas e um vaso de gardênias que Clarice continuava tomando conta, mas que não demorariam muito a morrer.

- Deveria pedir alguém para ver seu jardim – Miguel falou da adega.

- Já fiz isso, mas a culpa é da chuva.

Ela colocou as taças perto dos pratos, voltando à cozinha para buscar o pão. Miguel apareceu com o vinho na mão e o celular na outra.

- Preciso atender. É Ethan. – disse, colocando o vinho na bancada. – Meu sistema foi interrompido novamente.

- Seu sistema? – ela franziu o cenho,

cortando o pão em fatias grossas.

- Eu construí um sistema de segurança específico para as operações tecnológicas da minha empresa, mas alguém vem tentando invadi-lo. Ethan deve estar no centro de operações agora, me dê só um minuto e já volto.

Ele saiu em direção ao quarto dela, atendendo a ligação. Clarice levou o pão até a mesa e pegou uma taça, levando-a ao balcão e abrindo o vinho.

O som suave do líquido sendo derramado ao cristal foi abafado por outro, o som de algo se quebrando com violência que eclodiu ao ambiente.

- Não. – Clarice sussurrou, apertando os olhos antes de se virar para a mesa

posta. – De novo não...

A janela de vidro estava espatifada e um homem com a face coberta e as roupas molhadas dava passos rápidos em direção a ela, deixando um rastro de terra molhada e pétalas de gardênias, que haviam sido pisadas e assassinadas ao acaso pelas botas ameaçadoras daquele homem.

Clarice deixou a garrafa de vinho cair.

- Walker! – ela conseguiu gritar, antes do homem virar sua adaga transversalmente e encostá-la com força na garganta dela. Miguel voltou correndo, seus pés descalços derraparam no piso liso.

- Solte-a! – ele rugiu.

- Ela vai gostar de saber que agora tem alguém para sangrar por ele...

O homem do estacionamento havia dito isso a ela. Clarice tentou se manter tranquila, mas a lâmina afiada abaixo do seu queixo não era um calmante muito eficiente. Ela tentou distraí-lo.

- Por que está repetindo as palavras do outro? – perguntou baixo, olhando para o que achava ser os olhos dele. O homem apertou ainda mais a faca na garganta dela.

- Porque *ela* mandou.

- Eu te dou o dobro que ela pagou para me soltar.

O homem pareceu dar uma risada,

mas ficava confuso ter certeza, pois era um guincho agudo e estridente.

- O triplo... – Clarice tentou apressadamente, fazendo força para se manter nos trilhos e não desabar de vez. – Eu te dou o que quiser... Me deixe ir, apenas.

Ele virou a cabeça de lado e a faca pareceu afrouxar por um instante, só para voltar com força e Clarice começar a sentir sua pele sendo cortada.

- Você está blefa...

Miguel veio por trás de Clarice e enfiou uma faca de cozinha no queixo do homem, encravando-a com um movimento rápido, subindo da garganta até o topo cabeça, onde a ponta da

lâmina ficou saliente. Sangue quente espirrou no colo nu dela antes do homem cair morto ao chão, o tilintar da adaga que ele portava retiniu ao piso como as badaladas altas de um sino.

Ela desabou no colo de Miguel, apavorada pelo o que havia acabado de presenciar.

- Clarice? – ele chamou, pegando-a nos braços. Ela ainda estava consciente.
– Clarice?

Ele correu até o quarto com ela no colo, entrando no banheiro com pressa e a sentando na bancada alta do espelho.

- Você está bem? Olhe para mim!

Miguel começou a passar a mão no sangue que havia espirrado nela,

tentando achar um ferimento.

- Fale comigo! – ele grunhiu, pegando o rosto dela nas mãos.

Clarice despertou e respirou fundo.

- Tire o sangue de mim... Por favor.

- Você está bem? Algo dói? Ele te machucou? – ele a apalpava para ver se algo havia sido cortado.

- Estou bem, só tire isso de mim. – Clarice implorou.

Ele balançou a cabeça e abriu o robe dela, deslizando-o por seus ombros e a pegando nos braços novamente, levando-a para o box. Miguel ligou a água fria e deixou-a firmar os pés que tremiam no chão. Clarice levantou a cabeça e esperou a água escorrer por

seu corpo nu, levando a impureza do sangue do homem que *quisera* matá-la.

Ela encostou as mãos na parede ao lado, tentando se apoiar, não deixando de olhar Miguel, que parecia perdido.

- Vem aqui – ela sussurrou para ele, levantando a mão. Miguel deu um passo para trás.

- Eu achei que poderíamos fazer isso, mas...

- Não se atreva a fugir! – Clarice gritou, a água fria caía na sua cabeça e grudava seus cabelos à sua face.

- Eu acabei de matar um homem na sua frente, Clarice. – ele foi até ela, agarrando-a pela nuca com força. – Não podemos simplesmente achar que está

tudo bem e fingir que iremos ser feliz com essa merda que achamos que temos!

- Não significa que precisa se esconder por causa disso. Só estou nervosa... Vai passar.

- Não vai passar – Miguel declarou, baixo.

- Não quero que você vá... – Ela passou os braços pela cintura dele, o apertando forte, fazendo dele sua sustentação. – Você acabou de salvar minha vida, não pode se culpar por isso.

- Não estou me culpando. Estou sendo realista, Clarice. – O corpo dele ficou rígido. – Eu não salvei sua vida, eu a estou colocando em perigo.

Miguel se afastou do abraço dela e

virou o rosto, desligando o chuveiro e buscando uma toalha seca.

Quando percebeu que Clarice não iria pegar a toalha sem que virasse para ela, ele a largou na bancada e saiu do banheiro com passos pesados.

- Não faça isso ser mais difícil...

- Então *não faça*. – Clarice murmurou, fazendo-o parar antes de sair do quarto.

- Fique aqui até o amanhecer, não saía em hipótese alguma.

Ele tirou a chave da parte de dentro da fechadura. Miguel iria trancá-la pelo lado de fora, e o que havia dito era só um aviso, Clarice não tinha escolha até ele cuidar da bagunça na cozinha.

- Por favor. – ela pediu, se aproveitando da pausa dele pra se aproximar. – Posso te ajudar com isso aqui – com o coração negro dele. – Você disse que me ama, então não vá. Sabe que se me deixar aqui tudo vai voltar a ser como era.

- Talvez seja melhor assim. Distância de mim vai te manter segura.

- Mas vai me devastar por dentro...

Miguel soltou um suspiro longo e se virou, achando os olhos tristes e fortes dela.

- Meu passado é uma sombra que me impede de ser feliz. O amargor que a morte de Lily deixou aqui – ele bateu do peito – não permitirei sentir novamente.

Eu vou te proteger e vou continuar a te amar, porque não acho que meu peito algum dia irá parar de comprimir sempre que a vejo sorrir...

Ele, hesitantemente, encostou o rosto ao dela e aproximou seus lábios.

- Seu sorriso se tornou a minha esperança de viver. E eu vou cometer quantos pecados possíveis, farei o mal e o impensável para nunca te deixar sem ele.

Clarice ajustou a postura e fechou os olhos, deixando-o ver todo sentimento que sentia por ele escapar por seus poros, ficando vulnerável ao olhar intenso que ele lhe lançava. Queria que ele soubesse por palavras, por atos e

pelo invisível, que havia se tornado dele, e completamente dele, desde o momento em que se beijaram há dois meses atrás, depois daquele almoço.

Depois daquilo, um emaranhado de fios embaraçados foi se desfazendo, e a cada linha solta Clarice percebeu de imediato o que sentia por ele.

Não entendia, porque o amor não se entende. O amor se sente, e nada mais.

- Fique... — A voz dela ecoou no coração dele como as marcas que fizera em si mesmo.

E a dor de ele saber que não podia ficar sangraria muito mais do que os três riscos que carregava como cicatriz pra nunca poder se esquecer de sua filha, e

do que um dia ela foi.

Mas não era nela que Miguel pensou quando se desvencilhou de Clarice e bateu a porta, trancando-a lá dentro.

Ele pensou em um futuro no qual ela estaria ao lado dele, e em que pudessem construir algo sólido e simples. Simples como o coração dela. Simples como Miguel nunca seria.

Clarice ainda tentou bater na porta, mas não conseguiu força suficiente para chamá-lo. Ela era forte demais para chorar, então se deixou cair no chão, a toalha envolvendo seu corpo úmido e o cabelo dourado que pingava, e adormeceu.

Quando acordou, estava na cama e

sua cozinha estava tão limpa quanto antes da invasão. Por um segundo até achou que havia sido um sonho, mas quando voltou para o quarto e viu a maleta de roupas de Miguel no canto da cama, a realidade do acontecido a socou no estômago e ela teve que reunir toda sua força de vontade para erguer a cabeça e ir trabalhar.

E ela não iria desistir.

Clarice não queria salvar a alma de Miguel, ela queria tomá-la para si e arrancar uma por uma as cicatrizes que a envolviam.

Porque agora sabia que as cicatrizes não faziam parte do que ele era, elas o atormentavam.

CAPÍTULO 10

*Perder-te é ainda mais doce do que
ganhar todos os outros corações*

Uma lâmina.

Coberta por sangue, subindo garganta acima, irrompendo a mandíbula, subindo pelo crânio até trespassar para fora. O sangue escorria pela boca do homem de olhos escuros e profundos, ele sussurrava algo enquanto o tilintar de sua adaga, que caíra ao chão, ribombava como sinos de uma igreja.

- Agora você sangra por mim... – um murmúrio rouco e grave, ela conhecia essa voz.

- Clarice... – alguém a chamava.

O sino badalou três vezes, e o homem de olhos escuros caiu. Em seu último suspiro ele chamou o nome de sua filha.

A filha do amor.

- Lilith... Lily...

- Clara? — ela abriu os olhos, tentando perceber onde estava. *Reunião*, sala de reuniões. Seus pulmões voltaram a funcionar com força. — Você está bem?

Passou a mão no rosto e abaixou a caneta sobre o bloco de anotações.

- Sim... Estou. — ela pigarreou e olhou em volta, seus funcionários discutiam entre si acaloradamente sobre a nova construção do escritório. — Obrigada por me acordar, Glenda. — se desculpou com um sorriso pequeno.

- Essa semana você anda meio pálida, Clara. Deve ser gripe. Se não estiver se sentindo bem posso continuar a reunião daqui.

- Não. Tenho que ficar e ter detalhes em mão, iremos para Grécia daqui algumas semanas e esse tem que ser o melhor hotel turístico de Elunda.

- Se continuar se esforçando assim não terá forças para ir. – Glenda disse. – Vai para seu escritório e descanse um pouco, depois te passo o que perdeu.

Clarice abriu um sorriso tímido, concordando com ela. Saiu da sala de reuniões dando uma desculpa rápida e foi até sua sala, passando pela secretária temporária que só a fazia sentir falta de

Rose. Ela pegou as correspondências e entrou, esperando que não fosse incomodada por alguns minutos, mas não foi isso que aconteceu.

Clarice havia se sentado em sua cadeira de couro e apenas iniciado o programa de projetos, repetindo à mente para não pensar em Walker, e deixar os dias correrem para dá-lo um pouco tempo para pensar. Ela também precisava desse tempo, mas não para pensar, e sim para digerir a morte daquele homem, que a assombrava pela noite... e agora, de dia.

Mas mesmo depois de uma semana sem notícias dele, ela não estava desistindo.

O interfone interno tocou.

- Clara, o senhor Fort gostaria de falar com você.

Dois anos atrás ele seria anunciado como senador. Clarice bufou.

- Pode mandá-lo entrar, por favor.

A porta se abriu e Aurélio adentrou, portando um terno alinhado de cor azul escura, a bandeira dos estados unidos perfeitamente sobre o peito esquerdo, e o cabelo castanho escuro dele arrumado para o lado. Ele parecia cansado, como sempre, mas abriu um sorriso quando a viu.

- Não costuma aparecer no meu escritório sem avisar, Aurélio.

- Eu estava pela vizinhança...

Clarice ignorou o e-mail que apitava e olhou para ele.

- Obrigada por ter vindo, mas não vejo o quê você veio fazer aqui.

- Conversar com você, Clara. Depois *daquele* dia, tenho tentado te contatar, mas você me ignora.

- Conversamos o suficiente. – ela balançou a cabeça. – Eu não me arrependo do beijo, mas não deveria ter acontecido.

Ele puxou uma cadeira em frente da mesa e se sentou, ajeitando o paletó e cruzando as pernas.

- Você não parece estar confusa, Clara. Pelo menos não sobre nós. Nós gostamos um do outro, então porque não

continuamos juntos?

Ela encostou-se à cadeira, respirando fundo.

- Acabou, apenas aceite.

- É porque estou me candidatando novamente?

- Não é isso.

- Sei que ainda está chateada porque eu a traí.

- Você não me traiu, Aurélio. Nós não estávamos mais juntos. E eu não fiquei chateada.

Fort desabotoou o paletó, abaixando a cabeça.

- Miguel Walker. — O coração dela quase explodiu ao ouvir o nome dele. — É ele, não é? Você se apaixonou?

Clarice podia mentir, evitar responder, mas a resposta para essa pergunta saiu tão suave como se estivesse coberta por chocolate.

- Sim.

Fort sabia que ela responderia sinceramente, mas aquele sim não era o que esperava. Ele, como todo bom político, escondeu sua surpresa com um sorriso calmo.

- Eu entendo. — ele fez uma pausa. — Você sabe que ele não vai ficar com você, não sabe?

Ela não queria pensar nisso.

- Eu acho que você precisa ir. — ela fechou o rosto, engolindo saliva grossa.

- Clara, você já está sofrendo por

causa dele. Abra os olhos. Miguel Walker só irá fazê-la sangrar por ele.

A força dos pulmões dela se esvaíram, as partículas do ar pairaram ao olhar dela.

- O que você disse?! – Clarice pulou da cadeira.

Fort se levantou com calma e tirou um envelope grosso e pardo do bolso interno do terno.

- Esqueça o que eu disse. Veja por si mesma. – Ele repousou com uma tranquilidade calculada o pacote na mesa e a olhou nos olhos novamente. – Talvez você esteja certa e o *nós* tenha acabado, mas estarei de braços abertos quando precisar de mim.

Clarice apoiou as mãos na mesa e jogou o peso de seu corpo contra elas, puxando com dificuldade o ar para seu sistema. Aurélio fechou a porta sem fazer um ruído ao sair.

Ela sentiu o corpo pesar ainda mais quando abaixou o olhar para o pacote pardo. Ponderou em não abrir, mas mandou essa ideia ir à merda. Deu a volta na mesa, respirando pelo nariz, e puxou o lacre do pacote. Jogou o conteúdo sobre a mesa de vidro, um pen drive caiu primeiro, depois um envelope branco como o que parecia ser fotos.

Ignorando o envelope, ela voltou para o computador e não pensou duas vezes antes de grudar o USB na porta.

Uma janela pediu para que ela iniciasse o programa. Clarice se sentou e apertou qualquer tecla, outra janela apareceu em tela cheia no computador de trinta polegadas.

Clarice desabou na cadeira e dessa vez ela não conseguiu se segurar.

Ela estava vendo a si mesma no vídeo que passava, nua, abrindo a porta francesa de seu quarto e indo deitar. A data anunciava o dia do jantar que Miguel não aparecera. Com lágrimas nos olhos ela passou para outro frame, outra cena sua, dessa vez na rua, correndo de manhã, e depois outro e outro. Até chegar ao domingo passado, a noite em que fizeram amor em sua cama.

Estava tudo lá, cada segundo, cada minuto do dia seguinte, da semana.

Clarice se levantou, tirou o pen drive e limpou as lágrimas com as costas da mão, pegando o envelope branco e tirando as fotos de lá. Uma após outra, fotos dela chegando à boate, naquele dia em que ela e Miguel conversaram, à maternidade no nascimento de Ana, indo à casa de Rose...

E os diferentes ângulos a alertavam que ele a seguira por todo canto, em todos os lugares que fora desde que se conheceram. Clarice sabia que era Miguel não porque Aurélio havia lhe dito, mas porque sentia.

Por que ele havia feito aquilo?

Ela agarrou sua bolsa, enfiou as fotos e o pen drive lá dentro, saindo em disparada para o seu carro. Dessa vez, ela estacionou no estacionamento privativo da Walker House, bem a frente do prédio.

Entrou saguão adentro e subiu pelo elevador vazio, sentindo uma dor aguda atingi-la. Quando a porta se abriu, não esperou para andar até a mesa de Lambert, que parecia bem ocupado. Ele abaixou o telefone e se assustou quando a viu.

- Senhorita Hope? O senhor Walker não avisou sobre sua chegada. Vou informá-lo de sua visita.

- É uma surpresa – disse ela, por

entre a respiração. Sua garganta estava presa.

- Claro. — o rapaz murmurou e Clarice se pôs a ir para a porta. — Senhorita?

- Sim. — se virou para ele.

- Ele está no escritório tem três dias seguidos, e não recebe nem o senhor McLoone. O sistema de segurança da empresa rachou, ele está enlouquecendo. — Lambert falou mais baixo. — Talvez queira voltar mais tarde...

- Obrigada, Lambert. — Ela não queria saber de sistema nenhum. E Miguel parecia ter enlouquecido já há algum tempo.

Clarice irrompeu pela porta, mas não

estava preparada para vê-lo como estava. Miguel estava sentado ereto em uma plataforma enorme de computador, haviam várias telas ligadas a todo vapor, e outras jogadas ao chão, completamente quebradas. Ele digitava com ferocidade, parecia que queria ganhar alguma disputa de velocidade. Seus olhos estavam mirados nas telas com pequenas letras verdes sobre a superfície negra, até que de repente uma janela súbita apareceu em todas as telas espalhadas pela sala, anunciando em caixa alta que ele havia falhado.

- Merda! – ele rosnou, jogando dois monitores ao chão.

Ele se virou rapidamente e parou ao

perceber Clarice parada próxima a porta.

- Vá embora, Clarice. – Miguel grunhiu, passando pela sala e abrindo um cofre onde tinham vários HDs. Eram os backups dele. Mas pelo jeito como Miguel estava reagindo, nenhum deles funcionava.

Ela o ignorou e caminhou até a mesa, onde o paletó e gravata estavam jogados. Ele vestia só uma camiseta negra que estava quase completamente desabotoada e uma calça social amassada. Os cabelos pretos estavam bagunçados e a barba crescia selvagem no rosto dele.

Ela jogou as fotos e o pen drive à

mesa.

- O que é isso? – perguntou a ele.

Clarice sentiu quando ele se aproximou o suficiente para ver as fotos.

- Exatamente o que acha que é. – passou por ela e voltou para as telas.

- E acha que isso é normal?! Você estava me espionando esse tempo todo?

- Já sabia que eu fazia isso. Se veio aqui para fazer um drama ridículo, nem se incomode e saia antes que eu chame os seguranças.

- Drama?! – ela gritou, jogando o pen drive na cara dele. – Seu maluco!

Miguel se levantou depois de agarrar o pen drive antes que o acertasse.

- O que mais, Clarice? Vamos! Quero

ver você gritar o restante do que sou! – Ele correu até ela e a agarrou pelos cabelos, seus olhos exibiam um escárnio que ela só tinha visto duas vezes, quando matou aqueles homens.

- Vamos lá, porra! – ele urrou. – Chame-me do que eu sou! Louco! Perturbado! Infeliz! Assassino!

Ela soltou um gemido de dor e fechou os olhos, não queria vê-lo daquele jeito.

- Diga, Clarice! – Ele puxou mais o cabelo dela, o que fê-la soltar um grito agudo de dor. – Diga que sou um assassino insano! Sabe que é verdade, você mesma viu.

- Não... – ela murmurou para ele.

- Você é a puta mais sem graça com

quem dividi uma cama! – Miguel empurrou-a para longe. Clarice quase caiu ao chão. Ela se segurou em uma cadeira, apoiando seu corpo nela com a mão. A outra voando para o couro cabeludo subjulgado.

Ele juntou as fotos da mesa e jogou sobre ela.

- Isso é tudo que vai conseguir de mim, Clarice. Insanidade. Agora saia daqui antes que eu a machuque... e estou muito perto de fazer isso.

Ela apoiou os joelhos no chão e se levantou, erguendo o queixo e se virando para ele.

- Você é um idiota.

Miguel abriu um sorriso irônico. Mas

isso não a repeliu. Ela deu passos largos até ele e o esbofeteou na cara. Foi um tapa forte que deixou a mão dela ardendo. Miguel piscou e abriu os olhos, substituindo o escárnio por algo parecido com pena.

Ele começou a gargalhar.

- Isso te fez sentir melhor? A fez sentir como um “eu te amo” depois de uma foda, enquanto abraçadinhos em uma banheira quente e aconchegante?

Clarice apertou os olhos e ergueu a mão para o rosto dele novamente, com mais fúria ainda.

Miguel segurou o pulso dela com força dessa vez.

- Não posso ser concertado. – ele

falou baixo, os olhos dele seguindo a fina e silenciosa lágrima que caía no rosto dela, molhando os cílios loiros e longos. – Isso é o que vai ter de mim se insistir. E caso você insistir, vou quebrar seu coração em milhões de pedaços e dar para meu eu interior devorar. Você é frágil como uma boneca de porcelana, e vulnerável como uma adolescente apaixonada. E isso é o que você está, Clarice: completamente apaixonada por essa parte destruída de mim. Apaixonada pela ideia de que pode apagar minhas memórias e me fazer um novo homem. Mas não posso ser um novo homem. Não pode me salvar das ondas agitadas do mar da

reparação, porque já estou afogado nele.

Ele largou o braço dela e limpou com rispidez a lágrima que ela derramara.

- Estou no fundo desse mar há sete anos. E você é só uma sereia que quis me puxar para cima. Se não se afastar, Clarice, *eu* irei te puxar para baixo. E quando perceber será tarde demais.

- Está me dizendo para esquecer o que sinto por você?

- Não. – ele pegou a bolsa dela e a entregou. – Estou dizendo a você para *me* esquecer.

Dito isso, se virou e voltou a se sentar na cadeira acolchoada à frente das telas. Ele conectou o HD e voltou à posição de antes, e não pretendia sair

dali até substituir a rachadura de seu sistema por uma parede de concreto.

Clarice saiu da sala dele com passos curtos e silenciosos. Ninguém notou o que ela sentia enquanto caminhou o lobby do quinquagésimo andar com cabeça erguida e uma feição de completa indiferença a quem a olhava. Mas quando dobrou a esquina da rua do prédio, ela parou o carro e tentou respirar fundo, começando a desabar gradualmente, decaindo-se em um desespero soturno e contido que só assolou seu coração.

Miguel olhou para trás antes de Clarice sair porta afora de seu escritório, e em seus olhos negros

repousavam aflição. Ele queria correr até ela e ajoelhar pedindo perdão.

Miguel estava apaixonado, e não podia se permitir tal sentimento.

Quando conseguiu colocar de pé seu sistema interno de segurança, horas depois, ele olhou para as fotos à mesa, as que Clarice havia trazido. Juntou todas e observou uma por uma, eram realmente de seu arquivo pessoal, e que haviam sido adquiridas com a oportunidade da falha do sistema. Ele soube quem a mandara aquilo antes mesmo de parar em uma foto específica que deveria ter passado despercebido por Clarice.

Um souvenir.

A foto de um lírio murcho do jardim dela.

**

- *Ela* está aqui. – Miguel entregou a foto para Ethan, que levantou em um pulo.

- Como recebeu isso? Podemos rastrear?

- Clarice. – foi tudo o que saiu da boca dele. Ethan balançou a cabeça.

- Depois daquele assassino de aluguel que ela contratou, perdemos o rastro. *Ela* sumiu.

Miguel se sentou no sofá cinza da casa do amigo e abriu um sorriso torto,

que contrastava com a tristeza de seu coração negro.

- Não, não sumiu. Ela está sem dinheiro. – Miguel falou com certo divertimento e satisfação. O amigo continuou a olhá-lo, sabia que teria mais. – Ela não entrou no meu sistema só para pegar algumas fotos – ele apontou com o queixo para a que Ethan segurava. – Ela tentou transferir duzentos milhões de dólares para uma conta fantasma em um paraíso fiscal.

Ethan soltou uma gargalhada, acompanhando o bom humor de Miguel.

- Pensão alimentícia, meu caro! – Ele jogou a foto na mesinha de centro e se sentou.

- Ela não vai conseguir fugir por muito tempo sem dinheiro. *Meu* dinheiro. E vai vir atrás de mim, tentar de alguma forma se aproximar para me distrair e derrubar o sistema para acessar minhas contas bancárias.

- Devo presumir que já se certificou que isso não acontecerá...

Miguel não respondeu, não precisava.

- Preciso fechar o cerco. Prendê-la e matá-la de uma vez.

- O tempo está acabando, Miguel... A hora do adeus já chegou. Eu nunca te questionei isso, e essa será a única vez que farei, mas quando *ela* morrer conseguirá deixar sua filha ir?

Ele demorou um pouco para responder. Passou a mão no queixo mal barbeado e depois nos cabelos úmidos, havia tomado um banho demorado e ido direto para casa de Ethan.

- Como pai nunca poderei deixá-la ir. Ela sempre será minha pequena Lily. Mas ela morreu, e por mais tempestuoso que eu seja, sei que a vida quase nunca é justa. E se não comigo, alguém lá fora. Pelo menos tenho a oportunidade de lutar, e isso é o que estou fazendo, mesmo que seja pelo jeito cruel. – ele fez uma pausa, olhando para o nada. – Não esquecerei o que fizeram com meu bebê, Ethan... Mas, como um ser humano? Eu tenho que *me* deixar ir.

Estou cravejado e submergido em algo sujo e infeliz que não é de remorso pelas vidas que tirei, mas de culpa.

- Você fez o impossível por ela. Ainda está fazendo.

- Eu sei. – Miguel se recostou no sofá de novo. Ethan se levantou e serviu dois copos de Bourbon sem gelo. Quando entregou a Miguel, sorriu e falou:

- Eu liguei para a Amanda. – a esposa dele.

Miguel sorriu de volta e bateu nas costas do amigo quando ele se sentou.

- Já não era sem tempo.

**

Clarice não tinha certeza se chovia ou o céu estava caindo de vez. Segurou sua sombrinha com força enquanto corria até o Clarity – o restaurante que ficava perto de seu escritório. E apesar de apoiar a ideia de sua secretária de pedir comida e ficar longe da chuva, ela se sentia compelida a sair. Respirar um pouco de ar, mesmo que esse chegasse úmido ao seu rosto. Durante o almoço solitário, ela não parava de pensar em Miguel, e em como havia sido aquele último encontro deles. Ela estava magoada, não só pelo jeito como ele a tratou, mas como ele desistira facilmente.

Ele dissera que iria mantê-la em seus

braços, e depois simplesmente a mandava esquecer.

Sim, ela ia esquecer toda aquela bobagem que ele lhe dissera e iria voltar atrás dele. Mesmo que seu orgulho a estivesse esfaqueando pelas costas.

Clarice caminhou pela calçada molhada em direção ao seu escritório massivo e com arquitetura acolhedora, aproveitando para ouvir o som de sua bota no piso molhado e seus pensamentos conturbados. Tirou o celular do bolso por um instante e pensou em ligar para ele. Será que ele atenderia? Ela clicou no nome *M. Walker* e esperou tocar. Mas não teve tempo de colocar o aparelho à orelha.

Ele foi arrancado com força de sua mão, e de repente, ela se viu encostada na parede por um ladrão de rua. Uma touca preta cobria seu rosto e ele empunhava uma faca de cozinha enferrujada. Havia sido usada constantemente para aquilo.

- Diz aí, moça bonita, o que tem nessa bolsa? – O hálito forte de álcool e má higiene fez com que ela virasse o rosto e fechasse os olhos, o medo surgindo em seu corpo com um leve tremor que quis derrubá-la sob os joelhos, mas o homem a agarrava firme.

- Leve minha bolsa, pode levar! – ela ofereceu, tentando se mexer.

O ladrão pegou a bolsa da mão dela e subiu a faca para a bochecha,

pressionando a parte que deveria ser afiada na pele branca dela, que agora estava pálida.

- Eu poderia acabar aqui, moça, mas tenho ordens para te deixar com uma cicatriz.

O ar se perdeu entre a corrida de entrada e o pulmão dela.

- Não... – ela tentou dizer. O ladrão guardou a faca no bolso da calça suja e pareceu olhar para ela um instante, mas Clarice não se lembraria ao acordar.

Ele fechou o punho e a socou no rosto, fazendo a cabeça dela bater na parede e ela cair, mas ele não se sentiu satisfeito. Clarice já estava inconsciente quando ele chutou sua barriga repetidas

vezes, e só parou de chutá-la quando ela começou a cuspir sangue. Uma mulher que passava começou a gritar ao ver aquela cena, mas era tarde demais, pois o agressor correrá para longe, levando o celular e a bolsa, deixando um presente especial grudado em uma das palmas fechadas dela.

Uma ambulância surgiu em seguida, assim como os funcionários da Hope Architecture que ficaram assombrados por ver sua chefe entrar em uma ambulância. Logo começaram a se mobilizar e ligar para William e Matt, que estava na Walker House ainda. Vários deles estavam ao hospital quando os dois chegaram, e William quase

enfartou quando soube o que acontecera.

Aurélio apareceu, e toda uma equipe de seguranças cercou o hospital, como se ela precisasse de segurança enquanto estava na cama, inconsciente.

Miguel não atendeu a chamada de Clarice, não conseguiria ouvi-la chamar por ele e simplesmente não responder. Mas um recado havia sido deixado em sua caixa eletrônica, e quando ele o ouviu, o ódio que efervescia dentro de si simplesmente entrou em combustão e explodiu.

**

- Eu só preciso de um copo de água –

Clarice sussurrou para William. – Pai, pare de me olhar assim.

- Olhe o que eles fizeram com você, minha querida...

Matt trouxe uma garrafa com um canudinho. O lado esquerdo do rosto de Clarice estava machucado, e ela havia levado dois pontos sutis acima da sobrancelha, mas que agora estava inchado como um inferno.

Ela sorriu ao se imaginar naquela aparência, e acabou gemendo de dor.

- Não estou tão ruim quanto pareço, não é? Uma costela trincada não é lá grande coisa, pelo menos não quebrou.

- Pelo amor de Deus, Clara. Você vai atordoar o papai ainda mais. Uma

costela trincada é grande coisa sim. – Matt sentou na cama e passou suas mãos no cabelo loiro dela. – Fica boa logo.

- Eu vou. – ela agarrou a mão dele. Um barulho de vozes exaltadas começou a soar do lado de fora.

- O que é isso? – William se levantou, ficando ereto e abrindo a porta do quarto bem a tempo de ver Aurélio levar um murro de Ethan, que o olhou cair no chão dando um sorriso.

- Esse é só o começo para a merda que você entrou, seu imbecil.

Miguel saiu de trás do amigo e começou a andar em direção à porta aberta. William o reconheceu e saiu do quarto, estufando o peito e fechando a

porta para que Clarice não tivesse que ver aquilo. Enquanto isso, Aurélio se levantava e saía com o rabo entre as pernas, seus homens sendo substituídos pelos homens de Miguel, que assumiram suas posições com eficiência e brusquidão.

- Senhor Hope. – Miguel levantou a mão para cumprimentá-lo.

- Miguel Walker. – William apertou a mão dele com força para deixá-lo saber que poderia parecer velho, mas tinha bem mais vigor do que sua aparência ditava. – Presumo que esteja aqui para ver Clara.

- Ver Clarice, sim. – ele disse com voz firme.

- E pelo que vejo, substituir os inkomodes do ex dela.

- Ela não está segura com ele.

- E nem com você, pelo o que me parece.

- Se eu estivesse lá, senhor Hope, eu...

- Eu não quero “ses”, garoto. Minha filha não merece “ses”, e honestamente, não acho que ela mereça um homem que se esconde por debaixo de paletós caros e abotoadoras de ouro, enquanto governa um palácio de concreto e aço.

Os olhos escuros de Miguel agora pareciam como os de uma criança perto dos de William.

- Não gostaria de ter conhecido o

senhor nessa situação.

William meneou a cabeça e deu um passo para trás.

- Espere aqui até eu perguntar se ela quer te ver.

Ele entrou no quarto e não demorou a sair, acompanhado por Matt. Miguel entrou com a permissão de William alguns minutos depois, e seu coração batia com a força de um rufar de tambores.

- Eu estava contando os dias para você aparecer – Clarice mexia em alguma coisa nas mãos, e olhava para ela, de cabeça baixa. – Perdi as esperanças hoje de manhã... depois de três dias.

Miguel não falou nada e caminhou lentamente até a cama dela. Ele sabia que ela estava machucada, e mesmo assim não escondeu a fúria nos olhos quando ela levantou o rosto.

- Foi a mulher que você procura, não foi? Não me lembro de muito, mas... — ela ergueu o que o ladrão deixara em sua mão antes de fugir. Era um lírio branco, como todos os outros que Miguel recebera *dela*, como *suvenir* e uma lembrança viva de que era a responsável por sua infelicidade.

- Por Deus, Clarice... — ele sentou-se na cama e buscou as mãos dela. — Isso não deveria...

- Por que está aqui, Walker? —

interrompeu-o Clarice. – Eu não quero carências. E se está aqui só para olhar para mim e se culpar, pode sair.

Miguel subiu sua mão ao rosto dela e a afagou com carinho. Tão diferente da última vez que a tocou, e ela quis se arquear para a pele dele e ceder.

- Tome. – Clarice puxou a mão dele de seu rosto, colocando a flor envelhecida lá. – Vá.

O significado desse verbo, para ela, era algo muito diferente do que simplesmente ir. Clarice queria que ele fosse à busca de algo, algo que pudesse suavizar o turbilhão de controvérsia que existia naquele interior.

Miguel não podia pedir para ficar

nem podia negar o que ela exigia.

Ele aproximou seu rosto do dela e a beijou nos lábios com sabor de saudade. Ela correspondeu, porque sentia tanta falta dele que até doía. Clarice apoiou suas mãos sobre o peito dele e esperou o beijo se aprofundar como uma cascata suave de água transparente. Miguel apoiou a cabeça dela com uma das mãos e deixou a língua interagir com o desejo ardente que sobressaiu ao beijo apaixonado.

Ela se apertou nele, puxando-o mais para perto e sentindo os músculos rijos por baixo do paletó e o colete bem cortado e alinhado. Ele desceu sua mão pela cabeça até os ombros dela, achando

a parte superior dos seios em um segundo, massageando-a suavemente ali.

Quando as bocas se desgrudaram, ele desceu para o pescoço, faminto e cheio de tesão. Ficar longe de Clarice exigia mais do que força emocional, seus músculos clamavam por liberação, e seu pau estava pulsante e doía de tanta vontade de adentrá-la. E ele faria aquilo ali mesmo na cama de hospital, caso ela não tivesse juízo pelos dois.

- Walker... – ela arquejou, querendo que ele chegasse até seus mamilos duros, e ao mesmo tempo, que ele parasse... Inferno! Não, ela não queria que ele parasse!

Mas Miguel parou suavemente,

voltando ao rosto ela com pequenos beijos sobre o colo e achando a boca deliciosa dela novamente. O ardor daquele beijo anunciava-o como de despedida.

Ele se levantou e virou as costas, amassando a flor com a mão e a jogando no lixeiro mais próximo. Respirou fundo duas vezes e agarrou a maçaneta, falando antes de sair:

- Você continua linda, Clarice. Cada pedacinho seu.

E se foi, fechando a porta com leveza e dando passadas longas, até ela não ser mais capaz de ouvi-las.

Clarice engoliu em seco e colocou a mão no coração, tentando acalmá-lo.

Naquela noite, ela dormiu em paz.

CAPÍTULO 11

*Primeiro – o coração pede prazer, depois
– isenção de dor;*

Uma névoa alta e deliciosa cercava o
ao redor das montanhas gregas.

A cidade estava dormindo, mas as
pequenas luzes alaranjadas sobre as
casas que se amontoavam umas sobre as
outras, anunciava que estava começando
a acordar.

Era início de inverno na Grécia, e
apesar disso, Clarice esperava um sol
escaldante. Mas não foi o que encontrou.
O friozinho confortável que a fazia

puxar o casaco leve de vez em quando a dava lembranças de casa, mesmo que estivesse longe de lá menos de um dia.

- Vai esquentar durante o dia, senhorita Hope. Não muito, mas vai.

- É muito lindo aqui – Glenda disse para o rapaz que comandava a lancha em que estavam. Elunda era uma cidade deslumbrante até mesmo de madrugada, e Clarice mal esperava para passar uns dias de quietude ali. Oficialmente estava a trabalho, revisando a construção de um luxuoso hotel à beira mar, mas depois de visitas e reuniões, ela esperava sinceramente ter um tempo para si, umas férias prolongadas. Por isso trouxera Glenda e metade de sua equipe

supereficiente.

A lancha ancorou devagar em um deque de madeiras antigas e o acompanhante delas ajudou-as a sair do barco, levando-as por entre as pequenas barracas com tendas armadas próximas a amurada do porto. Clarice se divertiu andando em uma por uma, enquanto os conterrâneos simpáticos sorriam para ela e as comidas diferentes e cheirosas fazia com que ela quisesse parar em todas elas.

As duas pararam quando a manhã decidiu aparecer por entre as nuvens, tomaram um café forte com torradas com queijo Feta e azeitonas. Depois, uma variedade enorme de iogurte com mel

foi colocado à mesa, e elas acabaram nem conseguindo provar tudo.

Glenda caminhou ainda por algumas ruelas da cidade, tentando gastar o pouquinho de grego que tinha, Clarice ligou para Rose e seu pai, falando que ali era lindo e que estava tudo bem.

Ela não esperou ficar completamente boa para viajar, o que alarmou eles. Ela havia tirado os dois pontos acima da sobrancelha – agora só restava uma imperceptível cicatriz – e conseguia se sentir bem o suficiente para caminhar um pouco e depois descansar, sua costela não a incomodava mais.

Quando a tarde chegou, ela trabalhou como louca, colocando sua cabeça em

cada detalhe que precisava incluir e outros que precisaria rever ao voltar para o escritório, mas já ia adiantando tudo por ali, e o contratante era daqueles que sabiam o que queriam, o que facilitava bastante seu trabalho.

Quando chegou a noite, o clima voltou a esfriar, e ela dormiu pensando em Miguel, que depois de visitá-la ao hospital não dera notícias... Além, claro, de mandar uns homens enormes segui-la para todo canto aonde ia.

Do dia seguinte até o fim de semana ela continuou trabalhando sem parar no projeto do hotel, até que finalizaram o que precisavam ali, todos os dados estavam bem armazenados e a equipe já

estava iniciando o projeto e planejamento de construção.

A equipe iria embora ao dia seguinte da festa de gala que o contratante estava dando em um dos saguões dos prédios altos e belos da ilha, mas Clarice ficaria tirando alguns dias de folga.

- Não estou com humor para ir – ela falou para Rose, enquanto colocava um brinco de brilhantes.

- Você quase nunca está com humor para festas, Clara – respondeu Rose pelo Skype.

- Como está Ana?

- Enlouquecendo Lucas, como sempre – ela riu. – Ela está caída com ele no sofá, é a soneca da tarde...

Clarice levantou seu cabelo loiro sobre a cabeça e decidiu que o colocaria assim, em um coque solto e despojado.

- Viu as fotos que mandei daqui?

- Vi. Já estou começando a ficar chateada por essa licença maternidade. Da próxima vez levo Ana.

Clarice deu um sorriso para ela, prendendo o cabelo e deixando algumas mechas sobre o rosto.

- Também acho que está na hora de voltar a trabalhar. Estou sentindo falta da minha assistente favorita.

Rose revirou os olhos.

- Sei... Passa aquele batom vermelho, vai ficar lindo com o vestido que está

usando.

Clarice franziu o cenho e se olhou ao espelho. Seus olhos estavam levemente delineados, o que os deixava lindos e envolventes, mas o resto do rosto estava tão pouco maquiado que nem mesmo parecia, e ela estava deslumbrante.

Abriu a maletinha de maquiagens e puxou o batom vermelho-vinho.

- Esse batom evoca sedução – Rose lançou uma piscadela. O computador estava com a tela virada diretamente para o rosto de Clarice, sobre a bancada com o espelho oval do banheiro do hotel.

- Não estou querendo seduzir ninguém.

- Duvido que Walker esteja aqui nos Estados Unidos, querida.

Clarice passou o batom aos lábios, gostando do resultado. Elas já haviam conversado sobre ele tê-la seguido. Rose já sabia das fotos e as filmagens, mas ainda assim continuava uma partidária firme de Miguel.

- Já estou em Elunda há cinco dias. Eu sei que ele costuma se esconder, mas não teria motivo para não dizer nada, ou ao menos não mandar uma mensagem.

- Talvez ele esteja com medo de como vai reagir.

- Minha reação não seria muito boa mesmo.

- Já ligou para ele?

- O número que eu tinha dele estava no outro celular, e se tivesse, não ligaria. Eu não vou desistir dele, Rose, mas ele também tem que fazer um esforço.

Rose bufou.

- Vocês dois são tão complicados... Não poderiam simplesmente se aquecer no calor do sexo e deixar o relacionamento rolar com calma? Mas não. Invés disso, ficam se enrolando nessa confusão de sentimentos, sem falar desse orgulho palpável que paira entre vocês.

Clarice ajustou o decote reto sobre o colo e as mangas do vestido vermelho.

Ele era apertado no busto e na

cintura, e então caía até as panturrilhas em uma saia leve e solta, com uma fenda traseira charmosa e que dava ainda mais liberdade ao caminhar. Para completar, um scarpin cor de pele de uma linha limitada do Christian Louboutin.

- Não é orgulho... – Ah, se Rose soubesse!

- Está bem, vou fingir que não é. – ela lançou outra piscadela pela tela. Ana começou a chorar baixo ao fundo do vídeo. – Vou ter que ir, mas me liga quando voltar para o hotel.

Clarice concordou, esperando a amiga desligar e ir acalmar sua filha. Ela se olhou mais uma vez no espelho e se deu por satisfeita.

Seguiu com calma para o saguão da festa que era no mesmo hotel em que estava. Esperava poder ver um pouco mais da cidade dali de cima, a semana de trabalho foi tão corrida que fora a saída que dera com Glenda, só pôde aproveitar o ar puro e agradável da cidade em almoços com os contratantes.

Sua equipe já estava na festa e completamente dispersada, tomando coquetéis enfeitados e fugindo dali para namorar as escondidas da chefe. Como se Clarice não soubesse o que acontecia dentro de seu escritório.

Aceitou uma taça charmosa de Retsina, um tipo de vinho rosado grego, e tomou um gole. A bebida estava gelada

e doce. Uma delícia. O saguão estava superiluminado, e algumas pessoas cumprimentavam-na enquanto ela passava devagar, observando tudo e tentando não ser chamada para qualquer conversa que só iria deixá-la com ainda mais tédio.

Clarice sentia falta de Miguel e queria que se ele realmente estivesse ali, como Rose mencionara. Terminando sua bebida, entregou a taça vazia a um garçom e se escorou em um dos painéis que dava uma linda vista do mar e da cidade anoitecida iluminada. Era tão lindo dali. O mar tinha uma cor de azul tão profunda que a fazia se enganar e pensar imediatamente nos olhos negros e

misteriosos de Miguel.

Seu celular vibrou e ela abriu a mensagem, um sorriso suave apareceu em seus lábios avermelhados quando leu:

Desconhecido – 22h10: Você parece um anjo com a luz da lua sobre você. Sinto sua falta. Dança comigo?

C. Hope – 22h11: A música está baixa demais para dançarmos.

Ela deu uma olhada ao redor, mas não o viu. Incluiu-o na lista de contatos e enviou outra mensagem:

C. Hope – 22h13: Também sinto sua falta. Onde você está?

M. Walker – 22h13: Longe o

bastante para não sentir o aroma delicioso de sua pele.

C. Hope – 22h14: Por que não vem aqui?

M. Walker – 22h14: Onde está hospedada?

C. Hope – 22h15: Alguns andares abaixo.

M. Walker – 22h16: Olhe para o terraço.

E ela olhou.

Lá estava ele, como o celular na mão e a outra sobre um botão do paletó, que ele desfez rapidamente, deixando o vento menear uma das lapelas enquanto tentava deixar seu cabelo alinhado para

trás. Miguel estava tão lindo que ela quase correu para ele, porém, mesmo a distância, e com uma parede de vidro os separando, ela via que ele parecia cansado, exausto.

Miguel passou a mãos nos cabelos negros novamente.

- Estou esperando você. – ele disse para ela, mas ela não ouvira sua voz, apenas o gesticular na boca. Clarice abaixou o celular e deu a volta, indo porta afora da varanda enorme e vendo algumas pessoas saírem dali com calma, amistosos, como se soubessem que aqueles dois precisavam ficar juntos e a sós por alguns minutos.

Os passos dela foram pequenos e

bem calculados. Ela sorriu para ele quando chegou perto, e ele ergueu a mão, recebendo a dela e entrelaçando seus dedos.

Miguel não falou nada, mas o brilho no seu olhar era tamanho que parecia uma miragem em pequena escala do céu acima deles. Ele aproximou os corpos e colocou o queixo sobre a cabeça dela, esperando-a passar os braços por debaixo de seu paletó e se aninhar.

- Onde esteve? – ela recitou baixo, aquele abraço era tudo o que precisava.

- Tentando nos dar alternativas.

Ela fechou os olhos e encostou ainda mais a cabeça no peito dele.

- Fique aqui comigo. Não me deixe

novamente. Quando as coisas esquentam, nós nos dissolvemos.

Clarice se afastou um pouquinho, querendo ver o rosto dele. Ela passou a mão pela mandíbula bem barbeada e notou as olheiras profundas.

- Tem dormido? Você parece exaurido.

- E estou. – ele passou o polegar na sobancelha esquerda dela, e mais acima, na cicatriz. Miguel a viu ali porque sabia que ela tinha levado dois pontos, mas caso contrário, nem notaria. – Você carrega uma cicatriz...

- Você, um acervo delas. Esqueça sobre isso, está bem?

Ele balançou a cabeça e a beijou no

cenho.

- Por que perguntou onde eu estava hospedada?

- Porque quero te levar para minha casa. Não é longe. – Ele bem deveria saber que Clarice iria passar alguns dias ali, descansando. Longe da loucura que havia sido as últimas semanas, longe das lembranças dos três ataques que sofreu.

Clarice ainda tremia ao entrar na cozinha de sua casa e recordar da faca entranhando-se na cabeça daquele homem infeliz... e morto.

O que Miguel havia feito com o corpo dele?

- Podemos ir agora, se quiser. – ela murmurou, querendo que ele a apertasse

mais contra seu corpo musculoso.

Ele abriu um sorriso, percebendo a inquietação desejosa dela e tirou o celular do bolso.

- Vamos dançar agora. Quero sentir seu abraço por alguns minutos... – ele pegou uma mecha solta do coque dela e enrolou ao indicador. – E depois quero você só para mim, a noite inteira, a semana inteira... Até você não ter mais forças para se manter em pé.

Clarice gargalhou baixo, achando aquela possibilidade muito mais palpável do que aparentava.

- Não tem música aqui, Walker. – ela apontou.

- Agora tem. – Miguel clicou em algo

em seu celular e “Time of Your Life” começou a tocar. Ele guardou o aparelho no bolso da calça, abafando levemente o som, e agarrou os quadris dela.

- Desde quando escuta Green Day? – Aquele homem era um mistério e, definitivamente, não tinha cara de quem escutava uma das bandas de maior sucesso dos anos dois mil.

- Desde 1987. – ele explicou.

Clarice riu e o contagiou com sua risada, fazendo a dança ser leve e gostosa, dando aquele sabor de descoberta; de como a paixão que emergia de um pro outro era fantástica.

Quando a música estava acabando, Miguel agarrou a nuca dela e a beijou

sofregamente, fazendo Glenda, que estava dentro do salão curiando os dois pelo canto de olho, soltar um arquejo alto.

Clarice e Miguel estavam envoltos de uma paixão tão intensa e de um amor tão singelo e poderoso, que pareciam estar expulsando de vez os demônios dos pecados de Miguel e toda aquela mágoa que Clarice ainda sentia pulsar dentro de si.

Mas eles nem sequer deram conta disso.

**

- O carro está nos esperando lá embaixo. – Miguel disse a ela quando

saíam da varanda. Clarice ia falar algo, mas ele completou: - Suas coisas também estão no carro e seu checkout já foi feito.

- Você é muito eficiente. – ela falou com desdém.

- Só estou agilizando. Para onde vai? – pegou o antebraço dela quando ela se desvencilhava da mão dele.

- Ao banheiro. É só um segundo.

Miguel a soltou hesitantemente, olhando de um lado para o outro.

- Não vou fugir como você costuma fazer. – disse ela enquanto saía de perto e ia em direção à discreta entrada do banheiro feminino. Clarice queria checar se não estava toda manchada de

batom e se seu cabelo não parecia um ninho de passarinhos. Coques daqueles como o dela, se não fossem monitorados constantemente, poderiam virar coisas ainda piores quando se tinha contato com vento frio.

Ela se pôs a frente do espelho e olhou satisfeita para seu cabelo dourado que ainda estava bem alinhado e elegante. O batom de sua boca estava bem mais claro, mas não havia nenhum borrão pelo rosto. Decidiu não repassar o batom, até porque com Miguel ali só serviria para sujar seu rosto.

Passou a mão no vestido e mal notou quando uma mulher de cabelo curto entrou no banheiro e ficou ao seu lado, a

frente do espelho.

Clarice olhou para ela rapidamente. A mulher tinha cabelos bem curtos, como um corte masculino, e seus cabelos pareciam ser da cor preta, mas ela deveria tê-lo pintado de loiro recentemente, pois a pintura do cabelo parecia ter sido tão malfeita que algumas mechas curtas negras apareciam por entre os cabelos loiros pintados de uma cor amarela apagada.

Clarice desviou o olhar, mas a mulher notou. Ela abriu um sorriso, seus dentes eram perfeitamente alinhados e brancos. Alguma coisa naquele olhar anunciava um tipo de loucura incontrolável, mas Clarice foi incapaz

de notar.

- Seu cabelo é tão bonito. – a mulher falou, sua voz era grossa e tinha um sotaque inglês forte.

- Obrigada – Clarice murmurou, envergonhada. Ela abaixou a cabeça para verificar se tinha tudo o que precisava na bolsa de mão.

- Eu tentei pintar que nem o seu, mas é claro que não ficaria igual... – A mulher soltou uma risada descontrolada e jogou algo de metal sobre a pia de mármore branco. Clarice só notou o que ela jogou, pois o metal deixou rastros vermelhos sobre a superfície da bancada. Aquilo era sangue. Era uma faca de caça coberta de sangue.

Mas de quem?

- Eu nunca achei que ele tinha preferências por loiras, sabe... – Clarice levantou a cabeça para a mulher que a olhava com o sorriso arreganhado. – Mas eu posso dar a Miguel o que ele quiser. Por isso eu o dei uma criança.

Clarice deu um passo para trás ao ouvir isso. A mulher acompanhou o passo dela e fechou os olhos, balançando a cabeça de um modo dúbio e louco. Ela soltou uma risada disforme, que ia subindo e descendo sobre o tom.

- Ela era bonita até, tinha os olhos dele... – A mulher abriu os *seus* olhos e Clarice notou que eles eram verdes, e repletos de loucura reprimida. Ela

apontou um dedo para Clarice, arregalando os olhos: - Eu sabia... eu sabia, sim. Eu sabia que se desse um filho para ele, Miguel ficaria comigo. Mas ele não ficou. – ela levantou os ombros. – Assim que a filha dele nasceu, ele falou que eu tinha que ir embora. Eu? A mulher que ele amava. Imagina! – ela soltou uma risadinha. – Mas eu não queria ir embora. Então tentei matar aquela garota maldita, porque assim ele só teria a mim novamente, e poderíamos ser felizes juntos.

- Ela também era sua filha. – Clarice tentou dizer, dando outro passo para trás e batendo as costas na parede, sua bolsa

caiu ao chão, espalhando as coisas. A mulher desviou o olhar para bolsa e depois para o rosto dela, assumindo um olhar maligno.

- Não! – ela gritou. – Ela era uma garotinha inútil que fez com que Miguel me mandasse embora! A filha dele! Só dele!

Ela ergueu a mão em concha e agarrou o pescoço de Clarice.

- E agora você é a amada dele. – ela sorriu e largou Clarice, começando a gargalhar tanto que teve que se apoiar nos joelhos. Clarice olhou para a faca ensanguentada na bancada e depois naquela mulher.

- Você está bem? – perguntou. A

mulher começou a chorar subitamente e se levantou, agarrando seus cabelos mal pintados.

- Vai dizer que eu preciso de ajuda também? Ele me disse isso! Miguel me disse...

- Acha que precisa? – Clarice estava tentando não ficar tão nervosa, e arrumar um modo de sair correndo dali. – Se quiser, posso ajudá-la.

A mulher parou de chorar e piscou devagar, sua boca esboçando um sorriso canto de boca.

- Não. Mas *eu* vou te ajudar antes que seja tarde demais, e ele a largue como se não fosse nada... Você sabe que ele não diz meu nome? Dá a ele más

lembranças.

Clarice foi obrigada a encostar-se à parede novamente.

- Eu não vim aqui para matá-la, Clarice Hope. Eu vim aqui para matar Ethan e assustar você. Estou contando quanto tempo ele demorará até perceber que estou com sua amada. Vamos ver a quem ele vai escolher. Você, ou o amigo que jurou ajudá-lo em sua vingança.

Ela se aproximou e passou os dedos no rosto de Clarice, que tentou se manter de olhos abertos para o rosto belo e insano daquela mulher.

- O que você quer? – perguntou Clarice, com voz embargada.

- Eu quero que Miguel enlouqueça

por mim, assim como enlouqueci por ele. Eu quero tirar a alma, a parceria, e agora o restinho de esperança que ele tem no coração.

- Ela era sua filha – Clarice tentou mais uma vez, começando a sentir a emoção adentrá-la. Aquela mulher tinha que ouvir de alguém.

- Sim, ela foi. – o tom dela era calmo. – Mas eu a matei.

Se afastando, a mulher se olhou no espelho e ajeitou o vestido verde que vestia. Lançando um olhar difuso para Clarice que não ousou se mexer e nem impedi-la de sair do banheiro, batendo a porta com força.

Clarice lançou um olhar para a faca e

pensou em Ethan. Deus! O que diabos aquela mulher louca fizera?

Ela juntou as coisas de sua bolsa com pressa, atrapalhada, pois tremia, pegou dois lenços úmidos da bancada e agarrou a faca de caça pelo cabo feito de osso de veado. Clarice fez o máximo para escondê-la e começou a pensar se levá-la dali seria mesmo uma boa ideia.

A porta foi aberta com um estrondo e ela pulou de susto, soltando um grito e largando a faca na pia. Miguel entrou com a arma em punho e saiu chutando todos os boxes vazios do banheiro, olhando para Clarice, apontando a arma para ela.

- Cadê ela?! – ele rugiu.

- Se foi.

- Se foi para onde?! – A arma estava bem apontada para ela, e o tremor dela aumentara.

- Eu não sei, ela só se foi.

- E não tentou segurá-la?!

- Walker, abaixe essa arma. – ela pediu baixo. – Eu não estou conseguindo pensar com isso apontado para mim!

Miguel respirou fundo e engoliu algo que ia dizer, abaixando a arma e a colocando de volta para parte inferior das costas. Ele viu a faca em cima da bancada e seu juízo pareceu voltar devagar.

- Ela fez alguma coisa com você?

- Não, estou bem. Mas, Ethan... –

Clarice lançou um olhar para faca, sabendo o que significava.

- Ela não conseguiu acertá-lo em cheio. Ele está bem, já foi encaminhado para um hospital local.

Miguel aproximou e pegou o rosto dela nas mãos.

- Tem certeza de que está tudo bem?

Clarice concordou.

- Quer sair daqui?

- Sim. Por favor. – O mais rápido possível, ela queria dizer.

Miguel agarrou a mão dela e a puxou para fora, passando diretamente para um elevador secundário, para que não precisassem atravessar o salão lotado. As pessoas já haviam-na visto com ele,

então o sumiço seria explicado sem questionamentos. Miguel apertou a mão dela enquanto desciam, e Clarice percebeu que ele estava nervoso.

Um carro negro com janelas opacas os esperava na saída de trás. Miguel abriu a porta para ela e a esperou se acomodar no banco traseiro de couro, e depois se sentou, não precisando falar nada para que o motorista começasse a pegar a rota de sua casa ali na cidade.

- Ele está muito machucado? – Clarice tomou coragem alguns minutos depois, percebendo que ele não falaria nada.

- Duas facadas por entre as costelas – ele falou firme, calmo. – Ethan estava

consciente quando foi encaminhado para o hospital, mas eu...

- Ethan é forte. – Por mais que tivesse o visto uma vez, ela sabia disso de coração. – Ele vai ficar bem, o.k?

Miguel olhou para ela, agradecendo-a com o olhar e agradecendo por ela ser a mulher a quem amava.

Clarice era bondosa, uma pureza parecia reluzir de dentro para fora dela e não era algo que parecia ter como evitar ou controlar. Ela exalava confiança, sinceridade, carinho e uma esperança tão avassaladora que fazia Miguel querer se prostrar de joelhos. Quantas vezes ele já não sentiu isso quando estava ao seu lado?

E como ele poderia impedir de se sentir tão imponente quanto à beleza da alma dela?

A resposta era que ele não podia, e não iria. Porque além de completamente apaixonado, não podia se ver longe daquela mulher, pelo mal ou bem.

Ela não substituíra e nem apagara a dor que sentia em relação à Lily, mas ela o fazia se sentir feliz. E isso era tudo o que importava.

- Por que eu não a conheci antes?

- Talvez porque precisasse de mim agora. Tudo tem uma razão, mesmo se você não acreditar em destino... E eu raramente acredito nele. Mas você me faz acreditar na invisibilidade do

universo.

- Minha doce Clarice... – Miguel murmurou, apertando a mão dela sobre a sua. – Eu soube desde o instante em que te vi que não poderia tê-la, e mesmo assim fui egoísta o bastante para te fazer minha. Quando vai me perdoar por te puxar para um mundo cheio de ressentimento e dor?

Clarice abaixou os olhos, pensando no que ouvira, e devagar, a resposta surgiu como a única verdade que ela poderia proferir:

- Nunca.

Depois de alguns minutos olhando a

vista da pequena ilha do noroeste de Creta desaparecer, Clarice caiu no sono. Seu corpo simplesmente sentiu uma lufada de cansaço ao apreciar as luzes à distância e pendeu para o de Miguel, que passou o braço sobre sua cintura e a aninhou em seu corpo maciço e quente até chegarem em uma mansão litorânea, sobre uma das montanhas da ilha.

Ele não precisou acordá-la, pois ela despertou com o parar do carro e saiu quando ele a ofereceu sua mão. Estava escuro ali, mas o caminho de pedras fixadas, ladeado por muretas baixas de quartzo os encaminhou até a entrada da casa, que ela não notou muito, pois logo começou a sentir o sono voltando. Subiu

uma escada de vidro com ele e de repente, se viu deitada em uma cama enorme, coberta por lençóis finos e brancos... e sozinha.

Clarice se levantou e notou que alguém a havia trocado e agora vestia uma camiseta cinza muito larga e que batia nas coxas. Tinha o cheiro de Miguel.

Cegamente, caminhou pela casa aberta e tentou se encontrar, até que achou monitores de computador ligados. Ele deveria estar por ali em algum lugar. Ela entrou ainda mais na sala e fechou as janelas abertas que faziam as cortinas leves irem e voltarem ao agitar do vento frio.

Encontrou Miguel jogado no sofá curvado. Ele tirara a camisa e o paletó para dormir, mas usava a mesma calça. Ele mais parecia um deus grego adormecido; um Apolo esperando seu turno para comandar os céus, do que um simples homem amaldiçoado pelo passado.

Ela foi até ele, notando que mesmo repousado parecia tenso, sua testa estava franzida, as sobrancelhas arqueadas. Seu peito musculoso estava rígido, mas respirava calmamente, subindo e descendo. O braço direito estava para fora do estofado que não o comportava por inteiro, veias longas e grossas desciam por ele, os músculos —

mesmo relaxados — pareciam imponentes.

Ela ajoelhou-se e pegou o braço dele, colocando-o sobre o abdômen. Passou os dedos por sobre as três cicatrizes que ele tinha abaixo do peito esquerdo, e depois o acariciou no rosto.

Com as janelas fechadas, o ambiente parecia mais aquecido, então ela deixou para lá a ideia de buscar um cobertor. Se levantou e passeou pela sala, parando à frente dos monitores que agora exibiam a logo da Walker House como descanso de tela.

Clarice pegou o porta retrato ao lado dos monitores e olhou bem para os olhos negros da criança sorridente na foto. Ela

havia sido simplesmente deslumbrante. Lily tinha os olhos de Miguel, só que felizes, despertos, alegres. O cabelo dela era preto como o do pai, e descia até a cintura, onde a foto parava. Havia um laçinho vermelho sobre sua cabeça, e ela sorria como se nunca tivesse provado a infelicidade, e se um dia conhecesse o que isso era, passaria por cima justamente com o sorriso que esboçava.

Não houve como não guardar as lágrimas para si. Como alguém pudera machucar aquela criança? Uma criança que exalava algo muito além de pureza?

Clarice colocou o porta retrato no lugar e enxugou suas lágrimas, voltando

o olhar para Miguel que ainda dormia. Ela gostaria de tê-lo conhecido quando Lily ainda estava viva.

Se sentou em uma poltrona a frente do sofá e ficou pensando nisso até adormecer novamente.

Acordou algumas horas depois, Miguel a levava no colo de volta para o quarto.

- Fica aqui – pediu ela quando ele a repousou no colchão suave da cama.

- Eu tenho que ver Ethan. Vou voltar em breve. – a voz rouca dele parecia um tanto preocupada, mas de certa forma, leve.

Miguel a beijou nos lábios com carinho e se foi, deixando Clarice cair

nas *garras* de Morfeu mais uma vez.

**

A mansão era linda, espaçosa e simplesmente *aberta*. Ela acordara no quarto principal e que mais parecia da realeza. Havia janelas duplas, que dava para a vista do mar lá embaixo, e as acomodações eram amplas. Depois de um banho rápido em um banheiro imenso, com pias *cones* e um box que parecia querer manter você ali dentro para sempre, ela ligou para Glenda, que estava embarcando de volta, depois para Rose, contando o que acontecera — exceto a mulher do banheiro, isso Rose

ainda não poderia saber. — e onde estava. Mandou várias fotos para ela da vista depois de ligar para seu pai e perguntar se estava tudo bem por lá.

Clarice andou um pouco pela casa e encontrou uma funcionária que disse em inglês bem carregado de sotaque grego que o café da manhã estava servido na varanda. Para chegar até lá, passou pela sala da noite passada e atravessou as portas que havia fechado por causa do frio.

Hoje o sol aparecera e estava tudo tão bem iluminado que ela despertou em segundos. Chegando na varanda, havia uma mesa de madeira com oito lugares servida lindamente com café americano

e algumas especiarias locais. Clarice tomou café sozinha, enquanto apreciava a paisagem dali de cima da montanha. Na varanda, onde estava, tinham dois espaços: aquele em que estava tomando café da manhã e o do outro lado, onde tinha uma piscina de fibra de vidro, alguns sofás ao redor de um bar e várias cadeiras de sol. Clarice lamentou Miguel não estar ali.

Ela comeu e depois se retirou, deitando no sofá e colocando um filme na tevê a cabo da sala para poder se distrair. Mas mal assistiu, porque em sua cabeça ficou rodando a cena da noite anterior, onde a mulher repetia: “Filha dele!”.

Qual mãe se nega o direito que chamar sua filha de *filha*? Uma assassina do exército, Miguel havia respondido para ela.

Mais tarde, logo na metade do segundo filme qual ela não estava assistindo, Clarice recebeu uma ligação dos detetives encarregados do caso da agressão que sofrera.

- Morto?

- Sim, senhorita.

- Como ele morreu? – Clarice perguntou. Seu agressor havia morrido dias atrás, aparentemente não muito depois de ela chegar ao hospital.

- A perícia está trabalhando nisso, mas o corpo já está em estado de

decomposição e pode demorar um pouco. Agradecemos sua paciência.

- Não, tudo bem. – Ela se sentou e desligou o celular e a tevê, querendo um pouquinho de silêncio para poder processar. Miguel o havia matado, disto ela não tinha dúvida.

O coração dela doeu por saber, era como se soubesse que o homem que amava estivesse condenado a fazer coisas que o iriam perseguir no futuro.

Ele chegou segundos depois e encostou-se ao portal de divisão da sala para o andar inferior. Vestia uma camisa de botões preta e uma calça da mesma cor, segurava o paletó no antebraço e esboçava uma expressão amena.

Clarice esperou que ele viesse até ela, enquanto seus pés descalços se contorciam com vontade de correr até lá.

- Ethan foi transferido. Amanda vai cuidar dele, ela insistiu para que eu ficasse aqui.

- Amanda?

- A esposa dele. – Miguel jogou o paletó azul-marinho na mesa de centro de madeira enfeitada e se sentou com ela, desabotoando o colarinho e passando a mão no cabelo. Era desnecessário dizer que Clarice acha sexy como o inferno os filetes de cabelos brancos que ele tinha sob as têmporas.

- Está com fome?

- Talvez. – ele disse.

- Como assim, talvez?

- Depende do que quer dizer. Fome de comida ou fome de você?

Um arrepio cruzou o corpo dela de baixo para cima em milésimos.

- Os dois – murmurou.

Miguel riu e continuou desabotoando a camisa – para a tortura dela – e se levantou.

- A governanta sabe do que eu gosto, já deve estar preparando algo assim que me viu. Vou tomar um banho rápido, tenho um compromisso daqui a pouco.

Aquilo não era o que ela esperava ouvir.

- Eu pensei que iríamos ter um tempo para nós. – disse Clarice, se levantando.

- Ela está aqui, Clarice, nessa cidade. Não vou parar até vasculhar cada canto.

Claro, ela pensou. Virou-se de costas para ele e foi para as portas da varanda, se encostando lá e sentindo o vento do mediterrâneo soprar seu cabelo para trás. Conseguia sentir o olhar perfurante dele às suas costas.

- Vou ficar bem, estou mesmo precisando de um tempo só.

- Voltarei antes do anoitecer. – falou ele, antes de sair da sala.

Ela suspirou fundo e voltou à assistir seu filme, se esticando no sofá com a cabeça deitada no estofado e os joelhos

para cima, tentando acompanhar a trama ao invés de ficar com a atenção na saída do quarto. Depois de alguns minutos, Miguel saiu de lá com os cabelos úmidos, vestindo um terno com gravata, colete e abotoaduras brilhantes. Lançou um olhar para ela e desceu as escadas, sem dizer uma só palavra.

Já era tarde da noite quando ela decidiu ir dormir, e ele não chegara ainda.

Foi despertada por um toque carinhoso e gentil, que subia suas coxas acima e lançava fagulhas sobre seu corpo.

- Walker?

- Miguel.

De olhos fechados e meio sonolenta, acabou dizendo:

- Não me deixe só novamente.

O colchão se abaixou com o peso dele e ela sentiu que ele estava subindo sobre seu corpo.

- Você disse que queria ficar só.

- Não, eu disse isso para você ir e fazer o que tinha que fazer. Estou me sentindo um estorvo para você.

- Mas não é. – A boca dele desceu para o pescoço dela, fazendo-a abrir os olhos devagar. O quarto estava escuro.

- Eu não quero me sentir assim... – ela subiu a mão para agarrar os cabelos dele. – Onde você esteve?

Ela conseguia sentir cheiro de

sangue, mas estava muito escuro e ela não conseguia ver de onde o aroma de ferrugem vinha. Ela desceu a mão pelas costas dele, sentindo a pele quente. A boca dele achou os seios por cima da camiseta, e ele os chupou, os dedos subindo pelas pernas dela, que ela abriu mais para que ele tivesse acesso.

- Onde você esteve? – repetiu, se arqueando para que ele pudesse puxar a camiseta que usava por cima de sua cabeça. Miguel jogou a camiseta longe, e agarrou os seios dela, mantendo-a quietinha na cama enquanto levava sua boca até lá e os chupava com força, ela teve que jogar a cabeça para trás e gemer alto. Ele continuou chupando-a

até os mamilos ficarem doloridos e ela soltar um gritinho estridente.

- Quero te foder com força, Clarice. Quero arrebentar essa bocetinha.

Clarice gemeu, mas depois estremeceu, pois o cheiro de sangue estava ficando ainda mais intenso. Ela perguntou outra vez, sua voz mais baixa:

- Onde esteve?

- Matando alguns homens.

Clarice engasgou e começou a tatear o criado mudo à procura do abajur.

- O que você disse? – perguntou, achando a cordinha da lâmpada e puxando.

A luz arredondada do abajur iluminou diretamente o peito e o rosto dele, que

estavam completamente cobertos por sangue. Havia sangue em todo ele, escorrendo, surgindo do nada, deslizando por entre os olhos como lágrimas, manchando o lençol branco e caindo sobre ela.

Clarice tentou se afastar, mas Miguel abriu um sorriso insano e a agarrou pelo antebraço. Por um momento, ela sentiu o partir de seu osso, tanta era força que ele usava para mantê-la parada.

- Agora é hora de você sangrar por mim.

Ele foi aproximando o rosto repleto de sangue para beijá-la, mas, antes disso, um grito de desespero irrompeu pela garganta dela.

Era hora de Clarice sangrar por ele.

- Clarice?! – Miguel a chamou, puxando-a pelos ombros, acordando-a do pesadelo.

- Não! – ela gritou, desesperada, se empurrando para longe dele.

Miguel a apertou firme, mantendo-a em seu colo, mas ela o socou no estômago e fugiu, correndo para o outro lado do quarto e colocando as mãos no rosto.

Preocupado, ele levantou da cama e foi até ela. O soco havia tido o efeito apenas de surpresa, e era a mão dela que realmente doía por ter socado a barriga firme dele.

- Eu entrei no quarto e você estava

gritando. O que houve? Foi um pesadelo?

- Não... Fique longe de mim! – o grito dela ecoava instinto de sobrevivência. Miguel estancou no meio do quarto, à metade do caminho até onde ela correria e tremia, se encolhendo.

- Clarice?

- Eu não quero sangrar por você – disse, abaixando as mãos e começando a perceber que fora um sonho. Um soluço irrompeu na garganta e ela correu até ele, abraçando seu corpo. Agora Miguel não tinha cheiro de sangue, ele cheirava a sabonete cítrico e aquele aroma único e masculino que só ela era capaz de sentir. – Eu não quero...

- Não vai, não vou deixar. – ele assegurou a ela, abraçando-a forte como alguém após um pesadelo precisa.

Ele sabia que toda aquela situação, o que acontecera com os ataques – talvez até a mudança de ambiente, estava deixando-a confusa, mas ao contrário do que ele *teria*, não a deixaria novamente. Miguel estava certo de que se a perdesse agora, ele perderia para sempre.

- Estou aqui, estou aqui – Passou a mão nos cabelos dela, confortando-a.

Depois, ele a levou para o chuveiro e deixou a água correr no corpo dela, afastando o suor e as lembranças do sonho, que não demoraram a descer ralo

abaixo com a água. Ele mesmo tomou um banho rápido, porque não queria deixá-la ir para a cama só. Clarice ficou quietinha, agraciando o corpo viril dele enquanto ele se ensaboava com indiferença.

Eles deitaram nus na cama de lençóis finos e, após algum tempo, o clima do pesadelo se dissipou. Clarice começou a sentir o desejo correr por sua pele, mas não fez nada, mesmo quando sentiu Miguel ficar maravilhosamente ereto e começar a se remexer para achar uma posição onde ela não pudesse sentir seu pau grande e grosso.

Clarice sorriu e puxou a cabeça dele para beijá-lo, e ele passou os braços

pela cintura dela, se aconchegando mais e deixando-a sentir cada nervo de seu membro pesado e pulsante contra barriga.

Eles acabaram dormindo antes mesmo de fazerem amor, mas Miguel permaneceu duro por uma boa parte da noite... E Clarice adorou.

**

O sol já estava no topo do céu quando Miguel voltou para a mansão. Ele havia saído bem cedo, deixando Clarice só novamente. Ele surgiu pelas portas abertas de vidro que direcionavam para a varanda e parou

ali, observando-a deitada em uma espreguiçadeira com um chapéu floppy na cabeça e um biquíni pequeno demais para o gosto dele, segurando um livro grosso na coxa levantada.

Clarice estava deliciosa.

Ele deu licença para uma empregada que surgiu com uma bandeja de frutas e bebidas geladas e foi em direção a ela, repousando os refrescos em uma mesa baixa e curta ao lado da espreguiçadeira, enquanto ela abaixava o livro e agradecia, se sentando. Miguel jogou o terno e a gravata no sofá e seguiu até ela, pedindo baixo para a empregada que nenhum funcionário entrasse no segundo andar até o fim da

noite, ou caso ele os chamasse.

Clarice fechou o livro que lia e deu um gole em seu Ouzo, uma bebida esbranquiçada e cheia de gelo triturado. Passou por ela e encostou-se à murada da varanda, bem próximo à piscina. Graças ao início do inverno ainda não estava muito quente, mas não demoraria até a primavera aquecer o mar mediterrâneo e a ilha lá embaixo ficar enfurnada de turistas. Miguel mudou a vista e desabotoou mais um botão da camisa, vendo de longe a fortaleza de Spinalonga, uma estrutura histórica e belíssima, mas que de onde eles estavam, do outro lado da baía, parecia apenas uma grande mancha no mar azul.

- Você está bem? – ele se virou, indo até ela. Clarice deu mais um gole na bebida e a colocou na bancada baixa ao lado.

- Um pouco. – Ela não ia mentir para ele. O pesadelo da noite passada a assustara como um inferno. – Eu vou esquecer.

Miguel se sentou na cadeira de sol ao lado e olhou para a bandeja repleta de morangos cor de vinho, amoras maduras e ameixas bem arroxeadas e lisas.

- Quer me contar sobre o que sonhou? – ele levantou a cabeça, olhando-a pegar uma ameixa e encará-la por um instante. O chapéu longo lançava uma sombra sobre o rosto delicado dela, mas seus

olhos se destacavam em brilho e sua boca, por calidez.

- Sabe, na primeira vez que *você* me beijou eu senti como se sua boca tivesse gosto de ameixa. – ela delineou um sorriso canto de boca e levou a ameixa à boca, dando uma mordida generosa. Uma gota do suco da fruta ficou sobre o lábio inferior dela enquanto ela mastigava. Miguel se aproximou rápido, como um gavião à caça.

Puxou o chapéu da cabeça dela e a pegou pelo pescoço, lambendo a gota doce sobre seu lábio, a abocanhando. A ameixa mordida foi ao chão e saiu rolando para a água cristalina da piscina. Clarice abriu mais a boca e

Miguel invadiu sem reservas, sugando todo o ar dos pulmões dela e deixando-a tonta.

- Não consigo respirar... – ela deu uma risada, empurrando-o levemente. – Calma.

- Estou explodindo. Preciso ter você agora.

- Espere. – Clarice pegou as mãos dele de seu corpo e se afastou um pouco. – Me deixe tomar um banho para tirar o protetor solar.

- Não – ele rugiu. – Tem que ser agora, Clarice. – tomando uma das mãos dela ele levou até a sua virilha, mostrando-a o quanto estava duro.

- Puta merda, você está duro como

pedra.

- Vê? Vai ser rapidinho – sussurrou ao ouvido dela. – Vou afastar a calcinha desse biquíni indecente e vai ser delicioso.

Ela gemeu e ele se sentiu vitorioso, abrindo um sorriso galanteador. Clarice relaxou na espreguiçadeira e ele desceu pelo corpo dela dando beijinhos rápidos por onde passava, se instalando bem no meio das pernas dela. O ventre dela tremeu de expectativa.

- Vou deixá-la cremosa para o meu pau.

- Eu dou conta – ela suspirou, olhando-o abrir suas coxas com os cotovelos.

- Eu sei que dá. Mas quero entrar de uma vez hoje. Abre mais, Clarice.

- Eu... Não...

Ele afastou com gentileza as pernas dela, esperando-a ceder lentamente. Abaixou a cabeça e, com os dentes, tirou o pedacinho de pano que cobria a bocetinha molhada dela.

- Molhadinha só para mim. – Miguel chupou o clitóris dela devagar, fazendo as penas dela tremerem.

- Ah, tão gostoso. Chupa mais.

Ele chupou mais forte e soltou o clitóris para poder brincar com a língua, dando uma lambida longa na boceta toda dela que estava lisinha e vermelhinha de tão excitada. Olhou para cima e viu

Clarice olhos fechados, mordendo o lábio, imersa no prazer de sentir a boca dele. Ele a lambeu novamente e chupou mais forte, abrindo caminho com a língua por entre os tecidos inchados e carentes dela. Ela abriu a boca e soltou um gemido agudo, se contorcendo sob ele e começando a ofegar.

Miguel despontou a língua para fora e a atordoou ainda mais quando começou a chacoalhar o clitóris intumescido dela.

Clarice começou a rebolar, querendo que o orgasmo viesse com força sobre aquele montante de prazer que as sucções da língua rígida e quente de Miguel a proporcionava.

- Eu quero ouvir você gritar, Clarice.

- Eu vou gozar, eu vou gozar! – ela fez o que ele pediu.

- Goza para mim! – ele urrou, enterrando sua cabeça ainda mais na boceta dela e vagando sua língua faminta por aquela entrada apertadinha e doce.

Ela arqueou as costas na espreguiçadeira e jogou a cabeça para trás.

- *Walker!*

- Eu vou fazer você me chamar de Miguel. – ele ameaçou, escalando o corpo dela e a agarrando com possessão. Ele tirou a camisa e jogou ao chão antiderrapante, colando seu peito morno e massivo nos peitos dela. Ainda anuviada pelo orgasmo, ela só conseguiu

segurar o cabelo dele a tempo de recebê-lo para mais um beijo quente.

- Eu preciso de um minuto... – tentou dizer.

- Você precisa do meu pau bem fundo dentro de você.

Essa frase agressiva e puramente machista fez o corpo dela estremecer de prazer ainda mais.

- Minha nossa, como você é grosso! – Clarice soltou uma risadinha, levando suas mãos para o cinto dele e o ajudando a abri-lo. Ele tirou a calça e a cueca foi junto. O pênis grande e pulsante dele caiu sobre a barriga dela.

Miguel abriu um sorriso irônico quando ela lançou um olhar para seu

pau.

- Você é grosso mesmo... – ela balbuciou.

- Levante os joelhos. – pediu ele, pegando o pau na mão e encostando a testa suada na dela.

Ela levantou os joelhos e depois olhou para a mão dele, que conduzia com cautela o pau para sua entrada. Miguel balançou a glândula por entre os lábios só para molhá-la um pouco. Clarice teve que gemer, a antecipação estava acabando com ela e seus nervos estavam tão aflorados que ela estava gemendo só de ouvi-lo falar.

Ele empurrou a cabeça do pau para dentro e soltou um grunhido baixo e

rouco.

- Você é tão apertadinha – ele investiu mais uma vez, dessa vez afundando nela até as bolas, furiosamente. – Eu estou tão duro, Clarice. Porra.

Ela fechou os olhos, sentindo dificuldade de respirar e do restante de seu corpo trabalhar. Miguel abaixou a cabeça e a beijou no pescoço, afundando sua cabeça lá e arremetendo com força enquanto ela remexia os quadris para aceitá-lo mais deliciosamente. Metendo até o fundo, profundamente.

- Nunca vou me cansar disso, de você. Tão linda, tão gostosa!

Miguel puxou o biquíni superior dela

para cima e apertou seus seios, manipulando os mamilos de uma forma dolorosa enquanto a fodia com vigor. Clarice gritou, anunciando seu segundo orgasmo, quase desabando na espreguiçadeira enquanto murmurava o nome dele em ritmo das estocadas.

- Tudo seu, Clarice! – ele urrou com vontade, trincando os dentes e se despejando nela com tanta força que a porra começou a escorrer antes mesmo de ele tirar o pau para fora.

Ele se levantou, ainda ereto, o gozo escorrendo pela cabeça de seu pau, brilhante, e a pegou nos braços, levando-a sem dificuldade para o quarto principal e indo para o banheiro.

- Consegue ficar em pé? – perguntou, virando o pescoço para ela. Clarice estava com o rosto rosado e sua pele branca, vermelha pelo esforço. Colocou-a sobre os azulejos brancos e ligou a água do chuveiro. – Vem cá, ainda não terminamos.

Miguel pegou-a pela cintura e a virou de costas, fazendo-a se encostar-se à parede com os braços levantados sobre o rosto.

- Assim, gostosinha e pronta para mim...

Ele agarrou as nádegas dela com as duas mãos e as afastou para o lado, extraindo um gemido um tanto agudo de Clarice. Ela empinou a bunda, e grudou

a bochecha no azulejo, olhando para ele de soslaio, que aproximava o quadril do dela.

Com o pé, ele afastou as pernas dela o suficiente para poder se inclinar e se colocar dentro da boceta esportada, empurrando fundo enquanto a segurava pelas nádegas.

Ele vinha e ia com o quadril, Clarice escorria pela parede lisa com cada impulso e arqueava alto.

- Oh Deus! – gritou, quando ele penetrou-a de um modo que alcançou aquele pontinho perfeito, cutucando tão profundamente e a preenchendo de sêmen outra e outra vez. As pernas dela quase cederam com o orgasmo seguinte.

Clarice ainda sentia o roçar do pano do biquíni em sua pele, acompanhado pela penetração que a alargava e os dedos dele que não abandonavam seus pobres mamilos subjulgados e completamente atraídos por aquilo que ele fazia neles.

- Eu não consigo... mais. – balbuciou, caindo nos braços dele e o deixando levar até a cama.

- Eu sei que não.

Miguel a deitou na cama e arreganhou as pernas dela, abocanhando-a novamente, dessa vez mais suave, lambendo a boceta dela com carinho e subindo o monte de Venus, fazendo a corrida ao inverso, subindo o corpo dela com paixão, parando aos seios e

beijando um e depois o outro, deixando uma leve mordida em seu queixo e depois enfiando a língua em sua boca.

Como ele adorava aquela boca!

Com o peito palpitante e a respiração irregular, Clarice demorou algum tempo para se estabilizar e acabou cochilando, mas acordou com Miguel entre suas pernas novamente, passando uma toalha morna com cheiro de lavanda por sobre seus tecidos inchados e doloridos de tanto estímulo. Ela soltou um gemidinho e abriu os braços para que ele pudesse deitar sobre seu colo.

- Eu o chamei de Miguel? – ela perguntou baixo, bagunçando o cabelo negro dele com os dedos. O peito dele

tremeu com uma risada.

- Não.

- Yay – ela sussurrou para ele, rindo. Miguel beijou a mão dela e deixou que continuasse bagunçando seu cabelo. Um silêncio leve acariciou os dois, mas um pássaro selvagem interrompeu, voando até a janela e depois partindo.

- Pode me contar sobre *ela*?

- Claro. O que quer saber?

- Como a conheceu?

- No exército. Eu estava de plantão e ela havia acabado de chegar de uma missão quase suicida. Todos ficaram encantados por ela e como havia salvado os reféns... Mas também, como havia matado os raptos. Ela era

inteligente e fria, e eu a quis na minha cama. Depois de algumas semanas me disse que estava grávida. Eu nunca a rejeitei por causa disso, e tomei conta dela até dar a luz.

- Ela me disse que tentou matar Lily.

- Se eu não tivesse chegado lá a tempo, creio que teria feito isso, sim. E, às vezes, até acho que poderia ter sido melhor para minha filha.

Clarice parou de fazer o carinho e fez cara feia para ele.

- Não diga isso.

Miguel suspirou fundo e continuou:

- Eu estava interessado apenas no bebê. E fiz questão de explicar pra ela que receberia uma pensão gorda e muito

mais dinheiro se me desse a guarda da criança de uma vez. Primeiramente ela negou, mas depois do que fez com a enfermeira, percebeu que eu podia alegar que ela era incapaz, e acabaria sem Lily e o dinheiro.

- Ela pegou o dinheiro e sumiu?

- Por três anos.

Clarice escorregou sua mão pelo peito forte dele e parou um pouco abaixo do coração, sentindo as linhas grossas das três cicatrizes.

- Você fez essas?

- Eu fiz.

- Acha que ela enlouqueceu nesses três anos?

- Ela enlouqueceu no campo de

batalha, mas era muito bem treinada para que alguém ou qualquer exame pudesse notar. Acho que o nascimento de Lily apenas abriu a porta para tudo o que ela prendia, mas isso iria acontecer cedo ou tarde. Depois, ela só piorou.

- Você a amou?

Miguel se virou e olhou nos olhos dela.

- Não, Clarice. Eu amei apenas uma pessoa na minha vida, e ela se foi.

- E eu? – perguntou baixinho. Miguel passou os dedos pelo rosto dela.

- Eu não te amei. Eu *te amo*. É diferente.

- Gostaria que eu dissesse o mesmo para você?

- Não precisa. – Ele roçou o indicador no lábio inferior dela. – Eu posso ver nos seus olhos.

- Convencido... – ela riu. Miguel arqueou as sobrancelhas e subiu sobre ela, se esfregando tentadoramente.

- Vai me dizer que não é verdade?

- Ah não! – ela soltou uma risada alta. – *Isso* é verdade, mas que você é um convencido não há dúvidas.

Ele abriu um sorriso alegre e beijou-a rápido.

- Eu quero fazer amor novamente, quer também?

Clarice abaixou as mãos para a bunda dele e a apertou, firme.

- Nunca vou dizer não para você.

O sorriso que ele deu dessa vez trasbordou safadeza genuína.

Miguel prendeu os lábios aos dela e a volúpia escorreu dos corpos suados e estimulados deles como mel transbordando ao pote.

CAPÍTULO 12

*Viver e ser amado é mais árduo, e é isso
que te ofereço.*

Depois de acordar deliciosamente fodida por Miguel, Clarice retribuiu no chuveiro, chupando o pau dele até que ele tivesse que segurar, engolindo cada gota amarga da porra dele, lambendo os lábios e esperando para que ele retribuísse. E ele fez.

Os dois tomaram café com calma diante a vista maravilhosa do mar mediterrâneo e da costeira da baía, os barcos e lanchas indo para um lado e para outro, deixando uma linha suave e retilínea na água por onde passavam.

O sol ficou escondido até a tarde chegar, e então eles desceram a montanha para caminhar um pouco de mãos dadas. Miguel nem se lembrava de algum dia ter feito isso. Mas ela o impulsionava a coisas tão indistintas e simplesmente apaixonantes, que não tinha como *não* apreciar.

A lancha deslizou pela água do mar azul rosnando o motor e levantando o cabelo loiro de Clarice que brilhava sob

os raios de sol. Miguel sentiu que os céus a abençoavam, e ela a ele.

Ela vestia um vestido curto de linho, com alcinhas trançadas e flores na saia que pareciam dançar quando ela caminhava. Miguel optou por uma camiseta branca e calça cáqui, recusando terminantemente o short que ela quisera que ele vestisse. Eles acabaram na cama, fazendo amor e rindo de como ele ficaria estranho vestindo aquilo.

Ela soltou da mão dele por um instante para olhar as frutas, tirando os óculos de sol delicados que usava e olhando diretamente para o vendedor humilde. O coração dele aqueceu ao

ouvi-la tentar falar um pouco de grego com o senhor, e, por isso, acabou ganhando romãs por conta da barraca.

- Quer um pedaço? – ofereceu para ele, pegando a metade que o senhor havia cortado e entregado para ela. A romã estava vermelha e cheirosa, ela levou a boca. – Não seja tão tímido assim.

Miguel foi até ela e mordeu um pedaço, beijando-a na boca em seguida e deixando as mulheres das outras barracas um tanto escandalizadas e até mesmo sem fôlego.

Com as bochechas avermelhadas e sem graça, Clarice virou para o homem da tenda de frutas e murmurou:

- *Sas efcharisto* – Obrigada em grego.

Ela abaixou os óculos e pegou a mão que ele oferecia, continuando a caminhar pelas barracas.

- Além de grosso e arrogante, é um sem vergonha.

- Arrogante é novo. – Miguel apertou a mão dela, fazendo-a parar em uma tenda repleta de flores diversas. Uma moça sorriu para ele, mas ele não tirou os óculos escuros para falar com ela e não retribuiu o sorriso. Ele apontou para a flor que queria e pagou euros a mais por ela.

Ele pegou a flor e colocou-a sobre a orelha esquerda de Clarice, roçando a

palma no rosto dela.

- Ainda mais linda.

Foi difícil esconder como ela ficou boba com esse gesto bonito dele.

- Você sabe que flor é essa? – Clarice questionou para ele quando saiam do corredor de barracas ao lado do porto e iam em direção a uma ruela de paralelepípedo onde havia uma casa de café.

- Amor-perfeito. – sussurrou ele.

Ela abriu um sorriso e virou o rosto para as vitrines das lojas na rua, sua mente voando para o significado da flor: amor duradouro, inesquecível.

Miguel ficou sem entender, mas atribuiu o sorriso dela àquela felicidade

espontânea e livre que exalava de ambos. Eles se sentaram à frente do Café depois de pedir um café gelado com Rum e um chá com gelo e hortelã.

Miguel falou ao celular com Amanda sobre o estado de Ethan – que havia melhorado, enquanto Clarice bebia seu chá gelado e enviava fotos escondidas dele para Rose, que a ligou imediatamente e quase não conseguiu explicitar o quanto estava feliz pelos dois.

Clarice estava feliz, o resto não importava.

- Posso tirar uma foto sua?

Ela abaixou o copo com a metade de chá e franziu o cenho.

- Claro. – e depois, abriu seu melhor sorriso, pousando para a câmera dele, que fez um click rápido. Ela soltou o ar preso dos pulmões e voltou a tomar sua bebida, o observando.

- Eu sei que não pode, mas faça uma exceção e prometa para mim que ficaremos assim pelo tempo que durar.

Miguel balançou a cabeça, tirando os óculos escuros estilo aviador do rosto e repousando sobre a mesa.

- Está certa, não posso prometer isso.

- Por que não? – Os ombros dela desabaram.

- Porque eu não quero que fiquemos assim *até durar*, quero isso para sempre. Quero você, sua felicidade contagiante e

tudo de bom e ruim que tiver aí dentro para mim, cada dia que restar dos meus dias.

Ela tentou controlar as batidas do coração.

- Eu te amo, Miguel Walker. Eu te amo e não sei o que faria se você não tivesse aparecido na minha vida, roubado e tomado para si um pouco da esperança do meu coração.

- Você tem um bocado lá, minha rosa.

- Eu sei, e ela é toda sua.

**

Os jatos quentes da jacuzzi movimentavam a água e lançavam uma

leve cócega no abdômen de Clarice, que se encolheu e se apertou mais no corpo de Miguel. As estrelas brilhavam como monte de pontinhos ascendentes a uma distância desconhecida sobre eles. Miguel deu um gole na taça de vinho e sentiu a mão de Clarice subir sobre seu corpo devagar, demorando-se em suas cicatrizes mais grossas e longas.

Ela parou o indicador acima de uma arredondada e disforme, ao lado do musculoso e profundo “V” de Adônis.

- Essa foi uma bala envenenada. Quatro anos atrás. – disse a ela. – Tive sorte de ter um canivete por perto para poder tirá-la do meu corpo.

- Ela é bem feia. – Clarice explicou

seu interesse peculiar, baixinho.

- E sangrou como um inferno.

Ela subiu a mão bem lentamente novamente, parecia estar, além de querer descobrir todas as marcas do corpo dele, aproveitando muito. Chegou ao pescoço e traçou uma linha invisível abaixo do queixo dele, naquela que fora a primeira cicatriz que viu de Miguel.

- O segundo sequestrador que matei. Eu ainda não estava tão focado e ele acabou conseguindo me render por trás, com um pedaço de vidro quebrado. Ethan colocou uma bala no estômago dele... – Miguel pegou a mão dela com suavidade e levou até uma cicatriz não tão muito interessante perto das costelas

do lado direito. – O tiro me acertou e saiu por aqui. Quando ele caiu, cortou de leve minha garganta.

- Nem posso imaginar como deve ter sido... – ela suspirou, tremendo quando uma onda de calafrio passou por seu corpo.

- Não quero que imagine.

- Você disse que estava na inteligência do exército, mas já foi em batalha?

Clarice não presumia que ele havia começado a matar pessoas apenas depois de Lily. Ele deveria ter começado muito antes.

- Algumas vezes, sou um excelente sniper. – Ela não precisava de mais.

Arqueou-se sobre o ombro dele e o beijou no queixo, descendo as mãos até chegar na virilha. O pau dele estava descansado, mas pulou rapidamente na mão dela, ficando duro como pedra em segundos. Clarice desceu a boca e chegou nos mamilos dele, colocando-os na boca com carinho e passando a língua tortuosamente como ele fazia com os seus.

Miguel soltou um arquejo rouco e seu corpo ficou rijo. A água se movimentou ao redor deles quando ele mudou de posição e ficou em cima dela, fazendo o mesmo que ela fazia a pouco e encaminhando sua mão para a boceta lisa e sua boca para os seios

avermelhados de tanta sucção que ele havia feito não há muito.

Ela bateu a cabeça no degrau da jacuzzi e gemeu, alisando os cabelos dele enquanto ele a devorava com efervescência e prazer. Ouvi-la gemer enviou choques a seu pau que começou a pulsar, mas Miguel não queria pular as preliminares, porque adorava tê-la em seus braços e em sua boca, experimentando cada ponto erógeno, cada terminação nervosa, cada pedaço de pele que enviavam uma enxurrada de lassidão corpo dela acima até voltar lá para baixo e aquecer sua boceta.

E a cada reação nova que Miguel conseguia descobrir e arrancar dela, seu

corpo vibrava de um prazer único e novo. Ele queria rir de felicidade e ao mesmo tempo rasgar seus pulmões em um urro descontrolado de dor, pois não sabia quando poderia finalmente ter Clarice segura de seu passado e de si mesmo.

Ele subiu a boca até ela e a penetrou com força, batendo as bolas na curvatura do canal apertado dela, a preenchendo por completo. E ao investir com força, a beijava com calor, deliciando-se dos cantos incontáveis de sua boca e explorando as fortalezas de seu coração.

- Eu acho que deveríamos assistir um filme – Clarice sugeriu.

- Vamos acabar grudados do mesmo jeito.

- Isso porque você é um tarado – ela riu, conseguindo finalmente colocar uma calcinha, buscando um conjunto de baby-doll de seda que havia colocado dentro da mala. As arrumadeiras já haviam organizado tudo nas gavetas, por isso ela não sabia onde estava.

- Aqui. – Miguel chegou perto dela, entregando-a uma camisa social de botões. – Gosto de você nelas.

- Obrigada – ela pegou e passou as mangas longas pelos braços, ajeitando-as para que pudesse ver suas mãos.

Ele vestiu uma camiseta branca de algodão e uma calça de moletom cinza,

acompanhando-a para a sala de estar. À mesinha de centro havia uma tigela de frutas, dois potes de sorvetes e uma garrafa de vinho com as taças ao lado.

Clarice sentou-se e esticou as pernas nuas por sobre o estofado, pegando o controle e começando a passear pela programação de filmes da tevê.

Miguel abriu o vinho e se serviu de uma taça, Clarice negou com a cabeça a bebida quando ele ofereceu.

- Que tal A Princesinha? Eu li o livro quando criança, mas nunca assisti a versão cinematográfica de 95. – ela olhou para ele e notou que ele ficara estático. – O que foi?

Miguel andou até ela e se sentou,

passando a mão pela cintura dela.

- Lily adorava esse filme.

- Podemos assistir outro, não tem problema...

Miguel balançou a cabeça discordando e encostou o queixo na cabeça dela. Clarice lançou um olhar para ele, mas mesmo assim ele continuou sereno. Ela apertou o play e colocou o controle na mesinha de centro, aninhando a cabeça no peito dele.

O filme iniciou, e ela começou a sentir que apesar de tentar parecer calmo, na verdade, Miguel estava desconfortável. Nas primeiras cenas, a taça de vinho dele secou, mas ele continuou estático, tentando não

incomodar Clarice que estava sentindo cada reação do corpo dele.

Clarice sabia que o filme se tratava da história tocante do desencontro de um pai e sua filha. O filme deveria ser um modo dos dois relaxarem um pouco mais, mas as cenas iniciais jorraram um clima palpável entre eles que estava deixando o ar até difícil de respirar... Não, não era isso. Miguel apertava tanto a cintura dela que a impedia disso.

E quando uma cena linda de despedida entre o pai e filha iniciou, Miguel disse baixo e tenso:

- Desligue, Clarice.

Ela tentou se desvencilhar do aperto forte dele, mas não conseguiu.

Na tela da tevê, a princesa Sara aproximou-se do pai que estava indo para a guerra e sussurrou carinhosamente, tocando o rosto dele com os pequenos dedinhos: “Está tudo bem, papai. Eu vou ficar bem”.

- Desligue... – ele pareceu implorar.

- Eu... – Ela virou a cabeça para ele e viu que Miguel expressava dor na face, e vê-lo assim, apenas, causava calafrios.

Sara continuou a tocar com carinho a face do pai, e ele perguntou emocionado: “O que está fazendo? Me memorizando?”

- Desliga! – Miguel gritou, pulando do sofá e assustando Clarice, que saltou do estofado e começou a tatear a

mesinha à procura do controle.

Sara olhou para o pai com amor, respondendo-o: “Não, eu já o conheço com meu coração”.

E foi quando Miguel deu um murro na tela, apagando-a de vez e deixando uma teia de rachaduras sobre a superfície negra. Clarice se encolheu no sofá e colocou a mão na boca, vendo-o sair com pressa da sala para a varanda, batendo as portas de vidro com tanta força que vibraram.

Juntando coragem, ela levantou e saiu também, caminhando devagar com os pés descalços para perto dele na beirada.

Ela tocou as costas dele, chegando

próximo, abrindo a boca pra tentar dizer algo.

- Eu sinto falta dela, Clarice. – disse ele, olhando para o mar iluminado pela lua. – Todo santo dia. Sinto falta de quando ela me tocava com carinho e dizia com inocência que me amava, ou quando acordava e chamava por mim, abrindo um abraço enorme quando eu a pegava no colo. Eu a amei tanto, e ela se foi.

Miguel se virou e pegou as mãos de Clarice. Ele tremia.

- Eu nunca consegui chorar pela morte dela. Eu a tive nos meus braços sem vida, sem que pudesse fazer alguma coisa, e mesmo assim eu não derramei

uma lágrima. Eu não podia... Meu peito sangrava e minha garganta queria explodir, meu chão desabou, mas meu luto foi tão frio quanto o que meu coração se tornou.

Clarice subiu a mão para o rosto dele e disse baixinho:

- Você precisa deixá-la ir, Miguel. Precisa deixar sua filha dormir em paz.

Um soluço reprimido irrompeu pela garganta dele e, de repente, não importava o quão imponente parecia, Miguel agora era um pai que perdera a filha pela crueldade, e que sofria.

Havia sofrido por sete anos em silêncio... não mais.

- Fica comigo. – Clarice falou,

sentindo as lágrimas escorrerem de seus olhos e o abraçando com a força que tinha.

Miguel colocou seu rosto no pescoço dela e chorou pela primeira vez na vida.

**

- Sua pele está coberta de areia. – Clarice riu, dando um beijo rápido e passando a mão no peito dele, tirando a areia espalhada.

- Nós definitivamente iremos voltar para Grécia. – ele passou o indicador por sobre da parte de cima do biquíni de cordinhas. – Você está ainda mais gostosa com essas marquinhos.

Ele puxou a alça cor de rosa, abaixando a boca para o ombro, onde uma fina marca branca estava.

- Acabamos de transar na praia, Miguel... Você é insaciável.

Ele puxou a canga branca que ela usava nos quadris e jogou longe.

- Adoro meu nome ao som da sua VOZ...

- Estou faminta – Clarice disse baixo, recordando-se da noite passada. – Pode pedir para prepararem algo leve?

- Sim.

- Quer sair hoje? Ou prefere aproveitar nossas últimas horas na ilha aqui?

Ele riu.

- Como se eu fosse responder algo diferente disso.

Miguel precisava voltar para a empresa, já que Ethan ainda estava no hospital, apesar de bem melhor. Clarice tinha planejado permanecer na Grécia por uma semana, mas não queria ficar longe dele, então concordou voltar no dia seguinte.

- A cidade é linda ao anoitecer. – ela contrapôs.

- Meu pau em você é ainda mais. – disse ao ouvido dela, antes de sair do quarto.

Clarice sorriu e tirou o biquíni, entrando no chuveiro e tomando um banho rápido, livrando-se da areia do

corpo. Voltando ao quarto, vestiu uma blusa leve de alças e um short jeans, preferindo deixar o cabelo úmido secar por conta. Saiu e entrou na sala, com intenção de descer para o andar inferior onde ficava a cozinha, mas uma música alta a impediu.

Era a versão ao vivo de “Once Upon Another Time” da Sara Bareilles, uma música lenta e até certo ponto assustadora... E estava excessivamente alta.

Miguel havia ligado o som?

Ela caminhou até o aparelho, mas a música foi entrecortada por palavras.

- Vamos contar até três, o que acha, *querida*? Foi assim que falou para ela?

Aquela garota suja e inútil!

Clarice foi até onde as vozes vinham, e na entrada da escada lá estavam. Miguel ao chão, enquanto a mãe de Lily empunhava uma faca que estava alojada dentro da barriga dele.

- Um... – ela sorriu para Miguel, puxando a faca para cima, rasgando a pele dele e fazendo o sangue espirrar mais profundamente pelo chão. Ele ainda tinha um pouco de forças, e tentou agarrá-la com a mão solta. – Dois...

A mulher empurrou a faca mais para dentro da carne, e ele soltou um gemido embargado.

- Acha que eu não iria saber como imobilizar um homem do seu tamanho

depois do inferno que passei em batalha? – Ela riu, puxando a faca ensanguentada para fora do corpo de Miguel e a empunhando sobre a cabeça, mirando o coração. A boca dela se abriu e Clarice sabia o que ela estava prestes a dizer... e *fazer*.

Trêmula e nervosa, correu em direção a ela, jogando-a no chão com o peso dos seus braços. Foi um instinto rápido e impensado, que poderia ter sido fatal.

A mulher caiu no chão e Clarice cambaleou para o lado, se apoiando no reencosto de um dos sofás, percebendo que estava com a faca encravada no corpo.

Seu sangue e de Miguel misturados.

Gemendo de dor, puxou a adaga pelo cabo, sentindo a carne de seu ombro queimar.

- Sua amada veio a seu favor, Miguel! – A mulher se levantou e olhou para Clarice, franzindo o cenho e olhando para a faca que ela empunhava em mãos. – Eu realmente não queria te matar, sinto muito...

- Você não vai matar ninguém, sua louca! – Clarice gritou, estremecendo de dor. O sangue começou a escorrer e descer ao longo de seu braço, manchando o piso branco.

A outra caiu na gargalhada, dando passos ferozes em direção a ela. Miguel

gritou de onde estava, apertando o ferimento do abdômen e tentando se pôr em pé.

- Sai daqui, Clarice!

Mas não houve tempo nem sequer dela pensar nisso. A mulher agarrou-a pelo pescoço, assim como havia feito quando se encontravam pela primeira vez, e começou a apertar. A garganta de Clarice fechou e ela não conseguia mais respirar. Lágrimas caíam pela dor e tudo o que ela via eram olhos insanos e arregalados por debaixo de uma grossa camada de fumaça que embaçava tudo.

Ela não queria morrer. E se sua hora fosse aquela, não queria que a última coisa que visse fossem aqueles olhos

verdes horripilantes.

O restante de adrenalina que corria entre suas veias fê-la empunhar a faca com as mãos e empurrar bem fundo em qualquer ponto vulnerável de sua atacante.

A mulher diminuiu o aperto à garganta e se afastou. Clarice murmurou, sem nem mesmo perceber:

- Por Lily.

A mulher sabia que ia morrer, pois Clarice havia acertado seu coração em cheio, naquele movimento cego.

A emoção e fúria transbordaram por Clarice. Ela tirou a faca de dentro do peito da mulher e o tempo parou, congelando aquele momento por um

segundo, e ela ouviu a voz da cantora ao fundo:

*And where I stood, was where I was
To be*

E subitamente percebeu que não era só esperança que daria a Miguel.

Clarice iria libertá-lo dos demônios do passado. Iria livrá-lo do que o corroia.

O segundo voltou a correr, e ela avançou, encravando novamente faca no peito da mulher, que arregalou os olhos loucos pela última vez.

- Pela alma dele.

Soltou o cabo da faca e deu um passo

para trás, vendo a mulher cair ao chão, morta.

Apertou seu ombro machucado, tentando estancar o sangue que escorria e deslizou parede abaixo, sentindo suas pernas formigarem e sua mente começar a processar o que acontecera.

Miguel conseguira se por de pé, mas não tinha muito tempo de consciência, seu sangue estava se espalhando pelo piso como um rastro durável de morte próxima. Ele caiu de joelhos ao lado de Clarice, apertando o corte na barriga, sem forças para lutar.

- Eu a matei – Clarice disse calma, olhando para os olhos negros de Miguel que estavam desfalecendo.

- Obrigado, Clarice – ele falou com a voz fraca. – Obrigado...

Os joelhos dele cederam e ele caiu de costas no chão. Clarice se aproximou com o peito apertado e colocou suas mãos sobre as dele, ensanguentadas. Ela apertou o ferimento com força para o sangue poder parar de jorrar, mas aquilo não era o suficiente.

- Você não pode morrer agora – sussurrou para ele, esquecendo-se de seu ombro e encostando a cabeça no peito dele, ouvindo as batidas fracas do coração e sentindo o calor da pele dele estar sendo substituído por um frio horripilante.

- Não vou... Eu não vou morrer.

- Eu não vou te deixar ir – ela chorou, ciente que Miguel não tinha muito tempo.

Miguel fechou os olhos, deixando-se ser tragado por ondas fortes de imponentia. Ele viu a silhueta de uma criança lá no profundo mar, mas aquela não era a hora de segurar a mão de sua filha novamente.

Com seu último suspiro, murmurou para Clarice:

- Eles estão vindo. – E quando a cabeça dele pendeu para o lado, e o desespero explodiu em Clarice, homens armados e encapuzados irromperam por todo lado da mansão, correndo até eles e começando a fazer o que foram

chamados, mas que Clarice havia feito há pouco: Matar uma lembrança.

**

Miguel sentiu seu corpo reclamar por estar finalmente despertando antes do tempo. A morfina tinha muito pouco efeito no sistema dele – depois de sete anos aplicando-a sem moderação para poder não sentir a dor dos ferimentos e cortes que adquiria –, ela simplesmente se dissipava caso não fosse aplicada de modo exato, ou generosamente.

Arqueou-se na cama, mas se sentiu preso, uma mão suave segurava a sua e isso fez com que ele abrisse os olhos no

mesmo segundo.

- Bem vindo de volta – ela sussurrou, abrindo um sorriso tímido.

- Clarice... – sua voz parecia um lamento baixo de dor, rouco e fraco.

Ela estava sentada em uma cadeira acolchoada ao lado da cama, e vestia roupas diferentes das do ataque, um vestido de algodão azul e alças. Seu ombro direito estava com um curativo grande, mas ele suspeitava que o ferimento já estava sarando.

- Você fica linda em azul.

- Você também – ela confessou para ele, rindo. Miguel percebeu que estava trajando uma daquelas sacolas azuis que comumente pacientes de hospitais

usavam.

- Eu odeio essas coisas.

- Todo o mundo.

- Você está bem? – Ele apertou a mão dela e percebeu que seus movimentos estavam bons, portanto não demoraria a levantar dali.

Clarice olhou no fundo dos olhos dele e ele soube a resposta.

- Você estava lutando por sua vida, Clarice. Não teve culpa.

- Eu não me culpo... nem estou arrependida. – o rosto dela parecia sincero, e aliviado de certa forma. - Você está bem e isso é o que importa.

- Onde estamos?

- Casa. Você precisava de uma

cirurgia demorada, eles te trouxeram de volta. Vai ficar bem, só precisa descansar para poder aliviar as dores.

Miguel se mexeu na cama para tentar olhar melhor para ela.

- E por que estou sentindo que eu vou continuá-las carregando por um longo tempo?

Clarice piscou devagar e respirou fundo. O sorriso desaparecera de seu rosto e, agora, podia ser visto as olheiras profundas abaixo de seus olhos. Ela passou a mão livre no cabelo preso, colocando uma mecha rebelde que estava à frente do rosto por detrás da orelha.

Miguel sabia o porquê, mas achava

que ouvir da boca dela seria mais fácil.

- Você tem que ir agora. – ele tirou as palavras da boca dela. – É isso?

Os ombros de Clarice desabaram e ela enxugou rápido uma lágrima que teimou em cair.

- Sim. – declarou. – Eu tenho que ir. Eu *preciso* ir.

- Eu entendo.

O olhar dela suavizou e ela tentou abrir outro sorriso, mas, dessa vez, não conseguiu.

- Obrigada por isso. – Ele desapertou o entrelaço das mãos e os dedos dela deslizaram para longe. Clarice se levantou e passou a mão no vestido.

- Eu vou esperar por você. – Miguel

falou por impulso, sentindo a necessidade de dizer algo mais.

- Eu sei que vai, Miguel. – Clarice se aproximou dele e o beijou na testa com carinho. – E eu estarei sentindo sua falta cada dia que passar.

- Clarice... quero te pedir para não ir – ele pegou o antebraço dela, mantendo-a inclinada para si. – Para ficar comigo... Depois do que aconteceu, nós...

- Precisamos de um tempo. Para pensar, respirar, processar.

Miguel olhou-a um instante e concordou com a cabeça, soltando devagar o braço dela.

- Eu te amo.

Clarice abriu um sorriso canto de boca que respondeu o mesmo a ele.

Ela saiu de perto da cama e foi em direção à porta, mas parou, engolindo saliva amarga da dor de despedida, porém, erguendo a cabeça. Aquilo era algo que ambos necessitavam.

Tempo. Espaço. Silêncio.

Clarice se virou para ele e perguntou, finalmente:

- Qual era o nome dela?

Miguel demorou a responder, olhando com carinho e aflição para aqueles os olhos dourados. O brilho não diminuía, e ele duvidava de que um dia não o veria ali.

Clarice não havia matado alguém, ela

lutara pela vida e salvara a de Miguel; do homem que amava.

Ela não fizera nada vil ou cruel, e se havia feito, quem poderia culpá-la de querer viver?

- Você não precisa saber. — ele respondeu, soltando ar pesado dos pulmões.

Clarice meneou a cabeça, sabendo que ele estava certo, e partiu.

As nuvens se tornaram cinza naquela tarde, a chuva só parou de cair quando o peito de Miguel começou a entender que aquilo era apenas um breve hiato que anunciava o início de suas vidas.

CAPÍTULO 13

*E se eu arrebentar essas portas mortais e
escapular para teu lado?*

- Eu só não entendo porque tanto tempo. – Rose passou as batatas para Clarice, apoiando os cotovelos na bancada de mármore listrada. – Você sente falta dele.

- Isso não vem ao caso.

Clarice começou a alinhar as batatas em uma fôrma lisa, passando um pincel de manteiga derretida e orégano nelas.

- Claro que vem, larga desse estoicismo bobo! Você está bem, seu pai está ótimo, Matt finalmente te apresentou a namorada e Ana já está engatinhando. Eu não vejo o porquê se manter em casa encolhida dentro de um casulo. Você já é

uma borboleta, Clarice, abra suas asas!

- Que expressão péssima, Rose! – ela riu da amiga, lançando um olhar para seu pai sentado no sofá conversando com aquela calma e elegância única com Lucas, que não abandonava os cabelos revoltos, apontados para cima. Era um contraste charmoso.

- Mas é a verdade. Você ainda insiste em não me contar o que aconteceu lá na Grécia, e Walker também é muito obtuso.

Rose ainda almoçava com ele. E Clarice tentava ignorar. Ela bufou.

- Nós brigamos.

- Foi mais do que isso, admita.

- Rose! – ela exasperou, voltando a

fôrma de batatas prontas para serem assadas. – Eu não posso te dizer mais do que isso, está bem?

Rose assumiu uma expressão de carinho. Por mais que quisesse saber, Clarice era sua amiga, e percebia que de alguma forma falar daquele assunto a afetava. Parecia delicado, e mais, algo que não deveria ficar sendo mencionado por aí com constância.

- Sinto muito, meu bem. E só que... Eu vejo nos seus olhinhos que está triste, e gostaria de fazer algo para amenizar.

- Eu gostaria de estar triste – Clarice declarou, tirando o elástico do cabelo e deixando-o cair sobre os ombros. – Você está certa, *como sempre*. Eu sinto

falta dele e isso está acabando comigo. Talvez já esteja na hora de conversarmos, mas isso eu vou deixar o tempo trabalhar por mim.

Rose abriu um sorriso e saiu com a bandeja para o fogão, satisfeita pela resposta da amiga. Clarice foi até o pai, que conversava com Lucas sobre o livro que retomara a escrita.

Eles haviam tido uma conversa sincera semanas atrás, que aliviara o coração de William e de Clarice de tamanha proporção, que no dia seguinte ele estava de volta com seu sonho de escrever, e desde então não parava mais. Escrevia mais de cinco mil palavras por dia e Clarice, às vezes, tinha que pedir

para que ele descansasse ou comesse algo. Era como se toda a vontade, disposição e as boas ideias estivessem ali no cantinho da mente de William, adormecidas, e que depois de saber como sua filha se sentia sinceramente sobre aquela noite, há dez anos, despertaram como uma nuvem de abelhas zumbindo no ouvido dele sem parar.

Clarice se sentou ao lado deles e os acompanhou, rindo dos comentários de Lucas. Ela olhou para o lado de fora da sua casa e lá estava Matt, com a namorada ruiva que vira pela primeira vez no saguão da Walker House. Ela segurava e acarinhava atenciosamente

Ana, que estava grandinha e gordinha. As duas eram ruivas, e parecia que por causa dessa semelhança uma adorava a outra.

O jardim de Clarice agora tinha rosas, algumas gardênias e um pouco de grama que estava lentamente ficando amarela. A árvore florescera e tinha folhas o suficiente para projetar uma sombra agradável sobre Matt, a namorada e Ana.

Clarice sorriu para eles, recebendo um aceno caloroso.

Pensou em Miguel, como gostaria que ele estivesse ali. Lembrou-se dos ataques e da mulher que morrera na mansão da ilha. Ela havia sonhado com

os olhos verdes dessa mulher por algum tempo, mas neles, ela olhava afetosamente para a filha; Lily, como um dia nunca olhou.

Clarice não era perseguida pelo remorso ou culpa, mas pela saudade.

O sol estava alto lá fora e era hora de trilhar a frente... para o futuro.

*

O suor escorria pelo peito de Clarice, mas suas pernas ainda tinham força para correr. Ela correu uma, depois duas e três vezes pelo parque, abaixo de um sol quente de manhã cedo que a deixava ainda mais cansada.

Ela parou e se encostou num banco de pedra próximo à saída. Respirou fundo e foi correndo em direção ao Charlie's para um chá bem gelado. Tinha que trabalhar daqui a pouco, por isso pediu para viagem.

Charlie, sempre amigável, deu um sorriso para ela mais largo do que o normal, e repetiu a frase que não há muito dissera:

- Por conta do senhor da mesa ao lado, Clara.

O coração de Clarice pareceu querer sair pela boca, e ela começou a sentir a garganta ficar seca. Passou a língua sobre o lábio inferior e sorriu de volta, virando sua cabeça para encontrá-lo.

Ele não estava sentado na mesa ao lado, estava em pé. Vestindo um terno de três peças negras, o cabelo negro com os filetes brancos sobre as têmporas penteados para trás e uma pasta de couro na mão. Ele olhou para ela, abandonando-se ali, mergulhando completamente e intensamente no brilho daqueles olhos cor de mel.

Clarice caminhou devagar até lá, controlando seu corpo, que tremia, e colocando força nas pernas que de repente estavam querendo parar.

O sol estava quente, mas dentro daquele terno, Miguel parecia indiferente ao calor, enquanto ela parecia estar suando mais do que

deveria por debaixo daquela camiseta branca, top e short curto para caminhadas.

- Oi, estranho. – disse baixinho para ele.

- Clarice. – sentenciou Miguel, com sua voz firme e grossa entoando com prazer ao falar o nome dela novamente. – Você está ocupada?

- Eu tenho que trabalhar daqui a pouco.

Era isso mesmo que iriam dizer um para o outro? Depois de semanas separados?!

- Eu gostaria que me acompanhasse em um lugar. É importante.

Ela balançou a cabeça, concordando.

Os nervos dela se exaltaram e ela quase pulou em cima dele, querendo abastar um pouco da saudade que sentia.

- Você espera eu tomar um banho rápido?

- Claro. Esperarei aqui.

Clarice sorriu. Estava esperando que ele dissesse isso. Os dois eram apaixonados, pelo amor de Deus!, mas qualquer passo em falso depois do que havia acontecido poderia colocar em erupção um vulcão que estava muito bem sedado.

E para Miguel, entrar na casa dela, e esperá-la tomar um banho enquanto se fingia de bom moço seria algo tão insuportável quanto a pior dor física que

sentira na vida, e olha que elas foram tantas que seria mesmo algo insuportável.

- Não demorarei.

E não demorou mesmo. Clarice tomou o banho mais rápido de sua vida e se vestiu com tanta pressa que a calça jeans não estava querendo entrar.

Ela saiu de casa vestindo um conjuntinho formal de blusa lilás com botões, uma saia vermelha com abertura dupla frontal – escolhida no estalo do momento, após desistir da calça – e um paletozinho que se moldava a todas as curvas de seu busto e cintura, mas que por causa do calor ficou no seu antebraço fazendo companhia para a

bolsa.

Miguel a esperava do lado de fora. Ele a olhou de pés a cabeça e abriu a porta do BMW prateado. Ela sentou no banco de couro, olhando para ele enquanto dava a volta e preenchia o lugar do motorista.

- Como você está? – ela perguntou quando já estavam fora de Hillside.

- Livre – respondeu Miguel, com o olhar fixo no trânsito. Ele completou: - Graças a você.

Clarice quis responder algo, mas engoliu algumas palavras desanexas e continuou a admirá-lo naquela fachada de imponência e beleza perigosa. Ele era perigoso, sim, mas não para ela. Não

mais.

- Como está Ethan? – Clarice quebrou o silêncio.

- Bem. Feliz. Pensando em ser pai. Ele mandou lembranças a você.

Clarice pigarreou levemente, não deixando de perceber a tensão de dentro do carro.

- Aurélio foi preso por sonegação de imposto.

- Eu li nos jornais – ele sussurrou.

- Você não tem nada a ver com isso?

Miguel esperou um instante e depois abriu um sorriso.

- Talvez.

Clarice balançou a cabeça e notou que estavam parando em um lugar

extenso, verde. Não parecia ser um parque, era muito quieto e estranho para ser. Havia algumas pessoas ali, bem longe deles. Uma criança entre elas carregava um buquê de rosas amarelas.

Miguel abriu a porta para ela. Quando saiu do carro a visão se completou, ela percebeu que estavam em um cemitério. Em uma parte privada dele, na verdade. Miguel havia comprado um terreno enorme ali dentro, e só um túmulo repousava por entre aquelas terras.

- Nós viemos ver Lily – Clarice disse a ele, descobrindo rapidamente. Não era uma pergunta, mas ele fez questão de responder que sim.

- Por aqui, Clarice.

Ele subiu alguns degraus sobre a calçada, subindo um pequeno monte coberto por grama verde, onde, bem no topo desse monte uma enorme árvore estava prostrada. Era daqueles tipos que já estavam ali há mais de duzentos anos, e que viveria por ainda mais tempo do que já vivera.

Seus galhos eram longos e enormes, algumas folhas amarelas caíam com suavidade e deixavam o chão repleto delas, marcas de um outono demorado.

Uma pequena lápide branca e delicada assentava-se ao lado do tronco grosso e vivo da árvore.

Os dois diminuíram os passos até

pararem.

Lilith Laura Walker: Era o que estava escrito em letras elegantes e douradas.

Abaixo, uma frase bem curta.

“Sua luz nunca se apagará.”

A garganta de Clarice começou a queimar e teve que se segurar para não chorar.

- Ethan mandou gravarem-na. Eu não tinha forças para poder fazer algo assim. E agradeço a ele por ter descrito tão claramente o que Lily foi e é para mim.

- É lindo...

- Sim. – Miguel deu um passo em direção a ela, com calma.

Ela virou-se para ele.

- Eu acho que é hora de você voltar

para mim, Clarice. Já se passou tempo demais.

- Eu sei. – respondeu sinceramente.

- Te trouxe aqui porque preciso encerrar essa parte da minha vida, eu preciso dar um passo para frente e me soltar das amarras do passado.

Ele pegou as mãos dela, levando-as aos lábios e repousando um beijo casto.

- E eu quero que a partir daqui você esteja comigo. Quero fazer parte de você, pois você já faz parte de mim.

- Eu sinto sua falta – ela irrompeu, passando a mão no rosto dele, deixando uma lágrima teimosa cair ao rosto.

- Estou aqui, por você... Para o resto dos meus dias.

Fazendo o mesmo que ela, ele a acariciou no rosto, acompanhando cada expressão que fazia. Não precisavam dizer mais nada. Tudo estava descrito nos olhares.

Miguel abaixou os lábios e beijou Clarice com ternura, com paixão, com calor. Ela retribuiu, sentindo a saudade dar lugar à felicidade que detonava corpo afora.

Ela se afastou e encostou a cabeça no peito dele, olhando para a lápide delicada.

- Você acha que ela está feliz por nós?

Miguel tirou algo do bolso interno do terno e colocou na palma de Clarice

com carinho.

Ela olhou para sua mão e viu a fitinha vermelha. A mesma que Lily usava naquela foto do porta retrato. Levantou a cabeça para Miguel, que fez um sinal de positivo para ela.

Clarice se desvencilhou dele e agachou-se sobre a grama verde e as folhas amarelas caídas ao chão. Ela amarrou a fita vermelha em um galho saliente à frente da lápide, e se levantou, dando passos para trás e olhando para ela, que agora meneava ao vento calmamente.

Miguel a abraçou por trás, pousando sua cabeça no vão entre seus ombros.

- Eu te amo. – sussurrou ao ouvido

dela. Clarice se reencostou no peito dele e relaxou.

Quando foram embora de mãos dadas, a fitinha se desgrudou do galho e voou.

Cortando os céus, viajando ao vento do sul e brilhando sob a luz do sol, como uma estrela brilhante na escuridão.

EPÍLOGO

*A eternidade nos permite a busca outra
vez*

Quatro anos depois.

O s cabelos dourados dela

estavam completamente sujos pela farinha de trigo.

- Hope, querida, volte aqui.

Miguel correu atrás da filha, que apesar de ter pernas curtinhas, conseguia passar por debaixo do balcão da cozinha e correr rápido para longe dos braços do pai. Ela soltou uma risadinha e desviou dele novamente, balançando os cabelos loiros e espalhando a farinha pelo chão e pelas roupas delicadas que usava.

Miguel foi rápido e a puxou para seu colo, mas ela queria continuar correndo, e por isso começou a se debater e soltou um gritinho estridente.

- Querida? – ele tentou acalmá-la. –

Eu tenho que limpá-la antes que suje toda a cozinha.

- Mas eu quero correr, papai! – Hope gritou para ele, passando as mãozinhas gordinhas no rosto dele e o sujando com o pó branco.

Ele fechou a cara e a balançou.

- Se continuar correndo desse jeito pode ser machucar e papai vai ficar triste.

- Triste? – ela perguntou docemente, fazendo um biquinho com sua boquinha rosa. – Fica triste não papai. Eu paro de correr.

Hope agarrou-o pelo pescoço e o abraçou, dando um beijinho molhado na bochecha dele. Miguel abriu um sorriso,

e ela abriu outro ainda maior.

- Quer me ajudar a limpar essa bagunça?

- Eu quero a mamãe. – ela respondeu e começou a se contorcer no braço dele. – Cadê ela?

- Mamãe está cansada, querida. Vamos terminar de fazer o bolo e depois vamos chamá-la, está bem?

A feiçãozinha dela suavizou e ela começou a rir baixinho.

- Papai está todo sujo.

- É, eu sei. – ele resmungou, carregando-a até o balcão de mármore e sentando-a lá. – Deixe-me ver o que podemos fazer aqui...

Ele balançou o cabelo dela para que

a farinha pudesse sair dos fios. Uma nuvem de pó branco pairou sobre a cabecinha dela. Hope fungou e depois espirrou, coçando o nariz com as costas gordinhas da mão.

- Eu quero a mamãe, papai.

- Estou aqui. – Clarice entrou na cozinha, olhando para a bagunça que eles fizeram e depois para Miguel, franzindo o cenho. – O que aconteceu aqui?!

Hope abriu um sorriso enorme e apontou para o peito do pai, colocando a culpa nele. Miguel gargalhou pela carinha que ela fez e depois a pegou no colo.

- Que tal um banho? – Clarice disse

para a filha, dando-a um beijo e limpando massa seca sobre a testa dela.

- Vamos para o parque? – Hope arregalou os olhos.

- Quer ir ao parque?

- Quero! – ela gritou.

Clarice balanceou a cabeça e a pegou nos braços, colocando-a no chão.

- Então escolhe uma roupa enquanto eu e seu pai limpamos essa bagunça.

Hope abriu ainda mais o sorriso e saiu correndo em direção ao quarto.

- Ela vai cair qualquer hora dessas.

- Ela sempre cai, Miguel. – Clarice se virou e passou a mão no rosto dele para tirar o trigo.

- Estávamos tentando fazer um bolo

para você.

- Então a ideia foi *mesmo* sua? – ela riu e se aproximou do corpo dele. – A bagunça também, aposto...

- Não pude pará-la quando começou a jogar farinha para o ar. Parecia um anjinho.

- Você é o pai mais bobo que existe.

- Como não seria? – Miguel passou os braços pela cintura dela e a beijou com força. Suas mãos desceram e repousaram nos quadris dela. – Estou pensando em, talvez, deixar Hope com Ethan e Amanda hoje para podermos fazer um jantar só para nós dois, o que acha?

- Perfeito – ela suspirou, ficando na

ponta dos pés e colando sua boca na dele e puxando com força seus cabelos. Miguel a empurrou para a bancada e puxou a coxa dela para cima, extraíndo um gemido rouco quando ela sentiu que ele já estava pronto para ela, no meio das pernas.

Miguel se afastou e beijou-a no nariz, respirando rápido.

- Podemos adiantar o jantar...

Clarice soltou uma risada.

- Ou podemos dar um banho em Hope antes que ela apareça aqui com aquele sorriso que nos deixa sem trilhos. Vamos, ou ela vai acabar escolhendo para vestir aquelas asas cor de rosa que você comprou.

Miguel franziu as sobancelhas e ergueu os braços.

- Ela queria ser uma fada, o que eu podia fazer?

Clarice bufou e deu um tapa fraco no peito dele, virando de costas e indo até o quarto, prevendo a bagunça que estaria por cima da cama se não chegasse lá a tempo de Hope tirar todas as roupas das gavetas.

Mas ela nem havia começado.

Ao invés, ela estava deitadinha no carpete, dentro do closet, parecia ter cedido ao cansaço de correr de um lado para o outro.

- Parece que vamos ter um tempinho a sós a mais – Miguel sussurrou ao

ouvido de Clarice, passando por ela e se abaixando com cuidado para pegar a filha. Ela apoiou a cabecinha no ombro do pai quando a levantou no colo.

Clarice colocou a mão na cintura e ficou observando aquela cena tão linda. Miguel repousou Hope na cama de lençóis brancos com flores e a cobriu com carinho.

Ao lado da cama havia três fotos em um porta retrato de três faces.

A primeira era aquela foto que Miguel tirara de Clarice na Grécia, a segunda, uma foto deles três juntos – Hope tinha apenas um ano de idade – com o pôr do sol como plano de fundo e o mar tocando os pés descalços de

Miguel e Clarice que haviam se casado naquele dia mesmo, decidindo por apenas assinar papéis no cartório.

O que não impediu Miguel de colocar um diamante enorme no anelar dela.

Ele fechou as cortinas floridas do quarto e voltou na filha para ajeitar um pouco o cabelo dourado que estava todo desganhado e dar-lhe um beijo no rosto.

A terceira foto do porta retrato era de Lily.

Hope a achava tão linda quanto um anjo e às vezes, antes de dormir, dizia boa noite para a irmãzinha que nunca conheceria. Ela era pequena, mas entendia isso, o que não a impedia de amá-la do mesmo jeito.

Miguel lançou um olhar para Clarice. Aquele que sempre lançava ao acordar, ou quando, com um piscar diferente, percebia quanta felicidade tinha enraizado no peito, ocultando e prendendo toda a escuridão e ódio que o tomara por tanto tempo e tirara sua esperança.

Ele beijou Hope com amor, e Clarice sorriu.

Dessa vez, aquela esperança nunca seria tirada dele.

NOTA DA AUTORA:

Eu compus este romance em menos

de um mês e meio e fiquei tão feliz com o resultado que levei um completo susto. Há paixão nele qual não sou capaz de explicar, pudera, sou suspeita de falar. Amo os personagens, sonhei várias vezes com Miguel e sei que ele merece outro livro, mas não, é só este. Descrever a dor de alguém quem você conhece tão profundamente como eu o conheço te exaure de uma forma que te faz decair. Este livro foi rápido, mas nem um pouco fácil de escrever. Perdi a conta de quantas vezes me deixei levar pela emoção de estar construindo-o.

A Clarice é uma mulher forte e não deveria ser diferente. Miguel precisava da força dela qual exprimo como

esperança. Ela não só é apaixonada incondicionalmente por ele, mas por tudo o que ele é. Não há como descrever Um Toque de Esperança como algo diferente de uma história de salvação, de um amor que tenta abrir e tenta tirar do peito tudo o que corrói e te faz sofrer em desamor.

E é isso o que é: um desamor se desprendendo do *des*.

Escrevo essa nota sob o céu prestes a receber o sol poente, as nuvens estão alvas e o azul parece um mar límpido. Duas garotas conversam ao meu lado e o vento bate em meu rosto. Acabei de dar um sorriso sem jeito, me lembrei de Miguel e da beleza do amor que sente

por Clarice. Abri outro sorriso, as nuvens estão mudando. O sol apareceu por entre elas e daqui a pouco a cor laranja tomará o horizonte...

Primavera de 2015, Helena Lopes

AGRADECIMENTOS:

Agradeço com coração e alma à Emily Dickinson, pelos poemas maravilhosos que florescem cada início de capítulo do livro. A tradução é minha, mas recomendo – caso alguém tenha interesse – o exemplar *Uma Centena de Poemas*.

À John Clare, por *Eu Sou*.

Thomas Harris, que parece nunca me abandonar quando escrevo e que sempre me emociona com sua escrita elegante e deslumbrante. Que as nossas Clarices continuem sempre fortes e que nunca

desistam de seus amores impossíveis.

Tenho que agradecer sempre à minha família louca e minha mãe eternamente paciente.

E a vocês, que o leram. Agradeço demais o apoio de quem descobriu minhas palavras, vocês já estão em meu coração.

Caso desejem me encontrar, mandar um oi ou saber quais são meus próximos projetos, é só acessar facebook.com/autora-helenalopes, meu blog (helenalopes.h.blogspot.com) ou mandar e-mail para autora-helenalopes@gmail.com

AUTORA:

Helena Lopes é graduada em Marketing e atualmente estuda Arquitetura e Urbanismo. Escreve poemas há anos, e às vezes se arrisca na pintura. É completamente apaixonada por amores complicados, histórias de detetives e crônicas medievais.

Nasceu em uma pequena cidade e aprendeu a visualizar o exterior, apreciando as pequenas coisas. Um Toque de Esperança é seu segundo romance.

TODOS OS DIREITOS
RESERVADOS. NENHUMA PARTE
DESTE LIVRO PODE SER

REPRODUZIDA SOB QUALQUER
MEIO EXISTENTE SEM A
AUTORIZAÇÃO DA AUTORA.

© Um Toque de Esperança / Helena
Lopes, 2015

IMAGEM DA CAPA: © [Alena
Kratovich](#) por Dreamstime

ENCONTRE A AUTORA:
[Twitter](#) [Facebook](#)

OUTROS LIVROS:
[Blog](#) [Amazon](#)

OBS:

Obrigada em grego é, na verdade:
σας ευχαριστώ. Sas efcharisto é a
expressão oral da palavra.

Tradução livre do trecho de “Once
Upon Another Time”:

And where I stood, was where I was
To be

—

*E onde eu estava, era onde eu
deveria
Estar.*

BÔNUS:

**MARCADO EM NÓS, THE
HEART'S GATE 2**

CAPÍTULO 1

- Você prometeu. – Marcos sussurrou para ela.

Ele segurava sua mão como se seu equilíbrio e controle precisasse daquele toque. Ele estava dilacerado. Completamente perdido nos últimos acontecimentos que o assolaram de modo que nada da vida havia feito. Só que seu controle iria voltar não muito em breve, e assim que seus pés estivessem fincados no solo novamente, ele iria encontrar o responsável e fazer com que ele se arrependesse de um dia ter ponderado em machucá-la.

Sophie estava deitada na cama do hospital, dormindo serenamente, com a boca entreaberta e o cenho relaxado. Ela

parecia bem, e *estava* bem. Havia reagido aos acontecimentos bem melhor do que imaginaria reagir. Ela estava com um pequeno curativo no alto de sua testa e em seus braços havia alguns arranhões. O tornozelo direito estava enfaixado com uma tala provisória, que seria substituído por um imobilizador removível.

As imagens de Sophie entrando no hospital ao lado de Josef todo ensanguentado já estavam por toda mídia, e agora um mar de fotógrafos e jornalistas cercavam o prédio. Mas Marcos não estava preocupado com a imprensa, tudo o que queria agora era o sossego que teve na noite anterior, e uma

manhã similar a de hoje.

Fechava os olhos e via Sophie em seus braços, completamente relaxada depois de fazerem amor, dizendo ‘sempre’ para ele. Nunca havia ficado tão feliz em apenas ouvir uma palavra.

Tocou o anel com a enorme gema, que estava no dedo anelar da mão esquerda dela, e imaginou por um segundo o que faria se Carlo não houvesse chegado a tempo no local. Marcos havia enviado o chefe de sua segurança atrás de Josef para se certificar de que Sophie chegasse à mansão segura. E quando o carro que Sophie estava foi arrastado pelo o Parque Cavendish, tombado, Carlo e

dois outros seguranças altamente treinados não demoraram em interceptar os homens. Mais uma vez estava devendo sua vida ao velho companheiro.

A polícia e ambulâncias chegaram logo em seguida, conseguindo tirar Sophie e seu protetor de dentro do carro blindado, que tinha centenas de balas em sua lataria. Ela havia ficado consciente o tempo todo, mas Josef não. Havia sofrido uma grande hemorragia e havia entrado em coma antes mesmo de chegar ao hospital, Sophie o acompanhou cada segundo, sem deixar-se abater.

Marcos foi avisado imediatamente, e surtou. Olhou para sua mão que segurava a dela, frágil e pequena. Os nós de seus

dedos tinham pontos, e estavam inchados. Marcos havia quase quebrado sua mão em um soco na parede, quando soube o que ela havia passado.

Ouviu um leve bater na porta.

- Marcos? – ele ouviu ser chamado. A voz com sotaque inglês era de seu amigo Victor, que entrou assim que colocou a cabeça para dentro, se certificando de que poderia entrar. Victor era um cirurgião geral prestigiado no Hospital St. Mary, onde estavam, e grande amigo de Marcos. Era um homem alto e forte, assim como Marcos, tinha os cabelos num ruivo quase loiro bem cortado, e sua barba por fazer denunciava que havia feito plantão, ou

estivera em uma daquelas demoradas cirurgias há pouco.

- Acha que ela vai demorar a acordar? – ele perguntou, sem se levantar da cadeira ao lado da cama e sem tirar sua mão machucada da dela.

- O efeito do remédio para dor deve estar passando. Não vai demorar. – Victor colocou a mão nos bolsos do jaleco branco e se aproximou. – Ela está bem, eu já te disse. Quando acordar avisaremos você. Vá para casa.

Marcos nem precisou olhá-lo para que seu amigo soubesse a resposta que ele daria.

- Tudo bem. – Victor desistiu. Pegou uma cadeira e se juntou a ele. – Como

está Lady Eva? Não tive tempo de vê-la.

- Minha mãe já voltou para casa. — ele respondeu aliviado. O coração de sua mãe constantemente dava sustos nele, e mais uma vez deu graças por mal ter chegado ao hospital e ela ter sido liberada, com ordens expressas para que ficasse em completo repouso e não deixasse de usar o cateter. Eva foi para a mansão insatisfeita, não queria ficar deitada em uma cama vendo a vida correr lá fora. Foi bem a tempo de Marcos receber a notícia de Sophie e voltar correndo para o hospital.

- Sophie Claire... Tinha que ser uma mulher tão poderosa como ela, ainda por cima a mulher que tirou do cargo de

presidência da Company?

Marcos se virou para Victor e pela primeira vez desde que Sophie saíra de sua casa, sorriu.

- Ela vai ser Sophie Gate, agora. — Seu amigo levantou as sobrancelhas e o olhou nada surpreso. Sophie havia tomado Marcos de um jeito que o fez virar de ponta cabeça. Foi animal, intenso e completamente desconhecido. Ele estava inteiramente perdido naquela mulher, e não só quem o conhecia era capaz de perceber, pois ele não tentava esconder.

- Só ela mesmo para te colocar uma aliança. Você não gosta de coisas fáceis.

Marcos sentiu os dedos de Sophie se

retesarem sob os seus. Ela estava para acordar e Victor percebeu também, pois se pôs de pé e caminhou até a porta, fechando um botão do jaleco.

- Vou te ligar para combinarmos sua despedida de solteiro. – Marcos franziu o cenho e olhou para ele, que exibia um sorrisinho divertido. E antes de sair porta a fora, disse:

- Afinal, sou seu padrinho, não é mesmo?

Marcos deu uma risadinha, o que fez Sophie despertar definitivamente.

- Marcos... – ela sussurrou de olhos fechados, e deu um gemido de dor quando tentou mover os dedos do pé.

- Sou eu querida. – se arqueou sobre

a cama, aproximando-se do corpo cansado dela que despertava devagar. Sophie apertou os dedos juntos aos dele, aprisionando-o no enlaço de mãos.

- Está tudo bem agora. – disse a ela.

E ela abriu seus olhos, atravessando sua alma com o olhar que lançava. Uma felicidade quase utópica surgiu de modo avassalador no peito de Marcos e tudo o que ele mais queria naquele instante era tê-la em seus braços.

- Como está Josef?

- Ele está bem. Recebeu transfusão de sangue e saiu do coma há pouco.

Ela tentou se ajeitar na cama, mas viu que seu tornozelo não iria facilitar. Ficou como estava, fazendo uma

expressão contrariada.

- Sua mãe?

- Em casa, descansando. — ela soltou um suspiro de alívio e recostou a cabeça no travesseiro.

- Quer ir para casa? — ele perguntou, afagando os cabelos revoltos cor de caramelo dela e passando a mão na pele macia de sua face, sentindo-se momentaneamente relaxado por vê-la bem.

- Eu posso? — Sophie apoiou a bochecha na mão dele e respirou fundo, sentindo os pulmões reclamarem.

- Foi só uma queda de pressão que a fez desmaiar. Está aqui no hospital por precaução apenas, quando quiser ir é só

me dizer.

- Quero ver Josef.

- Achei que iria. Vou pedir para que tragam algumas roupas para que possa se trocar, então iremos vê-lo. Ele não está acordado ainda. – Sophie assentiu, fechando os olhos e puxando novamente o ar profundamente.

- Deita comigo – pediu a ele. – Estou com frio.

E Marcos nem precisou responder. Levantou-se da cadeira, e gentilmente se deitou ao lado dela, tomando cuidado para não machucá-la, tentando distribuir seu peso e seu tamanho pelo colchão de modo que não a deixasse desconfortável.

Ela se aconchegou nele, colocando seu pé saudável em cima da panturrilha dele, e sua cabeça no meio de seu peito, buscando conseguir mais calor. Sophie ficou caladinha, respirando bem devagar e sentindo o aroma que ele exalava.

No carro, assim que os tiros começaram a subjulgar o revestimento blindado, Sophie teve medo de nunca mais ser capaz de senti-lo, de ter-se nos braços dele. De abraçá-lo e ter toda a certeza do mundo que pertencia àquele homem. E agora que estava ali, tomada por ele, teve a única certeza de um futuro na sua vida. O futuro o qual não deixaria escapar de seus dedos. Principalmente quando a promessa dele

estava ali, repousando omissos no carinho do enlaço das mãos dos dois, que mesmo em silêncio repetiam incansavelmente o que não poderiam permitir perder.

Um ao outro.

**

- Vem, vou ajudá-la a levantar. — Marcos disse, estendendo a mão e colocando seu braço pela cintura dela. Ele havia acabado de receber uma ligação que informava que as roupas que pedira para trazer já estavam a caminho. Sophie quis tomar um banho, se livrar daquele odor de tragédia que havia

grudado em seu corpo, ainda conseguia sentir o cheiro de ferrugem do sangue.

Ela desceu da cama lentamente, conseguindo pôr os dedos do pé esquerdo no chão, sentindo que apesar de doer, não parecia ter quebrado. Apoiou-se no corpo dele, pois ele estava quase a levando no colo, evitando que ela fizesse qualquer esforço.

Ele caminhou bem devagar, seguindo o ritmo dela e sendo paciente. Abriu a porta do banheiro e a levou até o espaço do box. O ambiente era similar ao quarto, branco e frio, típico de hospitais. Clínico e preciso, tendo o suficiente apesar de oferecer conforto e luxo.

Aquele deveria ser o quarto mais caro do hospital.

- Posso tirar a tala?

Ele confirmou com a cabeça.

- Seu pé só está torcido, não quebrou.

Vai usar um imobilizador por algumas semanas apenas.

- Ainda bem. — ela murmurou, enquanto ele se agachava sob ela.

- Segure nos meus ombros, vou remover pra você.

Ela concordou e segurou-se nele, sentindo os músculos dos ombros fortes ficarem tensos com seu toque. Será que ele sentia que ao tocá-la ela ficava do mesmo jeito? Necessitada, tensa, cheia de tesão.

Ele pegou a perna dela gentilmente, deixando-a suspensa no ar por alguns centímetros e removendo a tala bem rapidamente, dando um beijo carinhoso no pé dela antes de colocá-lo de volta no chão. Marcos se levantou e pegou as mãos dela repousadas no ombro, aproximando-se e colocando sua testa sobre a dela.

- Nem imagino o que deve ter passado dentro daquele carro... — sussurrou a ela.

- Tive medo de nunca mais vê-lo.

- Não vai mais precisar sentir medo.

Não vou te deixar nem um só minuto.

Sophie deu um risinho, aproveitando para puxá-lo ainda mais pelos ombros

largos. Ele teve que flexionar os joelhos para que ficasse na altura dela.

- Eu gosto de ficar sozinha às vezes...

- Pois trate de desgostar. – ele deu um beijo no rosto dela, se afastando para ajudá-la a entrar debaixo do chuveiro.

- Quer que eu a ajude? – se referiu ao banho. E sim, ela queria que ele a ajudasse. Inferno! Ela queria tirar a roupa dele e fazer com que ele a fizesse deslizar por todas as quatro paredes de cerâmica branca.

- Não precisa. Javier já chegou? – Sophie ajustou a temperatura da água e ligou o chuveiro, testando a temperatura com as pontas dos dedos. Quando se deu

por satisfeita, tirou aquela camisola verde vergonhosa que a puseram assim que desmaiou, ficando completamente nua.

Marcos deu uma viradinha com a cabeça para o lado e a olhou de pés a cabeça. Ela sabia que deveria estar horrorosa depois de tudo o que aconteceu, e mesmo assim ele a olhava como se ela estivesse lhe fazendo um strip-tease. Marcos acendeu aquela fome no olhar e uma combustão correu pelas veias dela.

Ele deu uma tossidinha e um passo para trás, tentando sair do campo de visão no qual a via nua e molhada.

- Como você sabe que ele está a

caminho?

- Fora o incidente? – ela preferiu falar incidente a qualquer outra coisa, não queria nem ao menos pensar no acontecido. Só queria se livrar do que a fazia se lembrar. – A mídia deve estar acampando aí fora.

Marcos se escorou na pia e passou a mão nos cabelos negros.

- Estava prolongando ter que cuidar disso, mas é melhor fazer de uma vez. Eles estão até na mansão.

Sophie entrou na água morna e levantou o rosto, deixando-a escorrer. Havia tirado o curativo no topo da cabeça e quando a água o atingiu foi como se colocasse uma panela quente

em um jato de água. Alívio instantâneo.

- Querida... – Marcos a chamou, colocando a cabeça para dentro no box. Ela estava de costas para ele, olhou-o por sobre o ombro. – Suas roupas chegaram. Só vou demorar um segundo, ok? – ela acenou concordando e ele saiu com passos largos para fora.

Sophie voltou sua atenção novamente para água, deixando-a não só escorrer em seu corpo, mas deixando-a lavar as últimas angústias que sentira antes de ver Marcos.

Mas uma em particular não a abandonaria tão cedo.

Seu pai estava vivo.

Só de pensar uma pontada forte

acertava seu coração em cheio. Ela pousou a mão na parede e deixou que água levasse seu sofrimento silencioso. Tudo agora parecia tão esclarecido. Sua infância passada com a tia havia se iluminado de forma reveladora.

Mas a dor era tanta que ela achou que desfaleceria novamente, só que dessa vez não iria se permitir. Podia até ter sido uma queda de pressão que a fizera desmaiar assim que chegaram ao pronto-socorro com Josef apagado em uma maca, mas ela sabia que a culpa de sua fraqueza estava dentro de uma pequena caixa entalhada, agora escondida, que havia despertado além de fantasmas, perguntas que não era capaz de

responder.

Por que ele se escondeu todo esse tempo se estava mesmo vivo?

E por que ele fingiu sua morte?

Nada disso fazia sentido, pois o Ferdnand Matarazzo que conhecia – seu pai – era um florista doce, que trabalhava no centro histórico de Siena, e que a levava jasmins frescos para o quarto da filha todos os dias antes dela acordar.

Mas a pergunta que mais a desolava era do por que sua tia havia omitido isso dela? Criando-a como uma órfã, quando seu pai provavelmente não devia estar muito longe.

Desligou o chuveiro, pegando um

roupão grosso na saída do box. Ela precisou se apoiar na bancada para que pudesse sair pela porta.

Assim que saiu do banheiro ouviu o som de batidas na porta do quarto.

- Entre – ela disse calmamente, apertando bem o laço na cintura, pois sabia que não era Marcos. Ele nunca pedia para entrar quando sabia que ela estava sozinha.

Uma mulher de cabelos escuros entrou, expondo seu jaleco branco com etiqueta no bolso e trazendo em mãos uma prancheta e envelopes.

- Sou a Dra. Caroline. Passei para ver como está se sentindo.

Sophie passou os dedos no roupão e

respondeu, dando a melhor cara que podia no momento.

- Estou me sentindo bem... Exceto pelo tornozelo.

- Ah sim – a mulher esboçou um sorriso que deveria ser amistoso, mas Sophie não sentiu amistosidade. – Deve ter percebido que consegue andar sem tanta dor, o que indica que não está quebrado.

- Marcos me disse. – ela sussurrou.

- Conversei com ele sobre. Só vim dar o resultado dos exames de sangue, que estão ótimos, aliás. Tirando a anemia leve, está tudo certo. – Sophie suspirou e depois se lembrou de seus mal-estares enquanto estava em Roma.

- Eu venho sentindo algumas tonturas e enjoos, acha que pode ser alguma coisa?

A mulher se aproximou mais.

- Pode ser sintomas de estresse, já que não está grávida. Houve algum evento traumático ou mudou de rotina repentinamente?

- Sim. – para os dois, ela quis falar. Ainda conseguia se lembrar daquela manhã infeliz, quando rompeu com Marcos. - Eu me mudei temporariamente para Roma.

- Deve ser cansaço que está afetando seu sistema e te deixando com mal-estares. Posso recomendar um psicólogo ou...

A porta abriu e Marcos adentrou subitamente, trazendo consigo uma pequena maleta de couro. Ele estancou à entrada assim que viu a médica no quarto. A mulher virou seu corpo todo e o olhou de pé a cabeça, exibindo um olhar de malícia e um sorriso que escondia alguma coisa.

Marcos balançou a cabeça para ela e seguiu até Sophie sentada na cama, indiferente ao que a mulher tentou passar. Mas Sophie não, ela percebeu tudinho, e deu um olhar severo para ele enquanto se aproximava.

- Desculpe a demora, querida... — sussurrou ao chegar perto, colocando a maleta na cama e depositando um beijo

em seu rosto.

- Os resultados dos exames já saíram? – Marcos olhou para a médica com aquele olhar gélido que usava com todo mundo, exceto sua família.

A mulher deu uma tossida nervosa.

- Sim. Aqui estão. – ela passou os envelopes a ele rapidamente. – O atestado de alta também. A senhorita está liberada.

- Obrigada – Sophie respondeu.

Marcos tirou olhar da mulher e colocou os exames junto à maleta de roupas.

- Você já pode ir. – ele disse sério sem olhar para a mulher, que sem dizer outra palavra saiu apressada do quarto.

- Podia ao menos tratar as mulheres que fode com educação. – Sophie disse, procurando a mão dele para que ele a ajudasse levantar. Marcos bufou e a levantou lentamente, colocando a mão na cintura dela e afrouxando o laço do roupão.

- Quando foi? Pelo que vi na expressão dela foi há pouco tempo...

Ele terminou de soltar o cordão e abriu o roupão.

- Estou esperando uma resposta. – Sophie sussurrou, colocando as mãos nas dele, o ajudando a remover o roupão, que caiu no chão sem reclamar.

Ele deu uma boa olhada nos peitos dela, admirando os mamilos durinhos

apontando para cima.

- Marcos...

Ele fechou os olhos e levantou a cabeça, voltando a olhar para ela como quem não estava de brincadeira.

- Não precisa saber de minhas transas antigas.

- Essa daí não era tão antiga assi...

- Sophie, por favor. – ele pegou a mala e abriu o zíper, tirando de lá uma calça jeans.

- Ok, ok. Só estava curiosa. – passou a mão no meio das pernas e puxou da mala uma calcinha.

- Quem pegou minhas roupas? – perguntou, subindo a peça pelas coxas. Marcos evitou olhá-la. Ela até deu uma

reboladinha a mais para que ele pudesse voltar o olhar pra si, mas não funcionou.

- Minha mãe.

- Deve ter sido constrangedor quando ela entrou no seu closet e só encontrou essas calcinhas descaradas que você me comprou.

Marcos virou-se para ela.

- Por mim ficaria sem o tempo todo.

- Eu iria adorar – deu um passo vacilante pra ele, sabendo que ele a pegaria pela cintura, e estava contando com isso.

- Me beija – pediu, dando umas piscadinhas que sugeria que não queria só um beijo. Ele a puxou ainda mais para seu corpo torneado e desceu as

mãos para o inferior das nádegas dela, foi aproximando a boca bem devagar e Sophie tomou uma lufarada de ar ao sentir o calor do hálito dele.

- Se eu a beijar não irei conseguir parar, sabe disso.

- Eu não quero que pare.

- Pois deveria. – ele respirou fundo - Nós vamos chegar à mansão, e *então* vou te beijar tanto que falta de ar vai ser pouco. E depois irei encontrar uma posição bem gostosa para te comer forte sem que possa machucar seu tornozelo.

- Mas eu quero agora. – ela pediu suplicante, tentando cessar o caminho restante entre a boca dos dois, mas ele a impediu.

- Não. Daqui a pouco. Tem que guardar suas forças para os jornalistas lá fora.

É engraçado como certas sentenças poderiam acabar de vez com a lassidão de uma pessoa.

- Precisava lembrar? – perguntou, ultrajada. Sophie não gostava de imprensa, evitava o máximo e se mantinha a maior parte do tempo reclusa de eventos sociais e afins, preservando sua privacidade o tanto que podia.

Marcos passou para ela uma blusa de gola rolê branca, que ela vestiu por cima dos mamilos nus.

- Javier está chegando ao hospital. E está surtando.

- Provavelmente. – Sophie sussurrou, pegando a calça preta jeans e se sentando na cama para passar a perna esquerda com bastante cuidado pelo tecido.

- O que vamos dizer para eles?

- Na verdade, *eu* irei apenas reforçar o que a Scotland Yard divulgou. Você vai declarar que está bem e que foi só um susto.

- Você está se saindo melhor que Javier em manejar crises... – ela bufou, levantando-se e subindo o zíper da calça.

- Não quero que se exponha mais do que o necessário.

- Nisso eu concordo. Mas ainda não

me disse o que a Scotland Yard divulgou.

- Tentativa de sequestro. – Marcos falou como se fosse a coisa mais natural do mundo. – Senta, deixa eu te calçar.

Sophie ficou suspensa no ar. Será que havia sido aquilo mesmo? Porque ela não sabia diabos nenhum do que acontecera. Ela apenas tinha um pressentimento, mas que estava se evaporando gradativamente.

- E o que acha que foi? – sentou na cama, olhando para ele. – Tem relação com as ameaças?

Marcos voltou o olhar para ela, ficando estático um segundo, pensando turbilhões de coisas. Não sabia se

aquela era a melhor hora para dizer que a carta que ela leu foi entregue pelo homem que matou seu pai e colocou fogo em seu antigo apartamento.

- Eu preciso lhe contar algumas coisas, querida... Mas não agora. – ele deslizou a mocassim pelo pé direito dela. – Vamos ver Josef e depois iremos para casa. Você precisa descansar. – se pôs de pé rapidamente. Colocou a mão na maleta e de lá tirou o celular dela.

- Achei que iria querer ligar para Gênova. Vou chamar a enfermeira para colocar o imobilizador no tornozelo.

Sophie pegou o celular da mão dele e o puxou pelos dedos até repousá-los em seu peito.

- Eu acho que nunca vou me arrepender de ter dito sim para você – sussurrou carinhosamente.

- Esse anel está em seu dedo desde o momento em que disse sim para mim há sete meses. Só não o percebemos.

- Acha que podemos ser felizes? Eu digo, toda essa situação, todo esse drama que nos cerca? Acha que podemos construir algo que nos fortaleça e nos mantenham juntos?

Marcos agachou à frente da cama, ficando no meio das pernas dela.

- Eu não acho que poderemos ser felizes. Eu *sei* que iremos ser. Eu já sou feliz ao seu lado e prometo tentar te fazer a mulher mais feliz do mundo.

- Mas eu já sou... – disse, acariciando as sobrancelhas grossas dele.

- Nunca vai ser o suficiente pra mim.

Sophie deu um sorriso em resposta.

- Me deixe ir buscar a enfermeira – ele pegou a mão dela de seu rosto e beijou a palma.

Quando ele saiu, Sophie ponderou se ligaria para Gênova, mas acabou desistindo. Ainda não estava completamente preparada para enfrentar aquela situação desconhecida. Reparou em seu telefone algumas mensagens de voz e ligações perdidas, mas preferiu algo rápido pelo momento e depois retornaria para quem a havia ligado.

Mandou uma mensagem explicando que estava bem e que agora não podia falar, mas em breve daria notícias. Recebeu respostas instantâneas, que apesar de querer responder, ignorou.

Marcos chegou logo em seguida com a enfermeira, que foi bem rápida ao colocar o robofoot, explicando alguns detalhes de funcionamento para ela, que Marcos parecia bem mais interessado em saber.

Quando saíram do quarto, Sophie percebeu que ele estava tentando passar para ela uma tranquilidade que naquele momento não existia. O corredor no andar em que estavam tinha uns quatro seguranças, todos armados, e alguns

policiais ingleses, incluindo os detetives que estava à espera dela.

Sophie olhou para ele como se tentasse de alguma forma agradecer por estar cuidando dela e da situação. Ela não saberia o que fazer, sabia que iria tentar, mas não sabia onde iria encontrar forças para tudo o que ele devia ter feito.

Sophie deu seu depoimento ali mesmo no corredor hospital, falando tudo que viu e o que não viu enquanto o *incidente* transcorria.

Ela continuava preferir chamar assim.

Obviamente, omitiu a carta que leu dentro do carro, e o que mandou fazer

com elas.

Os homens foram bem gentis e ela sabia que Marcos tinha dedo naquilo. No fim, eles deram um sorriso amigável para Marcos, que os cumprimentou por um aperto de mão e seguiram com os guardas para fora do andar.

- Josef está na ala leste. – ele disse, dando um pequeno sinal para que um dos seguranças pegasse a bolsa de couro de sua mão e para que o restante os seguissem.

Ao chegar ala leste, Marcos parou em frente de uma porta e segurou a mão dela para que também parasse.

- É aqui? – Sophie perguntou. Ele balançou a cabeça concordando, mas

não se moveu.

- Espere só um pouco, querida. Vamos dá-los um tempo.

- *Dá-los* um tempo? Quem está aí dentro?

Marcos deu uma olhada estranha para ela e passou a mão na jaqueta de couro que usava. Devia estar frio lá fora.

- Javier chegou, Sophie. – disse, como se estivesse respondendo a pergunta que ela fez claramente. Ela franziu o cenho e olhou para trás. Marcos deu uma risada.

- Sério mesmo? Nunca percebeu? – ela franziu o cenho mais ainda e mexeu com o pé imobilizado, subitamente incomodada. O que ela havia deixado de

perceber? Não estava compreendendo.

- Não sei porque está rindo – disse a ele, que passou a mão na nuca, se divertindo.

- De qualquer forma, acho melhor entrarmos. – Marcos deu uma pequena batidinha na porta antes de entrar.

Mas Marcos nunca batia na porta.

Sophie olhou para ele curiosa e depois olhou para o quarto aberto.

- Javier? – Ela anotou mentalmente que se não parasse de franzir o cenho daquele jeito iria acabar ficando com uma ruga de expressão.

Olhou para o amigo que deu um pulo da cadeira à frente da cama e alisou o terno negro que usava. Ele passou a mão

nos cabelos castanhos bem penteados e olhou em volta, evitando olhar para Sophie, que o encarava.

Ela entendeu na hora o que Marcos estava tentando passar para ela. E ela realmente nunca havia percebido.

Marcos deu um leve pigarro.

Javier andou até ela com passos largos, fechando um botão no terno elegante.

Era o mesmo Javier que havia promovido, há quase um mês atrás, só que sem as gravatas borboletas e com mais sapatos Louboutin.

- Você está bem? – ele perguntou para ela, puxando-a para um abraço apertado, que ela aceitou com todas suas forças.

Não sabia que estava com tanta falta de seu velho amigo, e nossa, aquele abraço foi de um alívio e tanto. Ela só balançou a cabeça, respondendo a pergunta dele, e ficou agarrada em Javier, sentindo forte aroma de sua colônia francesa.

Quando se separaram, Sophie respirou fundo e olhou naqueles olhos castanhos. Eles pareciam tristes. Não devia estar sendo fácil ver seu amante em uma cama de hospital, depois de ter passado três semanas sem vê-lo e quando ele acabou de sair de um coma, enquanto protegia sua amiga de um *incidente*.

Ela queria perguntar o porquê ele não

havia contado sobre Josef, mas sabia que não era a hora.

- Você está bem? – ela ouviu Josef perguntar.

Se virou para ele e soltou bem devagar a mão de Javier, lançando um último olhar de saudade, antes de voltar-se para seu protetor.

- A pergunta aqui é se *você* está bem. – foi até ele e ficou em pé ao lado da cama.

Ele tinha um curativo sob a testa e no nariz, estava meio pálido e cansado, mas fora isso parecia bem.

Sophie nunca havia realmente parado e ficado olhando Josef, mas naquele momento ela o fez. Ele era um homem

enorme, alto e cheio de músculos, sua pele era de um marrom de dar inveja, sendo um daqueles negros que você fica boquiaberta só de ver. Seu cabelo era cortado rente ao couro cabeludo, e tinha um brinco de brilhante quase imperceptível em uma de suas orelhas.

Costumeiramente, usava um daqueles ternos negros clássicos de seguranças e por dentro dos panos, portava no mínimo umas quatro armas. Mas agora, estava com uma daquelas camisolas verdes, e o lençol da cama o cobria da cintura para baixo.

- Sempre achei que seria derrubado por um tiro, não uma hemorragia. — Sophie sentou-se na cadeira em que

Javier estava e passou a mão no antebraço dele. Apesar de parecer estranho, Sophie sentia que era apropriado. Ele estava com ela há mais de dois anos e meio. Josef havia começado a ser o motorista dela desde que sua tia morreu e ela virou a herdeira de quase metade da Company.

- Acontece com todo mundo... – ela deu um sorriso, segurando a emoção. – Obrigada, Josef. Se não fosse por você, eu...

- Não me agradeça. Tem que agradecer a Marcos por ter enviado Carlo. Eu só estava fazendo meu trabalho e no processo acabei *lhe* dando trabalho.

- Nada disso. – ela olhou para Marcos do outro lado do quarto. – Se não fosse por você lá eu nem sei o que faria.

E imaginar que se ele não tivesse vindo buscá-la no apartamento de Gênova provavelmente não teria a quem agradecer. Iria ter que voltar sozinha para a mansão, dirigindo a Mercedes de Marcos.

- Está precisando de alguma coisa? Quer que eu chame alguém de sua família?

- Estou bem – ele respondeu com sua voz profunda, se ajeitando na cabeceira da cama.

- Posso ficar aqui, se quiser. –

Sophie sugeriu.

- Você precisa descansar, querida... – Marcos a interrompeu, andando até ela. – Depois que comer alguma coisa e se sentir melhor podemos voltar.

Ela lançou um olhar reprovador para ele. Desde quando começara a mandar no que ela devia ou não fazer?

- Posso ficar – ela repetiu, olhando bem para Josef.

- Vá para casa. Eu vou ficar bem. – deu um daqueles raros sorrisos brancos dele.

- Tudo bem. – ela se pôs de pé.

Pegou a mão de Marcos e caminhou até a porta, olhando para Javier que hesitava se ia com ela ou ficava. Acabou

indo com ela, depois de falar um ‘já volto’ baixinho. Ele fechou a porta bem devagar para que não fizesse barulho.

- Vai ficar aqui?

- Por enquanto. — ele fez uma pausa, esperando que Sophie dissesse algo.

- Precisamos conversar, Javier.

- É, eu sei.- ela deu um passo devagar até ele. A robofoot fez um pequeno som ao chão quando ela se moveu.

- Já preparei a coletiva de imprensa. Sabe que se não quiser falar nada não precisa. Seu noivo aqui dá conta.

Ela arregalou os olhos.

- Javier, eu...

- Somos dois amigos de merda, não é

mesmo? Eu não lhe conto que estou saindo com seu motorista e você não me diz que aceitou o pedido de casamento de Marcos.

Sophie abriu a boca para dizer algo, mas nada saiu.

- Está tudo bem. Agora vá. Você precisa mesmo descansar.

- Vamos querida. O carro está à espera.

Ela deu outro passo e abraçou Javier novamente. Ele passou os braços pelo corpo dela e a apertou.

- Devia ter me falado... – sussurrou para ele.

- Eu sei.

Sophie se afastou devagar e olhou

para Marcos.

- Vamos.

- Eu te ligo – Javier disse, quando os dois já estavam no meio do corredor. – Tente não se meter em encrenca dessa vez. – ela olhou para trás e fez uma careta.

- Tentarei.

**MARCADO EM NÓS É CONTINUAÇÃO
DO ROMANCE PERDIDA EM VOCÊ.
LANÇAMENTO PREVISTO PARA ABRIL
DE 2016.
ESTE CAPÍTULO PODE SER ALTERADO
DURANTE A EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO.**